



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

Família Retalhos

Estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família.**

Guillermo Moreno Barrero



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2012



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

Família Retalhos

Estudo de caso sobre a estrutura relacional de uma família multiproblemática

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família.**

Guillermo Moreno Barrero

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Armanda
Gonçalves**



FACULDADE DE FILOSOFIA
SETEMBRO 2012

Tecidos de festas, tecidos de morte, tecidos do quotidiano, todos encontrando o destino de mãos de mulheres que os costuram numa trama única. Tecer colchas de retalhos é como realizar um ritual, é descobrir os caminhos que os próprios tecidos sugerem.

Fábio de Melo, 2008

RESUMO

O presente estudo de caso instrumental insere-se dentro das investigações qualitativas com famílias multiproblemáticas. Os oito participantes são membros de um mesmo sistema familiar, o casal, quatro filhos, o avô materno e a psicóloga do Lar onde moram os filhos. O objetivo desta investigação foi conhecer a estrutura relacional de uma família a partir de quatro instrumentos: observação participante, entrevistas semiestruturadas, genogramas e a *Dupla Lua*. Os resultados da investigação mostram que a estrutura relacional desta família está caracterizada por diferentes tipos de fronteiras, sendo maioritariamente rígidas as intrapsíquicas, individuais, geracionais, intrasistêmicas e temporais e maioritariamente difusas as fronteiras familiares, intersistêmicas e espaciais. Os temas principais que têm aparecido ligados às fronteiras são a forte presença psicológica das figuras ausentes, a baixa diferenciação dos membros e os cortes emocionais produzidos entre eles, o isolamento e a parentificação das filhas, o corte com as origens e a consequente ilusão da autogeração dos pais. Também podemos falar de uma diluição nos serviços sociais e uma vivência petrificada do tempo. Estes resultados levam-nos a concluir que a Família Retalhos está a viver uma experiência de desagregação e isolamento, marcada por uma transmissão trigeracional de corte com as origens e de dificuldade para projetar o futuro.

Palavras-chave: Estudo de caso, famílias multiproblemáticas, estrutura relacional, fronteiras e psicologia sistémica.

ABSTRACT

This instrumental case study falls within the qualitative research with families multiproblemáticas. The nine participants are members of a family system, the couple, four children, her maternal grandfather, a psychologist at home where the children live and the investigator himself. The objective of this research was to understand the relational structure of a family from four instruments, participant observation, semistructured interviews, genograms and Double Moon Research results show that the relational structure of this family are characterized by different types of border and mostly accentuating the intrapsychic, individual, generational, intrasistémicas and temporal boundaries diffuse and mostly family, intersistémicas and space the main themes that have appeared related boundaries are strong psychological presence of absent figures, the low differentiation of emotional states and the cuts produced between them, and the isolation of parentification daughters, the cut with the origins and the consequent illusion of self-generation of parents. We can also speak of a dilution in social services and an experience petrified time. These results tell us that the Patchwork Family is living an experience of detachment and isolation, marked by a transmission trigenerational cutting with the origins and difficulty in projecting the future.

Keywords: Case study, multiproblematic families, relational structure, boundaries and systemic psychology.

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE FIGURAS	VIII
ÍNDICE DE TABELAS	VIII
ÍNDICE DE SIGLAS	VIII
INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 - FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS	5
1.1. O problema terminológico	5
1.2. A estrutura relacional nas famílias multiproblemáticas	8
1.3. Família multiproblemática e serviços sociais	11
1.4. Os recursos das famílias multiproblemáticas	12
Capítulo 2 – TRÊS MODELOS PARA COMPREENDER A FAMÍLIA	14
2.1. Teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen	14
2.1.1. <i>A diferenciação de si próprio</i>	15
2.1.2. <i>O corte emocional</i>	16
2.1.3. <i>A transmissão multigeracional</i>	16
2.1.4. <i>O triângulo emocional</i>	17
2.2. Teoria estrutural de Salvador Minuchin	18
2.2.1. <i>A estrutura</i>	19
2.2.2. <i>Os subsistemas</i>	19
2.2.3. <i>Os limites</i>	20
2.2.4. <i>As famílias emaranhadas e desagregadas</i>	21
2.3. Enfoque relacional-simbólico de Vittorio Cigoli e Eugenia Scabini	22
2.3.1. <i>Dimensão relacional</i>	23
2.3.2. <i>Dimensão simbólica</i>	23
2.3.3. <i>As transições familiares</i>	25
2.3.4. <i>A redefinição das fronteiras</i>	27
2.3.5. <i>A relação com o ausente</i>	30

Capítulo 3 – MÉTODO	32
3.1. Problema, objetivos e temas da investigação	32
3.2. Desenho do Estudo	33
3.2.1. <i>Investigação qualitativa</i>	33
3.2.2. <i>Estudo de caso</i>	35
3.2.3. <i>Family Research</i>	37
3.3. Participantes e contexto	38
3.3.1. <i>A família</i>	38
3.3.2. <i>A psicóloga</i>	40
3.3.3. <i>O contexto</i>	40
3.4. Instrumentos	41
3.4.1. <i>Observação e notas de campo</i>	42
3.4.2. <i>Entrevistas semiestruturadas</i>	43
3.4.3. <i>Consulta de documentos</i>	44
3.4.4. <i>Genograma</i>	44
3.4.5. <i>Dupla Lua</i>	49
3.5. Procedimentos	51
3.5.1. <i>Atuações preliminares</i>	52
3.5.2. <i>Primeiros contactos</i>	53
3.5.3. <i>Decorrer dos encontros</i>	53
3.5.4. <i>Análise dos dados</i>	56
3.5.5. <i>Validação</i>	58
3.5.6. <i>Deontologia</i>	60
 Capítulo 4 - RESULTADOS	 62
4.1. Entrevistas semiestruturadas.....	62
4.2. Genograma.....	71
4.3. <i>Dupla Lua</i>	75
4.4. Notas de campo e consulta de documentos	79
 Capítulo 5 - DISCUSSÃO	 84
5.1. Fronteiras intrapsíquicas: a presença do ausente.....	87
5.2. Fronteiras individuais: sozinhos na multidão	90

5.3. Fronteiras geracionais: quem é quem?	91
5.4. Fronteiras familiares: a procura de uma agulha.....	92
5.5. Fronteiras intrasistémicas: a ilusão da autogeração.....	93
5.6. Fronteiras intersistémicas: cortando a rede	95
5.7. Fronteiras espaciais: uma casa sem portas	97
5.8. Fronteiras temporais: encadeados no presente	97
CONCLUSÃO	99
Apêndice A: Grelha de observação	106
Apêndice B: Guião da entrevista com a filha.....	107
Apêndice C: Guião da entrevista com o casal.....	108
Apêndice D: Guião da entrevista com a psicóloga	109
Apêndice E: Guião da entrevista com o avô	110
Apêndice F: Instruções para a realização do genograma	111
Apêndice G: Grelha de análise do genograma	112
Apêndice H: Instruções para a realização do instrumento <i>Dupla Lua</i>	116
Apêndice I: Folha base do instrumento <i>Dupla Lua</i>	117
Apêndice J: Grelha de Análise do instrumento <i>Dupla Lua</i>	118
Apêndice K: Pedido de colaboração para a instituição	125
Apêndice L: Consentimento informado para os participantes	126
Apêndice M: Questionário sociodemográfico.....	127
Apêndice N: Notas de campo.....	128
Apêndice O: Análise de conteúdo das entrevistas	135
Apêndice P: Análise do genograma da Marta (GM).....	145
Apêndice Q: Análise do genograma geral (GG)	147
Apêndice R: Análise da <i>Dupla Lua</i> da Marta (DLM).....	150
Apêndice S: Análise da <i>Dupla Lua</i> da Sílvia (DLS).....	151
Apêndice T: Análise da <i>Dupla Lua</i> da Cristina (DLC).....	152
Apêndice U: Análise da <i>Dupla Lua</i> do Luís Carlos (DLL)	153
REFERÊNCIAS	154

ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1.1.</i> Estruturas da família multiproblemática.	8
<i>Figura 2.1.</i> Escala de diferenciação de Bowen.	15
<i>Figura 2.2.</i> Escala da funcionalidade familiar de Minuchin.	21
<i>Figura 2.3.</i> Características da dimensão simbólica.	24
<i>Figura 2.4.</i> Diferentes tipos de fronteiras sistémicas.	27
<i>Figura 2.5.</i> Símbolos para cada tipo de fronteira.	28
<i>Figura 3.1.</i> Desenho da investigação.	37
<i>Figura 3.2.</i> Participantes.	38
<i>Figura 3.3.</i> Plano da casa familiar.	40
<i>Figura 3.4.</i> Plano da instituição.	41
<i>Figura 3.5.</i> Os quatro tipos de triangulação utilizados.	59
<i>Figura 4.1.</i> Genograma da Marta.	71
<i>Figura 4.2.</i> Genograma geral criado a partir dos genogramas do casal e do avô.	71
<i>Figura 4.3.</i> Triângulos relacionais mais significativos.	75
<i>Figura 4.4.</i> Desenhos das Duplas Luas da Cristina, do Luís, da Marta e da Sílvia.	76
<i>Figura 5.1.</i> Representação curvilínea da família de Johnson e Waldo (1998).	85
<i>Figura 5.2.</i> Esquema geral da estrutura relacional da Família Retalhos.	86
<i>Figura 5.3.</i> Diferentes tipos de fronteiras e subsistemas da Família Retalhos.	87
<i>Figura 5.4.</i> Processo de transmissão trigeracional de corte com as origens.	94

ÍNDICE DE TABELAS

<i>Tabela 3.1.</i> Relação de objetivos, instrumentos, participantes e número de encontros.	41
--	----

ÍNDICE DE SIGLAS

I:	Investigadores	DLS:	<i>Dupla Lua Sílvia</i>
EM:	Entrevista com a Marta	DLC:	<i>Dupla Lua Cristina</i>
EC:	Entrevista com o casal	DLL:	<i>Dupla Lua Luís</i>
EP:	Entrevista com a Psicóloga		
EF:	Entrevista com o avô		
GM:	Genograma da Marta		
GG:	Genograma geral		
DLM:	<i>Dupla Lua Marta</i>		

INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho vamos fazer uma viagem, uma viagem pela história, pelos espaços, pelas palavras e sentimentos de uma família. Como investigadores, tornamo-nos viajantes que aprendem a acompanhar, a escutar, a registar aquilo que vão observando pelos caminhos complexos do mundo relacional familiar.

É preciso salientar que este objeto família não é alheio a nenhum investigador, que todos partimos de uma família concreta e que cada um de nós tem uma ideia mais o menos consciente do que é uma família. Na nossa família, o avô paterno era alfaiate numa terra longínqua da Espanha e é como se o seu espírito, com um fio imaginário, continuasse a costurar. Contudo, agora cose histórias, as de uma família minhota, que, afinal, não é tão diferente da nossa quanto se pudesse pensar. Esta semelhança leva a uma reciprocidade na ajuda ao caminhar na complexidade desta vida. Com efeito, investigar de forma qualitativa implica que o investigador não seja indiferente, que forme parte do sistema familiar, havendo, desta forma, uma mútua influência.

A nossa investigação enquadra-se na Psicologia da Família e, mais concretamente, nos estudos realizados com famílias multiproblemáticas. Apesar de não ser um tema novo, encontrámos poucas referências que consigam integrar a psicologia sistémico-relacional no tema das famílias multiproblemáticas. No contexto português, deparámo-nos com alguns estudos realizados por Liliana Sousa e os seus colaboradores da Universidade de Aveiro. Para ampliar o marco de referência português, auxiliámo-nos principalmente de textos escritos nos contextos italiano, espanhol e estadunidense.

O nosso modelo teórico de referência centra-se na dimensão relacional da família e tenta aprofundar os dinamismos e estruturas internas que configuram a trama relacional do sistema familiar em estudo. Não se ocupa dos comportamentos concretos observáveis, a não ser das causas dos mesmos, nem se interessa pelas reações individuais, a não ser pela trama relacional de todo o grupo. Utilizando a metáfora da colcha dos retalhos, o que nos interessa não é saber como está a colcha, mas dar-lhe a volta e observar a rede de fios que a seguram por trás.

Esta grande proximidade com o objeto de estudo e as mutações que a família tem experimentado nos últimos anos, fazem das investigações com famílias um trabalho árduo e complexo (Lanz & Rosnati, 2002). O motivo que nos levou a realizar esta investigação prende-se com o desejo de querer compreender e ajudar melhor as famílias com as quais trabalhamos no contexto institucional. Na prática educativa com crianças e jovens

institucionalizados aparece, cada vez com mais clareza, a necessidade de trabalhar com todo o sistema relacional da pessoa, porque os enfoques meramente individuais resultam insuficientes e ineficazes.

Em Portugal, nos últimos anos, tem-se promovido nas Instituições Particulares de Solidariedade Social uma configuração mais abrangente que seja capaz de integrar as famílias dos utentes e trabalhar em conjunto com elas. O problema que está a ser vivido neste novo paradigma é que as equipas técnicas das instituições encontram-se muitas vezes desorientadas e sem modelos teóricos de referência que ajudem a desenvolver um trabalho global integrado e profundo. Simultaneamente, constata-se que é muito difícil encontrar referências bibliográficas que apresentem em profundidade a complexidade das dinâmicas relacionais das famílias chamadas complexas ou multiproblemáticas. Muitas vezes expõem-se os factos e os comportamentos que tem de ser modificados, mas não se consegue perceber o sentido e as causas dos mesmos.

Neste estudo queríamos conhecer a estrutura relacional que subjaz a uma família concreta com problemas graves, saber como é que se desenvolve um esquema relacional e as características que o constituem. Pretendemos aprofundar algo que, apesar de nos ser tão próximo, não é visto com clareza, e, para atingir este objetivo, optámos pela realização de um estudo de caso.

Este estudo de caso foi realizado com oito participantes pertencentes ao mesmo sistema familiar: o casal, quatro filhos, o avô materno e a psicóloga do Lar onde moram os filhos. Para a recolha dos dados, utilizámos cinco instrumentos diferentes: a observação participante, a consulta de documentos, as entrevistas semiestruturadas, o genograma e o instrumento projetivo a *Dupla Lua*.

Deparámo-nos com uma família concreta, a Família Retalhos, feita de muitos pedaços de tecido, muitos fragmentos desconexos, remendados ou com o desejo de serem algum dia cosidos. O objetivo da presente investigação foi conhecer em profundidade a estrutura relacional desta família concreta. A metáfora dos retalhos foi aparecendo paulatinamente na nossa investigação, mas foi especialmente uma das crianças da família, o Luís¹ de 6 anos de idade, que nos sugeriu esta imagem quando, numa das sessões em que estávamos a trabalhar em conjunto com os quatro filhos disse: “Pai, vai buscar uma agulha, quero uma agulha!”. A pergunta impunha-se: “Uma agulha? Para que queres uma agulha?”. “Para coser.” – respondeu. “E que vais coser?” – perguntámos. “Anda, vai buscar uma agulha...”. O Luís

¹ Todos os nomes e lugares que aparecem na presente Dissertação de Mestrado foram modificados para salvaguardar o anonimato dos participantes.

repetiu o seu pedido até oito vezes, mas nunca explicou o que queria coser. O facto de nos chamar pai e esta insistência na agulha deixou-nos a pensar durante algumas semanas no significado que poderia ter, e, talvez de forma inconsciente, ele levou-nos ao nascimento desta metáfora dos retalhos, que representa a situação de desagregação que a família está a viver.

Apesar de não se poderem generalizar os resultados de um estudo de caso qualitativo a todas as famílias multiproblemáticas, consideramos que, com esta investigação, podemos oferecer umas chaves de leitura que ajudem a compreender as estruturas relacionais destas famílias e a refletir e projetar uma nova forma de trabalhar e de nos relacionarmos com elas.

Por isso o nosso trabalho vai tentar definir como é a estrutura relacional desta família. E, quando falamos de estrutura relacional, estamo-nos a referir a uma série de dimensões que aparecem ligadas a uma série de questões que integram os temas de investigação em forma de pergunta. Algumas das nossas perguntas são:

Como tem sido o processo de *diferenciação* de cada um dos membros da família?

Existem, nesta família, possíveis *cortes emocionais* ou *fusões*?

Podemos falar de *transmissão* transgeracional dentro do sistema?

A *estrutura familiar* responde mais ao *emaranhamento* ou à *desagregação*?

Como são as *fronteiras* ou *limites* dos *subsistemas* familiares?

Verifica-se a *isolamento* e *desvinculação* em alguns dos membros da família?

Quais os *vínculos relacionais* mais significativos?

Como vivem a *dimensão temporal* na integração do passado, presente e futuro?

Como estão a viver as *pertenças* e *duplas pertenças*?

Produz-se uma *diluição* da família com os serviços sociais?

Quais as *presenças* e *ausências* mais significativas e quais as suas consequências?

No primeiro capítulo realizámos uma aproximação ao conceito de família multiproblemática (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997; Sousa 2005) e, no segundo capítulo, a três modelos sistémicos de referência: o enfoque relacional-simbólico (Scabini & Cigoli, 2000), a teoria dos sistemas familiares (Bowen, 1974/1998) e a teoria estrutural (Minuchin, 1974/2009).

No terceiro capítulo, desenvolvemos toda a parte metodológica, com a descrição das características do nosso estudo, que se enquadra nas investigações familiares qualitativas a partir de um estudo de caso instrumental. Também realizámos uma descrição dos participantes e dos instrumentos. Nos procedimentos explicámos o processo de desenvolvimento do projeto, assim como os aspetos ligados à análise dos dados, à validação e à deontologia.

No quarto capítulo, apresentámos os resultados que apareceram relacionados com os diferentes tipos de fronteiras, como a presença das figuras ausentes; a baixa diferenciação dos membros e os cortes emocionais produzidos entre eles; o isolamento e a parentificação das filhas; o corte com as origens e a consequente ilusão da autogeração dos pais; a diluição nos serviços sociais e a vivência petrificada do tempo.

Por fim, no quinto capítulo, realizámos a discussão dos resultados de duas formas diferentes: uma mais narrativa e outra mais sintética. Aqui, apresentámos a estrutura relacional desta família a partir de oito tipos de fronteiras: intrapsíquicas, individuais, geracionais, familiares, intrasistémicas, intersistémicas, espaciais e temporais.

Capítulo 1 - FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS

Para compreender o que entendemos por famílias multiproblemáticas, vamos partir dos trabalhos precursores de alguns autores, como Salvador Minuchin, nos Estados Unidos da América; Luigi Cancrini, em Itália; Juan Luis Linares, em Espanha; e Liliana Sousa, em Portugal. Só depois aprofundaremos os contributos de autores mais recentes, assim como as últimas investigações realizadas com esta tipologia de família.

Em Portugal, a terapia familiar chegou em meados dos anos setenta (Sampaio 1985) e, já no ano de 1977, celebrou-se o primeiro encontro científico sobre terapia familiar em Portugal (Relvas, 2002). A Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar conta com três sedes, em Lisboa, Porto e Coimbra, e forma, cada ano, mais de duzentos terapeutas familiares. Contudo, são poucas as investigações realizadas em Portugal com famílias multiproblemáticas e as que podemos encontrar concentram-se num grupo de investigadores da Universidade de Aveiro, liderados pela psicóloga Liliana Sousa e a sua equipa (Sousa, 2005; Sousa & Eusebio, 2005; Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007; Sousa, Ribeiro & Pires, 2004; Sousa & Rodrigues, 2009).

1.1. O problema terminológico

O conceito de família multiproblemática foi construído por volta dos anos 50 por profissionais e investigadores dos países anglo-saxónicos, provenientes do trabalho social. Um conceito que individualizava famílias de uma baixa posição socioeconómica e não atentava nas relações interpessoais e sociais (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997).

Inicialmente, a designação *famílias multiproblemáticas* dirige-nos o pensamento para pessoas pobres que acumulam a vivência de múltiplos problemas, mas esta é apenas uma parte do conceito, já que as famílias multiproblemáticas encontram-se em todos os grupos sociais, culturais e económicos (Sousa, 2005).

Efetivamente, não se pode comprovar uma clara tendência das famílias multiproblemáticas em situar-se num ou noutro extremo do espectro socioeconómico (Mazer, 1972). Por este motivo, atualmente, alguns autores preferem falar de famílias multiproblemáticas pobres, para especificar melhor o alvo da investigação (Sousa et al., 2007).

Por outro lado, existe um sério problema terminológico na literatura da terapia familiar quanto ao modo mais adequado de designar os sistemas familiares que se caracterizam por viver fundamentalmente em circunstâncias de pobreza (Rodríguez, 1998). Por vezes, estas

famílias têm sido designadas como sendo *isoladas* (Powell & Monahan, 1969), *excluídas* (Thierney, 1976), *suborganizadas* (Aponte, 1976), *associais* (Voiland, 1962), *desorganizadas*, *ou desmembradas* (Minuchin, Montalvo, Guerney, Rosman & Schumer, 1967), *multiparentais* (Fulmer, 1989), *em permanente crise* (Kagan & Schlosberg, 1989), *multiassistidas* (Linares, 1997; Minuchin, Colapinto & Minuchin, 1998/2009), *diluídas* (Colapinto, 1995), *multiestressadas* (Madsen, 1999), *multiproblemáticas* (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997; Alarcão, 2000) e *multidesafiadas* (Summer & Mc Mann, 1997; Melo, 2011).

Minuchin e Montalvo (1966) têm criticado o termo *multiproblemático* pelo seu caráter unicamente descritivo e por não transmitir significados dinâmicos. Na literatura psicológica dos últimos anos, têm aparecido muitos trabalhos a falar simplesmente de *unidade familiar*. Todavia, pela descrição dos comportamentos sintomáticos e da estrutura, infere-se que se estavam a referir, seguramente, a famílias multiproblemáticas, apesar de não serem descritas deste modo. Esta indefinição pode ser prejudicial para o avanço das investigações e alguns autores consideram que é necessário individualizar uma tipologia específica com características diferenciadas de outros grupos (Malagoli Togliatti & Rocchietta Toffani, 2002/2010).

Segundo Mazer (1972), as famílias multiproblemáticas correspondem àqueles grupos familiares compostos por duas ou mais pessoas, em que mais de 50% dos membros experienciam, num intervalo de tempo de três a cinco anos, problemas relevantes para um serviço social, de saúde ou legal. Por sua vez, Weizman (1985) considera que as famílias multiproblemáticas distinguem-se pela presença de um ou mais sintomas sérios e graves de longa duração e forte intensidade. Para Linares (1997), no entanto, as famílias multiproblemáticas são aquelas em que os sintomas individuais, apesar de múltiplos e variados, assumem um papel secundário face ao sintoma familiar que é a tendência para o caos e a desorganização.

As famílias multiproblemáticas apresentam uma poli-sintomatologia e crises sucessivas, desorganização estrutural e comunicativa, tendência ao abandono das suas funções parentais e isolamento social (Suárez, Muñoz, Gómez & Santelices, 2009). Esta poli-sintomatologia está caracterizada pela presença de problemas múltiplos de grande complexidade e gravidade, com mais de um portador de sintomatologia e episódios frequentes de crises individuais e familiares (Walsh, 2004).

Segundo Cancrini e colaboradores (1997), as características fundamentais para compreender estas famílias multiproblemáticas são seis: a presença simultânea em dois ou

mais membros da família de comportamentos problemáticos estruturados, estáveis no tempo e o suficientemente graves para desencadear uma intervenção externa; uma insuficiência grave, sobretudo por parte dos pais, nas atividades funcionais e expressivas necessárias para assegurar um adequado desenvolvimento da vida familiar; um reforço recíproco entre as características assinaladas nos dois pontos anteriores; a labilidade dos limites, própria de um sistema caracterizado pela presença de profissionais e de outras figuras externas, que substituem parcialmente os seus membros; a estruturação de uma relação crónica de dependência da família com os Serviços para manter um equilíbrio inter-sistémico; e o desenvolvimento de comportamentos sintomáticos infrequentes nos pacientes identificados neste tipo de processo.

Consideramos que a definição mais ajustada de família multiproblemática tem sido definida a partir da observação clínica entre dois tipos de famílias (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997): famílias nas quais o comportamento sintomático de um membro funciona como fator de equilíbrio para as dificuldades emocionais dos outros membros do sistema e para o sistema na sua globalidade; e famílias multiproblemáticas nas quais o comportamento sintomático funciona como um elemento de dificuldade e de desagregação acrescidas para o comportamento dos outros e do sistema. Para além disso, os terapeutas familiares têm verificado a coincidência cronológica entre o desenvolvimento dos comportamentos sintomáticos e as mudanças no ciclo de vida da família, assim como a eficácia destes para bloquear a passagem de uma fase a outra (Rodríguez, 1998; Coletti & Linares, 1997).

No nosso estudo aproximar-nos-emos também do conceito de *família complexa* (Greco, 2006), que salienta a vivência simultânea de vários eventos críticos não normativos dentro do ciclo de vida da família (Scabini & Iafrate, 2003). Todas as famílias vivem momentos chave, em que se produzem transições decorrentes de eventos críticos normativos ou previsíveis, marcados pela entrada ou saída de membros, como, por exemplo, a formação do casal. Contudo, também podem decorrer de eventos críticos não normativos ou dificilmente previsíveis, como o divórcio, a adoção ou o acolhimento de uma criança, o abandono ou a morte prematura de um membro, uma doença grave, a emigração e consequente ausência familiar ou a criação de uma família reconstituída (Greco, 2006).

O termo *família complexa* aproxima-se do conceito de *famílias pobres afetadas por crises múltiplas*, que Salvador Minuchin adotou mais recentemente. Estas famílias passam frequentemente por transições recorrentes e dramáticas, muitas das quais são criadas pela intervenção dos sistemas sociais (Minuchin et al., 1998/2009).

1.2. A estrutura relacional nas famílias multiproblemáticas

As famílias multiproblemáticas têm uma estrutura e funcionamento específicos. Por exemplo: a *estrutura* está caracterizada por repetidas rupturas e reconstituições que configuram genogramas complexos e às vezes confusos (Gómez, Muñoz & Haz, 2007).

Cancrini e colaboradores (1997) identificam as estruturas mais típicas destas famílias: pai periférico, casal instável, mulher só, família petrificada e avó ausente. Estas estruturas encontram-se ilustradas no gráfico 1.1.

A estrutura designada por *pai periférico* distingue-se pela presença de uma figura parental desocupada ou subocupada, em termos de emprego, com um nível de instrução e de competências modesto, ocupando um papel secundário a nível económico e emocional. Apresenta quase sempre circunstâncias de vida que o obrigam a longas ausências. As razões da perifericidade prendem-se com a falta de responsabilidade ou com uma profunda desconfiança das próprias capacidades.



Figura 1.1. Estruturas da família multiproblemática.

Por exemplo, enquanto chefe de família poder sentir-se envergonhado e humilhado por ter de recorrer a um serviço (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997).

Outra das estruturas é o *casal instável*, espelhando casos de casamentos ou relações esporádicas entre pessoas jovens que não conseguem constituir uma família autónoma. A relação é normalmente fugaz e dela restam, como único testemunho, os filhos. Nestas situações, vive-se o risco de a avó assumir o papel de mãe (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997). Esta configuração costuma designar-se por *avó ausente*, já que a avó não assume o papel de avó mas de mãe e de irmã da sua filha (Gastañaga, Ruano & Vicente, 1995).

A estrutura denominada *mulher só* refere-se a famílias constituídas por uma mulher de estatuto social modesto que cria sozinha, filhos de vários pares. Raramente o vínculo pelos filhos consegue mudar a desorganização e, usualmente, o tribunal de menores toma conta das crianças (Alarcão, 2002).

Por último, a estrutura da *família petrificada* emerge na sequência de um trauma dramático e imprevisto, o qual determina uma modificação brusca dos níveis de funcionamento do sistema. Um acontecimento interfere nos papéis dos diferentes membros, petrificando-os. Em consequência, desenrola-se um círculo vicioso em que à incapacidade funcional e à desorganização da família se junta a intervenção descoordenada dos serviços (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997).

Existem outras características próprias destas famílias, como, por exemplo, o tipo de *limites* que estabelecem entre os vários subsistemas dentro do sistema familiar (Minuchin, 1974/2009). Estes são caracterizados, normalmente, pelo desmembramento e pelo emaranhamento, tendo, por um lado, fronteiras rígidas, que levam à existência de grande distância entre os membros; e, por outro lado, fronteiras difusas, excessivamente permeáveis, que reduzem ao mínimo as regras e facilitam que o contexto envolvente penetre no sistema familiar, ao ponto de este se diluir facilmente (Colapinto, 1995).

As *funções parentais* estão frequentemente deterioradas, por um lado, pela inconsistência conjugal e, por outro, pela dispersão de figuras parentais (Fulmer, 1989). Desta forma, os filhos vivem muitas vezes abandonados e com falta de cuidados básicos, com escassa socialização e ausência de proteção. Muitas vezes, as funções parentais podem ser desempenhadas por uma avó ou uma filha, sendo que é frequente ocorrerem alterações abruptas de cuidador e, conseqüentemente, sentimentos de abandono e excessiva autossuficiência emocional (Neves, 2007). No aspeto afetivo, os filhos são muitas vezes instrumentalizados ou rejeitados e, no aspeto socializador, frequentemente existe uma falha na integração no meio social e na transmissão de normas e valores (Rodríguez, 1998).

O *subsistema conjugal* está marcado por uma mulher com excesso de expectativas em relação à maternidade, esperando compensar assim a sua fraca vivência familiar no passado e por um homem-criança que procura na mulher uma mãe substitutiva e, sentindo ciúmes dos filhos porque recebem mais atenção da mulher do que ele. Nestas famílias é frequente a existência de sexo com ausência de afeto, os cônjuges utilizam-se mutuamente e procuram no outro a compensação das próprias carências pessoais (Rodríguez, 1998). Frequentemente, um ou ambos os membros do casal apresentam perturbações ao nível da doença mental, raramente revelando capacidades executivas adequadas e sentindo-se oprimidos pelas tarefas da vida familiar (Weizman, 1985).

O *subsistema fraterno*, onde por norma se treinam as relações entre iguais, também se vê condicionado no cumprimento das suas funções, já que, muitas vezes, os filhos mais velhos têm que assumir as funções parentais e entre eles reproduzem frequentemente relações

extremas de agressividade, afastamento ou dependência. Verifica-se que, em momentos difíceis, os irmãos tendem a agrupar-se para se defenderem contra terceiros, porém, ultrapassado o apuro, a relação volta a girar em torno dos extremos (Sousa et al., 2007).

Outro dos aspetos fundamentais para compreender estas famílias é a forma como vivem o tempo, a *dimensão temporal* adota formas específicas que explicam a causa de muitos dos problemas que vivem. Para as famílias multiproblemáticas, o tempo foge imperturbavelmente, sem que surjam modificações, ou é ritmado pelos acontecimentos externos que fazem com que tudo mude sem parar (Ausloos, 2003).

Nos dois casos, igualmente e sempre por razões inversas, o passado não é utilizável como recuso para viver o presente, ora porque está irremediavelmente coagulado num discurso imutável que se torna tradição ou mito, ora porque é esquecido à medida que é gerado, sem que nenhum padrão estável se possa estabelecer. Nenhum projeto pode ser feito para o futuro, ou porque parece que nada mudará, ou porque nunca se poderão prever os acontecimentos que se seguirão. Incapazes de se situar no passado, estas famílias vivem apenas um presente sem futuro (Sousa et al., 2007).

Nas famílias multiproblemáticas escasseiam os objetivos familiares e as energias são gastas em conflitos imediatos e situações de emergência. As *emoções* experimentam-se com grande intensidade e escasso controlo. Vivem na ação, pois não existe o hábito ou a competência de refletir sobre a própria vida. Há poucos ritos familiares, pois as emoções são tão intensas quanto desordenadas no plano individual, que dificilmente convergem no grupo (Alarcão, 2002).

A *comunicação* nestas famílias caracteriza-se pelo intercâmbio limitado de informação; pelo uso frequente de generalizações, de pareceres *tudo ou nada*; pela dificuldade de interpretar metáforas, devido a um pensamento muito concreto e à ausência de metacomunicação (Neves, 2007). Também se observam modelos incongruentes de comunicação verbal e não-verbal, o que provoca uma ambivalência relacional e uma transmissão transgeracional de vinculações desajustadas (Gómez, Muñoz & Haz, 2007).

A maior parte das famílias tem um sistema de sinais, um limiar que, se for ultrapassado, ativa um alarme, indicando aos membros que se devem acalmar e evitar o perigo. Nas famílias multiproblemáticas, este mecanismo pode não ser recebido com a suficiente antecedência e chegar a situações de forte conflito e violência (Minuchin et al., 1998/2009).

Linares (1997) utiliza a metáfora da *casa* aberta a todos os ventos para designar a forma como estas famílias organizam o espaço. A imagem da porta aberta é simbólica e

também factual. Aliás, nas casas, é notória a falta de delimitação dos espaços. Dificilmente poderiam chamar a estas casas lar, pois trata-se de um espaço onde se come e dorme, mas está despido de valor relacional, de privacidade e intimidade. O espaço não é delimitado, entra-se e sai-se a qualquer hora e não se encontra um espaço para cada elemento, podem viver todos numa divisão e dormir todos juntos, mas, paradoxalmente, este tipo de habitação isola os vários elementos da família (Alarcão, 2002).

Este *isolamento* é uma das características mais salientes das famílias multiproblemáticas. Powell e Monahan (1969) definiram estas famílias como isoladas, destacando, assim, o distanciamento físico e emocional que vivem em relação à família alargada e à rede social. Este isolamento familiar tem sido identificado como um fator ligado às experiências de maus-tratos infantis e à conexão com a rede social como um fator protetor (Gómez, Muñoz & Haz, 2007).

1.3. Família multiproblemática e serviços sociais

Dada a diversidade de problemas apresentados e de pessoas atingidas, estas famílias são, normalmente, assistidas por uma infinidade de serviços e, por isso, são muitas vezes denominadas como famílias multiassistidas (Linares, 1997).

Alguns autores consideram que, para compreender a família multiproblemática, é preciso incluir no seu sistema os serviços e profissionais que trabalham com elas e estudar o significado, as funções e as relações que estes estabelecem com as famílias (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997).

O problema mais frequente na relação das famílias com as redes secundárias é a comum atitude substitutiva dos profissionais em relação à família. O mais habitual é a tendência dos técnicos para substituir os pais, o que esbarra com o obstáculo das relações profundas, delicadas e duradouras entre pais e filhos e o que promove negativamente uma desresponsabilização nas tarefas parentais dos progenitores (Matos & Sousa, 2006).

Usualmente, os serviços sociais não valorizam os vínculos afetivos que existem nas famílias afetadas por crises múltiplas. Um facto repetido e perturbador é que estas famílias não escrevem a sua história. Uma vez que entram na rede institucional e se inicia a história do caso, a redação parece correr por conta da sociedade. (Minuchin et al., 1998/2009).

Certas práticas dos serviços sociais tendem a promover aquilo a que Colapinto (1995) chamou de diluição do processo familiar nos sistemas sociais. Quanto mais serviços estão envolvidos, mais difícil se torna para a família reunir os vários fragmentos do processo.

Como vimos anteriormente, nestas famílias as fronteiras com o exterior podem ser difusas, de modo que, para os assistentes sociais, é fácil introduzir-se nelas. Por vezes, a frágil estrutura de autoridade da família desaparece e as decisões são tomadas a partir de fora. Desta forma, as crianças aprendem rapidamente que os adultos da sua família não têm poder. Quando os assistentes sociais trabalham com famílias pobres, o seu papel é muito mais importante do que o desempenhado pelos professores, médicos ou padres na relação com as famílias estáveis (Minuchin et al., 1998/2009).

As famílias que recebem assistência aparecem frequentemente como caóticas. As pessoas vão e vêm e os indivíduos parecem desconectados entre si. Muitas vezes, essa instabilidade relaciona-se com a pobreza, as drogas ou a violência, mas também pode ser o resultado de intervenções sociais desarticuladas (Minuchin et al., 1998/2009). Nesta perspetiva, alguns autores aludem a famílias multiproblemáticas que se relacionam com *serviços sociais multiproblemáticos* (Malagoli Togliatti & Rocchietta Toffani, 2002/2010; González, 2000).

O movimento pendular entre a política de *resgatar* as crianças e o de manter a família unida não proporciona uma solução ponderada a este dilema básico (Minuchin et al., 1998/2009). Hoje, é particularmente necessário a existência de uma clínica familiar nos serviços sociais, que consiga dar uma resposta mais eficaz e que conte com espaço e dignidade próprios, sem ter de estar a mendigar o seu estatuto (Arcidiacono & Ferrari, 2009).

1.4. Os recursos das famílias multiproblemáticas

A maior parte dos estudos sobre as famílias multiproblemáticas pobres tem negligenciado os aspetos positivos nas suas vidas, nomeadamente as competências e recursos das redes informais. Além disso, através da noção de autonomia (Maturana & Varela, 1980), demonstrou-se que os sistemas não são comandados do exterior, pois a troca comunicacional é acompanhada por autonomia organizativa. Nesta perspetiva, a família tem competências próprias para a mudança, sendo capaz de encontrar soluções desde dentro (Sousa et al., 2007).

Linares (1997) afirma que uma descrição excessivamente negativa pode-nos levar a pensar nas famílias multiproblemáticas como desertos relacionais e, não entanto, também existem nelas mecanismos de compensação. Por exemplo: quando a relação se deteriora e se produz uma falta de harmonia, o sistema não permanece passivo e põe em marcha processos protetores que garantem a continuidade da vida. Nestas famílias dão-se relevos de parentalidade e mecanismos compensatórios, estimulados por uma grande deterioração das

condições de vida. As características destas famílias provocam, frequentemente, a intervenção externa. A maioria das vezes ocorre de forma natural, começando pela família alargada e continuando com vizinhos e conhecidos (Pérez & Palácios, 2006).

É comum o reconhecimento de que os pais amam os filhos, embora se sintam incompetentes na execução das suas tarefas parentais. Nestes agregados, é comum encontrar-se reservas de lealdade e dependência, vínculos que persistem no tempo, apesar dos problemas e quebras que sofrem estas famílias (Alarcão, 2002).

A maioria das famílias multiproblemáticas tem a capacidade e os recursos para acolher uma nova vida, para experimentar um processo de crescimento. O facto de não permitir qualquer tipo de intervenção social que invada o espaço de privacidade é indicador da existência de recursos básicos para um novo desenvolvimento familiar (Bianchi & Vernò, 1995).

Num estudo recente sobre os recursos das famílias multiproblemáticas (Sousa et al., 2004), salientava-se que estas famílias possuem alguma coesão, patente sobretudo nos laços emocionais entre pais e filhos, no intenso vínculo filial e no desejo de ver os filhos crescer bem. Também existem recursos a nível das funções instrumentais, quer ao nível da distribuição das atividades pelos membros, quer na regulação de papéis de cada elemento. Estas famílias têm uma forte capacidade para ativar o apoio das redes formais e informais disponíveis na comunidade.

Como dizia Ausloos (2003), todas as famílias têm competências, mas em certas situações, ou não as sabem utilizar, ou não sabem que as têm, ou estão impedidas de as utilizar, ou elas próprias se impedem de as utilizar, por diversas razões.

É preciso uma abordagem diferente com estas famílias. É importante que tenham a oportunidade de darem a sua própria versão sobre quem são, sobre aquilo que os preocupa e sobre quais os recursos que possuem. Para tal, é necessário reconhecer que a família tem estruturas, vínculos afetivos, regras de funcionamento e fronteiras com sentido (Pérez & Palácios, 2006).

A ilusão da não mudança, para alguns profissionais, decorre de esperarem uma determinada mudança que os torna cegos a outras transformações e chega mesmo a ser projetada no futuro, quando afirmam: *esta família já não muda ou já não tem solução*. Ou seja, a avaliação da intervenção com estas famílias também tende a ser ofuscada pela lente que só vê coisas negativas (Sousa et al., 2007).

Capítulo 2 – TRÊS MODELOS PARA COMPREENDER A FAMÍLIA

Todo o processo de investigação implica fazer uma eleição do modelo teórico. No nosso caso, apoiar-nos-emos na teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen, no enfoque relacional-simbólico de Vittorio Cigoli e Eugenia Scabini e nas contribuições de Salvador Minuchin e do seu modelo estrutural, já que ele foi o primeiro terapeuta familiar que se preocupou com famílias pobres e com a adaptação dos pressupostos sistémicos aos contextos socialmente desfavorecidos.

Nos parágrafos seguintes, descreveremos sinteticamente alguns dos conceitos principais das diferentes teorias, como sejam: a diferenciação; o corte emocional; os triângulos relacionais; a estrutura familiar e os seus subsistemas e limites; as transições familiares; a redefinição das fronteiras e a relação com as figuras ausentes.

2.1. Teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen

Murray Bowen (1913-1990) foi o primogénito de uma família de cinco filhos da burguesia rural de Tennessee. O pai era proprietário de uma funerária e este negócio familiar marcou a maneira transgeracional como Bowen compreendeu a família, afastando-se das visões exclusivamente diádicas centradas na relação mãe-filho. Médico psiquiatra de orientação psicanalítica, terminou por distanciar-se dos pressupostos psicodinâmicos por considerá-los reducionistas. Dedicou grande parte da sua vida a investigar a esquizofrenia e a procurar uma teoria global que ajudasse a compreender a complexidade do ser humano (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004). Murray Bowen pode ser considerado um dos pioneiros da terapia familiar e, não por acaso, foi eleito o primeiro presidente da Associação Americana de Terapia Familiar (Andolfi, 2002).

Bowen teve a intuição de compreender os sistemas de relação familiar horizontais, como, por exemplo, o matrimónio ou a relação entre irmãos; em reciprocidade com o sistema vertical da família de origem. A partir desta visão integral da família, ele definiu o que chamou de transmissão multigeracional. Bowen sempre estudou a família a partir das suas raízes e utilizou o genograma como o instrumento privilegiado para entrar em contacto com as origens familiares e compreender as relações e transmissões geracionais (Andolfi, 2002).

A teoria boweniana esforça-se constantemente por tornar contínuo aquilo que outras teorias dicotomizam e por encontrar categorias universais, em vez de discretas (Gurman & Kniskern, 1991/1995). Alguns dos conceitos fundamentais desta teoria são a diferenciação, o corte emocional, a transmissão multigeracional e o triângulo emocional.

2.1.1. A diferenciação de si próprio

Para Bowen, o indivíduo deverá diferenciar-se e contrapor-se às forças emotivas que tentam manter um estado excessivo de coesão familiar, designado por *massa indiferenciada do eu familiar* ou de identidade emocional conglomerada, sendo impossível distinguir onde começa e termina o outro (Andolfi, 2002).

No processo de diferenciação, a pessoa poderá assumir-se como um ser humano com ideias e decisões próprias, diferente de todos os outros. Poderá criar relações interpessoais com os membros da família e enfrentar os problemas da vida de forma responsável e madura. O autor relata, ele próprio, o trabalho pessoal realizado durante anos para diferenciar-se da sua família de origem (Bowen, 1974/1998). A diferenciação não tem a ver com aspetos comportamentais ou emocionais, é um conceito que se relaciona com a ideia de vínculo e cuja concretização não se consegue pelo afastamento ou isolamento da pessoa, já que ela continua a pertencer a um sistema (Gurman & Kniskern, 1991/1995).

Bowen apresentou uma escala de diferenciação de zero a cem, representada na figura 2.1., numa tentativa de conceptualizar todos os modos de funcionamento da humanidade num *continuum*, de um estado muito indiferenciado de fusão extrema, a um estado de completa diferenciação e responsabilidade de si próprio (Andolfi, 2002), se bem que é um projeto para toda uma vida e ninguém consegue ultrapassar o valor setenta.

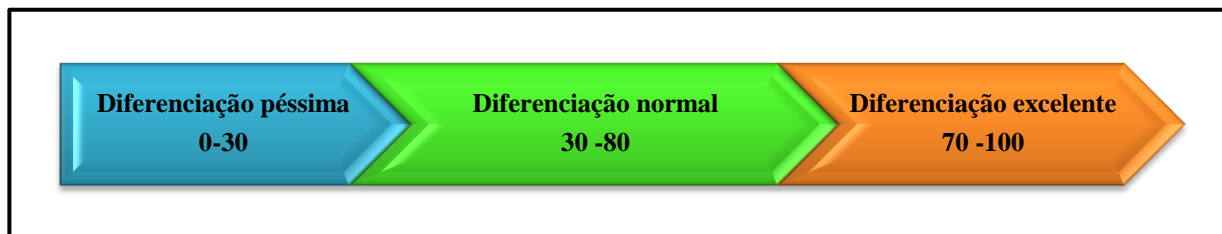


Figura 2.1. Escala de diferenciação de Bowen.

Diferenciação significa projetar o caminho pessoal através do próprio sistema interno de guia, pelo que se refere mais a um processo do que a um objetivo. Tipicamente, uma pessoa com alta diferenciação tem a capacidade de manter uma presença não ansiosa perante uma pessoa ansiosa, sendo também capaz de definir de modo claro os próprios valores e objetivos pessoais e de assumir a responsabilidade sobre o próprio ser e sobre o destino emocional (Gurman & Kniskern, 1991/1995).

Assim, a pessoa diferenciada afirma o que pensa sem atribuir as próprias crenças a outros, assumindo igualmente a responsabilidade da própria felicidade sem culpabilizar os outros dos próprios insucessos (Andolfi, 2002).

2.1.2. O corte emocional

A escala de diferenciação no limite mais baixo pode apresentar duas modalidades: a chamada *dependência crônica*, caracterizada pela fusão com a massa indiferenciada do eu familiar que não permite à pessoa sair da posição de filho; e a que Bowen denomina de *corte emocional*, marcada por uma aparente falta de pertença e por uma negação da intensidade emocional dos vínculos não resolvidos com os próprios pais (Andolfi, 2002).

O corte emocional refere-se, portanto, a uma falta de pertença familiar, às vezes disfarçada de falsa autonomia, que se manifesta no paradoxo de sentir, por um lado, uma necessidade imperiosa de proximidade afetiva e, por outro, uma rejeição quase alérgica às relações mais próximas. (Bowen, 1974/1998).

Quanto mais claro o corte emocional com a família de origem, mais previsível a repetição do mesmo modelo nas relações futuras. A pessoa que vive um corte emocional profundo criará e cortará relações de forma cíclica na sua vida, transformando-se quase num nómada, que oscila de uma relação para outra, cortando os vínculos emocionais com o passado. A distância emocional é alcançada, quer através de mecanismos internos, quer pela distância física real. A permanência numa situação de tensão emocional pode expor a pessoa a disfunções, tais como: enfermidades físicas; transtornos emocionais, como a depressão; disfunções sociais, como o alcoolismo; ou episódios de irresponsabilidade em relação aos outros (Bowen, 1974/1998).

Esta vulnerabilidade afetiva, mascarada de autonomia e segurança, pode, em particular, ser reativada quando se passa da condição de filho para a de pai. A pessoa sente que tem de oferecer afeto aos filhos, mas pensa que não o pode dar porque nunca o recebeu (Andolfi, 2002).

2.1.3. A transmissão multigeracional

O conceito boweniano de transmissão multigeracional está enraizado na ideia de que todas as gerações pertencem a um processo natural contínuo, em que cada geração está presente na sucessiva, de forma que o presente e o passado passam a ser uma falsa dicotomia. Nesta perspetiva, o passado não é uma influência para o presente, como defendem outras teorias. Passado e presente formam antes parte da trama duma mesma entidade indivisível (Gurman & Kniskern, 1991/1995).

Bowen dedicou muito tempo a investigar um grupo de famílias. Para tal, reconstruiu as suas histórias, remontando a duzentos ou trezentos anos antes. Descobriu que em todas as famílias apareciam idênticos modelos básicos (Bowen, 1974/1998). Assim, para o autor, a

família assemelha-se a uma escola, onde se aprendem os conhecimentos fundamentais a partir dos quais cada pessoa constrói a maneira própria de ver o mundo (Andolfi, 2002). Por seu turno, a família será caracterizada por processos transmitidos pelas respectivas estirpes ou antepassados, mas também pela posição de força ou debilidade que ocupa cada membro na árvore genealógica (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004).

Poder-se-ia falar de transmissões positivas ou negativas, tendo em conta o tipo de valores e de estilos relacionais funcionais ou disfuncionais transmitidos. Um exemplo de uma transmissão negativa acontece quando os pais transmitem a um ou mais filhos a sua própria imaturidade (Bowen, 1974/1998).

2.1.4. O triângulo emocional

Bowen introduziu o conceito de triangulação, como unidade mínima de relacionamento familiar, mostrando que não se pode pensar no indivíduo sem contar, pelo menos, com outros dois elementos. (1974/1998). Qualquer sistema que abrange quatro ou mais pessoas é composto por uma série de triângulos interconectados, que consistem na relação entre três pessoas ou entre duas pessoas e um problema.

O triângulo emocional é, portanto, para o autor, como o tijolo na construção, sendo a molécula do sistema emocional familiar. Este triângulo é formado a partir da ansiedade sistémica de duas pessoas que, para manter uma relação estável, recorrem a um terceiro elemento (Gurman & Kniskern, 1991/1995). Uma das regras dos triângulos emocionais é a seguinte: quando uma pessoa inclui uma relação difícil já estabelecida entre outras duas pessoas, ela também sofrerá o *stress* dessa relação (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004). Um triângulo está em movimento constante e estes movimentos são previsíveis pelos reflexos emocionais.

Os triângulos, quando são examinados nos genogramas familiares, podem ajudar a compreender como se produz a transmissão multigeracional e a explicar porque há sistemas que não mudam (Gurman & Kniskern, 1991/1995). Só tendo em conta os triângulos emocionais, se poderão conseguir mudanças dentro da família, pelo que, na terapia boweniana, trabalha-se a destriangulação, para produzir movimentos e mudanças nos diferentes membros da família, designadamente através da entrada no triângulo do terapeuta ou da estimulação de um dos membros. (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004).

Anos mais tarde, Maurizio Andolfi utilizará a triangulação boweniana, mas ampliando-a a uma terceira geração, a partir de uma visão transgeracional, que enriquece muito a compreensão longitudinal das relações familiares (Andolfi & Angelo, 1987/ 1989).

2.2. Teoria estrutural de Salvador Minuchin

Filho de uma família de judeus russos emigrados na Argentina, primogênito de três irmãos, Salvador cresceu num ambiente familiar complexo, composto por avós, tios e primos. Especializou-se em pediatria, em 1948, mas, ao terminar os estudos, inscreveu-se no exército israelita, onde trabalhou com crianças órfãs do holocausto, provenientes da Europa. Em 1950, embarcou para Estados Unidos da América, onde se especializou como psicanalista. Assumiu a responsabilidade de orientar um centro de crianças delinquentes em Nova Iorque e, mais tarde, foi chamado para dirigir um centro de atendimento para famílias em Filadélfia (Andolfi, 2002).

Os principais contributos de Salvador Minuchin poderiam ser sintetizados em quatro: o desenvolvimento de uma teoria sobre as relações familiares, a sua preocupação pela justiça social e pelas famílias pobres, a sua extensa produção literária e a importância que outorgou à formação dos terapeutas (Andolfi, 2002). Desde o início, as equipas de trabalho lideradas por Salvador Minuchin têm-se mantido na vanguarda dos intentos de criar princípios de diagnóstico e intervenção nos sectores mais marginalizados da população (Minuchin et al., 1998/2009).

Quando trabalhou com jovens delinquentes e com famílias pobres, experimentou os limites da visão psicanalista, que se centrava excessivamente na dimensão intrapsíquica e nas experiências do passado. Minuchin estava particularmente preocupado em compreender os esquemas relacionais das famílias, que regulavam o comportamento visível dos adolescentes. Para o autor, o sintoma individual seria uma forma de comunicar da família que poderia ajudar a compreender a estrutura e os mecanismos relacionais da mesma. (Minuchin, 1982).

Minuchin e seus colaboradores trabalharam inicialmente com famílias desorganizadas e com papéis pouco definidos, que demonstravam um predomínio da ação face à linguagem. Desta forma, criaram uma terapia alternativa baseada mais no fazer do que no falar, com técnicas de ação e jogos de papéis. Foi neste contexto que nasceu o que eles denominaram de *modelo estrutural* ou *terapia familiar estrutural*, sendo o espaço e as fronteiras as metáforas do funcionamento familiar. (Gurman & Kniskern, 1991/1995).

Alguns dos conceitos-chave da teoria estrutural que queremos desenvolver neste trabalho são os seguintes: a estrutura, os limites, os subsistemas e as chamadas famílias emaranhadas e desagregadas.

2.2.1. A estrutura

Segundo Salvador Minuchin (1974/2009) a estrutura familiar é o conjunto invisível de pedidos funcionais que organizam os modos como interatuam os membros de uma família.

Como outros organismos adaptáveis, as famílias têm necessidade de formar um tipo de organização interna que estabeleça como, quando e com quem se entra em relação (Gurman & Kniskern, 1991/1995). Esta organização baseia-se em regras internas e hierarquias, que são negociadas entre os membros, e criam uma espécie de contratos que regulam as interações entre eles. Estes contratos não são sempre conscientes, podem ter sido esquecidos ou podem nunca ter sido explicitados (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004).

O sistema familiar funciona a partir de padrões transacionais que se reforçam com a repetição. Por exemplo, quando uma mãe diz ao filho que beba um sumo e este obedece, esta interação define quem é ela em relação a ele e vice-versa, criando uma hierarquia de poder entre pais e filhos, que possuem níveis de autoridade diferentes (Minuchin, 1974/2009).

Este sistema mantém-se estável e oferece resistências à mudança a partir de um certo nível. Conserva as regras preferidas durante o maior tempo possível, mas, se a alteração vai mais além do limiar de tolerância do sistema, desperta mecanismos que restabelecem o nível habitual. Aparecem, então, requerimentos de lealdade familiar e manobras de indução à culpabilidade (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973).

Por outro lado, as resistências não podem ser excessivas, porque a existência da família depende da sua capacidade de adaptação e de possuir padrões transacionais alternativos que permitam flexibilizar os movimentos quando é necessário (Minuchin, 1974/2009). Muitos dos problemas familiares podem ser conceptualizados como estruturais e as afirmações sobre a estrutura da família de um desses sistemas têm implicações nos padrões de comunicação, no envolvimento afetivo dos seus membros, no sistema de controlo do comportamento e noutros aspetos do funcionamento familiar (Barker, 2000).

2.2.2. Os subsistemas

Nas famílias, como em todos os sistemas complexos, há muitos subsistemas. A idade, o género e outros fatores criam subsistemas (Minuchin et al., 1998/2009).

O modelo estrutural distingue vários subsistemas dentro da família, definidos pelas suas funções, sendo que todos os membros participam em diversos subsistemas, como, por exemplo, o subsistema conjugal, o parental ou o fraterno (Gurman & Kniskern, 1991/1995).

O sistema familiar realiza as suas funções através destes subsistemas. Os indivíduos são subsistemas no interior da família, também as díadas como a mulher-marido ou pai-filho

podem ser subsistemas. Estes podem ser formados por geração, sexo, interesse ou função. Cada indivíduo pertence a vários subsistemas, nos quais possui diferentes níveis de poder e onde aprende competências diferenciadas. Por exemplo, um homem pode ser ao mesmo tempo filho, sobrinho, irmão, esposo e pai (Minuchin, 1974/2009).

A capacidade de mudar, participar, deslocar-se, separar-se e pertencer a diversos subsistemas permite aos indivíduos exercerem, na família, funções únicas, ou então, permite-lhes trocar e adquirir outras funções, expressando, desse modo, aspetos mais diferenciados de si mesmos (Andolfi, 1989/1983).

Cada subsistema familiar realiza e formula funções e pedidos específicos de cada um dos seus membros, sendo que o desenvolvimento das competências pessoais adquiridas em cada um desses subsistemas depende do grau de autonomia atingido pelos mesmos (Wendt & Crepaldi, 2007).

2.2.3. Os limites

Os subsistemas, por sua vez, são separados por fronteiras ou limites, que funcionam como regras que delimitam e regulam as trocas estabelecidas entre os membros da família, o que permite a manutenção de cada um deles (Wendt & Crepaldi, 2007).

Estes limites ou regras definem quem participa e a forma de participar. Por exemplo, o limite de um subsistema parental encontra-se definido quando uma mãe diz ao filho mais velho que não é o pai do seu irmão, e marca assim a diferença entre o subsistema executivo e o subsistema fraterno. A função dos limites é proteger a diferenciação do sistema (Minuchin, 1974/2009), regular as trocas estabelecidas entre os diferentes membros e, assim, assegurar a manutenção da família (Wendt & Crepaldi, 2007).

As fronteiras são invisíveis mas, tal como o vento, sabemos que existem pelos efeitos que produzem. Estas fronteiras podem variar ao longo da vida, em função das situações vitais da família (Minuchin et al., 1998/2009).

O conjunto das fronteiras, regras ou limites que definem a estrutura familiar (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004) e os limites entre os subsistemas devem ser claros para que o funcionamento familiar seja adequado. Devem definir-se com a suficiente precisão, de forma a permitir aos membros dos subsistemas o desenvolvimento das suas funções, sem interferências indevidas; mas deve também permitir o contacto com os membros de outros subsistemas (Minuchin, 1974/2009). Uma excessiva organização familiar bloqueia o sistema, enquanto uma escassa organização torna o sistema imprevisível, sem regras e papéis

definidos. Por isso, o bom funcionamento de uma família implica fronteiras bem claras e definidas (Andolfi, 2002).

2.2.4. As famílias emaranhadas e desagregadas

A clareza dos limites no interior de uma família constitui um parâmetro útil para a avaliação do seu funcionamento. Algumas famílias fecham-se sobre si próprias para desenvolver o seu próprio microcosmos, com um conseqüente incremento da comunicação e da preocupação entre os membros da família. Como resultado, a distância diminui e os limites esfumam-se. A diferenciação do sistema familiar torna-se difusa e pode sobrecarregar-se e carecer dos recursos necessários para adaptar-se e mudar sob circunstâncias de *stress*. Estas famílias são definidas como emaranhadas, enredadas ou aglutinadas (Minuchin, 1974/2009).

Outras famílias desenvolvem limites muito rígidos. A comunicação entre os subsistemas torna-se difícil e as funções protetoras da família são prejudicadas. Estas famílias são definidas como desagregadas, desunidas ou desligadas. Nestas, as pessoas têm uma fraca diferenciação e existe uma tendência ao isolamento dos membros e aos cortes transgeracionais (Bertrando & Toffanetti, 2000/2004).

Todas as famílias estão situadas dentro de um *continuum*, como pode ser observado na figura 2.2., onde um dos extremos está representado pelos limites difusos e o outro pelos

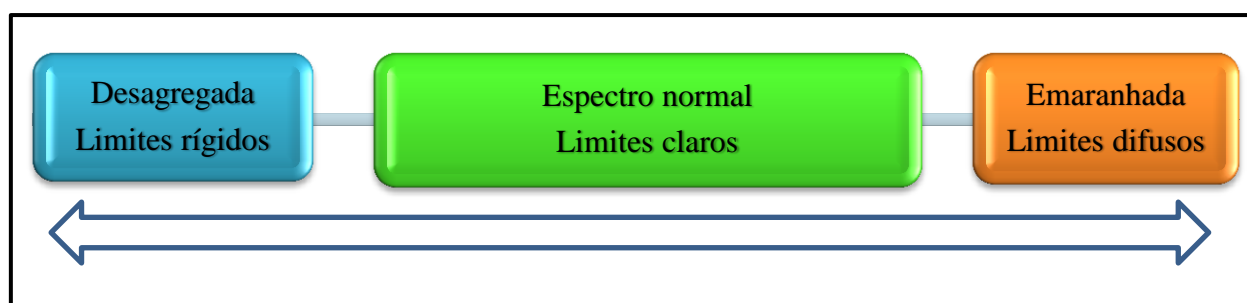


Figura 2.2. Escala da funcionalidade familiar de Minuchin.

limites rígidos. A maioria das famílias situa-se no espectro normal. É possível que dentro de uma mesma família existam subsistemas com limites opostos. Por exemplo, no subsistema mãe-filho pode existir uma tendência ao emaranhamento, enquanto o subsistema pai-filho se pode situar mais próximo do extremo dos limites rígidos (Minuchin, 1974/2009).

Os posicionamentos extremos assinalam áreas de possíveis patologias. De facto, um subsistema de mãe-filho, por exemplo, muito emaranhado pode excluir o pai, debilitar a independência dos filhos e levá-los a que desenvolvam sintomas patológicos. Do mesmo modo, uma família situada no extremo desligado só reagirá para apoiar um dos seus membros quando o nível de *stress* for muito elevado (Minuchin, 1974/2009).

Normalmente nas famílias desligadas ou desunidas, as relações são escassas e formais, provocando uma imagem de desagregação e rigidez. Pelo contrário nas famílias enredadas, as fronteiras não estão delimitadas e a família vive um emaranhamento e uma confusão de papéis, dando uma imagem de fusão e reclusão (Gurman & Kniskern, 1995).

2.3. Enfoque relacional-simbólico de Vittorio Cigoli e Eugenia Scabini

Vittorio Cigoli e Eugenia Scabini, depois de um extenso trabalho interdisciplinar em Milão, criaram um ponto de vista particular para compreender a família: o enfoque relacional-simbólico. Os autores preferem falar de organização, em vez de sistema, e definem a família como a organização que vincula as diferenças fundamentais da humanidade, que são o género (masculino e feminino), as gerações (pais e filhos) e as estirpes (materna e paterna); ou seja, vincula os laços conjugais, fraternos, parentais e comunitários. Esta organização tem como objetivo principal a geração ou criação (Scabini & Iafrate, 2003).

O *corpo familiar* vive e transforma-se ao longo do tempo, desdobrando-se em três registos distintos, mas profundamente entrelaçados. O primeiro registo é o da *interação*, o aqui e agora da ação recíproca, da circularidade que se produz no presente, num espaço definido. O segundo é o registo *relacional*, constituído por tudo aquilo que se viveu durante as diferentes gerações. Por último, o terceiro é o registo *simbólico*, que conecta os dois planos anteriores, como um tecido de significados e de valores ao qual está ligado o património narrativo da família (Cigoli, 1992). Assim, neste modelo, a parte relacional define o ponto de observação e compreensão do objeto família, referindo-se a dimensão simbólica às categorias qualitativas necessárias para interpretar as relações familiares (Scabini & Cigoli, 2000).

O enfoque relacional simbólico situa-se entre a psicologia clínica e a psicologia social e coloca no centro da sua reflexão a relação, entendida, por um lado, no sentido intrapsíquico e, por outro, no sentido intersubjetivo. Concebe a relação como um teatro em que estão em cena as interações observáveis que se produzem no presente, mas também dimensões que não são imediatamente visíveis e que vinculam a família no tempo, mediante uma série de valores, mitos, tradições e estilos relacionais transmitidos de geração em geração (Greco & Iafrate, 2001). Passamos a explicar melhor o que se compreende por dimensão relacional e dimensão simbólica, assim como outros conceitos relacionados com este enfoque e que nos servirão para compreender a família em estudo, como são as transições familiares, a redefinição das fronteiras e a relação com o ausente.

2.3.1. Dimensão relacional

O paradigma relacional coloca-se numa dimensão diferente da posição interacionista, que tem dominado a psicologia e que se centra no que está a acontecer aqui e agora, reduzindo a complexidade das relações familiares à interação dos seus membros, visíveis no presente (Scabini & Cigoli, 2000). De acordo com este paradigma, a relação não pode ser reduzida à interação observável no presente. A relação familiar, tanto no seu aspeto de vínculo *re-ligo*, como no seu aspeto de sentido *re-fero*, leva-nos a um laço que precede à interação.

O que une as pessoas é a relação que há entre elas, por isso estudar a família significa estudar as relações que decorrem entre os seus membros (Lanz & Rosnati, 2002). A relação é aquilo que une, ainda que inconscientemente, os sujeitos entre si, sedimentando-se em valores, mitos, ritos e modelos de relacionamento. Esta matriz antropológica e psíquica está presente nos laços interpessoais entre cônjuges e irmãos, nos vínculos intergeracionais entre a família de origem e a nova família, entre pais e filhos, na reciprocidade transgeracional que se produz entre estirpes diferentes e na intermediação da família com a comunidade. Assim se entende que este paradigma se defina por ser multinível, abrangendo o passado, o presente e o futuro (Scabini & Cigoli, 2000).

No movimento sistémico, ao longo dos anos, emergiu a necessidade de ter em conta o indivíduo como agente, cheio de intenções, afetos e desejos, parte ativa na criação do sistema. Este novo ponto de vista supera o individualismo metodológico da psicologia clássica, já que integra todo o sistema familiar, e transpõe o holismo metodológico das posições sistémicas da primeira cibernética, porque valoriza simultaneamente a especificidade do indivíduo (Scabini & Cigoli, 2000).

2.3.2. Dimensão simbólica

Os autores utilizam o termo *símbolo* na mesma aceção da psicologia cultural, designando-o como estrutura latente de sentido e, recorrendo ao sentido etimológico da palavra, como aquilo que une, que religa as dimensões éticas e afetivas da família. Todos os tipos de família exprimem, de diversas formas, esta estrutura simbólica (Scabini & Iafrate, 2003).

O eixo simbólico atravessa os níveis relacionais e interativos, servindo-se da matriz humana para a construção de significados, para a estrutura linguística e para a cimentação da cultura. Esta matriz simbólica está formada por um **polo ético** de justiça e lealdade, ligado à figura paterna *patris munus*, que guia, regula, reconhece e empurra para frente; e por um **polo**

afetivo de confiança e esperança, mais ligado à figura materna *matris munus*, que dá a vida, protege e contém (Scabini & Cigoli, 2000). Estes polos podem ser observados na figura 2.3.

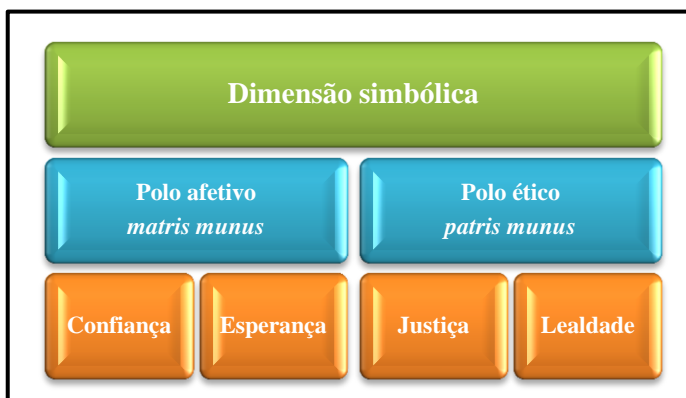


Figura 2.3. Características da dimensão simbólica.

O enfoque relacional-simbólico refere o conceito de *intercâmbio simbólico*, que aponta, sob um ponto de vista mais dinâmico, para aquilo que se troca nas famílias entre gêneros, gerações e estirpes (Scabini & Iafrate, 2003).

Segundo uma visão utilitarista, as relações seriam baseadas em contratos, com vista à gratificação recíproca. Todavia, numa visão ética, baseada no princípio da justiça, as trocas seriam realizadas para cumprir o próprio dever. Existe, porém, uma terceira via de compreensão, com a qual se identifica o enfoque relacional-simbólico, que está baseada na categoria de dom, de oferecer e confiar no outro, sendo que o dom tem como outra face o débito e a obrigação. Por exemplo, o nascimento de um filho é fruto de um dom, o dom da vida, mas o filho que recebeu a vida dos seus pais está ligado ao débito de reconhecimento por aquilo que recebeu (Cigoli, 2006).

A gratuidade do que restitui introduz a componente da liberdade na obrigação. O intercâmbio simbólico, típico das relações familiares, é assimétrico: consiste em dar ao outro aquilo que se pensa que este necessita, esperando que o outro retribua no momento oportuno com um equivalente simbólico. As relações familiares vinculam entre si os vivos e os mortos, as gerações passadas e futuras. Quando isto não se produz, a família corre o risco de perder-se (Cigoli, 2006).

Nas transições cruciais da vida, aparece a estrutura relacional da família, baseada nas suas forças e debilidades. Esta vincula os indivíduos enquanto membros da família, da história e da subcultura social de pertença, valores nos quais se reconhecem, transcendendo os limites da experiência quotidiana. Nas relações familiares, os sujeitos colocam toda a sua pessoa e não só o papel que desempenham (Scabini & Cigoli, 2000). A teoria da vinculação de Bowlby (1969), hoje tão estudada sob múltiplas visões, centra-se na relação entre mãe e filho, mas deixa de lado a dimensão trigeracional e transgeracional, os mitos e ritos, os valores e segredos que guiam a ação familiar e, sobretudo, a dimensão simbólica que perpassa todos os níveis relacionais (Scabini & Cigoli, 2000).

O reconhecimento do outro produz-se na família em dois sentidos: por um lado, na diferenciação e distinção e, por outro, na legitimação. O primeiro faz referência ao polo afetivo e está conectado ao conceito boweniano de *diferenciação emocional*. O segundo corresponde ao polo ético e relaciona-se com o conceito de *lealdade invisível* de Boszormenyi-Nagy (1973)

Estas dimensões, relacional e simbólica, devem ser, contudo, enquadradas no tempo, na história e no processo de desenvolvimento familiar. Por isso, outro conceito-chave deste enfoque é o das *transições familiares*, que passamos agora a explicar.

2.3.3. As transições familiares

Para investigar a estrutura relacional de uma família deve-se ter em consideração a dimensão temporal (Scabini & Cigoli, 2000). A temporalidade pode ser analisada pelo modo como as famílias conectam o passado, o presente e o futuro, sendo que as famílias disfuncionais caracterizam-se pela negação do transcorrer do tempo e das mudanças que este implica. (Scabini & Cigoli, 2000).

Esta visão temporal permite compreender a família de forma histórica e reconhecer os momentos fundamentais ou *transições-chave* do ciclo de vida familiar. Nem todos os momentos pelos quais passa uma família são igualmente favoráveis. Alguns deles são particularmente significativos, são como passagens cruciais marcadas por eventos críticos previsíveis e imprevisíveis, em que se produz a introdução de novos membros, como no casamento, no nascimento ou na adoção; ou se dá a perda de pessoas, pela morte, divórcio ou mudança de relacionamentos, como seja a saída dos filhos da casa dos pais. Todas estas transições têm o poder de desestabilizar e agitar a organização familiar, assim como de mostrar o tipo de relações que existiam (Scabini & Cigoli, 2000).

A família, ao longo do seu ciclo de vida, atravessa diversas transições que exigem uma redefinição das fronteiras familiares, como, por exemplo, quando nasce o primeiro filho, as fronteiras do casal dilatam-se para dar espaço à nova geração, ou, quando o filho é adolescente, as fronteiras têm que ser mais flexíveis, para permitir a gradual desvinculação do mesmo (Greco, 1999).

Estas transições são provocadas por eventos críticos, por crises. A própria palavra crise, mais rica que o termo *stress*, tem dois significados etimológicos, sendo um de separação e outro de escolha. Os eventos críticos podem ser de dois tipos: normativos ou não normativos. Os primeiros são previsíveis, caracterizando cada fase do ciclo de vida da família, como o nascimento dos filhos, a entrada na escola, a *descolagem* dos filhos ou a perda dos

pais; e os segundos apresentam-se imprevisíveis, como o divórcio, a emigração ou uma doença grave.

Um evento crítico provoca na família um período de desorganização, seguido da procura de soluções, em que a família se move por tentativas de erro até encontrar um novo e mais adequado funcionamento. Em todas as transições está presente o tema das perdas, já que para poder encarar o novo é preciso deixar o velho e a segurança da condição anterior (Scabini & Iafrate, 2003).

Estes eventos podem ser escolhidos ou não escolhidos. Um exemplo de evento normativo não escolhido seria a morte do avô e de um normativo escolhido um casamento. Porém, um evento não normativo escolhido poderia ser o divórcio e não escolhido um acidente de trânsito, com uma conseqüente invalidez física (Scabini & Iafrate, 2003).

Nas sociedades pós-modernas, estas transições são cada vez menos normativas e ritualizadas, estando marcadas por escolhas mais individuais do que sociais. Hoje, por exemplo, os filhos decidem quando realizar a passagem à idade adulta ou planificam a transição para a parentalidade (Scabini & Iafrate, 2003).

Para cada transição, dentro do ciclo de vida da família, apresentam-se uma série de *tarefas de desenvolvimento*, em que cada membro, e a família no conjunto, devem tender a cumprir objetivos éticos e afetivos. Assim, por exemplo, quando os filhos saem do ninho familiar, o casal deve reinvestir na sua relação recíproca (*polo afetivo*) e deve *revivificar* o pacto conjugal (*polo ético*). Do mesmo modo, como pais, devem promover a *descolagem* dos filhos (*polo afetivo*) e devem legitimar os filhos como adultos (*polo ético*). Os filhos devem preocupar-se em cuidar da geração dos avós (*polo afetivo*) e reconhecê-los como os portadores da história e valores familiares (*polo ético*). Por último, como membros da sociedade, devem passar de uma geração parental a uma geração social (Scabini & Iafrate, 2003).

A autora Ondina Greco, sob a perspectiva relacional-simbólica, tem centrado os seus estudos nas famílias complexas em que se produzem, em simultâneo, diversos eventos críticos não normativos e experiências de perda muito significativas. Esta autora é a criadora do teste *A Dupla Lua*, um dos instrumentos que serão utilizados nesta investigação. Este apoia-se nos conceitos de *espaço de vida* e de *fronteira*, da teoria clássica de campo, e nos conceitos psicanalíticos de *ausência* e *perda* (Greco, 1999).

2.3.4. A redefinição das fronteiras

Como salientámos, em todas as transições produz-se uma redefinição das relações e das fronteiras familiares, provocada pelo aparecimento de eventos críticos normativos e não normativos (Scabini & Cigoli, 2000).

O conceito de *fronteira* utilizado aqui parte da teoria de campo de Kurt Lewin (1951), que propõe a metáfora espacial para representar o mundo psíquico e que tem sido amplamente utilizado nas teorias sistémicas, para desenvolver os conceitos de proximidade e distância nas relações familiares (Greco, 2006).

Etimologicamente, *fronteira* vem da palavra latina *confine*, isto é, aquilo que está contíguo e adjacente, expressando, assim, o espaço de encontro e separação entre territórios. Desta forma, a palavra possui um paradoxo interno, pois contém a ideia de separação e, ao mesmo tempo, de ter qualquer coisa em comum. Do ponto de vista estrutural, define o que está dentro e o que está fora e, numa perspetiva dinâmica, expressa a regulação da distância, da proximidade ou do isolamento. Por isso, é diferente estar adjacente de alguém e estar isolado, ou seja, estar adjacente do vazio (Greco, 2006). O processo de regulação da distância determina a qualidade das fronteiras que podem ser difusas, claras ou rígidas.

Pode-se estar distante dos outros e pertencer ao mesmo território, estando inserido numa mesma fronteira ou não tendo nenhuma vinculação aos outros, num isolamento que não é marcado por nenhuma pertença a um grupo.

O conceito de fronteira, no âmbito psicológico, é polissémico. O desenvolvimento da pessoa, mesmo antes de nascer, está marcado pela relação. O indivíduo pode ser visto no

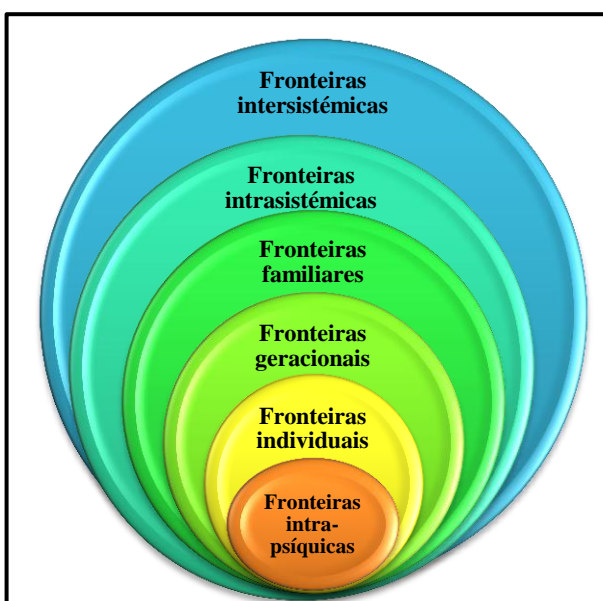


Figura 2.4. Diferentes tipos de fronteiras sistémicas.

centro de vários subsistemas concêntricos, em relação dinâmica uns com os outros (Greco, 2006).

Estes subsistemas concêntricos e suas fronteiras aparecem na figura 2.4. Eles podem ser uma grande ajuda para a compreensão da estrutura familiar. Passamos agora a descrever sucintamente cada um.

As **fronteiras intrapsíquicas** são entendidas como a distância que se dá entre as diversas representações do próprio eu e dos objetos significativos. Para Sandler,

(1962/1980), a vida psíquica pode ser imaginada através da metáfora do teatro, onde os

mecanismos cénicos são constituídos pelas funções do Eu, enquanto as personagens em cena são as representações, isto é, as imagens de si próprio, dos outros e da relação que existe entre eles. As fronteiras, neste caso, vão-se criando no processo de construção das representações, a partir de um objeto significativo que é assumido como modelo (Greco, 2006).

As **fronteiras individuais** destacam a distância diádica ou triádica entre a pessoa e os outros. Esta distância pode ser representada por um *continuum* que vai desde o extremo da dependência ou simbiose ao extremo do isolamento. No centro, situa-se a distância funcional, o ponto de equilíbrio entre os desejos de proximidade e distância. Esta posição funcional é definida pela relação entre duas pessoas bem individualizadas (Scabini & Cigoli, 2000).

Para uma melhor compreensão dos diferentes tipos de fronteiras, criámos os símbolos que aparecem na figura 2.5.

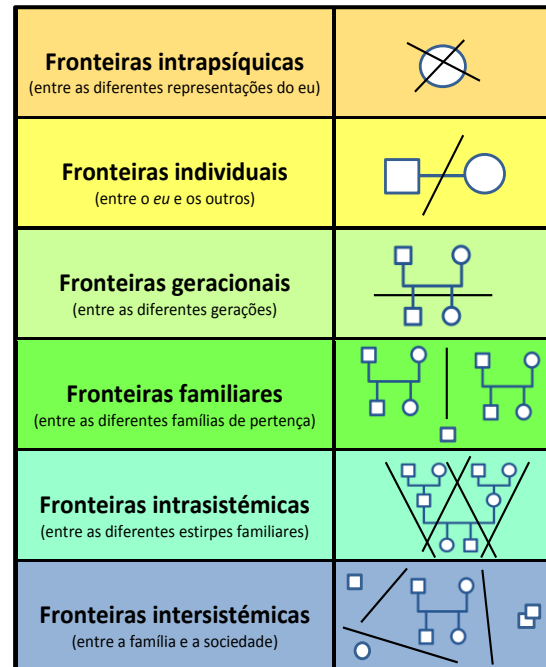


Figura 2.5. Símbolos para cada tipo de fronteira.

As **fronteiras geracionais** evidenciam a distância entre as diferentes gerações familiares. Bowen (1974/1998) define-as como as fronteiras entre subsistemas e relaciona-as com as dicotomias do cuidado responsável *versus* a irresponsabilidade, da justiça *versus* a injustiça, da ordem *versus* a desordem na distribuição dos papéis familiares. Trata-se, portanto, do eixo ético na dimensão simbólica da família (Scabini & Cigoli, 2000).

O cuidado da nova geração vai do extremo da preocupação excessiva, marcada mais pelas necessidades dos pais do que do reconhecimento das necessidades dos filhos, passando pela posição central funcional, em que as funções parentais são desenvolvidas positivamente; até o extremo da posição carente, que se expressa numa relação paritária entre pais e filhos, que equivale ao não assumir da responsabilidade por parte dos pais, ou a uma relação de jerarquia invertida em que os filhos assumem a responsabilidade de cuidar os pais ou outros membros da família (Greco, 2006).

As **fronteiras familiares** dizem respeito à distância entre a pessoa e uma ou várias famílias, em termos de inclusão ou exclusão familiar. Evoca o tema da pertença, entendido como o reconhecimento daquilo de que se faz parte, que é um aspeto fundamental da identidade pessoal. Em casos de famílias complexas, como é o caso das famílias adotivas, de acolhimento, ou reconstituídas, os filhos podem introduzir dentro da categoria familiar

pessoas estranhas à família e podem estar a viver duplas ou triplas pertenças. Esta configuração específica é denominada de *metafamília* e compreende o núcleo originário da família e os novos núcleos criados posteriormente (Greco, 2006).

As fronteiras familiares podem ser ambíguas ou claras e a sua ambiguidade pode mostrar situações de *stress* ou bloqueios evolutivos. Também pode expressar sentimentos de confusão e insegurança perante um terreno familiar frágil e mal assentado (Greco, 2006).

As **fronteiras intrasistémicas** explicitam, porém, a distância que a pessoa sente relativamente às diversas famílias nucleares, dentro da família alargada, com as suas origens e estirpes diversas. É o que Cigoli (2000) chamou de *corpo familiar* e definiu como sendo um sistema formado pelos dois ramos familiares que estão sempre na origem de cada nova família.

Subjacente à complexidade destas fronteiras está, por um lado, o tema da diferenciação do novo núcleo familiar em relação às suas famílias de origem e, por outro, o tema da gestão da herança do património simbólico. O *continuum*, neste tipo de fronteiras, estaria marcado, num extremo, pela réplica determinista, em que a nova família está obrigada a reproduzir o que recebeu mecanicamente de uma das estirpes sem poder incorporar nada de novo; no outro extremo, pela ilusão da autogeração, que pretende projetar-se no futuro, na geração descendente, cortando com as origens, pensando que não precisa do passado. No ponto intermédio estaria o desenvolvimento funcional, que consiste num trabalho de renovação das origens, mantendo uma ligação com elas, mas sabendo também recriá-las (Greco, 2006).

A posição extrema da rutura com as origens tem o perigo de levar a família a uma situação de isolamento, excluindo os recursos, os valores e os mitos de que é portador o passado. Este isolamento é mais trágico para a geração mais nova, que sente perder todo o património simbólico da sua família e as bases para uma futura integração social (Greco, 2006).

Por último, estão as **fronteiras intersistémicas**, que regulam a distância entre a família nuclear ou alargada e os outros sistemas sociais. Aqui produz-se o encontro da família com o estranho, reconhecendo aquilo que é semelhante e diferente dela. Também está ligado a estas fronteiras o tema do berço cultural onde se encontra cada família e que marca, de formas muito diversas, a história e a rede social em que se movimenta (Greco, 2006).

A vinculação entre família e ambiente cultural e social é uma realidade que marca todo o ciclo de vida familiar, pela importância que tem a dialética interno/externo no processo de construção da identidade. Especialmente relevante é a capacidade que a família tem de abrir-

se a outras redes familiares e sociais para pedir ajuda quando precisa e para oferecê-la quando lhe é solicitada (Greco, 2006).

A família está comprometida em todo o seu ciclo de vida, num processo de redefinição das fronteiras, que se dilatam ou retraem em função dos eventos críticos vividos. A ambiguidade das fronteiras pode ser motivo de insegurança e confusão nas relações familiares, que podem tender a ser vividas como incertas (Greco & Comelli, 2008).

2.3.5. A relação com o ausente

As situações familiares complexas, que têm a sua origem em eventos críticos não normativos, estão frequentemente marcadas por experiências de perda. Esta perda pode ter acontecido no plano da realidade, como quando morre uma mãe ou se abandona o país, ou pode acontecer apenas no campo psicológico, como quando um casal estéril tem que assumir a ausência da fertilidade. Convém perceber como é a relação que a pessoa tem com o objeto ausente, que pode variar da lembrança ao lamento, da simbolização à negação ou ao evitamento. (Greco & Comelli, 2008).

O papel da ausência ou do negativo na experiência psicológica tem sido sublinhado particularmente pela psicanálise. Freud (1915/1989) afirma que uma certa quota de ausência é condição necessária para o desenvolvimento mental, já que as crianças, perante a falta do seio materno, o imaginam, sendo este processo a base do pensamento. Esta primeira imagem funciona como recordação ou desejo de uma presença, sempre com a esperança do retorno. Winnicott (1971) assumiu a visão de Freud, mas acrescentou que, quando há uma perda, é possível conservar a imagem do objeto perdido e elaborar o luto. Porém, se a ausência se prolonga até que se desvaneça a imagem, o objeto pode tornar-se mau por estar indisponível. Neste caso, o vazio pode tornar-se a única coisa real e a representação do vazio pode transformar-se no centro da vida psicológica, sendo que, nas situações mais graves, pode funcionar como um buraco negro que atrai e destrói o pensamento (Greco, 2006).

André Green (1993) utiliza a metáfora das mãos negativas para compreender melhor o conceito de ausência. Conta que um povo primitivo da Argentina desenhava mãos sobre as paredes das cavernas de duas formas: uma positiva, tingindo a mão com tinta e depois pousando-a na rocha; e outra negativa, apoiando a mão sobre a parede e pintando tudo à sua volta. Nesta última forma, o que aparece representado depois de afastar-se é o vazio da mão. Nesta perspetiva, a ausência é algo que, contrariamente ao que parece, continua a existir no mundo interno, mesmo quando não é percebida pelos sentidos (Greco, 2006). Também

Minuchin faz referência ao tema da ausência, mas usando uma imagem diferente: *famílias com um fantasma*. (Minuchin & Fishman, 1983).

Uma metáfora mais atual, para compreender a força da ausência, encontrá-la-emos na Zona Zero de Nova Iorque, uma área vazia e, ao mesmo tempo, cheia de densidade do que anteriormente existiu, do dramatismo da destruição das torres gêmeas e das interrogações colocadas ao nosso mundo ocidental (Greco, 2006).

Poder-se-ia dizer que, com este tema das ausências, completamos uma grelha de leitura sistémico-relacional, que nos permitirá compreender a família que será alvo do estudo de caso.

Apesar das diferenças, as três teorias apresentam-se muito relacionadas, estando associadas a uma evolução cronológica dos pressupostos da psicologia sistémica. As três teorias contemplam uma visão relacional e transgeracional, fazendo uso de metáforas, como as fronteiras; de instrumentos, como o genograma; e de chaves de leitura, como a triangulação.

O cruzamento da análise sobre as famílias multiproblemáticas, apresentada no primeiro capítulo, das três teorias expostas no segundo e de todos os paradigmas subjacentes a estas, permitir-nos-á uma investigação aprofundada da dinâmica e estrutura relacional de um sistema familiar concreto que denominámos *Família Retalhos*.

Todavia, antes de adentrar-nos no fascinante mundo relacional desta família, explicaremos, no próximo capítulo, qual foi a metodologia empregada para realizar a nossa pesquisa.

Capítulo 3 – MÉTODO

O nosso contributo enquadra-se dentro das investigações qualitativas e, mais especificamente, nos estudos de caso instrumentais com famílias. Apresentamos, a seguir, os objetivos, as diferentes opções metodológicas, os participantes, os instrumentos e os procedimentos que foram utilizados.

3.1. Problema, objetivos e temas da investigação

A pergunta que vai orientar o nosso trabalho poder-se-ia definir da seguinte maneira:

Como é a estrutura relacional desta família?

Por isso, o objetivo principal do estudo é investigar em profundidade a estrutura relacional de uma família multiproblemática. Quando aqui falamos de estrutura relacional estamos-nos a referir a uma série de dimensões que aparecem ligadas aos temas da investigação. Alguns autores defendem uma necessária definição de temas para orientar os estudos de caso instrumentais, e, assim, focalizar a atenção na complexidade e nos problemas que os participantes podem estar a viver, a partir dos pressupostos de referência (Stake, 1995/2010).

Ao longo de todo o processo de pesquisa, as perguntas e temas de investigação têm-se ido reformulando e adaptando à realidade concreta do caso em estudo. Esta característica processual na definição dos temas é inerente aos estudos de caso (Simons, 2009/2011).

Partimos de uma série de questões que integram os temas de investigação. Estes temas estão extraídos dos modelos de interpretação escolhidos para compreender a estrutura relacional das famílias. As nossas perguntas são:

Como tem sido o processo de *diferenciação* de cada um dos membros da família?

Existem, nesta família, possíveis *cortes emocionais* ou *fusões*?

Que tipo de *triangulação transgeracional* aparece entre os diferentes familiares?

Podemos falar de *transmissão* transgeracional dentro do sistema?

A *estrutura familiar* responde mais ao *emaranhamento* ou à *desagregação*?

Como são as *fronteiras* ou *limites* dos *subsistemas* familiares?

Verifica-se a *isolamento* e *desvinculação* em alguns dos membros da família?

Quais os *vínculos relacionais* mais significativos?

Poder-se-ia falar de *mitos*, *ritos* e *metáforas* familiares?

Quais são as diferentes *transições no ciclo de vida* que está a viver a família?

Que *eventos críticos não normativos* configuram esta família?

Como vivem a *dimensão temporal* na integração do passado, presente e futuro?
 Que *conflitos* está a viver atualmente a família?
 Como estão a viver as *pertenças e duplas pertenças*?
 Quais são os *papéis e funções* dentro do sistema familiar?
 Existe um predomínio da *ação* sobre a *linguagem*?
 Verificam-se os modelos de *pai periférico, mãe só e avó ausente*?
 Existem as estruturas de *casal instável e família petrificada*?
 De que *valores* se sente portadora esta família?
 Poder-se-á falar de *comunicação e organização caótica*?
 Como se equilibram o *polo ético* e o *polo afetivo*?
 O conceito de *família multiproblemática* adequa-se ao nosso caso?
 Com que *recursos e competências* conta a família?
 Produz-se uma *diluição* da família com os serviços sociais?
 Qual o papel do investigador como *observador participante*?
 Quais as *presenças e ausências* mais significativas e quais as suas consequências?
 De que forma vive a família a redefinição das diferentes *fronteiras*?

3.2. Desenho do Estudo

Para poder aprofundar as estruturas relacionais que vive uma família, fizemos uma escolha metodológica que nos permitisse olhar em profundidade e descrever uma realidade concreta e complexa. Neste sentido, optámos por um estudo de um caso único e instrumental, em que a família estudada pode representar as restantes famílias com que trabalhamos em contextos institucionais (Stake, 1995/2010). Passamos a descrever as características da investigação qualitativa, das chamadas *Family Research* e dos estudos de caso em geral.

3.2.1. Investigação qualitativa

A investigação qualitativa vai-se afirmando no campo das Ciências Sociais e da Psicologia, já que é particularmente útil para o estudo das relações sociais, dada a pluralidade dos universos de vida. Dispõe, hoje, de uma grande variedade de métodos, que devem estar enraizados na teoria e nos objetivos a estudar. Trabalha especialmente sobre textos, transcrições de entrevistas e registos de observações, mas também a partir de interpretações de material visual (Flick, 2002).

O paradigma positivista, em que se apoiam os estudos quantitativos, viveu, no século passado, uma profunda crise, já que, precisamente, uma das ciências mais empíricas, a física,

questionou alguns dos postulados do positivismo, ao reconhecer a *teoria da relatividade* e o *princípio de incerteza*, que colocam o observador como parte e modificador da realidade que pretende observar. Também a mecânica quântica elaborou constructos teóricos indisponíveis à observação sensorial (Cuevas Jiménez, 2002).

A investigação social empírica baseou-se, durante um longo período, neste mesmo paradigma, usando inquéritos padronizados, com o objetivo de documentar e analisar a frequência e distribuição dos fenómenos sociais na população, ainda que cada vez mais com menor profundidade, mais longe dos detalhes e da complexidade das experiências concretas. Este facto e a falta de aplicabilidade na vida real levaram a um desencanto em relação aos ideais da objetividade e a uma desmitificação do empirismo (Flick, 2002).

Pouco a pouco, ganhou espaço e reconhecimento a investigação qualitativa, designadamente dentro do campo da psicologia, com o desejo de estudar em profundidade e descrever a realidade psicológica do ser humano (Cuevas Jiménez, 2002).

A acelerada mudança social, e a conseqüente diversidade dos universos de vida, confrontam cada vez mais os cientistas com novos contextos sociais e novas perspetivas. Estas são, para eles, uma novidade tão grande que as metodologias dedutivas tradicionais fracassam na diferenciação dos assuntos. A investigação é, por isso, cada vez mais forçada a recorrer a estratégias indutivas (Flick, 2002).

Na investigação qualitativa, o objeto a estudar é o fator determinante na escolha do método e não o contrário. Adota métodos abertos que se ajustem à complexidade do objeto estudado (Flick, 2002). O objeto de estudo tem um caráter complexo e holístico, expressa-se de diferentes maneiras e não como um produto acabado e fora da história. O conhecimento é compreendido como uma aproximação externa ao objeto, que é vivo e está em movimento, e é perspetivado como uma construção de sínteses complexas que são irreduzíveis a somatórios de elementos simples (Cuevas Jiménez, 2002). O ponto de partida são os significados individuais e sociais do objeto e a evidência da diversidade das perspetivas sobre ele. Estuda as práticas e o saber dos participantes, aprofundando as suas experiências (Flick, 2002).

Ao contrário da investigação quantitativa, os métodos qualitativos encaram a interação do investigador com o campo e com os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz, assim, parte do processo de investigação (Flick, 2002). As reflexões do investigador sobre as suas ações e observações no terreno, as suas impressões, irritações, sentimentos, etc., constituem dados de pleno direito. O estudo não é

feito em condições artificiais, mas sim em contacto direto com os participantes, observando a forma como interagem no seu contexto natural (Johnson & Christensen, 2008).

Assim, a investigação qualitativa defende um papel ativo, construtivo e interpretativo do investigador, ao longo de todo o processo. Por isso, é necessário superar a suposta passividade do investigador e reconhecer que é um sujeito dinâmico, como o é também o próprio objeto de estudo. Isto implica uma comunicação e interação entre ambos, do princípio ao fim (Cuevas Jiménez, 2002).

3.2.2. Estudo de caso

A investigação qualitativa faz uso de uma grande variedade de abordagens e métodos de estudo (Flick, 2002). Nós escolhemos o estudo de caso, na medida que nos permite estudar em profundidade a estrutura relacional de uma família, descrevendo de forma exaustiva e desde múltiplas perspetivas a complexidade e unicidade dum sistema familiar concreto (Simons, 2009/2011).

O estudo de caso não é considerado, por alguns autores, como uma escolha metodológica, mas antes como uma escolha do objeto de estudo, sendo que este tipo de estudos utilizam vários métodos e perspetivas para a recolha dos dados, como a triangulação da informação, que permite aprofundar a descrição do fenómeno (Stake, 2005). Outros autores consideram que o estudo de caso é um tipo de enfoque, integrando, assim, a sua intenção de investigação e um propósito metodológico abrangente, que integra diferentes métodos de recolha de dados (Simons, 2009/2011).

Stake (1995/2010) define o estudo de caso como o estudo da singularidade e complexidade de um caso, pelo qual se chega a compreender a sua atividade em circunstâncias que são importantes. Resulta interessante a comparação feita por McDonal e Walker (1975) entre um estudo de caso e o trabalho realizado por um pintor. O pintor alcança a grandeza quando, através de um retrato único, fechado no tempo e no espaço, consegue transmitir verdades perduráveis sobre a condição humana. Os estudos de caso pretendem aprofundar a vivência de um indivíduo ou de um grupo, analisando as suas principais características, através da descrição holística, partindo de uma compreensão do sistema em estudo e da relação entre os diferentes membros (Johnson & Christensen, 2008). É um erro muito comum pensar que os estudos de caso são exclusivamente qualitativos, já que existem estudos de caso mistos ou que utilizam só métodos quantitativos para a recolha de dados (Simons, 2009/2011).

As diferentes definições de estudo de caso têm em comum o compromisso de estudar uma situação no seu contexto real e de interpretar a sua complexidade. Os estudos de caso são flexíveis e podem ser redigidos com uma linguagem acessível, incluindo metáforas, narrações, bandas desenhadas, filmes, teatro, poesia e documentários. Nos estudos de caso, frequentemente, os dados não estão estruturados e o objetivo é compreender o próprio caso e não generalizar a toda a população (Simons, 2009/2011). O estudo de caso torna-se, particularmente, a melhor opção quando as perguntas que se colocam partem do *como?* ou do *porquê?*, assim como quando o investigador tem pouco controlo sobre os acontecimentos ou quando a atenção se focaliza num fenómeno atual ou num contexto real (Yin, 1994/2009).

Nesta abordagem, o investigador é o instrumento principal de recolha de dados, sendo que os dados subjetivos são uma parte integral do caso e exigem um rigoroso exame de como os nossos valores e ações configuram a sua recolha e interpretação e de como nos afetam as pessoas e os acontecimentos (Simons, 2009/2011). Torna-se fundamental que o investigador reconheça também a tradição de que parte e os seus pressupostos teóricos (Stake, 1995/2010).

Existem diferentes tipos de estudo de caso. O estudo de caso *único*, que pode estudar uma pessoa, um grupo, uma instituição, etc., considerando-os, contudo, como uma unidade singular de investigação; o estudo de caso *coletivo*, que estuda vários casos para fazer uma interpretação coletiva de um tema ou pergunta (Simons, 2009/2011); o estudo de caso *intrínseco*, quando o caso se estuda pelo seu próprio interesse; e o estudo de caso *instrumental*, quando o caso é escolhido para estudar um tema ou uma pergunta proveniente doutros âmbitos (Stake, 1995/2010). Existem ainda outras classificações menos estendidas, como a de Merriam (1988), que divide os estudos de caso em *descritivos*, *interpretativos* e *avaliativos*.

A nossa investigação, em particular, enquadra-se dentro dos estudos de caso *únicos e instrumentais*, já que estudámos uma só família, como unidade global de análise, e partimos do pressuposto de querer conhecer a estrutura relacional de uma família desde um modelo teórico concreto. Alguns autores consideram que o facto de haver um único caso não impede a existência de inferências (Guerra, 2010).

Também poderíamos dizer que a nossa investigação se enquadra nos estudos *interpretativos* de Merriam (1988), já que não pretendemos apenas fazer uma simples descrição da estrutura relacional, mas interpretá-la à luz das teorias de referência. Em simultâneo, não desejámos avaliar o desempenho da família nem oferecer um relatório detalhado para uma posterior tomada de decisões institucionais.

Entre os possíveis defeitos e limitações dos estudos de caso podemos destacar o difícil processamento da grande quantidade de dados que se vai acumulando, assim como a criação de extensos e pormenorizados relatórios, que acabam por ser de difícil leitura e parecem mais interessados em convencer o leitor do que em mostrar a realidade. Um perigo dos estudos de caso pode ser o de realizar uma intervenção incontrolada na vida dos outros e o de ficar estagnado no tempo, quando a vida das pessoas está sempre em evolução (Simons, 2009/2011). O enquadramento global do nosso estudo pode ser observado na figura 3.1.



Figura 3.1. Desenho da investigação.

Os limites humanos que se colocaram neste caso estão representados pelos membros mais próximos da família,

pertencentes a três gerações diferentes. Também entram dentro do estudo uma psicóloga, que trabalha com a família, e os próprios investigadores. Os limites espaciais concentram-se em dois lugares de investigação: a instituição onde moram as crianças e a casa dos pais. O limite temporal está marcado por um período de dez meses de estudo, o que impossibilitou uma investigação de carácter mais longitudinal.

3.2.3. Family Research

Enquadrado o estudo nas metodologias qualitativas, surge a questão: quais as características que deve considerar uma investigação realizada com famílias? Nesse sentido, convém diferenciar duas modalidades possíveis de investigar as famílias: os chamados *family related study* e os *family research* (Manzi & Ranieri, 2001).

Os *family related study* são estudos que investigam as relações familiares de forma *débil*, já que partem do ponto de vista de uma única pessoa, sem ter em conta a dimensão interativa e relacional (Manzi & Ranieri, 2001). Para alguns autores, este tipo de investigação não pode ser chamado propriamente de familiar, porque não compreende o sistema familiar na sua globalidade (Olson, 1993).

Os *family research* são estudos que recolhem informação de vários membros da mesma família e os dados gerados refletem a dimensão relacional da mesma. Poder-se-ia dizer que este tipo de investigação estuda a família sob um ponto de vista *forte* e que são realmente investigações familiares (Manzi & Ranieri, 2001).

Nos estudos familiares são observados, em simultâneo, diferentes níveis: o individual, o diádico e o familiar. De facto, para se poderem analisar as relações familiares, é preciso ter informação de vários membros da família e realizar uma aproximação grupal que vá mais além da soma dos indivíduos (Lanz & Rosnati, 2002).

O nosso estudo enquadra-se nos designados *family research*, já que tem como objeto de estudo uma família como unidade inteira de análise e pretende aproximar-se da sua dimensão relacional. Recolhemos, portanto, dados de vários membros da mesma família, pertencentes a três gerações diferentes, e focalizámo-nos nas estruturas relacionais que existem dentro dela.

3.3. Participantes e contexto

A família que estudámos é formada por um casal, Cristina e Luís, de 33 e 39 anos, respetivamente, que tem quatro filhos: Marta, de 15 anos; Sílvia, de 13; Ana, de 8; e Luís, de 6. Os filhos foram acolhidos há dois anos num Lar de Crianças e Jovens. Também participaram na investigação o avô materno, Filipe, de 58 anos, e a Psicóloga que trabalha com as crianças e com a família na instituição. Passamos, agora, a descrever detalhadamente os diferentes participantes e o contexto onde foi realizada a investigação. Podemos observar o esquema dos participantes na figura 3.2.

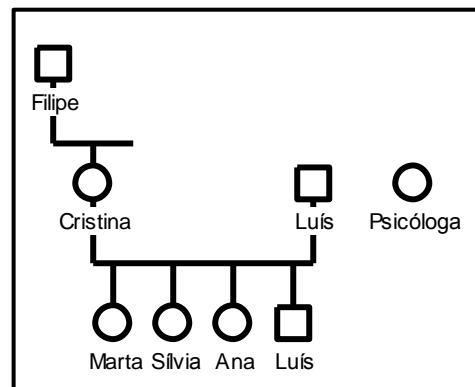


Figura 3.2. Participantes.

3.3.1. A família

O primeiro contacto que tivemos com esta família foi através da filha mais velha, **Marta**, com quem tivemos uma entrevista em outubro de 2011. Foram as técnicas da instituição que fizeram a seleção desta família, porque achavam que poderia colaborar e porque respondia ao perfil de complexidade e multiproblematicidade.

Marta é uma jovem de 15 anos tímida, mas, ao mesmo tempo, simpática e colaborante. Ela não conhece o pai biológico, que abandonou a mãe quando tinha só uns meses de vida. Desde então, a mãe vive com outro companheiro, **Luís Carlos**, que a Marta considera um padrasto, mas a quem, ultimamente, começa a chamar de pai.

A mãe, **Cristina**, teve depois outros quatro filhos com o companheiro: **Sílvia**, de 13 anos, **Ana** de 8, **Luís** de 6 e **Júlio** de 2. Este último foi retirado no momento do nascimento

para ser dado em adoção e os outros quatro vivem numa instituição de proteção de Crianças e Jovens, desde há dois anos.

Cristina e Luís moram juntos e pareceram-nos, no primeiro encontro, como duas pessoas um pouco descuidadas fisicamente e bastante limitadas nas suas expressões verbais. O casal passa do desemprego a trabalhos precários que não conseguem manter. Luís Carlos não reconheceu oficialmente a Marta como sua filha, mas considera-a como membro da família. O casal mantém contacto com o avô, **Filipe**, que é pai de Cristina, e com uma irmã dela chamada **Joana**. O avô Filipe é uma pessoa calma, que dá estabilidade à filha, mas que tem uma doença crónica nas pernas que o impede de trabalhar e de ter uma vida normal. Ele divorciou-se da sua mulher **Mariana Elena**, há muitos anos e os dois criaram novos relacionamentos.

Cristina tem duas irmãs e um irmão, com quem mantém diferentes relações. Com a **Cátia**, de 30 anos, tem uma relação um pouco conflituosa, sendo que a esta também foi retirada a única filha, tendo sido colocada numa família de acolhimento. Com o **Fernando** mantém uma boa relação, contudo, existe a dificuldade da distância, já que reside em França há quinze anos. Como dizíamos antes, uma das figuras de referência da família é a irmã mais nova, Joana, de 27 anos, e o seu namorado, que já é considerado como membro da família. A relação com a avó materna, Mariana, é quase nula, do mesmo modo que com os 4 irmãos do avô Filipe. O seu companheiro, Luís Carlos, tinha cinco irmãos, mas um deles morreu com 20 anos e os outros quatro estão casados e com filhos, mas não têm praticamente relação. Os avós paternos morreram há alguns anos e a família não mantém contacto com os tios e primos da linha paterna.

Os quatro filhos mais velhos foram retirados há dois anos para ser acolhidos num Lar de Crianças e Jovens noutra cidade, a uns 50 quilómetros de distância. Só depois de dois anos é que os filhos foram passar dois dias com os pais, porque a mãe o solicitou aos serviços sociais. Normalmente, o casal e os avós realizam visitas mensais na própria instituição, mas, ultimamente, tinham reduzido a frequência das mesmas. O filho mais novo, que nasceu há um ano e meio, também foi retirado, mas para ser dado em adoção a outra família, com a qual não têm qualquer tipo de contacto.

Em síntese, podemos dizer que esta família tem bastantes membros, mas que o casal reduziu as suas relações com a família alargada e com a de origem para ficar quase concentrado na família nuclear.

3.3.2. A psicóloga

A Doutora Florinda é psicóloga e, ao mesmo tempo, diretora do Lar de Crianças e Jovens. Ela trabalha na instituição há 12 anos e acompanha os diferentes processos de acolhimento e autonomia dos jovens. Conhece a família Pereira desde que os quatro filhos entraram no Lar, há dois anos, e acompanhou as diferentes mudanças e momentos críticos da família, sempre no espaço da instituição.

Florinda é uma mulher enérgica e está atenta aos diferentes acontecimentos que vão acompanhando a vida do Lar. Na entrevista realizada com ela parecia conhecer muitos dos pormenores da história da família Pereira e os problemas que passam atualmente. Ela mostrou-se sempre colaborante connosco para nos oferecer a informação solicitada e propiciar os encontros necessários com os diferentes membros da família.

3.3.3. O contexto

Um dos aspetos que salientam os psicólogos sistémicos é a importância de conhecer o contexto espacial, histórico, cultural e social, para compreender melhor as famílias com que se trabalha. É importante reconhecer o sistema familiar em relação aos outros sistemas circundantes (Jones, 2004).

A família Macedo Pereira vive numa casa simples de um andar, numa aldeia próxima de Viana do Castelo. A casa não conta com espaços exteriores nem com garagem. Uma pequena cozinha, três quartos, uma casa de banho e uma pequena sala com sofás, televisão e uma mesa, completam o espaço de vida deste casal. Podemos observar o esquema da casa na figura 3.3.

A casa não está muito desarrumada, mas produz uma sensação constrangedora no início, porque as mobílias estão excessivamente juntas, devido à falta de espaço. A família parece viver com poucos recursos económicos e numa situação de quase pobreza. Os quatro encontros com o casal e o avô realizados nesta casa decorreram sempre na sala, sentados à mesa que está encostada aos sofás.

Têm vizinhos de um lado e do outro da casa, mas vivem bastante isolados, sem manterem relações próximas. Neste momento, o casal vive sozinho, tendo uma cadela pequena, que ladra sempre que alguém se aproxima da porta.

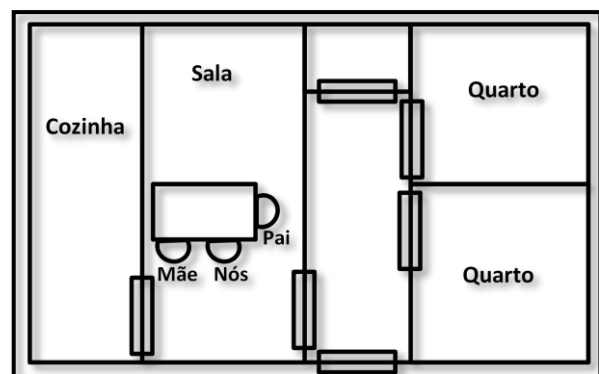


Figura 3.3. Plano da casa familiar.

A instituição onde moram os filhos tem diferentes valências e uma delas é o Lar, onde moram quinze crianças e jovens dos 4 aos 18 anos. No Lar trabalham 8 pessoas: dois técnicos e seis auxiliares educativos. A instituição está bem equipada e os espaços estão bem cuidados. No primeiro andar encontram-se as salas comuns de convívio, refeição e trabalho e no segundo andar encontram-se os quartos dos jovens partilhados entre duas ou três pessoas. No primeiro andar também existe uma sala ampla, que serve para receber as famílias. Tem mesas e cadeiras e uma porta com um vidro, que permite ver desde fora o interior da sala. Foi nesta sala que realizámos as entrevistas com a Marta e uma sessão conjunta com os quatro irmãos. A estrutura do primeiro andar do Lar aparece na figura 3.4.

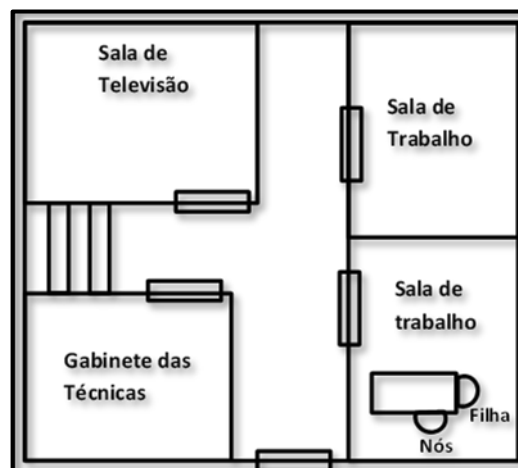


Figura 3.4. Plano da instituição.

3.4. Instrumentos

Os instrumentos mais usados para a recolha de dados, nos estudos de caso, são a entrevista, a observação e a consulta de documentos; mas existem muitos outros também de cariz qualitativo, como as cartas abertas, os relatos, a análise de vídeos, as fotografias e os diários; e outros ainda de cariz quantitativo, como os inquéritos de pequena escala, padrões de resultados de exames, questionários e estatísticas descritivas (Simons, 2009/2011).

Utilizaremos os três primeiros citados, mas também ampliaremos com outros dois de cariz mais projetivo, como são o *Genograma* e a *Dupla Lua*, que apresentaremos mais à frente em detalhe. Na tabela 3.1. podemos observar a relação entre objetivos, instrumentos e participantes, assim como o número de encontros que foram necessários para aplicar os diferentes instrumentos.

Objetivos	Instrumento	Participantes	Encontros
- Criar uma relação de confiança e conhecer a história e a dinâmica relacional da família.	Entrevista semiestruturada com diferentes membros da família	Filha	1
		Casal	1
- Criar uma relação de confiança e conhecer a história e a dinâmica relacional da família.	Entrevista semiestruturada com uma das técnicas da Instituição	Psicóloga	1
- Aprofundar na história e na qualidade das relações da família	Genograma com diferentes membros da família	Filha	1
- Conhecer a dinâmica inter-geracional e os triângulos relacionais		Casal	1
- Aprofundar nas fronteiras, pertenças e ausências dentro da família	A Dupla Lua com diferentes membros da família	Filhas	1
- Conhecer os polos de conflito familiares		Casal	1
- Criar uma relação de confiança e conhecer a história e a dinâmica relacional da família.	Entrevista semiestruturada e Genograma	Avô	1
- Devolver os resultados da investigação a todos os participantes	Entrevista informal	Filhos	1
		Casal	1
		Psicóloga	1
		Total	11

Tabela 3.1. Relação de objetivos, instrumentos, participantes e número de encontros.

Passamos, agora, a descrever os cinco instrumentos utilizados: a observação, as entrevistas semiestruturadas, a consulta de documentos, o Genograma e a *Dupla Lua*.

3.4.1. Observação e notas de campo

A observação tem uma longa tradição na investigação social e tem-se mostrado muito útil nos estudos de caso em que há que examinar atentamente diferentes situações específicas. A observação está presente em todo o processo da investigação, desde o primeiro contacto até ao final da investigação (Simons, 2009/2011), ajudando o investigador a compreender melhor o caso e a aproximar-se do significado dos dados qualitativos.

A observação é importante porque nos permite construir uma imagem completa do cenário, ao mesmo tempo que oferece muita informação descritiva. Também se torna indispensável nos casos em que os participantes apresentam dificuldades na comunicação verbal, como acontece com a família da nossa investigação (Simons, 2009/2011).

Durante a observação, ou imediatamente depois, o investigador regista os acontecimentos para oferecer, depois, uma descrição útil para a análise e descrição do relatório (Stake, 1995/2010). É fundamental, portanto, tomar notas desde o princípio do processo, ainda que não se consiga ver a sua utilidade no início. Esta informação fica recolhida nas notas de campo que o investigador realiza periodicamente. As notas de campo são o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa, refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo. Um aspeto facilitador das notas de campo é que elas não requerem tantas exigências como a generalidade dos textos escritos. Espera-se que as notas de campo fluam, saiam diretamente da cabeça e representem o estilo particular do investigador. O conteúdo das notas de campo deve incluir duas partes: uma mais descritiva e outra mais reflexiva (Bogdan & Biklen, 1991/1994).

Poder-se-ia dizer que a nossa observação é científica, porque teve uma natureza sistemática e um objetivo designado, e que é participante, direta e naturalista, já que, ao longo de todos os encontros, interagíamos com as pessoas e com o meio, sem estarmos limitados por desenhos ou objetivos predeterminados e observando as pessoas no seu contexto de vida quotidiano.

Antes de começar a observar, já tínhamos decidido que realizaríamos um registo de tipo descritivo, centrado no contexto, nos factos e na comunicação verbal e não-verbal dos participantes e, ao mesmo tempo, um registo das nossas impressões pessoais como investigadores, fruto da reflexão suscitada a partir do observado e da conexão com os outros instrumentos (Simons, 2009/2011). A grelha de observação pode-se encontrar no Apêndice A.

Após os diferentes encontros, escrevíamos logo que possível a informação mais relevante, dedicando, para registar as notas de campo, pelo menos o mesmo tempo que tínhamos dedicado aos encontros com os participantes (Flick, 2002).

3.4.2. Entrevistas semiestruturadas

A entrevista semiestruturada é um dos instrumentos privilegiados para realizar investigações qualitativas, é o meio singular para conhecer outras pessoas, para introduzir-nos nas suas experiências, sentimentos e opiniões, para conhecer o mundo onde vivem. As entrevistas podem produzir novo conhecimento na interação entre entrevistador e entrevistado. A aplicação sistemática das entrevistas na investigação qualitativa é relativamente nova, mas utiliza-se cada vez mais nas ciências sociais (Kvale, 2008/2011).

O entrevistador pode ser entendido a partir de duas metáforas: a do *mineiro* e a do *viajante*. O *mineiro* compreende o conhecimento como um metal precioso que tem que ser descoberto e desenterrado, este metal está num lugar concreto e não é contaminado pelo *mineiro*, só recolhido. Não obstante, na investigação qualitativa, o entrevistador é mais como um *viajante*, que depois de passar por diversos países, regressa a casa e conta o relato das suas aventuras. O *viajante* conversa com as pessoas que encontra, observa as paisagens, caminha ao lado dos habitantes locais, detém-se nas casas, escuta e regista as suas histórias (Kvale, 2008/ 2011).

A investigação com entrevistas qualitativas tem poucas normas estandardizadas ou convenções metodológicas comuns, já que dependerá muito do propósito e do tema da investigação (Kvale, 2008/2011). Nos estudos de caso qualitativos, as entrevistas são criadas a partir da realidade de cada um dos entrevistados e estão baseadas numa lista curta de perguntas orientadas pelos temas da investigação, pretendendo que a pessoa faça uma descrição detalhada da realidade em estudo (Stake, 1995/2010).

No nosso estudo, realizámos quatro entrevistas com diferentes membros do sistema familiar, para tentar compreender o mundo quotidiano, na perspetiva dos próprios sujeitos. Por isso, é fundamental que se aprofunde, simultaneamente, os fatos e os significados, que se descreva com a maior precisão possível o que as pessoas experienciam e sentem. Não se pode recolher só opiniões gerais, deve-se obter descrições específicas. Assim, o entrevistador deve *dirigir* a pessoa para certos temas, ainda que seja mediante perguntas abertas (Kvale, 2008/2011). Os guiões das entrevistas podem ser consultados nos Apêndices B, C, D e E. Nestes guiões constam vinte questões para cada um dos participantes, a partir dos

pressupostos teóricos já apresentados e de algumas perguntas da Entrevista Clínica Geracional (Cigoli & Tamanza, 2009).

Pedir a alguém que nos conte a sua vida é complexo, pela relação que se cria de confiança na desigualdade, e, especialmente, quando se trata de populações em situação de exclusão social, em que o entrevistador sente que nada tem a dar em troca de tanta disponibilidade e abertura. Por isso, é fundamental ter em conta os princípios éticos, como dar a informação correta, manter a confidencialidade, assegurar a neutralidade face a juízos de valor e revelar os resultados no fim do processo (Guerra, 2010).

3.4.3. Consulta de documentos

Na investigação com estudos de caso, a análise formal de documentos é, normalmente, menos utilizada que a entrevista ou a observação, mas pode sempre servir para enriquecer a descrição do contexto e contribuir para a análise dos temas (Simons, 2009/2011). Na consulta de documentos, podem ser encontrados dados relevantes para a investigação, devendo a consulta ser feita a partir de algumas perguntas ou temas que organizem a procura de informação, ainda que sempre com a mente aberta para integrar novas pistas inesperadas (Stake, 1995/2010). Estes documentos podem ser jornais, relatórios, cartas, folhetos, declarações, atas de reuniões, etc. O leque de possibilidades é enorme, por isso, é preciso uma criteriosa seleção e organização do material. Muitas vezes, os documentos servem como substitutos dos registos ou notas de campo pessoais de situações que o investigador não consegue observar diretamente (Stake, 1995/2010).

No nosso estudo utilizámos a consulta de documentos para completar e contrastar algumas das informações obtidas com outros instrumentos. O documento que usámos foi o *processo individual* de uma das filhas que se encontra na instituição, onde constavam registos dos encontros da família com os filhos, relatórios escolares e médicos, grelhas de avaliação de competências e fichas com os dados detalhados da família.

Para consultar este documento, tivemos de pedir autorização à direção da instituição e recolher algumas informações relevantes à mão, já que não foi permitida a reprodução através de fotocópias ou fotografias.

3.4.4. Genograma

O genograma é um diagrama das relações da família alargada, pelo menos de três gerações. Permite obter a descrição de cada pessoa a partir do desenvolvimento histórico da sua própria família (Andolfi, 2000/2003). Este instrumento põe em evidência, graficamente,

as informações da família, de maneira a oferecer uma visão rápida e de conjunto da complexidade familiar (McGoldrick & Gerson, 1985).

O pioneiro no uso deste instrumento no âmbito da terapia familiar foi Muray Bowen, com um estudo de árvores genealógicas de famílias que remontavam de cem a trezentos anos atrás. O autor identificou transmissões de características familiares que evidenciaram a importância deste modo de olhar sobre a família (Bowen, 1974/1998). Ainda que historicamente o genograma tenha sido um instrumento elaborado por terapeutas familiares, tem sido amplamente adotado por profissionais de diversas áreas, como medicina, psicologia, serviço social e enfermagem, retratando processos emocionais e relacionais dos membros das famílias (Nascimento, Rocha & Hayes, 2005). Muitos documentos históricos, como, por exemplo, as genealogias bíblicas, mostram o interesse que, desde sempre, houve em conhecer as origens familiares e em registrar a ligação com o passado e as próprias estirpes (Andolfi, 2000/2003). A imagem da árvore simboliza os vínculos com o passado, nas raízes, e com o futuro, nos rebentos. O tronco e os ramos representam a unidade dentro da pluralidade (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O genograma permite-nos compreender os laços principais da família, dentro dos diferentes planos geracionais, e salientar os eventos mais significativos que modificaram a configuração familiar ao longo dos anos (Andolfi, 2000/2003). O genograma inclui os nomes e idades de todos os membros da família, informações sobre a vida laboral e social e as datas e eventos significativos, como óbitos, casamentos, nascimentos, separações... (Andolfi, 2000/2003).

Para construir o genograma, seguem-se alguns critérios, como símbolos e linhas que representam os vários dados relatados (Andolfi, 2000/2003). Para facilitar a realização do genograma, criámos uma folha de instruções, que pode ser consultada no Apêndice F, com os símbolos mais convencionais e os requisitos para uma correta execução do mesmo.

A folha sobre a qual desenharemos o genograma deve ser dividida mentalmente em espaços diferentes, dividindo cada geração, sendo útil desenhar logo as fronteiras com linhas descontínuas. Isto permite colocar corretamente as diferentes pessoas no interior da geração à qual pertencem. Para indicar as pessoas, representaremos os homens com um quadrado e as mulheres com um círculo; dentro de cada um, colocaremos com um número a idade e, por baixo, escreveremos o nome. O número de dentro indica a idade em anos; se tivermos de indicar a idade de uma criança de poucos meses, marcaremos o número dos meses, seguido por um *m*. As pessoas estão ligadas entre elas por linhas que indicam os laços de parentesco, a relação de casal, a relação entre irmãos e a relação pais-filhos (Cardinali, 2003).

O genograma inicia-se partindo do *paciente*, ou seja, a pessoa para a qual é pedida a intervenção, que será representada sempre com um *. Quando representamos o casal, o homem está sempre colocado à esquerda e a mulher à direita; respeitar esta colocação permite apreender logo, com um olhar de conjunto, a posição na própria família de origem. Deve-se representar os filhos em ordem cronológica, colocando o mais velho à esquerda e o mais novo à direita, independentemente do género, isto porque na relação com os filhos e entre irmãos é muito significativa a ordem de nascimento. A família nuclear deve ser evidenciada em relação ao resto da família alargada (Cardinali, 2003).

No genograma indicamos também quem vive com quem; temos que o indicar com uma linha tracejada que compreenda no seu interior todas as pessoas que vivem no mesmo agregado. Ao lado do genograma *geral*, temos que pensar e desenhar, sucessivamente, genogramas *particulares*. Estes são como pontos do mapa onde as indicações são mais pormenorizadas, tendo em conta o conjunto. É preciso colocar sempre a data no genograma, indicando na margem o mês e o ano em que foi compilado. À medida que se vai usando este instrumento, encontramos a necessidade de introduzir novas informações (Cardinali, 2003).

Dentre as regras e indicações para construir um genograma suficientemente claro, importa atender ao facto de este ser uma representação gráfica, um desenho, pelo que se deve usar lápis e borracha, uma vez que há sempre novas informações para acrescentar, elementos para deslocar, espaços para recuperar, etc. O genograma lê-se de cima para abaixo e da esquerda para a direita, segundo as regras da escrita e de leitura na nossa cultura ocidental. Esta linha de leitura representa a dimensão temporal em relação à história da família. Não é preciso preocupar-se em construir logo um genograma completo, este precisa de ser pensado como um mapa que se tornará detalhado à medida que emergem as informações (Cardinali, 2003).

Uma representação gráfica é, seguramente, mais direta que uma página escrita. Como dizia Murray Bowen, o desenho da chuva assemelha-se mais à chuva que a palavra chuva (Cardinali, 2003). A estrutura do genograma permite ativar as lembranças, sendo que a observação do mundo relacional é muito rico, especialmente numa época histórica como a nossa, na qual recorreremos sempre a recursos virtuais e eletrónicos (Andolfi, 2000/2003). Neste sentido, iniciamos uma relação com a família através da cocriação duma nova trama narrativa e de uma nova realidade de significados, que não se observa apenas em palavras e análises textuais. Recorre ao suporte gráfico para promover uma modalidade centrada sobre a comunicação verbal das relações familiares, mas também sobre as metáforas e representações

da mesma, permitindo assim expressar e ter mais facilmente acesso a emoções, afetos e novos significados (Andolfi, 2000/2003).

Apesar de existirem autores que criticam o uso generalizado do genograma, por considerarem que ainda não se demonstrou cientificamente a sua utilidade, alguns estudos revelam que o genograma é um instrumento imprescindível para trabalhar com famílias, para conhecer o momento do ciclo vital em que a família se encontra, para estabelecer uma melhor relação com a pessoa portadora do problema e para detetar problemas psicossociais (Revilla, Fleitas, Prados, Ríos, Marcos & Bailón, 1998). Este instrumento tem sido utilizado frequentemente em pesquisas sobre famílias e tem sido difundido como um instrumento científico para recolha de dados, especificamente em investigações qualitativas com famílias, tendo-se mostrado adequado para a compreensão das diferentes transições do ciclo de vida da família (Wendt & Crepaldi, 2007).

Fazer um bom genograma significa construir um instrumento útil e estimulante para fazer um bom trabalho. Todavia, o seu proveito dependerá da forma como será utilizado e do sentido que o psicólogo será capaz de lhe dar (Cardinali, 2003). Para analisar o genograma, é preciso ter em conta uma série de elementos relevantes. O primeiro tem a ver com a **forma gráfica** do genograma, que inclui a posição dos diferentes membros, a ordem em que são colocados, o tamanho dos mesmos, a proximidade ou distância entre eles e os elementos ausentes (Malagoli Togliatti & Rocchietta Toffani 2010). A presença de ascendentes anteriores aos avós manifesta uma história familiar vivida como algo importante, uma transmissão de um bem valioso. Quando um casal começa por colocar o filho e indica que ele é a pessoa mais importante da sua vida, apercebemo-nos que esse casal rompeu com o passado, colocando na descendência toda a sua esperança (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O segundo elemento a ter em conta é o **nome** das pessoas, mais particularmente a transmissão dos mesmos de uma geração a outra, as repetições substitutivas em caso de mortes prematuras, o tipo de nomes (tradicional, modernos, portadores de alguma ideologia). A repetição do nome expressa, normalmente, o tipo de pertença que existe dentro da família. Também pode manifestar as regras internas da família, se foi uma decisão dos padrinhos, dos avós ou dos pais. Na cultura ocidental, normalmente, o filho primogénito assumia o nome do avô paterno para assim manter o apelido da família (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O terceiro elemento faz referência às diferentes **profissões** dos membros da família. A repetição duma profissão duma geração a outra pode expressar uma forte transmissão geracional e a mitificação de alguma figura familiar. Pelo contrário, a escolha de profissões totalmente opostas pode manifestar uma atitude reativa a uma transmissão excessivamente

pesada e rígida e pode ser vista pelos pais como uma traição. Com frequência, os homens pretendem que algum dos filhos continue a sua profissão, demonstrando quase uma necessidade de paternidade profissional além da biológica. (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O quarto elemento concentra-se nos **ritos e rituais** da família, que podem ser representados graficamente ou expressados verbalmente durante a realização do genograma. Algumas cerimónias ou encontros familiares são verdadeiros ritos que tendem a recrear e vivificar a unidade da família. Nas cerimónias familiares, o grupo reconstitui-se continuamente, as principais posições mantêm-se e os vivos assumem o posto dos mortos. Mas também existem pequenos ritos, como a forma de comer ou de ir dormir, que transmitem muita informação sobre a atmosfera coletiva da família (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O quinto elemento relaciona-se com o **léxico familiar**, isto é, com as expressões e palavras típicas de uma família, que têm para ela um significado especial. Às vezes, a própria família inventa novas palavras ou neologismos, quase como um código interno que assegura uma cumplicidade de grupo (Montàgano & Pazzagli, 1989).

O sexto elemento que pode ser analisado na realização do genograma faz referência à **casa**, aos espaços da família e à evolução dos mesmos ao longo dos anos. Por vezes, junto da casa está a rua, o bairro, a aldeia ou cidade, como lugares de referência que ajudam a compreender a história e a estrutura familiar. Também são significativos os objetos da casa com os quais as pessoas têm uma relação especial. Podem ser objetos próprios da mulher ou do homem, móveis ou pequenas joias, coleções familiares ou instrumentos musicais. Durante a realização do genograma todas estas imagens emergem de forma descontínua e representam fragmentos que o psicólogo deverá unir, encontrando um fio condutor e um sentido global (Montàgano & Pazzagli, 1989).

Por último, um dos elementos fundamentais para analisar o genograma são os **triângulos** relacionais. O conceito de triângulo, entendido como instrumento, permite descrever a natureza dinâmica das relações dentro do sistema emocional, com as suas tensões e equilíbrios (Bowen, 1974/1998). O modelo diádico resulta insuficiente, já que não reconhece o vasto sistema dentro do qual se desenvolve uma relação entre duas pessoas. O genograma é compreendido, nesta visão, como um mapa de triângulos transgeracionais, que criam uma espécie de esqueleto ou armação que facilita ao psicólogo a sua tarefa de captar nexos significativos nas relações (Andolfi, 2000/2003). Por exemplo, quando existe muita tensão num sistema, é frequente que duas pessoas se aliem com uma terceira para aliviar a tensão. Como investigadores, sentimos a necessidade de criar uma grelha de análise dos

genogramas a partir de toda a informação recolhida, podendo essa grelha e a bibliografia de referência ser consultada no Apêndice G.

3.4.5. *Dupla Lua*

O instrumento *La Doppia Luna* ou *Dupla Lua*, em português, foi criado pela psicóloga Ondina Greco, no ano 1999, no âmbito do trabalho clínico com famílias complexas e dentro do enfoque teórico relacional-simbólico (Scabini & Cigoli, 2000). O nome de *Dupla Lua* foi definido após a observação de um desenho realizado por uma criança, filho de pais separados, que representou os progenitores mediante dois semicírculos muito distantes entre si, com a forma de duas luas crescentes (Greco, 1999).

A *Dupla Lua* é um instrumento gráfico-projetivo que valoriza o trabalho simbólico e a atribuição de significados. Esta particularidade do instrumento possibilita um diálogo entre o administrador e as pessoas sobre aquilo que foi desenhado (Greco, 2006). A *Dupla Lua* insere-se na linha de reflexão aberta pelo instrumento *Family Life Space* (Mostwin, 1980), que permite projetar num desenho simbólico a representação familiar que tem a pessoa e refletir conjuntamente sobre o trabalho realizado. A *Dupla Lua* parte deste Instrumento, porém, faz emergir mais claramente o tema das raízes e das pertenças nas quais se apoia a identidade de cada membro da família. Também permite refletir sobre a dimensão temporal, olhando para o passado, e sobre as mudanças possíveis no futuro.

A *Dupla Lua* é um instrumento muito adequado para trabalhar com famílias que estejam a viver situações complexas e consegue adaptar-se melhor que o *Family Life Space*, quando há diferentes pertenças familiares (Greco, 1999). Este instrumento focaliza-se na dimensão das representações individuais, nas interações familiares, nas dinâmicas relacionais e no plano simbólico. Observando as ações recíprocas que se produzem no presente, as vivências entre gerações, o acolhimento da diferença do outro e os significados ligados ao património narrativo da família (Cigoli, 1992).

A *Dupla Lua* parte do conceito de ciclo vida familiar e das tarefas desenvolvimentais que acompanham cada transição (Scabini & Iafrate, 2003), numa contínua redefinição das fronteiras familiares.

Este instrumento é construído a partir de material simples e de fácil utilização, incluindo seis instruções sequenciais que orientam a pessoa no processo de representação gráfica. Para a aplicação, é necessário um quadro com giz de cores ou uma folha A4 em branco, com um retângulo pré-desenhado de 14 x 22, e marcadores. Os limites da folha

representam um retângulo mais amplo e, no caso de utilizar um quadro de parede, será obrigatório desenhar também o retângulo maior. Podemos encontrar as instruções e a folha base do instrumento nos Apêndices H e I.

Deve ser aplicado num lugar tranquilo, com iluminação adequada, sem ruídos. Se o desenho é realizado simultaneamente por várias pessoas da família, é importante que todos estejam sentados na mesma posição face à folha de desenho. É aconselhável que a sessão seja gravada ou em áudio ou em vídeo, para posterior análise da linguagem verbal e não-verbal. Tanto na realização individual, como na realização conjunta, para melhor reconhecer a sequência dos elementos desenhados, o administrador regista a ordem na qual foram assinalados.

Para uma correta aplicação, é fundamental a criação prévia duma relação de confiança e empatia, de maneira a que a pessoa se sinta acolhida e disposta a exprimir as suas representações familiares. É muito importante neste instrumento refletir sobre o tema das ausências, os elementos que faltam. Por isso, é indispensável colocar a instrução quatro, mas adequando-a sempre à pessoa. Será o psicólogo, com a sua sensibilidade clínica, a encontrar a formulação mais adequada. Perante a intensidade das emoções presentes, relacionadas com o elemento ausente, poderá ser menos intrusivo alterar a ordem das instruções quatro e cinco ou poder decidir não utilizar a instrução quatro.

Este instrumento está especialmente orientado para o trabalho clínico com famílias complexas, isto é, famílias reconstituídas, adotivas, de acolhimento, separadas ou divorciadas, famílias em que algum dos membros morreu ou emigrou e famílias que recorreram à fecundação assistida heteróloga (Greco, 2006). Como a família com a qual realizámos este estudo de caso se enquadra nas famílias complexas, considerámos o instrumento a *Dupla Lua* como uma ferramenta muito útil para nos ajudar a compreender a estrutura relacional e o mundo representacional deste sistema concreto.

Do mesmo modo, é muito apropriado para casos em que a pessoa sente pertencer em simultâneo a dois ou mais contextos familiares e, portanto, vive um possível *conflito de pertença*. Este conflito pode ser vivido no plano concreto, como no caso do divórcio, ou no plano simbólico, quando um dos polos do conflito não está presente, como no caso da adoção ou abandono precoce de um dos progenitores (Greco, 1999).

Nas famílias complexas, é necessário um trabalho psicológico relativo aos limites e pertenças familiares, ligadas ao elemento ausente e à sua presença simbólica, que pode revestir a forma de um *buraco negro*, que acaba por destruir o que para si atrai. A representação do vazio, gerado pela ausência, pode tornar-se o centro da vida psicológica da

pessoa, no desejo e na nostalgia de uma presença real (Greco, 2006). Os membros ausentes, neste tipo de famílias, podem criar nos restantes elementos um *conflito de lealdade*, frente a diferentes polos de pertença. O termo *lealdade*, sublinha a força da união que a nível ético se desenvolve na pessoa, em resposta às relações primárias, e que tem por horizonte a história multi-geracional da família (Boszormenyi Nagy & Spark, 1973). Desta forma, quando falamos de *conflito de lealdade*, referimo-nos a um conflito intra-psíquico, que se produz nas instâncias do sujeito e não na qualidade das relações mais ou menos positivas entre cada elemento da família (Freud, 1915/1989). A partir do material proporcionado pela autora, e depois de um trabalho em equipa na Universidade, criámos uma grelha de análise, que permite realizar mais facilmente um exame sequenciado e objetivo da informação recolhida (Greco & Comelli, 2008). A grelha de análise pode ser consultada no Apêndice J.

A *Dupla Lua* pode ser aplicada de diversas formas: individualmente, em conjunto, em paralelo, repetida no tempo e de forma atribuída. No nosso estudo, realizámos duas aplicações em paralelo, com dois membros ao mesmo tempo, mas cada um realizando o seu desenho individualmente. Primeiramente, o casal e, depois, duas das filhas. Esta opção foi mais circunstancial do que teórica, já que não tivemos a oportunidade de realizar a *Dupla Lua* com cada uma das quatro pessoas em sessões individuais.

3.5. Procedimentos

Para orientar o procedimento a seguir durante toda a investigação, orientámo-nos pelas fases que Larsen e Olson (1990) propõem para fazer estudos familiares. Eles referem um ciclo de investigação composto por sete fases: a definição da pergunta inicial, as teorias de referência, os temas e a operacionalização dos mesmos, o método de investigação, a definição dos participantes, a análise dos dados e a interpretação dos resultados. A última fase está unida à primeira, produzindo-se o sentido circular de investigação. No nosso caso, este sentido circular foi uma realidade, já que, desde o início do processo, avançámos e retrocedemos para definir os limites nos quais poderíamos ir encaixando o estudo que queríamos realizar e para poder compreender melhor a informação que progressivamente foi aparecendo.

Também nos orientaram as indicações de Simons (2009/2011) e Stake (1995/2010) sobre o desenho de estudo de casos. Apesar da flexibilidade necessária nos estudos de caso eminentemente qualitativos, são necessárias linhas que orientem o trabalho a realizar.

3.5.1. Atuações preliminares

O primeiro momento da investigação remonta a março de 2010, quando surgiu em nós uma pergunta aliada a uma necessidade. Queríamos conhecer em profundidade a complexidade relacional que vivem as famílias chamadas multiproblemáticas (Cancrini, De Gregorio & Nocerino, 1997). Essa pergunta inicial tem permanecido ao longo dos meses, apesar de sofrer algumas modificações. No trabalho atual, não queremos centrar o debate na problematidade destas famílias, mas aprofundar a dimensão relacional.

Desde o primeiro momento, sentimos que queríamos apoiar-nos nos fundamentos teóricos do paradigma relacional-simbólico (Scabini & Cigoli, 2000) e em alguns dos autores sistêmicos que tinham orientado a nossa formação, como são Murray Bowen, Salvador Minuchin, Ondina Greco e Maurizio Andolfi. Sentimos a necessidade de realizar uma investigação de cariz qualitativo, centrada numa família só. Isto conduziu à escolha do estudo de caso instrumental como o melhor método de aprofundamento de uma realidade simultaneamente concreta e complexa.

Para poder realizar um estudo de caso único, precisávamos de diversificar os instrumentos de recolha de dados e que estes fossem coerentes com o modelo teórico de referência. Por isso, optámos pela observação participante, pela consulta de documentos, pelas entrevistas semiestruturadas, e pelos instrumentos *Genograma* (McGoldrick & Gerson, 1985) e *A Dupla Lua* (Greco, 1999).

Depois de apresentar o projeto de investigação, em dezembro de 2010, e de este ser aceite pela Universidade, começámos por tentar validar o instrumento *A Dupla Lua*. No processo de tradução, tomámos consciência da magnitude do projeto e, durante quatro meses, centrámos o nosso trabalho na adaptação do instrumento para a população portuguesa. Após o reconhecimento das dificuldades e exigências que tinha um trabalho de validação de um instrumento, optámos por retomar o projeto inicial e utilizar a *Dupla Lua* como instrumento traduzido e adaptado, mas ainda não validado. Uma vez retomada a investigação sobre a estrutura relacional de uma família, passámos a escolher os temas de investigação e a definir os participantes.

Dedicámos bastante tempo a fundamentar toda a metodologia, para assegurar a correta conexão entre todos os elementos e fases da investigação. Nesta primeira fase, também preparámos o pedido de colaboração para apresentar na instituição onde moram as crianças, o consentimento informado para cada um dos participantes e o questionário sociodemográfico para coletar a informação necessária dos participantes. Estes documentos podem ser consultados nos Apêndices K, L, e M.

3.5.2. Primeiros contactos

Como o nosso trabalho quotidiano se desenvolve num Lar de Infância e Juventude, pensámos aproveitar essa proximidade para ter acesso a alguma das famílias dos jovens da instituição, mas foi-nos sugerido pela supervisora que realizássemos a investigação com uma família de outra instituição para, assim, poder salvaguardar a objetividade necessária. Por isso, entrámos em contacto com outro Lar, fizemos as diligências pertinentes e a seleção de uma família conjuntamente com as técnicas do Lar.

No mês de outubro de 2011, começámos por entrevistar uma das filhas. Depois, pretendíamos entrevistar os pais, mas a suposta visita dos fins de semana, nunca se concretizava e optámos por ir diretamente ao encontro deles, no seu ambiente natural, em sua casa. Contactámos telefonicamente a família e aceitaram o desafio. Entre dezembro de 2011 e janeiro de 2012 realizámos o resto das entrevistas e aplicámos os diferentes instrumentos com as crianças, com a psicóloga da instituição e, na casa familiar, com o casal e com o avô materno. Como tivemos grandes dificuldades em conseguir a comparência da família o trabalho atrasou-se alguns meses.

3.5.3. Decorrer dos encontros

Realizámos onze encontros com os diferentes membros do sistema familiar: oito para fazer a recolha de dados e três, no fim do processo, para revelar os resultados da investigação aos participantes. Depois de observar cada sessão com a família, escrevíamos os aspetos mais significativos nas notas de campo, que podemos encontrar sinteticamente recolhidas no Apêndice N. Passamos, agora, a relatar sucintamente o desenvolvimento dos onze encontros.

No **primeiro** encontro com a Marta, realizado em outubro de 2011 no Lar de Crianças e Jovens, implementámos a primeira entrevista semiestruturada. Nas quatro entrevistas da investigação, seguimos os guiões, mas também acrescentámos no momento algumas *segundas perguntas* (Kvale, 2008/2011) que considerámos adequadas. As quatro foram gravadas em áudio e transcritas posteriormente.

Quando chegámos, ela já estava à nossa espera, parecia expectante mas bastante calma e à vontade. Foi importante ter criado, desde o primeiro momento, uma relação de empatia, mantendo uma postura calma e acolhedora, fazendo uso de certo humor e de perguntas iniciais informais. Reconhecer as nossas limitações linguísticas mostrou-se uma ferramenta útil para romper com certas barreiras e colocar a outra pessoa mais à vontade. No final do encontro, sentimos que foi positivo para ela ter desabafado connosco, especialmente o ter falado das suas origens diversas e do seu irmão adotado.

O **segundo** encontro com a Marta foi realizado no mês de novembro. O trabalho centrou-se na realização do genograma e no diálogo, a partir da informação que ela oferecia. Foi um bocado confuso apresentar toda a folha de instruções de uma vez, teria sido melhor começar pelos símbolos mais básicos. Apareceram, nesta sessão, narrações e reflexões relacionadas com as suas origens e com as ausências e conflitos familiares que experimenta. O genograma revelou-se um instrumento muito apropriado para trabalhar com este tipo de famílias, já que todos os instrumentos que se apoiem no suporte gráfico tornam a comunicação mais indireta e fácil de aceitar. A própria Marta reconheceu no fim do encontro que “foi bom para perceber as pessoas que gostam de mim e de quem eu gosto”.

No **terceiro** encontro, realizado no início do mês de dezembro, fizemos a entrevista semiestruturada com o casal. O encontro aconteceu no lar familiar e, apesar de terem aceitado participar na investigação, os primeiros momentos foram um pouco tensos. Estavam bastante na defensiva e não queriam abrir-se nas respostas, o que foi mudando progressivamente. Pensámos que o humor e a simplicidade ajudaram. O Luís parecia querer fugir, dando a entender que queria que aquilo acabasse o quanto antes. A Cristina estava vestida com um fato de treino e o Luís com um casaco de couro, parecendo que tinham acabado de acordar. Na entrada da casa, tinham um aparador onde estavam duas fotos das filhas: Sílvia e Marta. A casa estava fria e na sala havia uma certa desarrumação. Pensámos que o facto de estarem os dois juntos ajudou a perceber melhor a relação entre ambos, que parece fria e distante, mas também condicionou a participação mais ativa da Cristina.

O **quarto** encontro foi realizado no fim do mesmo mês, de novo com o casal em sua casa. Contudo, desta vez, realizou-se o genograma. Sentiram-se mais à vontade connosco, mas a tarefa resultou difícil para eles e tivemos que ser nós a realizar o genograma de forma dialogada. Os dois tinham realmente dificuldades em explicar quem eram os membros da sua família e falavam deles quase como desconhecidos.

O **quinto** encontro foi realizado no Lar de Crianças e Jovens com os quatro filhos, também no mês de dezembro. Quando chegámos à instituição, o Luís ficou com receio de estar connosco, começou a chorar e, só depois de ver as suas irmãs mais velhas, é que se sentiu mais à vontade. A Ana só apareceu no meio da sessão, porque estava noutra atividade. O encontro foi dividido em duas partes: uma primeira, de interação livre com as crianças, em que se usaram dois instrumentos, o desenho da árvore (Masuello, 1998) e o *Sceno-Test* (Von Staabs, 1991); a segunda parte consistiu na realização da *Dupla Lua* com a Marta e a Sílvia, na presença dos outros dois irmãos, o que não se revelou muito positivo, já que teria sido mais produtiva uma aplicação individualizada. O trabalho com bonecos e material lúdico mostrou-

se apropriado para interagir com crianças e levantar, de forma projetiva, dimensões inconscientes. Sentimos que esta família precisa de narrar a sua própria história, de falar de temas tabus e tentar dar sentido aos problemas que têm acontecido nas suas vidas.

O **sexto** encontro deu-se em janeiro com o casal, de novo em sua casa, para realizar a *Dupla Lua* e fazer algumas perguntas a partir dumas fotos que tinham das filhas. Quando chegámos, eles estavam à porta a esperar. Ela pareceu-nos, como sempre, um pouco descuidada. A casa estava fria e desarrumada, como das outras vezes, e, quando perguntámos pelas fotos, quase que não sabiam onde estavam. Eles contaram que os filhos foram no Natal, mas que saíam muito de casa e que os pequenos desorganizaram tudo. Na aplicação da *Dupla Lua*, conseguimos que cada um realizasse o seu desenho, apesar das dificuldades que manifestavam. Foi muito interessante e útil para perceber a estrutura relacional da família.

O **sétimo** encontro consistiu na entrevista realizada no mês de janeiro com a psicóloga Florinda, que é também a diretora do Lar de Crianças e Jovens onde moram os filhos. Quando chegámos, ela já estava à nossa espera na sala. A impressão geral que tivemos foi que ela conhecia bastantes pormenores da vida deles, até alguns elementos do carácter e dificuldades dos meninos e dos pais, mas sentimos que havia algum desconhecimento das expectativas e recursos que a família tinha. Ao longo da investigação, disponibilizou-nos os recursos da instituição, facilitou o nosso trabalho, deu-nos o número de telefone da família e deixou-nos fazer, nesse mesmo dia, a consulta de documentos. O único documento que consultámos foi um dos dossiês do Lar, tendo sido analisado, concretamente, o processo individual da filha mais pequena, Ana Luísa Pereira. A consulta deste documento serviu-nos para verificar algumas das informações que já tínhamos sobre a família, especialmente algumas datas, idades e nomes que tinham ficado confusos no preenchimento do questionário sociodemográfico. Também nos facultou informação detalhada sobre o desenvolvimento e os problemas de aprendizagem da Ana, devido a um défice auditivo na primeira infância, o que leva a que, na escola, lhe sejam aplicadas medidas de educação especial e tenha apoio suplementar da terapia da fala.

No **oitavo** encontro, entrevistamos o avô materno, Filipe, em casa do casal, com a presença permanente da sua filha Cristina e com o aparecimento esporádico do genro Luís. O encontro foi realizado também no mês de janeiro e teve duas partes diferenciadas, já que aproveitámos para implementar na mesma sessão a entrevista semiestruturada e o genograma. Quando chegámos, já estava o avô com o pai à porta de casa à nossa espera. O Filipe pareceu-nos alguém com mais capacidades cognitivas que os pais e numa fase da vida em que começa a valorizar mais as relações familiares. Parece que a visita dos netos no Natal mexeu muito

com ele, quase começou a chorar quando falámos desse tema. Na realização do genograma, podemos destacar que foram os dois a falar e complementaram-se nas perguntas. Chamou-nos a atenção as dúvidas que eles têm dos nomes e, especialmente, das idades dos filhos. Este, que seria o último encontro com a família, deixou-nos com a impressão de que não poderíamos terminar assim. Sentimos a necessidade de, depois de terminada a dissertação, devolvermos os resultados e ter um pequeno gesto de agradecimento e de encerramento.

O **nono** encontro foi realizado no mês de julho, com os quatro filhos, na instituição onde vivem. Por coincidência, era o aniversário da Ana e levámos uns bombons para oferecer, na despedida. Durante quinze minutos, reunimo-nos com as duas filhas mais velhas para lhes falar dos resultados da investigação, tentando sempre ajudá-las e abrindo espaços de esperança. Depois, estivemos a brincar no jardim e aproveitámos para fotografar os quatro filhos, para entregar posteriormente a fotografia aos pais. Os dois mais pequenos abraçaram-se a nós quando entrámos pela porta e ficámos emocionados e com muitas questões sobre o tipo de relação que tínhamos criado e os limites das investigações qualitativas com observação participante.

O **décimo** encontro foi realizado na casa da família, com o Luís, também no mês de julho. A sua mulher não podia estar presente porque estava a fazer um curso profissional. Ele ficou muito contente quando nos viu e explicou que tinha estado a trabalhar em vários lugares, mas ainda não encontrara nada estável. Também comentou que tinha que ir aos correios para receber uma carta que, possivelmente, era do tribunal. Entregámos a foto com os quatro filhos, já que não tinham nenhuma e achámos que poderia ser um elemento simbólico de presença e união. Agradecemos a sua participação e comentámos, de forma muito simples, alguns dos aspetos salientes da investigação. Ficámos surpreendidos quando, no mesmo dia, nos ligou para o telemóvel para nos informar de que a carta era para autorizar que os filhos fossem uns dias a casa em agosto. Estava feliz e agradecia, como se nós fôssemos a causa da mudança.

O **décimo primeiro** encontro foi realizado com a psicóloga da instituição para devolver-lhe os dados e, assim, fazer o processo de *validação por respondente*, como nos dois casos anteriores. Todavia, desta vez, com muita mais calma e pormenor na apresentação dos resultados obtidos na nossa investigação.

3.5.4. Análise dos dados

No caso das **entrevistas**, começámos por fazer a transcrição e, depois, passámos para a análise e tratamento dos dados. A análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos de

análise do material escrito, independentemente da sua origem. Um dos seus traços essenciais é a utilização de categorias, e, contrariamente a outras abordagens, o seu objetivo é a redução do material recolhido, de forma a produzir um esquema de inteligibilidade (Flick, 2002). Nesse sentido optámos por uma análise de conteúdo específica, que parte das problemáticas e, a partir delas, faz emergir, no cruzamento das quatro entrevistas, as categorias ou temas principais, sempre em relação com os temas abordados na fundamentação teórica (Guerra, 2010). Assim, inicialmente, começámos por fazer uma *leitura flutuante* da informação, para a procura de significados. Realizámos uma análise semântica do conteúdo da informação, elaborando unidades de significado, e comparámos as quatro entrevistas, para ver a ligação dos temas entre elas.

Para analisar o **genograma**², tivemos que realizar bastantes leituras sobre o tema, porque não encontrámos um modelo de análise estruturado. Assim, criámos a nossa própria grelha de análise, baseando-nos, especialmente, em três trabalhos (Cardinali, 2003; Montàgano & Pazzagli, 1989 e Went & Crepaldi, 2007). Sentimos necessidade de uma grelha de leitura, porque os genogramas foram analisados por três investigadores diferentes que deveriam procurar um consenso e, para isso, precisávamos de um modelo comum de referência. A grelha está dividida em cinco partes: análise global, de conteúdo gráfico, de conteúdo verbal, do nível interativo emotivo e uma síntese dos resultados. Esta grelha foi comparada com as de outros investigadores e aplicada a quatro pessoas, antes da versão definitiva. Apesar destes cuidados, sentimos que é um instrumento muito incipiente e que precisará de muitas revisões e melhorias. O único genograma que foi possível analisar completamente foi o da Marta, porque foi ela mesma a realizá-lo. Como o genograma do casal foi realizado por nós, todos os elementos gráfico-projetivos ficaram anulados.

Para analisar a **Dupla Lua**, tínhamos realizado uma grelha de análise, na primeira fase da investigação, em conjunto com outra colega da Universidade. Este trabalho foi coordenado pelas supervisoras do Mestrado e, desde Itália, pela própria autora do instrumento *La Doppia Luna*. Partimos de alguns indicadores criados pela autora e estruturámos a informação em tabelas, com espaços para preencher. Fizemos um processo de tradução e retroversão para adaptar o texto à população portuguesa. A grelha foi utilizada num processo experimental com dez pessoas e foi submetida a cinco revisões sucessivas por diferentes investigadores. Como no caso dos genogramas, a análise das quatro aplicações das *Duplas Luas* foi realizada

² Para poder desenhar os genogramas no computador efetuámos a compra do programa *Genopro*.

por três investigadores diferentes, a partir do desenho gráfico e da audição das gravações das diferentes sessões.

A análise das **notas de campo** e da **consulta de documentos** foi realizada a partir dos temas já evidenciados nas entrevistas, numa análise de conteúdo semântica simplificada.

Depois de realizada a análise conjunta dos diferentes instrumentos, passámos a estruturar e escrever os resultados principais de cada instrumento no corpo do texto e, seguidamente, a pensar nos temas que iriam vertebrar a discussão dos mesmos.

Os últimos meses de trabalho foram vividos em forma de espiral, quer dizer, com a sensação de estar a dar voltas sobre os mesmos aspetos, com a sensação de não avançar. Contudo, pouco a pouco, fomos sentindo que nos íamos aproximando do centro da espiral.

A preocupação pela redação do relatório final, que tanto inquieta os investigadores qualitativos, esteve presente ao longo de todo o processo de investigação e, num dado momento, decidimos apresentar a discussão dos resultados de forma narrativa, aproveitando a metáfora do viajante que utiliza Kvale (2008/2011).

Fomos criando paulatinamente a introdução e a conclusão, enquanto apareciam elementos que achávamos importantes e que deveriam ficar registados no trabalho. Deixámos para o fim do processo a estruturação das figuras e dos apêndices, assim como a criação do resumo e dos índices. Para a revisão do português, pedimos ajuda a uma professora de língua portuguesa e, para a revisão formal, seguimos as normas da sexta edição traduzida do espanhol do manual de publicações da APA (Viveros, 2010) e outros manuais portugueses de criação de teses e relatórios (Azevedo, 2009; Fernandes & Almeida, 2001).

3.5.5. Validação

A validade e a credibilidade têm a ver com a forma como garantimos que o nosso trabalho merece o reconhecimento da comunidade investigadora. Para ser credível, é fundamental apresentar com exatidão a situação e oferecer informação relevante e verídica. Também é preciso autenticidade, isto é, respeitar a opinião dos participantes e trata-la de forma imparcial (Simons, 2009/2011).

As duas estratégias principais para a validação nas investigações qualitativas com estudos de caso são a *triangulação* e a *validação por respondente ou revisão dos interessados*. A triangulação consiste em ver a realidade de diferentes ângulos, como no campo da topografia, em que são precisos três pontos para determinar uma posição. Nos estudos qualitativos referem-se quatro tipos de triangulação: de dados, de investigadores, de

teorias e de metodologias (Simons, 2009/2011). No nosso estudo temos utilizado os quatro tipos de **triangulação** que aparecem na figura 3.5.

A triangulação de teorias foi realizada a partir dos três modelos de análise teóricos diferentes, mas também complementares, que apresentámos no segundo capítulo e que podem ser relacionados com os capítulos dos resultados e da discussão dos mesmos.

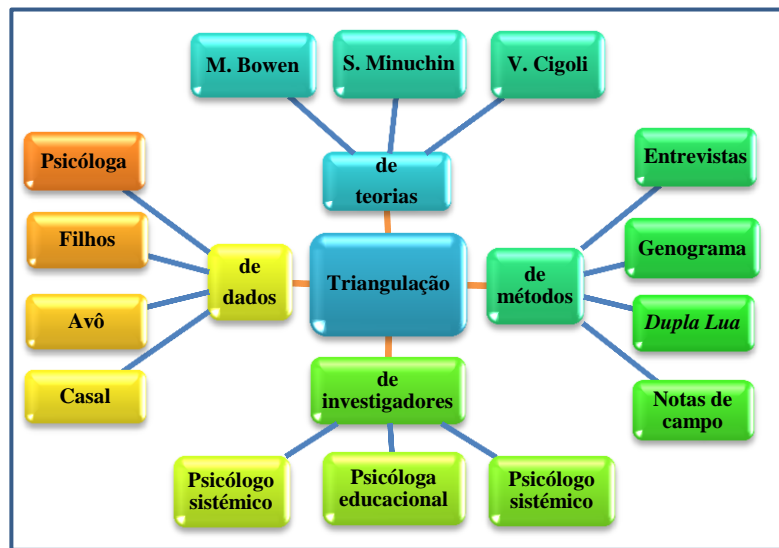


Figura 3.5. Os quatro tipos de triangulação utilizados.

A triangulação de investigadores realizou-se,

como já explicámos anteriormente, na análise do genograma e da *Dupla Lua*. Três investigadores diferentes, com grelhas separadas, fizeram as análises de dois instrumentos e, no final, criaram um encontro de discussão, gravado em áudio, semelhante a um *focus grupo*, para chegar a um consenso na definição dos elementos mais salientes das análises efetuadas.

A triangulação de dados foi beneficiada pela diversidade de participantes na investigação. O facto de se utilizarem os mesmos instrumentos com seis membros diferentes do sistema familiar (o avô, o pai, a mãe, as filhas e a psicóloga que trabalha com a família) fez com que conseguíssemos uma pluralidade de dados suficientes para comparar, confrontar e interligar toda a informação que emergiu.

A triangulação de metodologia foi assegurada pela presença de cinco instrumentos diferentes na recolha dos dados e pelos diversos métodos de análise utilizados. A observação, a consulta de documentos, as entrevistas semiestruturadas, os genogramas e a *Dupla Lua*.

A outra estratégia é a **validação por respondente** ou também a chamada **revisão dos interessados**, que significa que o investigador deve analisar com os participantes a exatidão, a adequação e a imparcialidade das observações, representações e interpretações da experiência (Simons, 2009/2011). Os resultados da investigação foram apresentados em três encontros diferentes aos filhos, ao pai e à psicóloga. Também foi entregue a dissertação, para ser corrigida, aos três investigadores que colaboraram na análise dos instrumentos e à supervisora do Mestrado. A validação por respondente tem de se produzir em várias fases ao longo da

investigação, mas, no nosso caso, reduziu-se a uma única fase, no fim do processo, pelo que devemos considerá-lo como um défice da presente investigação.

3.5.6. Deontologia

Depois de dois anos de trabalho na realização desta dissertação de mestrado, considerámos que a dimensão ética revelou-se como um dos aspetos de maior reflexão e interesse. A seguir, apresentámos os princípios éticos que foram assegurados, mas também aqueles que não conseguimos cumprir.

Desde o início da investigação, tentámos preservar alguns **princípios éticos** fundamentais. O primeiro que nos apareceu no horizonte foi a necessidade de fazer uma investigação que fosse útil para os próprios participantes, que representasse um **benefício** para o sistema familiar, tentando evitar o seu uso como mero objeto de pesquisa. Este benefício tornou-se real de duas formas: por um lado, o sistema familiar cresceu com o trabalho realizado, e, por outro, esta investigação dá voz àqueles que socialmente são menos ouvidos.

O segundo aspeto foi pedir o **consentimento informado**, tanto à instituição onde moram as crianças, como aos próprios sujeitos, tendo sido realizado por escrito e lidos, pausada e claramente, os objetivos e número de sessões, as implicações da investigação, o pedido de gravação em áudio e o âmbito em que seriam utilizados os dados obtidos. Usámos apenas o registo áudio por sentir a gravação em vídeo excessivamente intrusiva.

Também tentámos salvaguardar em todo momento a nossa **integridade moral** como investigadores, assumindo determinados valores e um estilo ético no relacionamento e respeitando a dignidade e diversidade dos participantes. Outro dos cuidados realizados prendeu-se com a criação dos guiões das entrevistas, tentando sempre criar **perguntas adequadas**, não invasivas ou indiscretas. Os guiões das entrevistas também foram apresentados antes às supervisoras para assegurar o cumprimento dos aspetos éticos.

Outro dos aspetos tem a ver com a **confidencialidade**, que assegura, por um lado, a omissão no relatório de informação privada que possa ajudar a identificar os participantes e, por outro lado, a preservação da informação mais sensível de uma entrevista perante os outros participantes. Unido a este aspeto, também está o tema do **anonimato** dos participantes, que foi assegurado pelo uso de pseudónimos. Criámos uma grelha com todos os nomes dos participantes e, a seu lado, colocámos um nome alternativo. Se duas pessoas tinham o mesmo nome, atribuíamos também um mesmo nome substitutivo, para poder comprovar se se davam repetições ou substituições.

Tivemos o cuidado de ser **fiéis** na transcrição das entrevistas e na interpretação dos instrumentos de caráter mais projetivo. Do mesmo modo, houve, em todo o momento, a preocupação em manter uma coerência entre teorias, métodos e procedimentos.

O último aspeto ético que tivemos em conta foi a **devolução dos resultados** aos próprios participantes, para que pudessem dar a sua opinião sobre a fidelidade e autenticidade do trabalho, e beneficiar das reflexões que dele emanam.

Apesar dos cuidados praticados, houve alguns **descuidos éticos** que devemos apresentar. O mais importante tem a ver com a não previsão inicial das **consequências** éticas do nosso estudo, não tendo sido criado um protocolo com os possíveis dilemas éticos (Simons, 2009/2011). O tipo de estudo e o nosso estilo relacional levaram-nos a criar uma relação quase terapêutica com os participantes, o que teve as suas implicações emocionais no momento final do processo, porque, apesar de estarem claros os objetivos e tempos da investigação, criou-se uma relação de confiança com as pessoas, que abriu novos horizontes de esperança, os quais não poderiam ser concretizados.

No início da investigação, não tínhamos **consciência dos riscos** que poderia ter uma investigação deste tipo. Também não foi realizado um processo contínuo de revisão da investigação por parte dos interessados, para que pudessem anular ou modicar informações. Só realizámos esta devolução dos resultados no fim do trabalho.

Consideramos que apesar dos cuidados efetuados, existe uma possível seleção e **interpretação parcial** dos dados e ocultamento de alguma informação relevante que passou como secundária aos nossos olhos.

Outro descuido foi o não pedir o **consentimento informado** escrito às duas **crianças** mais pequenas na sessão conjunta.

Pensamos que o **tempo de espera** entre as entrevistas e a devolução dos dados foi excessivo. As pessoas sentiram um vazio de cinco meses até serem novamente contactadas. Deveríamos ter criado encontros intermédios para pedir a colaboração na realização da investigação.

Como reflexão final deste capítulo, queremos expressar que é muito difícil ter presente, desde o início, todas as possíveis consequências éticas da nossa investigação e que, para evitar uma sensação de estar a usar as pessoas segundo os nossos interesses de investigadores, achamos que teria sido mais conveniente realizar uma investigação-ação no próprio local de trabalho.

Capítulo 4 - RESULTADOS

A seguir, vamos apresentar os resultados obtidos a partir dos diferentes instrumentos: as quatro entrevistas semiestruturadas; os dois genogramas; as quatro aplicações da *Dupla Lua*; e, por último, conjuntamente, as notas de campo e a consulta de documentos. A maneira de apresentar os resultados consiste num cruzamento dos dados para obter os temas principais que subjazem e que dizem respeito ao nosso modelo teórico de análise.

Os temas aparecem sequencialmente, mas não subdivididos em categorias ou subcategorias. Deixaremos para o capítulo da discussão uma interseção dos dados obtidos em todos os instrumentos e uma jerarquização maior da informação, dos temas e subtemas. Na apresentação dos resultados, confrontámo-nos com uma limitação própria dos estudos qualitativos e que diz respeito à impossibilidade de mostrar tudo e sob todos os prismas possíveis. Nas ciências sociais, os dados não falam por si mesmos, há sempre interpretação e seleção de significados por parte dos investigadores (Simons, 2009/2011).

4.1. Entrevistas semiestruturadas

Depois de realizar a análise de conteúdo das quatro entrevistas, a informação obtida é muito extensa para poder ser exposta exhaustivamente neste ponto. Passaremos a apresentar a mais significativa e que vai de encontro aos temas que orientam o nosso estudo. Para consultar a maior parte da informação das entrevistas e as problemáticas que transparecem pode-se examinar o Apêndice O.

Na análise das entrevistas, emergem dezassete temas centrais: 1) eventos críticos não normativos; 2) cortes emocionais; 3) desagregação; 4) repetição de padrões disfuncionais; 5) corte com as origens; 6) ausências; 7) fortalecimento das pertenças; 8) parentificação; 9) relações simbólicas; 10) negação dos problemas; 11) conflito de pertença; 12) relação com o tempo; 13) pensamento concreto; 14) polo ético; 15) transgressão positiva; 16) regras de funcionamento e 17) relacionamento com os serviços sociais.

O primeiro ponto que queremos salientar prende-se com a definição de *família complexa*, já que os resultados das entrevistas evidenciam a ocorrência de diferentes problemáticas familiares e **eventos críticos não normativos**, que situam esta família dentro dos parâmetros desta tipologia. Esta família viveu experiências como o abandono das figuras paternas, a gravidez na adolescência, o divórcio dos avós maternos, mortes prematuras, a emigração, a deficiência mental ligeira em alguns membros, o abuso de álcool acompanhado

de maus-tratos, o acolhimento institucional de quatro filhos e a adoção de outro, a doença crónica do avô materno, o desemprego do casal, famílias reconstituídas, etc.

De acordo com o testemunho dos próprios, tanto a Marta como o padrasto viveram na infância o *abandono do pai* biológico. “O meu pai deixou a minha mãe e a mim sozinhas, eu era muito pequenina, tinha um mês, nem isso.” (EM), “Quando o meu pai casou com a minha mãe, a minha mãe já me tinha a mim.” (EC). Nos dois casos, as mães ficaram grávidas na adolescência e ficaram sozinhas a criar os filhos.

Outro problema que aparece nesta família relaciona-se com as experiências de *maus-tratos*, que, por sua vez, estão ligadas ao consumo excessivo de álcool: “O problema dele era beber. Por causa da bebida, chegava a casa e havia aquelas confusões.” (EM), e os maus-tratos que ele exerceu sobre Marta “Quando estava com um copito a mais, virava-se à Marta ... não sei se chegou a ficar preso algum tempo, mas ele teve uma condenação de maus-tratos à Marta.” (EP).

O avô Filipe, na entrevista, referiu-se muitas vezes à *doença crónica* que padece nas pernas, devido a problemas circulatórios: “O meu mal é as pernas, já fiz várias operações. Agora de uma passou para outra. O andar é como o de uma criança.” (EF). A estas dificuldades juntam-se *problemas financeiros*: “Não tinha dinheiro e tive que pedir à minha filha para vir cá guardar as minhas coisas.” (EF). Mas a experiência mais difícil que esta família teve de ultrapassar nos últimos tempos foi a *retirada dos filhos*, primeiro os quatro, que foram para a instituição “Estou aqui no Colégio há dois anos, com os meus irmãos.” (EM) e, depois, o mais pequeno, que foi dado para adoção após o nascimento “Eles tiveram um bebé há pouco tempo e foi logo imediatamente retirado (...) nota-se que a partir do momento em que o menino foi para adoção, eles também desinvestiram aqui.” (EP).

Depois de fazer um trajeto por algumas das problemáticas que a família está a viver, os resultados permitem-nos adentrar-nos na estrutura relacional familiar. Um dos aspetos mais salientes é o estilo distante de relacionamento, marcado por **cortes emocionais**, e uma estrutura de **desagregação** familiar. A Psicóloga que trabalha na instituição afirma que “É uma família um pouco distante, tanto de nós como dos filhos. São capazes de estar um mês ou dois sem virem cá.” (EP). Por sua vez, a Marta reconhece que a família está mais próxima: “Nós agora até parecemos uma família assim muito junta!” (EM). Contudo, desejaria que estivesse mais unida e tem consciência de que ainda estão fragmentados: “Como será tudo de aqui a dez anos? Não deveria ser diferente? Se calhar, vai ser mais junto, uma família mais junta, não assim muito separada.” (EM).

Existem claros cortes emocionais entre os diferentes membros da família, como se se tivessem ido separando de algumas pessoas e reduzindo o círculo familiar: “Já fomos muitos mais!” (EM). O avô materno saiu de casa quando era muito jovem “Fui para tropa e despachei-me logo.” (EF), porque não se sentia bem no ambiente familiar “A minha mãe era daquelas pessoas antigas, não fazia as coisas como devia de ser e eu vi o ambiente e quis... tive...” (EF) e, com o tempo, foi perdendo relação com os seus irmãos “Não ligava muito a eles...” (EF). Filipe também cortou relações com a sua mulher, de quem se separou há quinze anos “Tive umas coisas com a mulher, mas isso não interessa. Ela levou outro caminho, pronto. Ela lá se mete na vida dela.” (EF). O filho dele, Fernando, emigrou ainda muito novo para França e, das três filhas, só duas é que mantêm relação. Parece existir uma **repetição do padrão disfuncional** de cortar emocionalmente com as origens. Cristina reproduz também esse corte, já que não tem relação com a sua mãe nem com ninguém da estirpe materna: “Não ligo mais à minha mãe. É mais ao meu pai. Tenho mais ligação com o meu pai.” (EC).

Estes cortes emocionais têm implicações na vida dos netos, o que é entendido pela psicóloga do Lar desta forma: “Eu acho que há um corte entre a mãe e os pais ... se vêm no mesmo dia, vem primeiro a avó, depois vem a mãe com o avô, depois vêm os padrinhos.” (EP). Não só se apresentam divididos, como ambos os avós poucas vezes visitam os seus netos: “É muito distante a relação dos miúdos com os avós. De agosto a dezembro, o avô veio três vezes e a avó veio uma.” (EP).

O companheiro de Cristina, o Luís Carlos, também viveu um esquema significativo de cortes emocionais, não tendo relação com ninguém da sua família de origem e evidenciando um verdadeiro **corte com as origens**: “Para mim, a família agora é a mulher e os filhos, porque já não tenho pai nem mãe. Tenho irmãos, sim, mas cada qual leva a sua vida. Não me tenho nada que meter.” (EC).

Outro dos temas centrais nesta família é a experiência psicológica da **ausência**, que se manifesta em negações, rejeições, silêncios ou omissões. A ausência mais significativa nesta família é a do filho dado para adoção: “Só temos um rapaz. Tínhamos dois, só que um foi adotado, porque era bebé.” (EM). A necessidade de falar, no início da entrevista, no irmão dado em adoção, que nunca chegou a ver, sugere uma presença psicológica significativa, uma ausência problemática: “Estes miúdos só o conheceram quando viram a mãe grávida, não é? E, depois, conheceram-no por fotografias apenas, porque o tribunal nunca autorizou os filhos a verem o irmão... Numa altura, levámo-los a casa para eles verem a casa deles e a primeira coisa que o Luís fez quando entrou em casa foi procurar o bebé... Acho que é um bocado macabro, não é? Porque a mãe chegou a trazer fotografias no telemóvel: é o Júlio, é o Júlio.

Mas o Júlio, no fundo, nunca o viram e fica sempre esta expectativa ... Eles não fazem ideia onde é que ele está, claro!” (EP).

A própria psicóloga contou outra experiência de uma jovem que vive na mesma instituição, que já passou pelo mesmo e que ainda hoje vive com angústia a ausência do seu irmão, que nunca chegou a conhecer: “Nós temos uma jovem aqui, com 26 anos, que tem um atraso e que não tem ninguém e que, quando foi retirada de casa, aos oito anos, a mãe estava grávida. Ainda hoje fala do que a sua mãe fez, de que gostava de ter conhecido o irmão. E eu acho que estes vão ser na mesma. Vão ficar sempre com esta expectativa: como é que era o meu irmão?” (EP).

Outra das ausências mais significativas tem a ver com as figuras paternas, pois Marta nunca conheceu o pai: “Nunca chegaste a conhecer o teu pai?” (I). “Não, nunca.” (EM). Quando descreve a família, não fala do pai nem do padrasto: “Podes descrever como é a tua família?” (I). “Sim, a minha mãe é mais ou menos como eu; mais ou menos parecida, um bocado diferente. Tenho três irmãos. Eu sou a mais velha.” (EM). O mesmo se verifica com o padrasto acerca do seu pai biológico: “Sei que o meu pai é vivo, mas não faço caso dele. Não me interessa se ele é rico, se ele é pobre, não me interessa, estás a ver?” (EC).

Paradoxalmente, esta desagregação familiar está aliada a uma necessidade de **defender os vínculos**, de fortalecer as pertenças, de proteger o núcleo familiar. Isso está patente quando os pais se preocupam em cumprir as exigências da instituição: “Fizemos até hoje um programa, *Ser Família*, ao qual eles vinham todas as terças de manhã, e trabalhávamos a comunicação, a autoestima, os estilos parentais. Os pais participaram, vieram cá a todas as sessões. (...) O que lhes é solicitado fazem. Por exemplo, ela veio fazer o cartão do cidadão com os filhos” (EP).

Essa defesa da família manifestou-se também no pedido que a mãe fez para que os filhos fossem passar as férias de Natal e da Páscoa com eles: “A mãe, no Natal, foi pedir ao Tribunal para eles irem passar a passagem de ano com os pais e, agora, disse que vai pedir para a Páscoa. Pelo menos, revela algum interesse.” (EP). “Para Páscoa também queria, que a Marta faz anos. Ou para a Páscoa ou para as férias. Eu vou pedir as duas coisas.” (EF).

A necessidade de reunificação pode-se ver nos desejos da Marta por voltar para casa: “Eu gostava de estar em casa, porque do colégio para casa é uma coisa assim muito diferente.” (EM); “Achas que precisavas de alguma coisa diferente para te sentires mais realizada?” (I), “Era ir os fins de semana a casa.” (EM). Também é visível no desejo do avô: “Custa-me um bocado, não é? Que eles lá e isso... deveriam estar aqui!” (EF). E também nos

desejos do casal: “Que expectativas têm como família? (I) Pai: “Que se passasse esta fase. Pronto. E que eles viessem para casa.” Mãe: “Que viessem para casa. É mais fácil.” (EC).

Esta defesa dos vínculos também está patente quando a Marta assume o papel de mãe e protetora dos seus irmãos mais novos, num possível processo de **parentificação**: “A Marta acabou por ser ela a cuidar dos irmãos mais novos nas necessidades básicas.” (EP); “Inicialmente, quando a Marta entrou, quando vieram os quatro, havia muita proteção da Marta ao Luís e à Ana. Como que fosse ela a mãe” (EP). “Eu vi sempre os meus irmãos a crescer, ... eu ia sempre ter com a minha mãe quando alguma coisa acontecia” (EM).

Um pormenor que revela a presença real de vínculos é a **relação simbólica** que os dois filhos mais pequenos têm com alguns objetos do passado. Por exemplo, o Luís, com uma foto de família: “Tens alguma foto da tua família ou tua? (I) “Eu tenho, mas é o meu irmão que tem a foto e não sei onde é que ele guarda isso” (EM). O mesmo acontece com a Ana, em relação a umas calças: “A mãe deu umas calças à Ana e ela só quer vestir aquelas calças. A equipa educativa já disse: estas também são da mãe, porque, senão, é um circo. Acho que todos eles estão mesmo ligados à mãe (EP).

Outro aspeto simbólico relaciona-se, como já tínhamos comentado na introdução, com a imagem da agulha e a metáfora dos retalhos. Foi curioso para nós ter surgido o símbolo da agulha, tanto no encontro com os filhos, como nas entrevistas com a Marta e o avô, embora em contextos diferentes: “Numa altura fui tirar sangue e fiquei com medo da agulha. A primeira vez não me importei, mas, a segunda vez, fiquei mais assustada porque senti mais.” (EM); “Foram outros, as pessoas, já sabe que as agulhas, é quase como na fábrica, só há quem queira meter veneno.” (EF).

A **negação dos problemas** pode ser outra forma de defender o núcleo familiar perante a sociedade, dando uma imagem de normalidade e adequação. Por exemplo, o avô nega que os netos estivessem mal quando foram retirados: “Eu vinha aqui e nunca os vi a eles a passarem fome.” (EF). O mesmo fazem os pais e a Marta, relativamente às dificuldades que a família está a passar no presente: “Há algum problema que sintam que têm de ultrapassar?” (I) Mãe: “Não, para já.” Pai: “Nestes momentos, não.” Mãe: “Nestes momentos, já não.” Pai: “Neste momento, está tudo sobre rodas.” (EC); “Consideras que a tua família tem algum problema para ultrapassar?(I) “Acho que não.” (EM); “Achas que está tudo bem?” (I) “Eu acho que sim.” (EM).

Justificar os pais e ocultar a verdade pode ser outra forma de proteger o núcleo familiar. A Marta, por exemplo, acerca da frequência das visitas parentais, refere que “Às

vezes, não dá muito jeito vir cá no fim de semana, têm muito trabalho. E, sempre que têm um tempinho, assim um bocadinho, assim umas três horas, vêm cá ver-me” (EM).

Marta manifesta muito claramente o desejo de estarem unidos, quase como um pensamento que monopoliza todas as expectativas e que dificulta concretizar outros projetos: “Quando estais todos juntos, como, por exemplo, nessa festa de família, como te sentes?” (I) “Sinto-me feliz em saber que está tudo junto sem estar mal, sem dores.” (EM) “Tu gostavas que a família estivesse sempre assim?” (I) “Sim, sempre junta. Só que, às vezes, é um bocado complicado.” (EM).

Queremos destacar da análise elementos que nos fazem pensar na dificuldade de se pensarem a si próprios como grupo familiar, o que poderá ser uma manifestação de um **conflito de pertença**. Por exemplo, a Marta define a família como sendo uma pessoa: “Uma família é a pessoa que nos teve desde pequenino, que nos dá aquela comida, roupa, que nos dá o carinho, também aquelas palmadas, quando nós precisamos” (EM). Ou, então, define a família nomeando alguns dos membros: “Podes descrever como é a tua família?” (I) “Sim, a minha mãe é mais ou menos como eu, mais ou menos parecida, um bocado diferente, tenho três irmãos, eu sou a mais velha entre eles” (EM). Também os próprios pais têm dificuldade em pensar na família como um todo: “O que é para vocês uma família?” (I) Pai: Para mim, a família agora é a mulher e os filhos... Mãe: Os filhos e o marido” (EC). De igual modo, se, por um lado, Marta parece querer defender a integração no grupo familiar, por outro, parece estar a viver com tensão essa dupla pertença à família de origem paterna: “Eu não conheço o meu pai, tenho um padrasto, mas os meus, eles faziam, são mesmo os meus irmãos ... Esses irmãos que tenho são daquele pai, do meu padrasto” (EM).

Outro dos temas que se evidencia é a relação problemática que têm com a **dimensão temporal**, na capacidade para unir passado, presente e futuro. Parecem viver presos no presente, com dificuldades para se ligarem ao passado e projetar-se no futuro.

O avô parece negar ter vivido experiências positivas no passado: “Lembra-se de algum momento de que gostou?” (I) “Não, não.” (EF); “Quando nasceram os filhos, se calhar?” (I) “Ah, eu não!” (EF). Por outro lado, o passado da Marta e dos pais parece ficar reduzido a duas ou três recordações positivas, como, por exemplo, a festa de aniversário da Marta: “Podiam pensar nalguma recordação especial?” (I) “Sim, talvez numa festa de anos.” (EC) “A sua festa de anos?” (I) “Não, da menina.” (EC) “Da Marta?” (I) “Sim” (EC); “Lembras-te de algum momento familiar que para ti seja importante?” (I) “Foi o dia dos meus anos (...) Eu gostei muito desse dia porque estávamos assim, em família.” (EM).

Contudo, para Marta, o passado apresenta-se como uma soma de etapas desconexas, já que, em 14 anos, viveu em seis residências diferentes, tal como ela mesma conta: “De pequenina morei com os meus tios. Já morei com o meu tio num café, já estive com a mãe da minha avó, que é a minha bisavó. Já vivi com os meus avós. Depois é que fui mesmo para a minha família. Estive um tempo e depois é que vim para um colégio.” (EM).

Esta relação limitada com o passado relaciona-se também com a falta de expectativas e projetos para o futuro: “Não tenho assim planos para o futuro, não tenho assim nada.” (EM); “Como te imaginas num futuro? (I) “Não sei, imagino eu própria, não sei” (EM). Também o casal tem dificuldades em manifestar expectativas: “Como imaginariam a família daqui a dez anos? (I) Mãe: “Depende do que acontecer.” Pai: “Ainda não se sabe o que vai vir. Pedimos um dia de cada vez. Daqui a dez anos fica muito longe, ainda corre muita água no rio.” (EC). Estes parecem deixar-se levar pelos acontecimentos, de forma passiva, tal como o avô: “Venho aqui e entretenho-me um bocado. É o passatempo. Para mim, é o passatempo. Também não posso fazer nada” (EF).

Também pode-se observar um estilo de **pensamento concreto**, que se manifesta nalguns membros da família em dificuldades cognitivas significativas, especialmente na filha Ana “Ela tem tipo um atraso, tem sete anos só que parece uma miúda de cinco ou seis” (EM); “Está ao abrigo do ensino especial, com adaptações curriculares” (EP) e na própria mãe: “Eu acho que é o atraso dela, não dá para mais” (EP).

Surpreendeu-nos o pensamento limitado que constatámos em todos eles. Por exemplo, todos têm dificuldades em sonhar e simbolizar: “Se a tua família fosse um animal, que animal seria?” (I) “Ai não sei.” (EM), “Tenta imaginar, acho que tu és criativa.” “Não sei.” (EM); “Como imaginariam a família daqui a dez anos?” (I) Mãe: “Depende do que for, depende do que acontecer.” Pai: “Ainda não se sabe o que vai vir” (EC). Todos têm dificuldades em lembrar-se de datas, lugares ou idades: “Dizem que nasci em Famalicão, mas não tenho a certeza” (EM); “Há quanto tempo foi essa festa de anos?” (I) “Isso já não faço a mínima” (EM); “A Marta nota-se que é uma jovem muito passiva. Dizem-lhe agora uma coisa, depois de cinco minutos, já não se lembra, é como a mãe. É muito parada.” (EP).

Um elemento menos saliente, mas mesmo assim importante, é a presença do **polo ético** nesta família, especialmente no que se refere ao reconhecimento mútuo entre enteados e padrastos. Marta refere que “Agora estamos a dar-nos muito bem, até me trata como se fosse mesmo uma filha dele, como se não tivesse acontecido nada” (EM). O padrasto afirma que “A Marta não é a minha filha, mas é como se fosse, porque ela veio para a minha mão com um ano de idade” (EC). O próprio Luís Carlos tinha vivido a mesma experiência na sua infância,

já que a sua mãe era solteira: “O pai que casou com a minha mãe não era meu pai, era padrasto, mas tratou-me como filho. Deu-me uma educação, deu-me tudo. Por isso, ele é o meu pai” (EC). Também a psicóloga do Lar fala de um reconhecimento mútuo entre ambos: “Eu acho que ela adota o Luís Carlos um bocado como pai. E o Luís Carlos adota-a como filha, se não estiver embriagado.” (EP).

No caso da Marta, poderíamos falar de uma **transgressão positiva**, que se materializa num desejo de oferecer algo de bom e diferente para as futuras gerações da família, como querendo ultrapassar uma transmissão negativa: “Que valores gostavas que se vivessem na família que queres criar? (I) “Gostaria de ensinar o respeito pelas pessoas, trataria de forma diferente do que me trataram a mim, tentava dar amor a eles.” (EM).

Quando se perguntou à família por possíveis **regras** de ouro na forma de relacionar-se dentro da família, eles ficaram confusos e não perceberam bem a pergunta. Tivemos de explicar de várias formas e só a Marta é que respondeu o seguinte: “Nós não somos assim muito das regras. Às vezes, em família, há sempre aquelas confusões... deixam assim um tempo de falar, mas de regras assim, não.” (EM). Também a psicóloga reconhece esta falta de regras: “Falta o resto: o carinho, a supervisão, a imposição de regras e essas coisas todas”. (EP). A ideia do silêncio face aos problemas é corroborada pela psicóloga: “O Luís Carlos deve ser tipo assim: olha, tu só podes dizer isto. Não é? E a Cristina fica muito por ali.” (EP). Parece que todos têm aprendido que, quando há conflito, a solução é o silêncio, sendo melhor não falar dos temas problemáticos.

O último tema que queremos salientar refere-se à relação recíproca que existe entre esta família e os **Serviços Sociais**, que parece caracterizada por elementos negativos: desconhecimento, desconfianças mútuas, situações conflituosas, cortes, despreço e agressividade.

Tanto a instituição, como os serviços sociais, não parecem acreditar nas possibilidades desta família, nem valorizam os seus desejos de reunificação: “A Segurança Social já não investe nesta família, porque acha que eles, pronto, vão ser sempre assim.” (EP). A psicóloga pensa que “Estes pais, claro que eles dizem que eu faço tudo para os meus filhos irem para casa, mas duvido. Eu acho que a perspetiva destas crianças é, ao longo que vão atingindo a idade, a autonomia. Não estou a ver... Eu acho que esta família nunca vai melhorar as condições para os filhos” (EP).

Porém, a família expressa claramente um desejo de reunificação e revela mágoa em relação a alguns episódios vividos com os serviços, no passado: “Para mim, foi um bocado chato, retirá-los sem falarem para a família. A lei, eu acho que não admite tirar as crianças

sem falar com a família, porque há família, não estavam abandonados.” (EF). Também lamenta não obter respostas: “Normalmente é o tribunal que manda assim uma carta, para dizer que nós podemos ir para casa e ainda não mandou, e nós ainda temos que ficar cá.” (EM). Por tudo isto, entende-se alguma agressividade e rejeição relativamente aos serviços.

A psicóloga do Lar comenta: “As pessoas estão tão cansadas. Luís Carlos já nem os deixa entrar em casa. Aquilo é cada guerra cada vez que vão lá! Porque elas mentiram, e ele sabe quando e como. Elas resolveram mentir, então, acabou, não? Pronto, então, não abrem a porta, não respondem, não colaboram, tratam mal. O tribunal chama e ele não vai, quer lá saber, porque não está para aturar um juiz.” (EP).

O avô acha que os serviços sociais são injustos para com eles: “À beira daqui havia um caso... a esses ninguém os vê. Arranjam uma pessoa e o peixe caiu na rede” (EF). No entanto, não se inibe em pedir ajuda aos Serviços: “Sem o dinheiro da reforma não posso fazer nada, a ver se me arranjam uma casa para eu estar, ou uma coisa ou outra” (EF).

Surpreende a omnipresença da intervenção institucional na vida quotidiana da família: “A mãe e o bebé, no fundo, como estava na instituição, ia-lhe dar de mamar, e, depois, começou a visitá-lo. Mas, estava lá dez minutos e vinha embora, nunca houve assim grande proximidade. (...) Acho que foi uma insensibilidade do Tribunal e dos organismos públicos não terem deixado estas crianças verem o irmão” (EP).

O último aspeto a salientar tem a ver com as limitações com as quais se depara o Lar. Estas devem-se, por um lado, à redução dos recursos humanos, o que fez com que o trabalho com as famílias tenha passado para um segundo lugar: “As famílias voltaram para um segundo plano novamente. É um trabalho muito difícil. Não dá para tudo, não conseguimos... As famílias vão ficando. Fazemos o que podemos, sobretudo as crianças, os pais vão ficando, claro. Depois, já não fazemos trabalho nenhum com eles” (EP).

Por outro lado, existe a sensação de impotência e a dificuldade em trabalhar certos assuntos mais sensíveis, como o tema da adoção: “Nós, aqui no Lar, nunca trabalhamos isso, porque eu não sei como se vai pegar num assunto desses e até que ponto se deve pegar. Porque, quanto mais mexermos nele, é pior, não é? Porque, enquanto ele não foi para adoção, nós tentámos que eles o vissem. Não consigo. De vez em quando, o Luís pergunta Onde é que está o meu irmão? O meu irmão está em casa, não está? E a gente não sabe muito bem o que há de dizer. E propriamente a palavra adoção não foi explicada muito bem, não é?” (EP).

Tem aparecido nas entrevistas muitos temas que se voltarão a repetir nos outros instrumentos, como o genograma, que passamos agora a analisar.

4.2. Genograma

Nesta investigação realizámos dois genogramas: um desenhado pela filha Marta (GM), e que podemos observar na figura 4.1.; e outro genograma geral (GG), realizado por nós, a partir dos genogramas assistidos com o casal e com o avô, pois, como já referimos, devido às suas dificuldades cognitivas, tornou-se impossível a realização direta. O genograma geral foi criado com o programa informático *Genopro* e pode ser observado na figura 4.2.

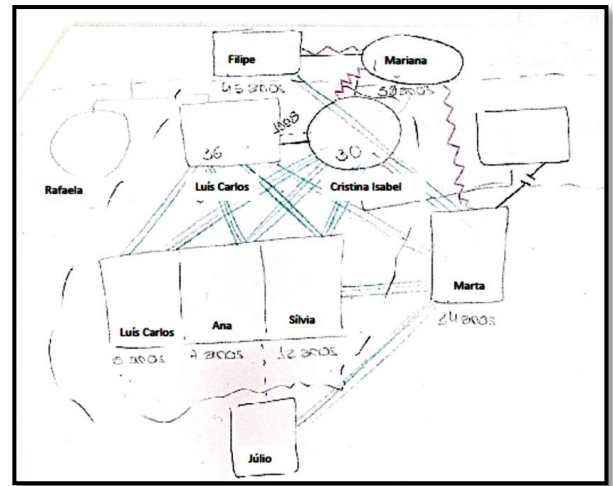


Figura 4.1. Genograma da Marta.

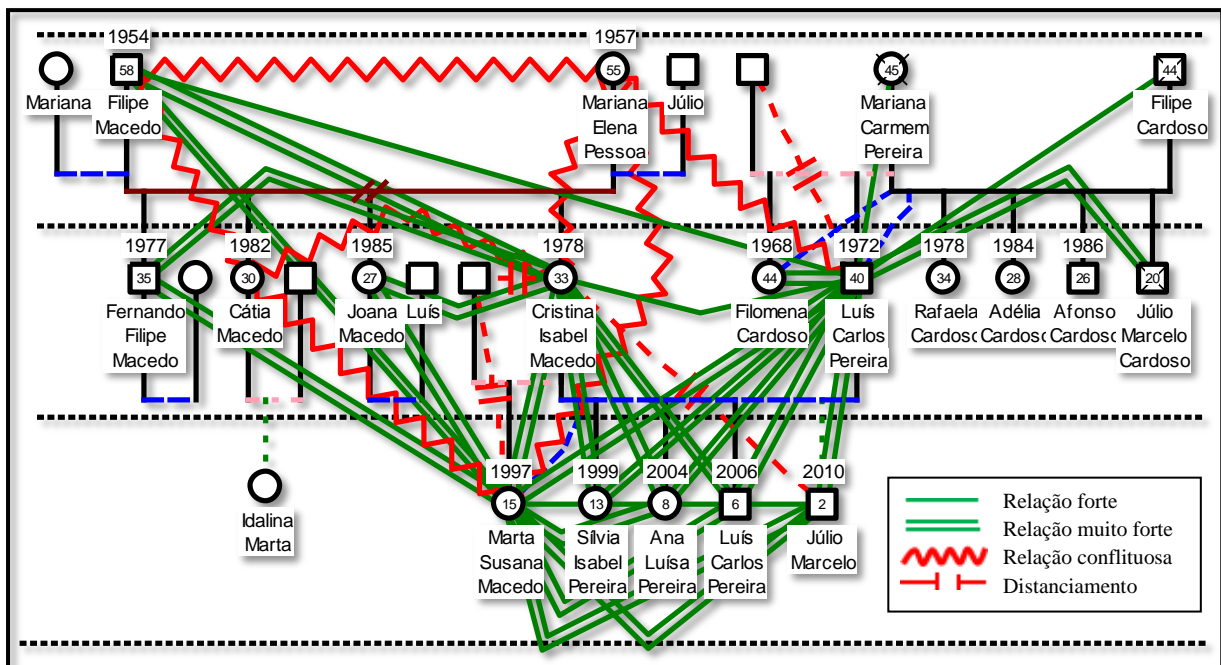


Figura 4.2. Genograma geral criado a partir dos genogramas do casal e do avô.

Neste ponto, propomo-nos a apresentar o cruzamento dos dois genogramas e dos temas principais que emergem dos mesmos. A análise por separado dos genogramas encontra-se nos Apêndices P e Q. Os temas principais que aparecem nos genogramas são: 1) eventos críticos não normativos; 2) reconhecimentos; 3) solidão; 4) cortes emocionais; 5) transmissões geracionais; 6) parentificação; 7) ausências; 8) conflito de pertença; 9) fronteiras sistêmicas; 10) desagregação; 11) relação com o tempo; 12) pessoas mitificadas; e 13) triângulos relacionais.

De acordo com a análise dos genogramas, podemos observar que a família viveu em simultâneo vários **eventos críticos não normativos**, como, por exemplo, o abandono do pai

da Marta e a criação de uma nova relação com o nascimento de outros quatro filhos, dos quais três estão numa instituição e um foi dado para adoção. Cristina viveu uma gravidez na adolescência e a separação dos seus próprios pais; um irmão emigrou e a sua única sobrinha também foi retirada à sua irmã. O padrasto também foi abandonado pelo próprio pai quando criança e sofreu a morte de um irmão, quando ainda era bastante jovem (GG).

A **solidão** experimentada pelos membros da família é sugerida pelo facto de a Marta não se desenhar a si própria espontaneamente e, quando o faz, colocar-se distante do resto dos membros da família. Apesar de não se colocar a si própria no círculo das pessoas que moram juntas, coloca os seus três irmãos junto dos pais (GM). Poder-se-ia falar também de um **conflito de pertença**, sendo que a Marta não se sente parte integrante de nenhuma família.

Esta solidão também aparece quando o casal denota dificuldades em colocar pessoas das suas origens, e até os seus próprios irmãos, sugerindo um corte de relações. Isto leva-nos a pensar que se têm produzido **cortes emocionais** e quebras intergeracionais dentro do sistema (GG). Marta não desenha espontaneamente os avós, nem tios ou primos, mostrando, desta forma, uma centralização na família nuclear e um possível corte com as pessoas da família alargada, assim como uma falta de visão transgeracional (GM).

O corte emocional está bem patente no padrasto, que não queria desenhar ninguém da família de origem, e na Marta, que não conhece o nome dos seus avós maternos e não quer desenhar ninguém de toda a sua estirpe materna. De igual modo, o avô salienta que não mantém quase relação com a sua família de origem e que agora se sente mais próximo da filha Cristina, desejando estar também mais perto dos seus netos. Nos três casos parece existir um modelo relacional em que se cortam as relações com pessoas significativas do passado para projetar-se na geração seguinte. Contudo, deste modo, acabam por ficar sozinhos porque a geração seguinte repete o mesmo modelo e corta as relações com o passado.

O facto de Marta colocar os três irmãos num bloco único e o irmão dado em adoção por baixo dela (GM) sugere uma possível **parentificação**, que se confirma com a qualidade relacional muito forte entre ela e os seus irmãos e a relação mais deficitária com a sua mãe. Neste sentido, a Marta assume um papel de cuidadora dos seus irmãos, em substituição da mãe quando esta está ausente.

O tema das **ausências** pode ser contemplado nos genogramas em várias dimensões. Marta referiu espontaneamente que tinha um irmão dado em adoção e desenhou-o por baixo das restantes pessoas (GM), evidenciando que a presença psicológica desta figura ausente continua significativa. Poder-se-ia falar de uma possível identificação da Marta com este irmão que nunca conheceu, já que os dois experimentaram a rutura com as raízes biológicas.

Marta não desenhou espontaneamente o pai biológico (GM), mas apenas quando foi questionada acerca deste, evidenciando sinais de desconforto, como a desviação do olhar e aceleração do ritmo respiratório. Ela não sabe o nome dele, a idade, onde mora ou se tem outros filhos. Quanto à qualidade desta relação, desenhou uma linha cortada, que representa distanciamento (GM). Este pai biológico aparece como uma figura ausente, como um vazio que pode ser inconscientemente recalcado e negado para não causar angústia. Cristina também não quis falar do pai da Marta, o que nos sugere tratar-se de uma ausência sensível que talvez não esteja bem integrada (GG).

Esta ausência de informação de muitos dos membros da família constata-se em todos os genogramas. Parece existir um desconhecimento dos outros, uma sensação de **desagregação**, de viver separados, como ilhas. Marta não sabe praticamente nada das suas raízes paternas, tanto do pai biológico, como do padrasto. Não sabe o nome dos avós nem dos tios da parte do padrasto. Também pode ser constatada uma falta de conhecimento das idades dos familiares. Marta dizia que o seu avô materno tinha 45 anos e a sua mãe 30, o que implicaria que ele tivesse sido pai com menos de 15 anos e a sua mãe tivesse engravidado com menos de 16. Pensa que a tia Joana tem 19 anos, só mais 5 do que ela, quando, na realidade, tem 27. No caso de Cristina, ainda surpreende mais quando diz que atualmente tem 33 anos e que a sua mãe tem 43 e o seu pai 44, quando, na realidade, os seus pais têm 58 e 55 anos. Chama a atenção a idade que a Marta dá aos pais, 30 e 36, que corresponde à idade que tinham quando entrou na instituição, há mais de dois anos, como se o **tempo** tivesse parado para eles desde esse momento. Surpreende também que o Luís Carlos diga que os seus pais faleceram quando tinham 44 e 45 anos, mas não tivemos acesso a outros dados alternativos para comprovar a veracidade desta informação.

Também se reforça a ideia da **desagregação** familiar ao comprovar que, em toda a família, quase não há casamentos, resumindo-se a uniões de facto ou relações esporádicas, acompanhadas de nascimentos de filhos (GG). As crianças desta família parecem estar privadas de uma relação natural com as suas origens, já que a única prima por parte materna foi também retirada à tia.

Existem algumas figuras rejeitadas dentro do sistema familiar, quase como **pessoas mitificadas**, num sentido negativo, que encarnam os valores do ódio e maldade, sendo assim que definem a avó materna e uma irmã da mãe chamada Cátia.

Dentro da dimensão ética da família, poder-se-ia falar de uma transmissão de **reconhecimento** dos filhos do parceiro, já que assim o fez o padrasto do Luís Carlos e ele

próprio com a sua enteada Marta. Aparece aqui uma transmissão positiva de legitimação familiar, um elemento de esperança (GG).

Outra **transmissão** positiva pode ser observada na colocação dos nomes. Cabe destacar que os homens têm nomes mais tradicionais, que parecem ligar-se mais ao passado familiar, e as mulheres nomes mais modernos e, portanto desconexos dentro da história familiar (GG). Ainda que os nomes de todos os membros da família tenham sido trocados para salvaguardar o seu anonimato, mantivemos estas repetições para poder observar as diferentes transmissões geracionais. Há nomes que se repetem dentro do sistema, como, por exemplo, o filho Luís Carlos tem o nome do pai; o segundo nome da mãe é igual ao segundo da filha, Sílvia Isabel; o nome do filho dado em adoção é igual ao do irmão do pai, que morreu quando era jovem; e o avô materno Filipe deu o nome de Fernando Filipe ao seu primeiro filho.

Por último, poderíamos falar de um conjunto muito grande de **triângulos relacionais** nesta família, mas só vamos mencionar alguns, que incluem a Marta e nos parecem os mais significativos. Tendo em conta as ausências, poder-se-ia falar de um triângulo formado pela mãe, por Marta e o pelo pai biológico desta. Este triângulo, marcado pelo afastamento e o vazio, está muito presente no pensamento de ambas. Todavia, está simultaneamente carregado de sentimentos intensos e que entram em confronto com o triângulo com o padrasto, que não pode ouvir falar do pai biológico de Marta. Assim, o primeiro triângulo não deixa de ser um tabu, que só pode ser vivido no foro intrapsíquico.

Outro triângulo marcado pela ausência seria aquele que foi criado entre o padrasto, a Marta e o Júlio, o filho que foi para adoção. Pelo que parece, o Luís e a Marta são os únicos da família interessados em manter a memória deste *filho perdido*, que carrega consigo o nome do tio que morreu tragicamente na juventude. Dá a sensação que os dois se sentem identificados com esta figura abandonada, já que tanto o Luís como a Marta foram abandonados pelos seus pais biológicos.

Existe também um triângulo trigeracional da Marta com a mãe e o avô materno, que parece querer dar continuidade à família, rejeitando a linhagem da avó materna, como se nela se concentrassem os males da família, sendo, assim, um bode expiatório que motiva uma luta conjunta para reforçar os laços do triângulo.

Por último, existe outro triângulo, formado pela relação entre os irmãos, que se unem, numa tentativa de sobrevivência perante o abandono da geração anterior. Estes triângulos podem ser observados na figura 4.3.

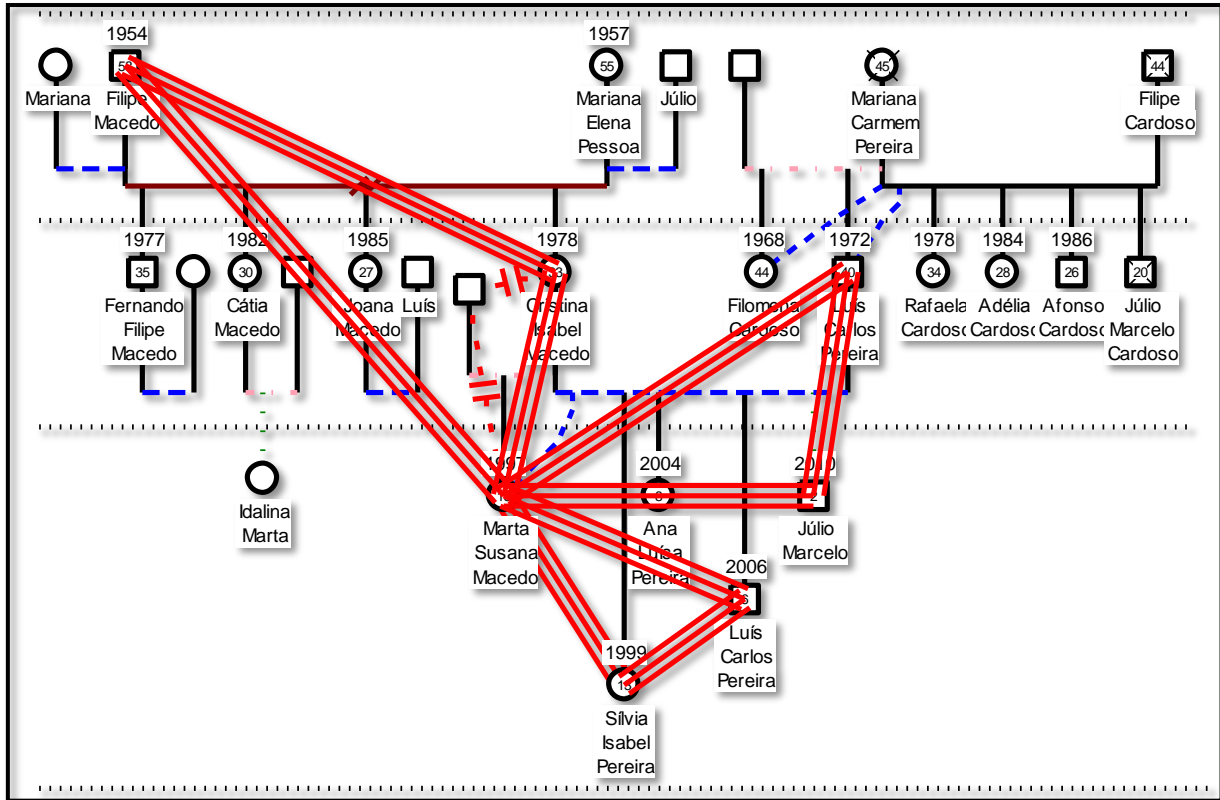


Figura 4.3. Triângulos relacionais mais significativos.

4.3. Dupla Lua

A *Dupla Lua* foi implementada com o casal e com duas das suas filhas, cujos desenhos podemos ver na figura 4.4. Como nos instrumentos anteriores, vamos apresentar os resultados referentes à análise cruzada dos temas que aparecem nas quatro aplicações, podendo as análises diferenciadas de cada uma das aplicações ser consultadas nos apêndices R, S, T e U.

Os temas principais que têm emergido deste instrumento são: 1) desagregação; 2) isolamento; 3) fronteiras de diversos tipos; 4) falta de diferenciação; 5) conflito de pertença; 6) cortes emocionais; 7) pertenças; 8) ausências; 9) parentificação e 10) dimensão temporal.

O primeiro e mais saliente dos temas que aparecem é o da **desagregação** familiar, caracterizada por múltiplos fatores, como o **isolamento** de muitos dos membros da família. Por exemplo, Marta representa-se a si própria sozinha, num quadrante diferente do resto das pessoas e com um símbolo diferente (DLM). Os desenhos de Sílvia e Marta, as irmãs mais velhas, parecem representar um conjunto de ilhas, um aglomerado de círculos desconexos

(DLS e DLM). Também nos pais se observa uma tendência para o isolamento, pela falta de pessoas significativas no desenho e pela posição lateral do próprio símbolo (DLC e DLL).

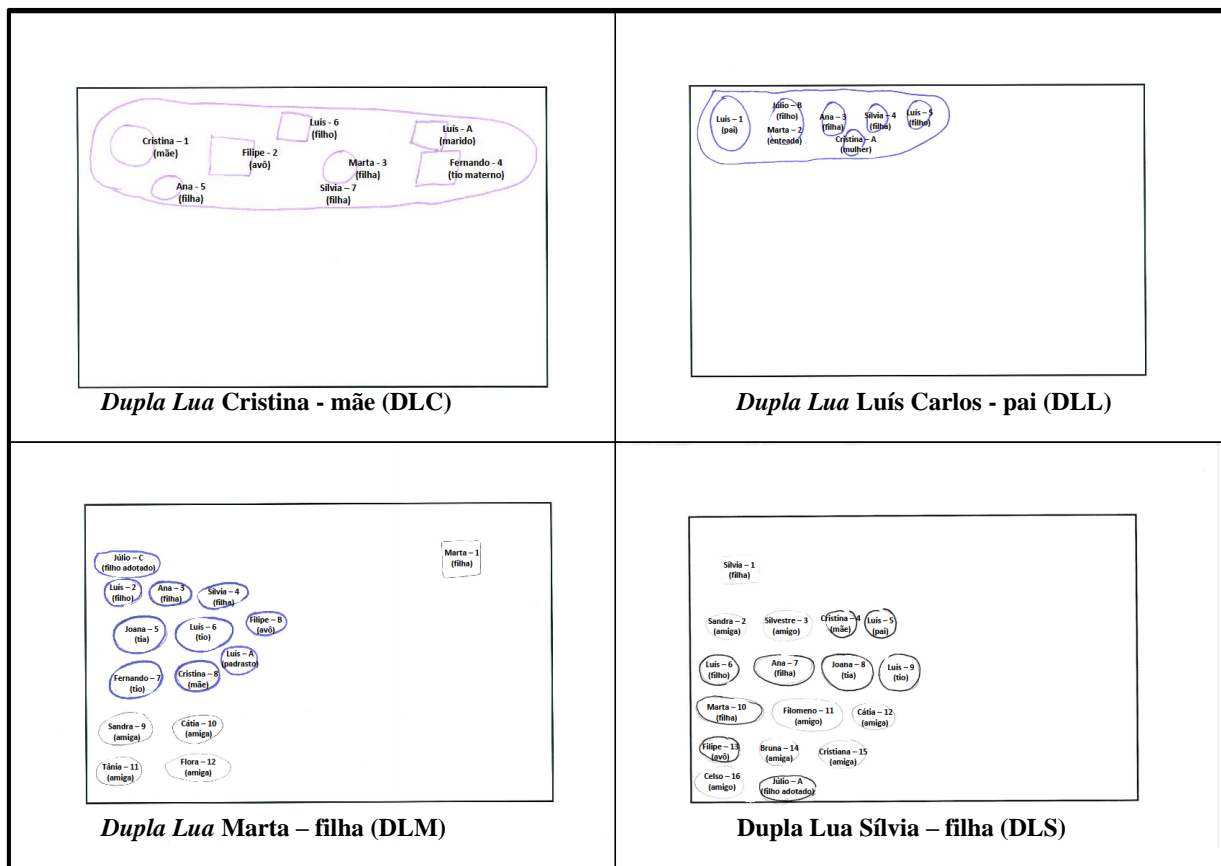


Figura 4.4. Desenhos das Duplas Luas da Cristina, do Luís, da Marta e da Sílvia.

Poder-se-ia dizer que esta família está marcada por **fronteiras individuais** rígidas e impermeáveis, que dificultam o processo de diferenciação e condenam os seus membros a ficar permanentemente sozinhos e desvinculados. Neste âmbito, parece que a Marta vive um distanciamento com a mãe, desenhada em oitavo lugar.

A **falta de diferenciação** parece ainda mais clara no caso da Cristina, que se esqueceu de desenhar o Luís e coloca o seu pai em primeiro lugar e junto dela (DLC). Parece que mantém uma relação de dependência com o pai, sem ter sido feita a necessária desvinculação para formar uma nova relação de casal com o marido e assumir o papel de mãe dos seus filhos. Esta falta de diferenciação também é evidente no resto dos familiares, pela quantidade de cortes emocionais manifestados e que passaremos a explicar mais à frente.

No caso das duas filhas, o isolamento é acompanhado de um **conflito de pertença** familiar, que pôde ser observado quando lhes foi pedido para envolver num círculo as pessoas que faziam parte da mesma família. Elas desenharam um círculo para cada pessoa, como se cada pessoa sozinha fosse uma família, como se não fosse possível incluir várias pessoas no

mesmo espaço (DLM e DLS). Esta modalidade gráfica não integrativa mostra-nos a desagregação familiar que estão a viver e que ainda é mais saliente se observarmos que elas nem sequer se envolveram a si próprias. Ao não se posicionarem a favor de um ou de outro familiar, parece existir uma ação de evitamento do conflito, ficando reforçada a ideia da solidão e inadequação sentidas.

Os pais, porém, não parecem estar a viver do mesmo modo este conflito de pertença, já que os dois envolvem os seus filhos dentro do mesmo círculo, como sendo as pessoas mais significativas para eles (DLC e DLL). Ambos se esqueceram de se desenharem mutuamente. Só quando lhes foi colocada a questão, é que desenharam o companheiro dentro do círculo familiar, mas numa posição afastada. Este esquecimento pode deixar entrever uma relação pouco significativa entre eles, uma possível tendência a desenvolver relações horizontais frágeis. A Cristina inclui o avô e um irmão, mas o Luís só desenha os filhos, expressando um corte com as suas origens e com toda a rede familiar e social.

Este **corte emocional** com as origens vivido pelo Luís é também evidenciado, de diversas formas, pelos restantes membros da família. A Cristina parece ter cortado relação com a sua estirpe materna, já que não quer colocar a mãe nem os tios ou avós maternos. Também recusa desenhar o filho que deu em adoção e não coloca ninguém da rede social (DLC). Ela não desenhava o pai da Marta e nós nem sequer pedimos para o desenhar, porque tínhamos a consciência de que este era um tema sensível, por aquilo que tinha emergido na entrevista e no genograma.

A tendência ao isolamento dos diferentes membros da família está relacionada com uma falta de diferenciação dos mesmos, caracterizada por uma falsa autonomia e por cortes emocionais que têm sido realizados ao longo da história familiar. A manifestação principal do corte emocional é a negação da intensidade do apego emocional não resolvido com os pais. A pessoa finge uma maior autonomia do que aquela que realmente tem.

Os cortes emocionais também estão presentes nas filhas e estão marcados pela negação. No caso da Sílvia, ela não desenha nem fala de ninguém da família do seu pai, como se não tivesse uma ascendência paterna. Também não desenha espontaneamente o irmão mais novo, dado em adoção, nem a avó materna (DLS). A Marta não quer desenhar o seu pai biológico, nem se lembrou de desenhar o padrasto, pelo que rejeita as duas possíveis estirpes paternas. Também não desenhava espontaneamente os avós maternos nem o irmão dado em adoção (DLM).

Este corte ou negação de algumas das estirpes, nos quatro casos, tem a ver com a incapacidade de integração das diferentes origens e sugere-nos a existência de **fronteiras**

intrasistémicas rígidas, de uma dificuldade para fazer a necessária triangulação entre os descendentes e as duas linhagens ascendentes. No caso da Cristina e das filhas (DLC, DLS e DLM), parece haver uma omissão da estirpe materna e, no caso do Luís, uma exclusão das estirpes materna e paterna (DLL).

Nos desenhos analisados, ninguém usou o espaço exterior ao retângulo, o que nos leva a pensar que consideraram que todas as pessoas desenhadas formam parte dos seus mundos relacionais e que as pessoas que não quiseram desenhar estão mesmo fora do seu espaço. Desta forma, poder-se-á falar na existência de **fronteiras familiares** rígidas e fechadas, em que não se dá comunicação fluída com o exterior, não havendo um espaço intermédio entre pertencer e não existir.

A ordem em que desenharam as diferentes pessoas é muito significativa. Marta começou pelos seus irmãos, num possível gesto de proteção e **parentificação**, visto já anteriormente, reforçado com a posição secundária da mãe, desenhada apenas em oitavo lugar, depois de uma tia e do namorado desta. Este gesto é reforçado com o esquecimento de desenhar o padrasto e com a posição elevada do seu símbolo em relação aos restantes (DLM).

Filhos e pais parecem pertencer à mesma geração e os desenhos de Cristina e Luís mostram essa simetria relacional com os filhos, já que se esqueceram de desenhar um ao outro e colocam os símbolos dos filhos no mesmo nível e do mesmo tamanho que os deles próprios (DLC e DLL). Por isso, podemos dizer que o tema da parentificação vivido pela Marta está ligado ao tema das **relações igualitárias** vividas pelos pais. Aparecem, nesta família, umas **fronteiras geracionais** difusas e excessivamente permeáveis, que dificultam a assunção de papéis próprios de cada geração.

Quanto às **fronteiras intersistémicas**, ou seja, as que marcam a distância entre a família nuclear e a família alargada ou entre a família nuclear e a sociedade, poder-se-ia dizer que são difusas para as filhas e rígidas para os pais. As filhas misturam amigos da escola e da instituição, familiares próximos e família alargada (DLS e DLM). Por seu turno, os pais não colocam a família alargada, nem amigos, nem vizinhos, nem outras pessoas da sociedade (DLC e DLL).

Outro dos temas importantes que aparece na *Dupla Lua* é o das **ausências**. Nos quatro desenhos, sentimos que os vazios parecem significativos, que há elementos da família que não foram desenhados espontaneamente ou que são negados explicitamente. Este tema está ligado diretamente à quarta instrução, que questiona: “Na sua opinião, onde se poderia colocar a...”. A ausência mais significativa é a do pai biológico da Marta, ninguém o desenha, mas todos sabem que existe. Sentimos, nas entrevistas, que é uma personagem tabu, da qual não se pode

falar, pois cria bloqueios. A segunda ausência significativa é o filho mais pequeno da família, que foi retirado dos pais para ser dado em adoção a outro casal. Nenhum dos quatro o desenha espontaneamente, mas, depois de colocada a instrução quatro e de se perguntar por ele, só a mãe é que se recusou a desenhá-lo (DLC). O Luís e a Marta colocam-no muito próximo deles, o que faz pensar numa presença psicológica significativa e num luto não resolvido.

Existem outras ausências significativas do passado familiar, especialmente os avós. Só a Sílvia desenhou espontaneamente o avô materno (DLS). A Marta também o desenhou, mas só depois de se ter perguntado por ele (DLM). Os pais não desenharam ninguém das gerações anteriores a eles, só a Cristina desenhou o seu pai (DLC e DLL) e os dois recusam-se a desenhar outros membros da história da família. Podemos dizer que se evidencia um corte com o passado, uma falta de conexão com as raízes familiares.

Este corte com o passado leva-nos ao último tema, que faz referência à **dimensão temporal**, à relação entre passado, presente e futuro. Quando foi colocada a questão número cinco, que abre espaço à expressão do desejo e dos projetos para o futuro, deparámo-nos com a recusa em utilizar a varinha mágica, porque achavam que não valia a pena mudar nada. Parece que não acreditam na possibilidade de mudança, estando patente uma ausência de sonhos. Aparece aqui uma dificuldade de projetar-se no futuro, de criar expectativas que motivem e orientem o provir. Depreende-se que as fronteiras espaciais rígidas também estão presentes em forma de fronteiras temporais impermeáveis, como se a família vivesse presa num presente contínuo, numa vivência passiva da realidade, sem conexões com o passado ou com o futuro, sem uma narrativa própria que os ajude na sua compreensão e na formação de uma identidade familiar.

4.4. Notas de campo e consulta de documentos

A maior parte da informação recolhida nas notas de campo e na consulta de documentos foi, quando pertinente, integrada nos resultados dos instrumentos apresentados ao longo deste capítulo. Contudo, apareceram algumas informações adicionais que podem também ser incluídas em diversos temas e que passamos agora a apresentar.

O tema da relação psicológica com as **figuras ausentes** pode ser observado em alguns comentários da Marta, como, por exemplo, quando se refere ao seu **irmão** mais novo, dado em adoção: “Ele hoje faz um ano.”; “Ele pode estar adotado, mas é na mesma o meu irmão.”. Dá a entender que não fez a separação psicológica e que o tema da adoção não foi bem acompanhado. Marta comenta que “a minha mãe gostava do Júlio Marcelo e ficou de rastos

por ter que dar o filho em adoção”; “nunca me deixaram ver a Marcelo, eu pedi às doutoras, mas nunca me levaram lá.”.

Para o casal também foi muito duro. Eles não falaram por iniciativa própria do filho que foi adotado. Perguntámos várias vezes se os quatro eram os únicos filhos que tinham e eles insistiam em responder que sim, ocultando que tinham um outro. Contudo, quando comentámos que a Marta tinha falado de outro irmão mais pequeno, eles reconheceram-no e disseram o nome dele, admitindo que tinha sido dado para adoção.

Em relação ao avô, quando lhe perguntámos sobre o neto que foi adotado, ele não queria falar, dizendo apenas que não o chegou a conhecer.

Cristina reconhece que os filhos ainda falam do filho adotado, que o Luís não percebe onde é que está e que “o tem encaixado na cabeça”. Parece que Cristina assumiu a responsabilidade de dar o filho em adoção. Ela disse que não foi uma imposição, que ela assinou os documentos a assentir. A mãe reconhece que a Marta ainda está muito chocada com essa decisão e com o facto de nunca o ter podido ver.

Outra das ausências significativas é o **pai** biológico da Marta. Quando ela estava no segundo ano, a mãe contou-lhe que aquele a quem ela chamava de pai, não era realmente o seu pai. Não voltaram a tocar no assunto, porque a Marta sentiu que, para a mãe, essa revelação foi muito difícil. Ela contou que o pai de Marta as deixou na rua, quando ela tinha apenas três meses. Marta disse que gostava de falar de novo com a sua mãe acerca do tema, mas que é complicado: “A minha mãe não teve culpa do que aconteceu.”. Marta gostava de saber do pai, mas ela imagina que, se um dia aparecesse no Lar, ela não conseguiria olhar para a cara dele. Todavia, gostava de saber porque ele as deixou. Este facto faz referência ao polo ético das relações familiares. Parece claro que há, na pessoa de Marta, questões por resolver, as quais ficam sem resposta devido à dificuldade de sua mãe em falar do assunto. Marta teve dificuldade em desenhar o seu pai biológico no genograma: “Mas eu não sei, nunca o conheci.”, “É complicado!”, “Eu sou da parte da mãe só!”. Parece que existe aqui também ausência de **palavra**, temas-tabu e segredos envenenados que terminam por monopolizar o pensamento e deixam a pessoa sozinha.

Outra ausência na vida da Marta tem sido a sua **bisavó**. Marta lembra-se da mãe da sua avó materna, com quem viveu durante uns anos. Ela já morreu e lamenta que não a tenham deixado ir ao funeral. Sentiu pena porque considerava-a uma mãe: “Ela chamava-me mesmo filha.”. Lembra-se da cara dela e de um boneco que lhe dera, um coelho cor laranja. Marta expressa que sentiu necessidade de ritualizar a perda, de ser ajudada a ultrapassar a morte e de fazer o **luto** correspondente.

Outra figura ausente na vida da Marta é o seu **tio** Fernando, com quem viveu também durante um tempo e que emigrou para França, desvinculando-se da família. Para o Luís, também há outra ausência, a do seu irmão, o tio Júlio Marcelo, que morreu quando tinha 20 anos de forma trágica. Curiosamente, deram o mesmo nome ao último filho, que foi dado em adoção. Aqui se pode ver o desejo de querer substituir a pessoa morta.

Outra das ausências prende-se com a relação que mantêm com as **coisas**: quase não têm objetos simbólicos ou lembranças. Não têm, por exemplo, fotografias do Luís e foi curioso o pouco interesse demonstrado por fotografias, como se não tivessem necessidade de fixar momentos do passado.

Tal como ficou verificado com outros instrumentos, esta família vive muitos **cortes emocionais** com diferentes membros. Por exemplo, a Marta comenta o corte que existe entre a sua mãe e a sua avó materna: “A relação da minha mãe com a avó não é boa. Há alguns problemas. Uma vez que se encontraram as duas no Lar, não se falaram. Já foram muito ligadas, mas agora não se falam.”. Marta não sabe o que aconteceu e a mãe não fala disso, assim produz-se outro silêncio, agora na relação entre mãe e filha. A relação entre os próprios avós é muito conflituosa. A Marta contou que a avó colocou a sua mãe contra o seu pai e ela acha que, por isso, o pai começou a beber. Faz aqui da avó um bode expiatório.

Quando perguntámos o porquê da escolha do nome dos filhos, os pais comentaram que escolheram esses porque gostavam, e não por ser um nome de família. Manifesta-se, assim, um certo corte com as origens familiares. O próprio Luís disse que não mantinha relação com os seus familiares, com exceção do dia dos defuntos. Também disse que não tem amigos, que não se pode confiar em ninguém e que prefere estar sozinho. Disse que não gosta de ser enganado.

O tema dos cortes emocionais relaciona-se com um estilo familiar **desagregado**. Isto pode ser verificado num dos documentos consultados, onde se relata um encontro com a Cristina, no qual ela afirmou que não tinha figuras de referência, só uma amiga do trabalho. Noutra supervisão das visitas dos familiares, constatou-se que parece que os membros desta família não sabem estar juntos, que rapidamente ficam cansados e inquietos. Também se afirma que, numa ocasião, a mãe ficava entretida a mexer no telemóvel. Nos documentos confirma-se que a Cristina e o Luís não estão casados, que vivem em união de facto e que a paternidade da Marta não está assumida por ninguém.

A relação com o **tempo** caracteriza-se por um apagamento do passado e por uma incapacidade para projetar o futuro. A partir de alguns comentários do Luís, sentimos que ele tinha passado uma infância difícil, com episódios que procurava esquecer. Nesta tentativa de

apagar o passado, a bebida surgiu, talvez, como uma forma de ultrapassar as frustrações. Para além disso, os pais têm um problema com a consciência temporal, já que pensam que os filhos foram há quatro anos para o Colégio, sendo que isso só aconteceu há dois anos, e têm muitas dúvidas relativamente às datas em que aconteceram certos factos.

No encontro com os quatro filhos, o mais pequeno estava muito falador. No entanto, de cada vez que as irmãs mais velhas contavam alguma história familiar, ele ficava calado e atento, para escutar as narrações, como se estivesse à procura de uma trama familiar que fosse capaz de unir passado, presente e futuro.

Um tema que apareceu nos desenhos das crianças foi o da **insegurança emocional**. Os desenhos das árvores não foram realizados com a intenção de ser mais um instrumento da investigação, mas podemos retirar deles algumas conclusões, a partir dos pressupostos do teste da árvore (Masuello, 1998). As raízes representam a dimensão mais inconsciente e instintiva da pessoa, sendo o chão o contacto com a realidade. O facto de nenhum deles desenhar as raízes nem o chão, pode ser um sintoma de falta de segurança no âmbito emocional e das dificuldades que têm em estar em contacto com a realidade. Isto, aliado à posição inferior na folha, também pode refletir temores perante o mundo exterior, fragilidade e conflito entre a necessidade de proteção e a autonomia pessoal.

O Luís Carlos e a Cristina têm muitas dificuldades em refletir sobre os sentimentos e ele não reconhece os problemas que a família tem, insistindo apenas no problema económico. A expectativa do casal é que os filhos sejam felizes e estudem.

O tema da **parentificação** foi observado na realização do *Sceno-test*, já que a maneira como se relacionavam os quatro filhos revestia o relacionamento de uma família completa, em que a Marta assumia o papel de mãe, Sílvia o papel de pai, Luís o do filho problemático que requer as atenções e mantém o grupo unido e Ana o da filha passiva, necessitada de proteção. Verificou-se que a Marta se revelou muito preocupada em arrumar os bonecos e as peças do jogo.

Nos documentos consultados, relatam-se alguns momentos significativos da vida dos irmãos, como, por exemplo, quando chegaram ao Colégio. A Ana estava assustada, escondia-se por detrás das irmãs e rejeitava o contacto visual e físico, não falando com ninguém. No início, a Ana fazia muitas birras quando tinha que tomar banho e a Marta acalmava-a. No documento, refere-se que a Marta assumia em casa as funções da mãe.

Um aspeto fundamental das notas de campo são as reflexões pessoais realizadas enquanto investigadores. Por isso, queremos apresentar agora algumas das impressões que se

prendem com o **papel do investigador**, com as suas reflexões e reações durante todo o processo.

A primeira vez que nos encontrámos com o casal no seu próprio lar, sentimo-nos bastante inquietos e com medo do que poderia acontecer, até tal ponto que pensámos em deixar tudo para não ter que enfrentar a situação de entrar em casa deles e entrevistá-los. Quando nos aproximávamos, os vizinhos olhavam para nós como estranhos e isso fazia-nos sentir mal. Chegados à porta, uma cadela começou a ladrar, até que abriram.

Achámos muito interessantes e interpelantes as perguntas do filho Luís: “Quem é você?”; “O que é que quer de nós?”. Quando nós dissemos que precisávamos da sua ajuda e lhe perguntámos se nos queria ajudar, o Luís disse que sim e ficou muito contente. A partir desse momento, começou a falar muito e a ficar irrequieto. Chamou-nos a atenção o facto de, por duas vezes, o Luís nos ter chamado “pai”. Esta relação de confiança foi aumentando, levando-nos a sentir que Cristina olhava para nós cada vez com mais cumplicidade e com o desejo de que pudéssemos ser uma resposta, uma esperança para a família.

Ficámos surpreendidos quando perguntámos a idade ao avô e ele respondeu tirando o bilhete de identidade da carteira para copiarmos o que considerássemos necessário. Ele fez-nos sentir como assistentes sociais, que passam pelas casas das pessoas para tentar recolher informações.

O Filipe sentiu que a nossa presença poderia ser uma ocasião para falar dos seus problemas de saúde, já que trouxe com ele vários envelopes médicos, e também uma oportunidade para transmitir o que está a solicitar à Segurança Social. Nós explicámos bem que não éramos da Segurança Social, que estávamos a fazer um trabalho da Universidade, mas, no fundo, identificou-nos com alguém que o poderia ajudar.

Capítulo 5 - DISCUSSÃO

Ao começar a nossa investigação, perguntávamo-nos como seria a estrutura relacional de uma família com os filhos num Lar de Crianças e Jovens. Esta pergunta simples, mas simultaneamente profunda, guiou-nos durante dois anos e levou-nos a encontrar, finalmente, algumas respostas estimulantes. Os resultados obtidos através dos diferentes instrumentos, mostrou-nos uma complexidade relacional muito grande, marcada mais pelas ausências, vazios, silêncios e solidões do que por uma interação clara e cheia de factos observáveis. Neste sentido, o trabalho com instrumentos projetivos e os modelos teóricos de referência, que partem das dimensões relacional, histórica e simbólica, ajudaram-nos a aprofundar os elementos inconscientes, não-verbais e metafóricos que nos aproximam à trama desta Família Retalhos.

Alguns estudos de caso juntam os dois capítulos de resultados e discussão num só, já que, na apresentação de resultados qualitativos, está, inevitavelmente, uma interpretação dos mesmos e não teria sentido repetir informação em duas partes diferentes do trabalho (Simons, 2009/2011). Nós optámos por uma via intermédia, em que não realizaremos neste capítulo uma interpretação e cruzamento exaustivo dos dados, com citações dos resultados, mas antes uma síntese geral simplificada, própria dos relatórios finais dos estudos de caso.

Os resultados que apresentámos no capítulo quatro para cada instrumento mostraram-nos uma série de temas centrais, que são aqueles que dão corpo à estrutura relacional desta família. Todavia, todos eles se articulam numa rede complexa, que só depois de muitas voltas, é que tomaram forma. Os temas vertebraram-se a partir da metáfora espacial que nos aproxima dos conceitos de *estrutura* e de *fronteira*. A família aparece, então, como um mapa de sistemas e subsistemas interligados, com limites de diferentes tipos, mas também com vazios significativos entre eles.

Seguindo o modelo de Johnson e Waldo (1998), que integraram as teorias de Bowen e Minuchin num único gráfico, entrecruzando, no eixo vertical, os diferentes níveis de diferenciação de Bowen, numa escala de 0 a 100, e, no eixo horizontal, os dois extremos das fronteiras familiares de Minuchin, da desagregação ao emaranhamento, passando pelo ponto de equilíbrio quando as fronteiras são claras.

Nesta perspetiva, a Família Retalhos pareceu-nos estar situada na parte esquerda inferior do gráfico, como aparece na figura 5.1., já que os seus membros têm níveis baixos de diferenciação, marcados por cortes emocionais entre gerações e dentro da mesma geração. Ao mesmo tempo, as fronteiras familiares são rígidas, não deixando entrar facilmente novas pessoas no sistema familiar.

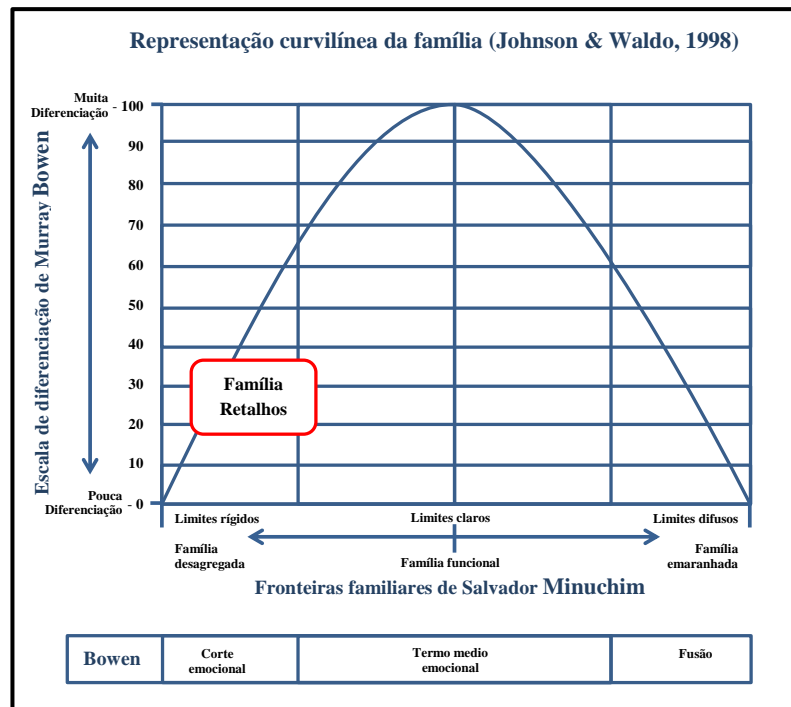


Figura 5.1. Representação curvilínea da família de Johnson e Waldo (1998).

Mas, com o decorrer da investigação, parecia que havia elementos que não correspondiam ao modelo inicial e perguntávamo-nos se não seria melhor colocar de lado este esquema, que encasulava muito rapidamente a família, e se não nos devíamos antes deixar surpreender pelos dados.

Deparámo-nos com um paradoxo: começavam a aparecer fronteiras difusas e rígidas em subsistemas próximos ou eram vividas de forma oposta em diferentes membros da família. Por exemplo, parecia que os filhos e o avô quase que se diluíam com os serviços sociais, porém, o padrasto assumia uma postura muito distante dos serviços e parecia não aceitar contactos com outros sistemas exteriores.

Fomos aproximando os diferentes temas que apareceram nos resultados e, tal como numa colcha feita de retalhos, as peças pareceram ir-se encaixando, criando-se um novo esquema compreensivo mais integrador da complexidade familiar.

Sem muita segurança, começou a nascer um modelo centrado na metáfora espacial e nas fronteiras. Retomámos o esquema das seis fronteiras sistémicas, apresentadas por Ondina Greco (2006), e os temas pareciam ir encaixando de forma natural em cada um dos tipos de fronteiras, à exceção de dois deles, relacionados com as dimensões espaço-temporais. Assim, acrescentámos duas fronteiras: a temporal, que coloca o esquema numa dimensão horizontal e histórica, e a espacial, que ajuda a dar profundidade e conteúdo real a todas as fronteiras simbólicas.

Os diferentes temas e subtemas que emergiram ao longo do trabalho aparecem recolhidos de forma esquemática na figura 5.2.



Figura 5.2. Esquema geral da estrutura relacional da Família Retalhos.

Para compreender melhor a complexidade do esquema concreto da família em estudo, apresentamos na figura 5.3. um genograma simplificado com os diferentes tipos de fronteiras e subsistemas internos.

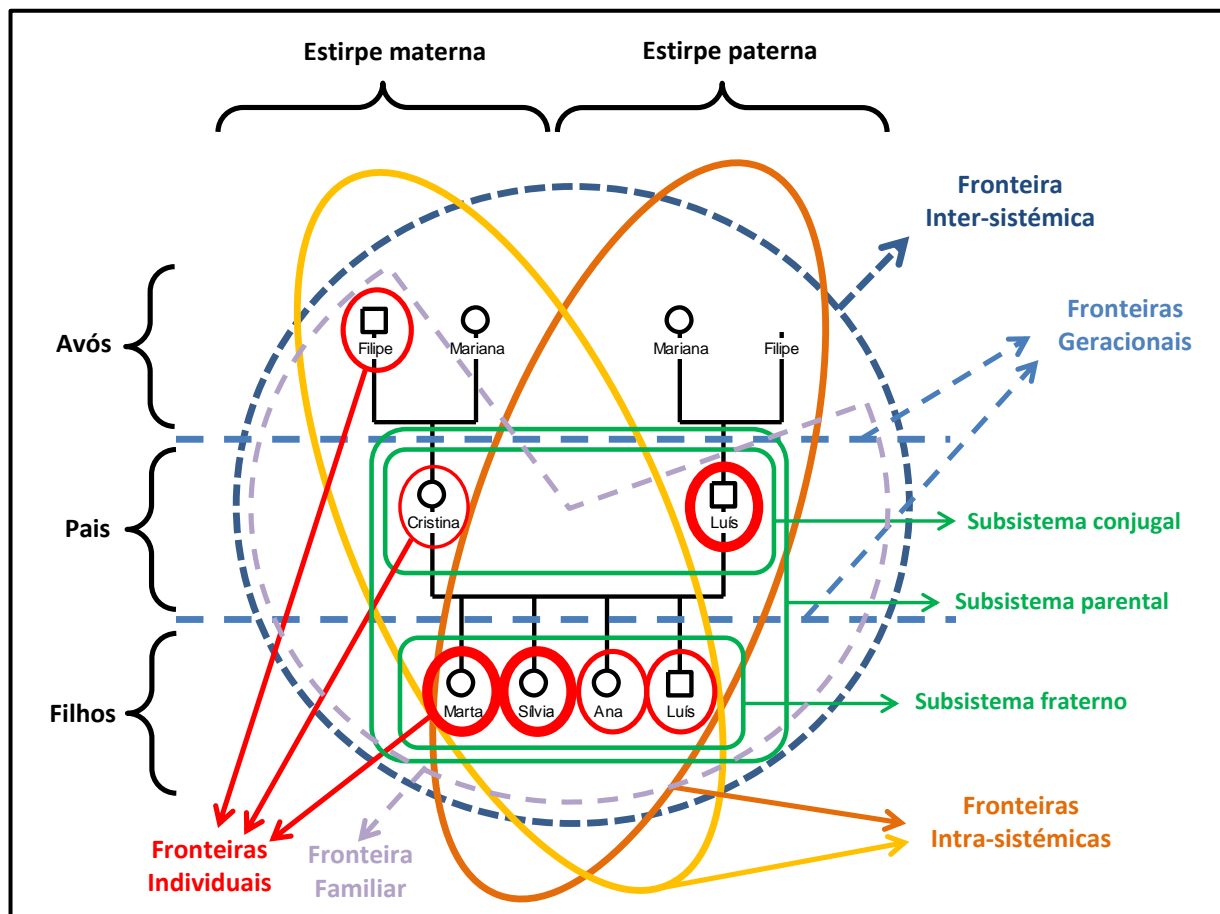


Figura 5.3. Diferentes tipos de fronteiras e subsistemas da Família Retalhos.

A discussão dos resultados será, portanto, desenvolvida através destas fronteiras e dos temas e subtemas ligados a cada uma delas. Desta forma, tentaremos apresentar, de forma aprofundada, como é a estrutura da Família Retalhos.

5.1. Fronteiras intrapsíquicas: A presença do ausente

Como já explicámos no primeiro capítulo, as fronteiras intrapsíquicas fazem referência à distância entre as representações do próprio eu e as representações dos objetos significativos. Neste sentido, um dos temas que nos surpreendeu, e que apareceu particularmente nas entrevistas, faz referência ao tipo de **pensamento** que as pessoas desta família têm, que se caracteriza por uma pobreza de palavras, por ideias muito concretas e pela dificuldade em verbalizar emoções. A estas características, alia-se uma capacidade reflexiva atrofiada, sem capacidade para simbolizar e sonhar e com limitações cognitivas significativas

em vários dos membros. Esta limitação do pensamento pode ser considerada como uma fronteira intrapsíquica rígida, que não permite uma metacomunicação interna entre a pessoa e o seu próprio eu.

Poder-se-ia dizer também que a relação simbólica que as pessoas têm com os **objetos** pertence ao espaço intrapsíquico, na medida em que existe uma fronteira entre o *Eu* e o significado que damos as coisas. Nesse sentido, esta família parece não relacionar-se muito com os objetos, revelando não precisar deles. Por exemplo, a falta de fotografias na casa e na instituição dos filhos remetem para um vazio simbólico, para um impedimento em se relacionarem internamente com as pessoas a partir dos seus objetos. Mas esta dificuldade não é assim tão linear em todos os membros da família. O que parece é que, à medida que vão crescendo, vão perdendo esta capacidade, a qual ainda se mantém nas crianças mais pequenas. De facto, o Luís, de 6 anos, foi o único que se preocupou em guardar uma foto da mãe e um cobertor que trouxera no dia em que entraram para a instituição. Do mesmo modo, a Ana, de 8 anos, queria vestir sempre umas calças que tinham sido dadas pela mãe e ficava chateada por ter que vestir outras. Foi nesse sentido que, no último encontro com o casal, oferecemos uma fotografia dos quatro filhos, no desejo de introduzir na família elementos simbólicos que a ajudem a re-significar-se.

O tema principal, dentro das fronteiras intrapsíquicas, diz respeito às ausências. A **presença do ausente** ou das figuras ausentes é tão forte e dramática nesta família que nos merece um olhar atento. Poderíamos imaginar uma fronteira interior que regula a distância do *eu* com o vazio, com a perda, com a morte, mas é um vazio cheio de conteúdo psicológico e relacional, uma perda ou morte não acompanhada de luto, porque não ficou disponível nada para ser simbolizado.

Neste sentido, a família Retalhos está a lidar com uma sucessão desconexa de perdas não integradas: a perda de um filho, dado de forma violenta em adoção; do pai biológico da Marta, que aparece como um fantasma no meio da família, porque não se pode falar dele; do tio Fernando, o predileto do avô, que emigrou para França há bastante tempo e a quem ninguém consegue substituir; da irmã Cristina e das netas. Também é evidente a ausência da geração dos avós do lado paterno, porque morreram cedo e, do lado materno, porque os avós tiveram que fazer as funções dos pais. Também a bisavó materna representa uma ausência para Marta, porque cuidou dela durante alguns anos e até a chamava de mãe. Mas, quando morreu, não a deixaram ir ao funeral e ela lamenta muito isso, pois não lhe permitiram ritualizar a perda.

Outra figura ausente nesta família é o tio Júlio, irmão do pai, que morreu tragicamente com vinte anos. O nome deste tio foi dado ao último filho, que foi dado em adoção, exprimindo um possível desejo de dar continuidade e ultrapassar a perda.

A presença psicológica monopolizadora de algumas ausências, como a do pai biológico, para Marta, pode chegar a funcionar como um buraco negro que paulatinamente vai destruindo o pensamento. Marta não sabe nada sobre o seu pai, porque a mãe não quer falar disso. Não sabe o nome, nem a idade, nem onde mora ou se tem outros filhos. Ela não fala espontaneamente do pai nem o desenha espontaneamente nos testes projetivos, mas depois, quando sente maior confiança, expressa a necessidade que tem de saber, de poder conhecer as suas origens para construir a sua identidade nesta fase tão sensível da adolescência. Esta mesma experiência a tem vivido o seu padrasto Luís, que também foi abandonado pelo seu pai biológico, quase como se se tratasse de uma sucessão negativa de ausências paternas.

A experiência psicológica da ausência manifesta-se em negações, rejeições, silêncios ou omissões. A ausência do filho que foi dado para adoção é vivida de diferentes formas nos diversos membros da família, a Marta e o irmão Luís sentem necessidade de falar dele e, tal como o pai, também o desenharam perto deles, preservando a memória e os laços que os unem. Por exemplo, no genograma a Marta colocou uma relação forte com este irmão, que nunca conheceu. A mãe parece negar a existência deste filho, não o desenhando nem querendo falar dele. Esta negação pode ser um mecanismo de defesa para evitar ter que lidar com a angústia, uma vez que esta ausência de palavra e da imagem sugerem a hipótese de um processo de luto não resolvido, de sentimentos excessivamente intensos.

O **conflito de lealdade** é um dos conceitos que aparece também ligado às fronteiras intrasistémicas, mas que consideramos que se refere principalmente a um problema intrapsíquico. Quando as fronteiras são rígidas, transformam-se em excludentes, obrigando as pessoas com duplas pertenças a posicionarem-se de um lado ou do outro, impossibilitando a integração. Por exemplo, a Marta tem que escolher entre o seu pai biológico, que não conheceu, e o padrasto, que é pai dos seus quatro irmãos. Esta escolha surge pelo facto de a família não integrar no seu imaginário o pai da Marta, o que leva a que ela fique numa situação de abandono e divisão interna. Ela valoriza muito que o padrasto a trate como uma filha, mas não consegue renunciar as suas origens e, desta forma, encontra-se num conflito de lealdade. Este conflito manifestou-se quando teve que representar as pessoas mais importantes e desenhou como figuras masculinas o tio Fernando e o namorado da tia, não desenhando nem o pai nem o padrasto. Desta forma, a Marta está privada de toda a dimensão paterna nas suas origens.

Se observarmos o genograma geral da família e o compararmos com os desenhos projetivos ou com o número de pessoas que são apresentadas nas entrevistas, constatamos que existe um grande desfasamento. Com efeito, os membros da família deixam de fora um grande número de pessoas que pertencem ao sistema familiar, ficando reduzidos aos membros da família nuclear. Poderíamos falar aqui de uma ausência de passado, das origens familiares, mas serão explicadas melhor nos cortes realizados nas fronteiras intrasistêmicas e nas temporais.

5.2. Fronteiras individuais: Sozinhos na multidão

As fronteiras individuais fazem referência à distância entre a pessoa e os outros. Nesse sentido, aparecem três temas relacionados diretamente com estas fronteiras. Destacamos, em primeiro lugar, os dois conceitos bowenianos de *diferenciação* e *corte emocional*.

Na Família Retalhos existem **baixos níveis de diferenciação**, a maioria dos membros não consegue criar relações de reciprocidade de pessoa para pessoa, nem enfrentar os problemas da vida de forma responsável. Revelam não conseguir tomar conta de si próprios nem decidir autonomamente. Algo que caracteriza esta família é a dificuldade de assumir as próprias culpas e parecem procurar *bodes expiatórios* para culpabilizá-los dos próprios insucessos. Por exemplo, o avô Filipe culpabiliza a sua ex-mulher de todos os males da família e esta avó, assim como a tia Cátia, adotam também esta atitude perante a filha Cristina e a neta Marta.

A falta de diferenciação é muito clara na Cristina, que mantém uma relação de **dependência** com o seu pai, sem ter sido feita a necessária desvinculação para formar uma nova relação de casal com o marido e assumir o papel de mãe dos seus filhos. Esta análise é-nos sugerida pelo esquecimento de desenhar na *Dupla Lua* o marido e pelo facto de colocar o seu pai em primeiro lugar e junto dela. A falta de diferenciação também é corroborada pela quantidade de cortes emocionais manifestados e que passaremos a explicar a seguir.

Os **cortes emocionais**, aliados à dependência, são modalidades de expressar a falta de diferenciação. Esta família está marcada por uma falta de pertença, disfarçada de falsa autonomia. Um primeiro olhar sobre o sistema pareceria mostrar-nos um grupo de pessoas independentes e pouco necessitadas umas das outras, mas, na realidade, são como retalhos desejosos de ser cosidos. Estão a viver a desagregação, numa posição permanente de criança que tem dificuldade em tornar-se adulto. Assim, quando sentem que têm de oferecer afeto aos outros, pensam que não o podem dar, porque nunca o receberam.

Estes cortes emocionais são claros quando, por exemplo, a figura do pai corta com toda a sua família de origem, abandonando toda relação com os seus pais, avós, tios e irmãos numa tentativa falhada de encontrar uma solução pela fuga. Ele próprio afirma que não se pode confiar em ninguém e que prefere estar sozinho, verificando-se, aqui, uma tendência psicológica para o esvaziamento, para deitar fora todos os conteúdos insuportáveis que o angustiam interiormente. Este corte é vivido também pelas filhas, que não falam nem desenham ninguém da estirpe paterna.

Também a mãe parece ter feito cortes emocionais com toda a sua estirpe materna, com o filho dado em adoção e com o pai da sua primeira filha. Isto está bem patente na negação que manifestou na *Dupla Lua* em desenhar estas figuras. Estes três cortes realizados pela mãe aparecem também nas filhas Sílvia e Marta.

O tema dos cortes emocionais está diretamente ligado a uma tendência ao **isolamento** que leva as pessoas desta família a viver em solidão. O caso mais difícil é o da Marta, que, por exemplo, não se desenha a si própria no genograma ou se coloca na *Dupla Lua* sozinha, num quadrante diferente e com um símbolo distinto dos restantes, não se envolvendo a si própria no seio da família. Por sua vez, os desenhos de Marta e Sílvia parecem representar um conjunto de ilhas, um aglomerado de círculos desconexos. Poder-se-ia dizer que esta família está marcada por fronteiras individuais rígidas e impermeáveis que dificultam o processo de diferenciação, provocando cortes emocionais que deixam os seus membros sozinhos e desvinculados.

5.3. Fronteiras geracionais: Quem é quem?

As fronteiras geracionais referem-se àquelas que regulam a distância entre as diferentes gerações da família. Partindo do pressuposto de que as gerações precedentes assumem a responsabilidade do cuidado das sucessivas, numa distribuição diferenciada de papéis, podemos dizer que na Família Retalhos estes papéis não são claros e que as fronteiras geracionais são difusas, não se sabendo muito bem quem é quem, porque os limites geracionais são difusos. Este facto leva a uma relação igualitária entre pais e filhos e a uma assunção das funções parentais por parte das filhas mais velhas.

Começando pelo tema da **parentificação**, podemos comprovar que a Marta assume um papel de mãe substitutiva no cuidado dos seus irmãos, o que está patente na análise das entrevistas e na forma como esta se expressa nos desenhos do genograma e da *Dupla Lua*, colocando primeiro os irmãos, por baixo dela, e esquecendo os pais ou relegando-os para um

lugar afastado. Esta hipótese é também corroborada pelos encontros com os quatro irmãos, nos quais a Marta assumia sempre o papel de protetora, preocupando-se com a arrumação de tudo; e pelos relatos dos primeiros momentos na instituição, em que Ana só conseguia ser acalmada pela Marta.

O tema da parentificação vivido pelas filhas está ligado ao tema das **relações igualitárias** vividas entre pais e filhos. Aparecem, nesta família, fronteiras geracionais excessivamente permeáveis que dificultam a assunção de papéis próprios de cada geração. Filhos e pais parecem pertencer à mesma geração e os desenhos da *Dupla Lua* de Cristina e Luís mostram essa simetria relacional com os filhos, já que se esquecem de desenhar o parceiro e colocam os símbolos dos filhos ao mesmo nível e do mesmo tamanho que o deles próprios. Esta dificuldade para assumir o papel parental foi também manifestada no discurso verbal que acompanhou a realização dos instrumentos e nas entrevistas com os outros membros da família.

5.4. Fronteiras familiares: A procura de uma agulha

As fronteiras familiares dizem respeito à distância entre a pessoa e uma ou várias famílias, estando marcadas pelas pertenças, em termos de inclusão ou exclusão familiar. Nesta família, utilizámos a metáfora da agulha na introdução para expressar o desejo de pertença, de se sentir unido a alguém. Esta necessidade de ligação foi manifestada por Marta e pelo seu irmão Luís.

O primeiro tema que queremos salientar neste âmbito é a **exclusão familiar**, vivida especialmente pela Marta, que sente que não pertence a nenhuma família, não entendendo bem o que é e o que não é uma família. De facto, na primeira entrevista, ela define a família como sendo uma pessoa que oferece os bens essenciais. Nos desenhos da *Dupla Lua* da Marta e da Sílvia aparece uma rara modalidade não integrativa, já que envolvem cada pessoa separadamente, como se cada pessoa sozinha fosse uma família, como se não fosse possível incluir várias pessoas no mesmo espaço. Desta forma, evitam posicionar-se a favor de um ou outro polo familiar. Pode-se falar aqui de um **conflito de pertença** vivido especialmente pela Marta que não se sente pertencer a nenhuma família, que vive isolada e desvinculada porque não consegue resolver satisfatoriamente uma dupla pertença.

Porém, a Marta, no primeiro encontro, coloca todas as suas expectativas futuras em ver a sua família mais unida. Este desejo de união e de manter o pouco que se assemelha à realidade faz com que todos tentem **defender os vínculos**, ainda que isso exija negações e

mentiras. Poderíamos considerar este movimento como um recurso da família, um aspeto positivo a potenciar. O casal tem-se esforçado por cumprir os requerimentos dos serviços sociais, porque, no fundo, desejam que os seus filhos voltem para casa. Assim, pediram autorização para receber os filhos nas férias. A Marta, por seu turno, quer voltar para casa de vez, mas, como tem consciência das limitações familiares, gostava de conseguir ir, pelo menos, nos fins de semana. Também o avô deseja esta reunificação e manifesta-o vivamente sempre que tem oportunidade.

A negação dos problemas que estão a viver pode ser outra forma de defender os vínculos. Quando o avô nega que os netos estavam mal quando foram retirados, ou o facto de o casal achar que atualmente os problemas se reduzem a temas económicos, ou quando Marta justifica os pais e oculta a verdade para proteger o núcleo familiar, está bem patente a negação dos problemas.

Esta defesa dos vínculos também é feita a partir de relações de aliança de **triângulos emocionais** que tentam manter a unidade familiar. Como já referimos no genograma, pode-se falar de um triângulo formado entre o padrasto, a Marta e o filho Júlio que foi dado para adoção. Parece que o Luís e a Marta são os únicos da família interessados em manter a memória, como se os dois se sentissem identificados com esta figura abandonada. Existe outro triângulo trigeracional da Marta com a mãe e o avô materno, que parece querer dar continuidade à família, rejeitando a linhagem da avó materna. E, por último, existe outro triângulo formado pela relação entre os irmãos, que se unem numa tentativa de superar o abandono da geração anterior.

Um dos aspetos que também pode ajudar a manter a união familiar são os mitos, ritos, regras e valores partilhados. No entanto, na família Retalhos não há quase mitos e ritos próprios, apenas uma mitificação negativa da avó materna. Pelo contrário, o que se pode ver é que há regras implícitas não verbalizadas, que ajudam a criar identidade de grupo. Uma das **regras de ouro** da família poderá ser o silêncio, que se mantém quando a situação se torna tensa. Desta forma, não se falam certos temas-tabu, porque criam muito desconforto emocional, como é o caso do pai biológico da Marta.

5.5. Fronteiras intrasistémicas: A ilusão da autogeração

As fronteiras intrasistémicas explicitam a distância sentida pela pessoa entre as diversas famílias nucleares e as suas origens e estirpes diversas. Na Família Retalhos, este é um dos temas mais problemáticos e com mais consequências negativas para a geração mais

nova. Por um lado, podemos ver uma clara tendência para a **exclusão da estirpe paterna**, sendo que as crianças ficam, assim, privadas dos avós que lhes deram o apelido, dos seus tios e primos paternos. Por outro lado, parece existir um **corte com as origens** nas duas estirpes. O pai realizou um corte tão forte com as origens que não faz de ponte entre os filhos e os seus ascendentes. Ele próprio disse que agora a família era só a esposa e os filhos e não desenhou na *Dupla Lua* ninguém da sua família de origem. Este tema pode estar relacionado também com uma tendência para a feminização nas famílias multiproblemáticas, nas quais as filhas, mães e avós assumem todos os papéis familiares e são o elo de ligação intergeracional. No caso da Marta, são as duas estirpes paternas que são apagadas. Em toda a família, se observa com nitidez este aspeto do corte com as origens, não existindo integração da história familiar. Este corte com as origens impede de criar uma sadia projeção no futuro.

Este padrão de corte com as origens fomenta a **ilusão da autogeração**, a fantasia de criar algo do nada, sem referências ao passado. Na figura 5.4. apresenta-se o modelo patológico de **transmissão intergeracional** desta família, cujos membros aprenderam a cortar com os ascendentes e com os iguais, ficando sozinhos e projetando-se para a futura geração, correndo o risco da nova geração repetir o esquema e deixar sozinhos os pais. Isto parece

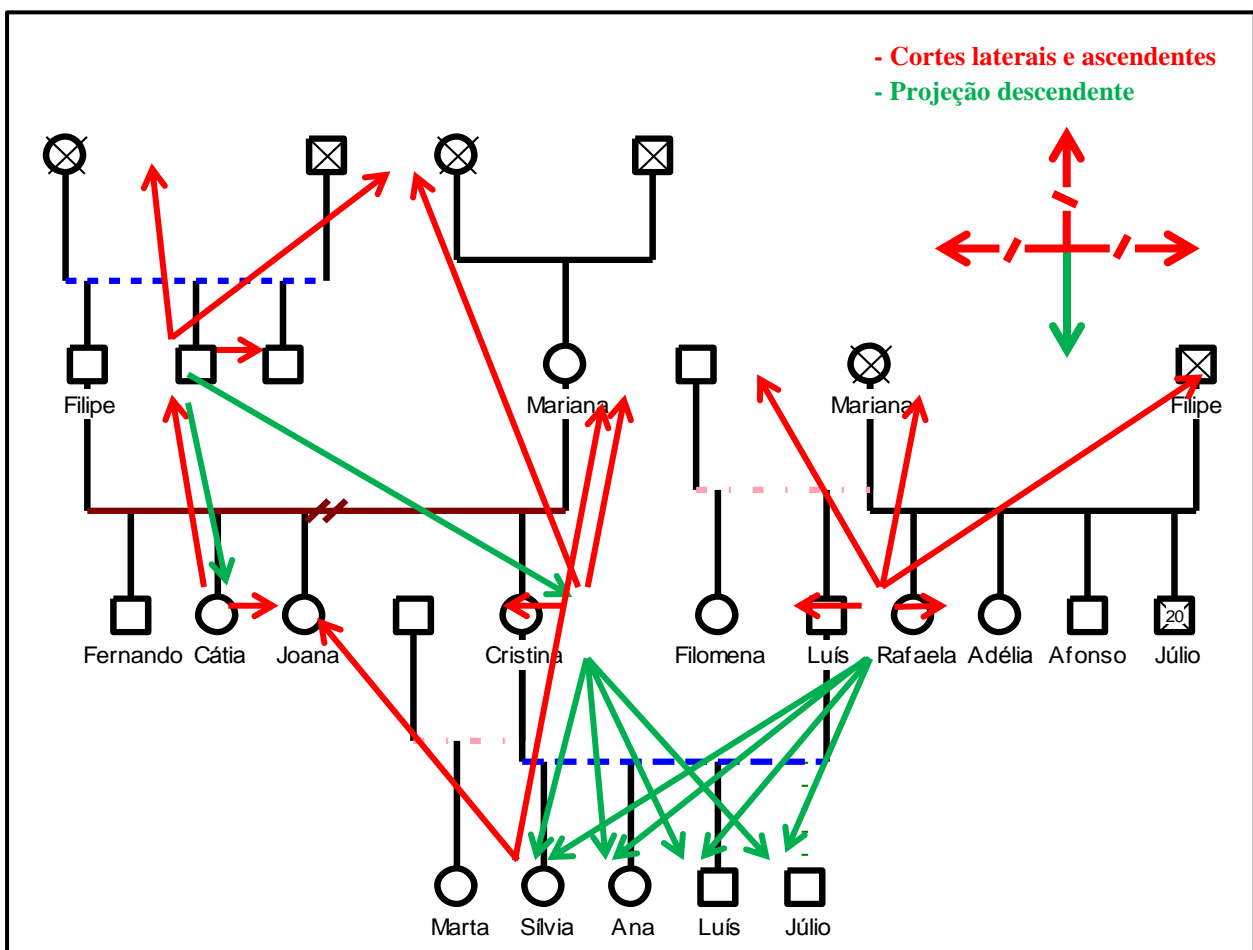


Figura 5.4. Processo de transmissão trigeracional de corte com as origens.

acontecer com o avô Filipe e o tio Fernando, já que este, emigrando para longe, repetiu o corte que o seu próprio pai fez com os seus progenitores, saindo de casa muito cedo para ir para a tropa, com o desejo de fugir de um ambiente que achava negativo. Como se pode ver na figura anterior, tanto a Cristina como o Luís parecem manter esse modelo e estão a transmiti-lo aos seus filhos.

Contudo, nem todas as transmissões nesta família são negativas. Há, por exemplo, uma transmissão de nomes masculinos que ligam umas gerações a outras e há também uma transmissão de **reconhecimento** da filiação adotiva, concretamente no caso do Luís e da Marta, que foram abandonados em pequenos pelos seus pais biológicos e que, posteriormente, foram reconhecidos como filhos pelo novo parceiro da mãe. Luís sente que foi reconhecido como filho pelo seu padrasto e, por isso, ele quer fazer o mesmo com a sua enteada Marta. Esta, por sua vez, encara, cada vez mais, o Luís como um pai, o que está a criar uma nova relação entre ambos.

5.6. Fronteiras intersistémicas: Cortando a rede

As fronteiras intersistémicas regulam a distância entre a família e outros sistemas da rede social. Na Família Retalhos, surgiram quatro elementos significativos de relações intersistémicas: os amigos, a família alargada, os serviços sociais e nós próprios, como investigadores.

Os **amigos** aparecem de forma diferente em cada uma das gerações. Os pais e o avô não mencionam nenhum tipo de relações de amizade, ao contrário das filhas, que misturam continuamente familiares e amigos, como se estivessem no mesmo patamar, numa possível tentativa de substituição das figuras de referência, que não se encontram disponíveis. O modelo de cortes emocionais seguido pelos pais é aplicado em todos os níveis relacionais, impedindo manter relações de proximidade com os amigos.

A **família alargada** parece valorizada pela mãe e pelas filhas, para quem o tio Fernando, a tia Joana e o seu namorado surgem como pessoas muito significativas e de suporte afetivo. Parece que procuram nestas pessoas uma substituição de elementos interiores não resolvidos. Por isso, estes familiares podem ser considerados quase como parte integrante da família nuclear. Como não colocam ninguém mais, poder-se-ia falar de uma rejeição da família alargada, de um corte com a rede mais extensa da parentela, especialmente significativo no casal, que não fala nem desenha membros da família alargada.

Como já comentámos na introdução, a relação que o **investigador** cria com a família nos estudos de caso qualitativos faz parte do processo de investigação e tem de ser valorizada. Esta relação caracterizou-se por uma confiança crescente e por implicações em mudanças do sistema. Ainda que não fosse a nossa intenção, a entrada no sistema familiar levou a que os pais refletissem mais sobre os filhos e os filhos sobre os pais, criando-se, assim, uma espécie de ponte. Esta alteração do sistema pôde-se verificar no pedido que fizeram, depois de dois anos, para que os filhos fossem a casa nas férias. A chamada de telefone final do pai para nos comunicar a decisão positiva do tribunal e o agradecimento que nos fez, fazem-nos refletir nas implicações humanas que podem ter quatro encontros que, em teoria, eram só para pesquisar informação.

Também temos refletido muito sobre os problemas éticos que se levantam numa investigação como esta, assunto que já tivemos oportunidade de focar. Na maioria destas famílias, as fronteiras são excessivamente permeáveis com o exterior e o perigo de fusão e substituição é muito grande. As dificuldades emocionais para sair do sistema podem, desta forma, deixar os investigadores vulneráveis.

Por último, cabe mencionar a relação que esta família tem com os **serviços sociais**, caracterizada principalmente por elementos negativos: desconhecimento, desconfianças mútuas, situações conflituosas, cortes, desprezo e agressividade. A instituição e os serviços sociais não acreditam muito nas possibilidades de melhoria desta família e, portanto, não valorizam muito os seus desejos de reunificação. Esta distância não é beneficiada pelos momentos de agressividade, nos quais o pai rejeita o trabalho dos serviços sociais e reforça ainda mais a rigidez das fronteiras intersistémicas e o conseqüente isolamento. Concordante, o avô acha que os serviços foram injustos para com eles na retirada dos filhos, mas, ao mesmo tempo, deposita na segurança social a responsabilidade do seu futuro económico. A intervenção mais violenta para a família foi a retirada, após o nascimento, do filho mais pequeno, não tendo sido permitido aos irmãos ver o bebé. Como já vimos no tema das ausências, esta medida do tribunal está a ter conseqüências psicológicas graves na família.

Porém, a relação da família com a instituição onde moram os filhos é positiva e de confiança, apesar de a psicóloga da instituição sentir que não conseguem dar resposta a todas as necessidades que as famílias dos jovens apresentam.

Como síntese, poder-se-ia dizer que as fronteiras intersistémicas são difusas para as filhas e rígidas para os pais, já que elas misturam, no seu imaginário, os amigos da escola e da instituição com a família nuclear e alargada e apresentam uma tendência a diluir-se com os serviços sociais e com os investigadores. No entanto, os pais parecem não integrar quase

ninguém da família alargada, nem amigos, nem vizinhos, nem outras pessoas da sociedade e apresentam uma relação conflituosa com os serviços sociais.

5.7. Fronteiras espaciais: Uma casa sem portas

Este ponto não foi muito aprofundado na nossa investigação, mas sentimos que alguns dos aspetos que caracterizam as casas das famílias multiproblemáticas se verificam também na família em estudo.

A relação que a Família Retalhos tem com o espaço físico parece estar marcada por uma falta de apropriação e por umas fronteiras difusas. Tal como acontece numa **casa sem portas**, onde entra e sai quem quer e quando quer, a casa da família parecia mais um apartamento despersonalizado do que o lar duma família. É muito difícil criar um lar quando há falta de limites e de ritos que configurem o marco espacial e relacional duma família. É como se vivessem **sem espaço próprio**, como se não fossem capazes de apropriar-se das coisas físicas e do espaço, como se vivessem no ar, sem um chão onde poder apoiar os pés para caminhar.

5.8. Fronteiras temporais: Encadeados no presente

Quando iniciámos a recolha de dados, um dos temas que nos surpreendeu foi a relação problemática que esta família tem com o tempo.

Primeiramente, convém esclarecer que, nesta família, se sucedem no tempo uma série de **eventos críticos não normativos**, que ultrapassam a capacidade que a família tem para os superar. Alguns desses eventos, que foram marcando a história desta família, são o abandono das figuras paternas, as gravidezes adolescentes, o divórcio dos avós maternos, as mortes prematuras, a emigração, a deficiência mental ligeira em alguns membros, o abuso de álcool acompanhado de maus-tratos, o acolhimento institucional de quatro filhos e a adoção de outro, a doença crónica do avô, o desemprego do casal, a criação de uma família reconstituída, entre outros. A impossibilidade de ultrapassar todas estas perdas faz com que a família fique bloqueada no tempo, não conseguindo modificar ou flexibilizar as fronteiras internas e revestindo a forma de uma **família petrificada**. Esta família tem uma falta de ligação entre passado, presente e futuro. Parece que ficaram presos no presente, numa vivência passiva da realidade, com a impossibilidade de entrar em diálogo com o passado e a incapacidade para se projetar no futuro.

Neste **presentismo**, o tempo foge imperturbavelmente, sem que surjam modificações. É como se o tempo estivesse parado. Por isso, a Marta coloca a idade que os pais tinham quando ela entrou na instituição, como se não tivesse passado o tempo. Este tempo esquecido é muito marcado na Família Retalhos, que quase não guarda memórias e não consegue decorar datas significativas nem idades dos membros da família. Para Marta, o passado é uma soma de etapas desconexas, já que, em apenas 14 anos, viveu em seis residências diferentes. A isto se alia uma falta de expectativas e desejos para o futuro, que é sentido como algo vazio e incontrolável.

O passado não é utilizável como recuso para viver o presente, porque é esquecido à medida que é gerado. Assim, nenhum projeto pode ser feito para o futuro, porque nunca se podem prever os acontecimentos que vêm a seguir.

Esta família parece estar impossibilitada de construir uma narração própria, uma história que ajude a dar sentido à vida das pessoas e a construir uma identidade familiar. Nenhum deles quis utilizar a varinha mágica da *Dupla Lua* para imaginar um futuro diferente, pois não conseguem sonhar e projetar, vendo esta como uma tarefa muito árdua e complicada. Parece-nos, assim, que o corte feito com as pessoas também é feito com o próprio tempo.

CONCLUSÃO

Vamos dividir a conclusão em duas partes, uma mais narrativa e outra mais descritiva. Para realizar a primeira parte vamos utilizar um estilo discursivo e metafórico, como sugerem alguns autores (Stake, 1995/2010; Kvale, 2008/2011; Simons, 2009/2011), que consideram que o relatório final de um estudo de caso tem de ser sugestivo, processual e descritivo, cativante para o leitor. Por isso, vamos utilizar, entre outras, a metáfora do viajante, da qual já tínhamos falado anteriormente.

Tudo começou num dia de setembro, há dois anos atrás, numa reunião de colegas de trabalho, na qual tentávamos definir um plano de intervenção com as famílias dos rapazes que vivem no Lar de Crianças e Jovens onde exercemos o nosso labor educativo. Uma das constatações mais fortes foi a falta de um esquema de referência que nos ajudasse a compreender as famílias e orientasse os passos a dar. Surgiam-nos perguntas, tais como: “O que fazer?”; “Com que sentido?”; “De que maneira?”. Conhecíamos os sentimentos de impotência e as frustrações que muitos técnicos vivem quando trabalham com estas famílias chamadas multiproblemáticas e não queríamos cair num pessimismo derrotista nem num otimismo inconsciente.

Como estávamos no processo de definição do projeto de dissertação de mestrado, pensámos que era uma ótima oportunidade para colocar a investigação ao serviço da prática laboral. Queríamos, antes de mais, conhecer, saber, compreender estas famílias. Queríamos fazer uma viagem pelos vastos territórios do mundo relacional familiar. Assim, começámos, por preparar a jornada, comprando uns guias que nos auxiliassem na viagem, bons livros escritos por aqueles que já tinham andado pelas terras nas quais nós queríamos adentrar-nos. Foi desta forma que, pela mão de caminhantes como Salvador Minuchin, Murray Bowen, Maurizio Andolfi, Vittorio Cigoli e Ondina Greco, começámos a penetrar nos mistérios, nos símbolos, nos mitos e ritos destas terras, destas famílias.

Sem ainda termos conseguido ler tudo, mas com a certeza de continuarmos as nossas leituras nas paragens do caminho, começámos a preparar o nosso itinerário, os meios de transporte e as escalas, as pessoas com quem queríamos conversar e os óculos mais apropriados para ver a paisagem. Assim, começaram a aparecer no horizonte da nossa investigação os instrumentos, os participantes, os contextos e as metodologias.

Quando o itinerário estava mais ou menos claro, passámos a realizar as diligências burocráticas da nossa viagem: tratar do passaporte e pedir um visto de entrada. Assim, efetuámos os pedidos institucionais e o consentimento informado, os quais foram rapidamente

aceites. Parecia que tudo estava pronto. Iniciámos a viagem com uma mochila carregada de livros e de materiais necessários para a sobrevivência, e, sobretudo, carregada de nós próprios, dos nossos medos e ilusões, das nossas ideias e projetos, dos nossos preconceitos e mecanismos de defesa, porque não se pode deixar em casa o que está colado à nossa pele. Às vezes, pensávamos que seria melhor ver um documentário sobre viagens, mas, a realidade é que, nos estudos de caso como o nosso, a observação é participante e a pessoa do investigador passa a formar parte do sistema que se quer estudar.

Na nossa primeira paragem, encontrámos uma pessoa, uma jovem de 14 anos, chamada Marta, que nos obrigou a esquecer um pouco os nossos mapas e nos desafiou para que lhe déssemos a mão, porque nessa terra só podíamos entrar guiados por uma sherpa, uma guia especializada como ela, que conhecia os caminhos desse santuário natural. Mas ela não tinha muitos meios para nos guiar na direção pretendida. Assim, pediu-nos uma lanterna, porque estava bastante escuro, e também nos pediu se, em vez de irmos de mão dada, ela poderia ir amarrada ao nosso braço, porque tinha medo da noite e do silêncio. E, assim, começámos juntos o trilhar o caminho, apoiados um no outro.

Julgamos que o único caminho para se conhecer esta família era o da humildade, o da verdade e o do respeito profundo. Tínhamos a noção de que nós poderíamos oferecer algo de bom, mas não poderíamos dar nada que eles não quisessem receber. Deixar-nos entrar naquele sistema, naquela terra chamada família, era um presente e uma grande responsabilidade, ao mesmo tempo.

No decorrer da viagem, a Marta contou-nos histórias daquelas terras: as guerras e os tempos de paz; os desterrados e as repatriações; as mortes e os nascimentos. Sentimos que estávamos perante uma jovem um pouco perdida, que não sabia para onde caminhar nem a quem pertencer. Era como se a vida a tivesse deixado sozinha, à deriva. Mas ela não tinha desistido, lutava pelos seus irmãos, obrigando-se a ser adulta, a ser uma mãe para eles. Ela tinha um sonho que quase monopolizava o seu pensamento: queria ter uma família unida, ela própria queria sentir-se unificada. A Marta tinha sido abandonada pelo seu pai na infância e maltratada depois pelo padrasto, tinha vivido em seis residências diferentes desde que nascera, tinha experimentado a pobreza, a violência e a fome, mas, sobretudo, tinha experimentado as ruturas, os vazios e as ausências. Impedida de conhecer parte das suas origens, sentia um corte com o passado, que não lhe permitia projetar-se no futuro. Vivia sempre na ânsia de preencher os vazios existenciais, de saber quem era o seu pai, de conhecer um irmão que fora dado para adoção, de sentir-se amada e reconhecida por uma mãe com poucas capacidades e um padrasto pouco habituado a mostrar as suas emoções. Esta solidão

existencial da Marta transformava-a, muitas vezes, num mendigo de carinho, que consente submissamente tudo para ser aceite e reconhecido pelos outros.

Apesar das exigências deste primeiro encontro, parecia que a expedição ainda nos deparava desafios maiores. Nós queríamos ser turistas nesta viagem, mas parecia que só como peregrinos é que conseguiríamos conhecer deveras os segredos que esta terra escondia. Por isso, para continuar a viagem, tivemos de mudar de rumo, entrando em casa da família, ultrapassando os nossos medos e apreensões. E foi assim que nos encontramos com os pais, um casal receoso de deixar entrar na sua intimidade um forasteiro. Como na história de amizade entre a raposa e o Príncipezinho (Saint-Exupéry, 1943/2001), tivemos que aproximar-nos devagar, ritualizando os encontros, com muito respeito e sinceridade, reconhecendo as nossas fragilidades e fazendo uso do humor, da partilha e da compreensão.

Assim como a filha, o casal também parecia estar a viver um profundo sentimento de solidão e abandono. Os dois viviam na mesma casa, mas a sua relação assemelhava-se a dois barcos que se cruzam silenciosos no nevoeiro da noite. Tanto Cristina como Luís Carlos viveram sucessivos cortes nas suas relações, quer com as suas famílias de origem, quer com a sociedade, quer com o filho dado em adoção, quer entre eles ou com os próprios filhos. Parece que viviam perdidos num deserto relacional, onde as dunas eram tão altas que impossibilitavam olhar para o horizonte, onde o calor é tão asfixiante que a pessoa só quer saciar a sua sede interior e prefere meter a cabeça no chão, como a avestruz, para não ter que ver e ouvir as exigências do mundo exterior. Era assim que se sentiam em relação à instituição e aos serviços sociais, que, para eles, pareciam ser mais um saco para carregar do que uma mão estendida pronta a ajudar. Mas este casal também nos mostrou uma defesa dos vínculos e uma capacidade de adaptação que não esperávamos.

Depois de vários encontros com a filha e o casal, tivemos a oportunidade de aproximar-nos também do avô, na esperança de contactar mais com o passado desta família, que se apresentava tão difuso. Contudo, este avô não era como os sábios anciãos das culturas ancestrais, em quem as tribos depositavam toda a confiança. Era um homem bastante isolado e fechado nas suas doenças e preocupações. Como o resto dos familiares, parecia ter feito um corte com as suas raízes. Era como se todos eles pretendessem apagar com uma borracha o passado e acreditassem na ilusão da autogeração espontânea. O senhor Filipe vivia preocupado com a filha e os netos e, agora que a vida começava a declinar, sentia que o coração abrandava e emocionava-se quando os netos o abraçavam.

O nosso destino de viagem era afinal um arquipélago, um conjunto de ilhas não muito bem comunicadas entre si, mas cada uma parecia ter o seu interesse particular e revelava algo

novo do conjunto. Vistas de longe, era evidente que estas ilhas formavam um grupo unido, mais ainda, quem explorasse as águas circundantes, reconheceria um mesmo sistema geológico subaquático. De facto, olhando por debaixo das águas, poderíamos tomar consciência da estrutura comum e do sistema marinho que partilhavam. Todavia, quem estivesse muito próximo, quem pisasse e explorasse o arquipélago, poderia pensar que estas ilhas eram espaços totalmente independentes, que nada tinham a ver as paisagens de Marta com as de Cristina ou Luís, que eram muito diferentes o Filipe e a Sílvia, que estavam todos muito isolados e que era excessivamente complicado atravessar o oceano que os separava.

Mas, seria possível construir umas pontes entre elas? Seria possível unir estas ilhas, como quando se costuram os retalhos de uma manta? Seria possível constituir uma expedição subaquática bem coordenada, empenhada em procurar os tesouros escondidos deste sistema complexo?

Depois de dois anos de trabalho, podemos dizer que concluímos, com bastante satisfação, um projeto desejado. Hoje, podemos contar com umas linhas mestras de leitura dos processos internos destas famílias multiproblemáticas. Apesar de termos realizado um estudo de caso com uma só família, achamos que os resultados nos podem iluminar noutros casos e orientar a reflexão e a análise no trabalho com famílias em contextos institucionais.

As conclusões gerais a que chegámos poderiam dar-nos a seguinte imagem: a Família Retalhos está a viver uma situação marcada pela baixa diferenciação dos seus membros e por cortes emocionais transgeracionais disfarçados de uma falsa autonomia, mas que levam a pessoa ao isolamento afetivo e a um sentimento de pertença familiar limitado ou nulo. Este modelo relacional é transmitido de umas gerações a outras, pelo que a família, no seu conjunto, assemelhasse a um arquipélago de ilhas ou a um monte de retalhos desconexos que esperam ser cosidos.

Estes cortes com as origens fazem com que a geração dos pais não possa oferecer aos filhos um património simbólico para crescer. O corte com o passado impede a projeção no futuro e condena a família a viver presa no presente.

Porém, as pessoas tentam responder aos desafios que lhes são colocados pela realidade, como quando os pais não assumem os seus papéis parentais ou se relacionam com a geração sucessiva de forma igualitária, tendo as filhas mais velhas que assumir o papel de mães cuidadoras dos irmãos mais novos, num processo de parentificação forçada; ou quando se defendem de forma agressiva dos serviços sociais, porque sentem que estão a ser violados os seus direitos; ou ainda quando procuram fora figuras substitutivas, como amigos ou os próprios investigadores, que colmatam o vazio relacional em que se encontram.

A Família Retalhos está mais marcada pelas ausências do que pelas presenças. Às vezes, o silêncio, como a ausência de palavra, torna-se tão denso que provoca o afastamento dos membros, já que há temas-tabus custodiados por uma regra de ouro familiar, que consiste em se ficar calado quando as situações ficam afetivamente quentes. Contudo, as ausências pessoais também impedem um crescimento saudável dos membros da família. São ausências não geridas, lutos não feitos, pelo pai que abandona a filha depois do nascimento, pelo irmão que é retirado aos pais para ser dado em adoção ou pela bisavó, a cujo funeral as crianças não puderam ir.

Esta investigação apurou a existência de alguns problemas, como, por exemplo, a forma como normalmente são tratadas as famílias multiproblemáticas pelos serviços sociais, numa relação desigual, centrada no cumprimento de objetivos colocados do exterior, conforme a modelos sociais preestabelecidos, sem ter muitas vezes em conta a complexidade relacional que está a viver a família e as causas estruturais que subjazem a certos comportamentos.

A maior parte dos artigos científicos encontrados sobre famílias multiproblemáticas está centrada na intervenção e na relação destas famílias com os serviços sociais, partindo de uma definição mais ou menos fechada deste tipo de famílias e delegando para um segundo lugar a necessidade de compreender as estruturas relacionais próprias de cada família. (Escartín, 2004; Garrido, 2009; Gómez & Haz, 2008; Gómez & Valencia, 2010; Harnett & Dawe, 2008; Matos & Sousa, 2004; Navarro, 2002; Villaceros, 2010). Neste sentido, o nosso estudo procura dar uma perspetiva diferente, mais explicativa e relacional.

Consideramos que estamos a dar, com esta tese, um contributo valioso para o panorama português, por vários motivos: em primeiro lugar, pelo cruzamento de três teorias, algumas menos conhecidas em Portugal, como é o caso do enfoque relacional-simbólico; em segundo, pelo cruzamento das teorias sistémicas-relacionais com o tema das famílias multiproblemáticas, que tipicamente se centram numa análise descritiva dos problemas ou dos recursos das famílias, sem grande aprofundamento dos mecanismos subjacentes a estes problemas e recursos; em terceiro lugar, pelo facto de ser um estudo inteiramente qualitativo num panorama de investigação eminentemente quantitativo; em quarto, pelo fato de termos cruzado cinco instrumentos de recolha de dados e pela inovação de um deles ter sido adaptado por nós para o contexto português; e, por último, pela ligação dos temas em estudo com os pressupostos de Salvador Minuchin e Ondina Greco sobre as diferentes fronteiras familiares.

Este valor vem acrescentado também pelos cuidados na validação, pelo fato de termos realizado uma quadrupla triangulação de dados, de teorias, de métodos e de investigadores, e

pela salvaguarda da veracidade e autenticidade dos dados. A validade da investigação familiar reside também na coerência entre o referente teórico que sustenta o modelo compreensivo do investigador e o processo metodológico que o abrange, desde a definição do objeto de estudo até às técnicas de análise e interpretação dos dados (Lanz & Rosnati, 2002). Assim, achamos que mantivemos, em todo momento, essa coerência metodológica.

Porém, este trabalho confronta-se com alguns limites e desacertos. O primeiro tem a ver com os aspetos éticos, já que não refletimos o suficiente no início do processo sobre as consequências éticas da investigação. Sem o pretendermos, criámos uma relação quase terapêutica com os participantes, o que levou, no fim do processo, a um corte nas expectativas criadas e consequências emocionais dolorosas para ambas as partes. Este facto levou-nos a pensar nos cuidados que há que ter nos estudos de caso qualitativos e nas consequências de uma pesquisa desvinculada do trabalho quotidiano.

Outra das limitações tem a ver com a necessidade de ter que reduzir os dados na discussão para poder fazer uma síntese compreensiva, pelo que muita da informação mais pormenorizada se perdeu pelo caminho e, com ela, uma visão mais rica da realidade estudada. Nos estudos qualitativos é muito mais difícil transmitir ao leitor toda a experiência vivida como investigadores.

Também sentimos que poderíamos ter ampliado o nosso trabalho com o uso do *ecomapa*, um instrumento muito adequado para poder ter uma visão mais clara das relações que a família tem com o contexto, a partir de uma ótica ecológica (Bronfenbrenner, 1979/1996). Do mesmo modo, poderíamos ter ampliado a fundamentação teórica com as teorias narrativas (White & Epston, 1980/1993), que nos ajudariam a perceber melhor a dimensão temporal e histórica da família e a orientar uma possível intervenção posterior.

Outra limitação diz respeito ao interesse exclusivo do nosso estudo pela compreensão da família e não pela intervenção posterior necessária. A focalização do objeto de estudo faz com que outros temas fiquem de fora e, neste caso, as possíveis respostas de intervenção a dar não foram apresentadas no estudo. Para um posterior trabalho como esta família, haveria que continuar a orientar-se pelo modelo sistémico, relacionando-o com o trabalho desenvolvido pelos serviços sociais (Campanini & Luppi, 1988/1996).

Uma reflexão que se levantou com a utilização de uma família como objeto de pesquisa foi o possível risco de coisificação e manipulação das pessoas participantes, que acontece, por vezes, em investigações ligadas às ciências sociais, justificadas pelo benefício de interesses académicos.

Consideramos que, depois de realizar esta investigação, fica um campo aberto: por uma parte, a possibilidade de oferecer um acompanhamento sistemático a esta família, aproveitando toda a informação desenvolvida e criando, assim, um projeto de intervenção sistémico-relacional com famílias multiproblemáticas; e, por outra parte, a possibilidade de realizar outros estudos de caso semelhantes com outras famílias, para aprofundar e dar maior validade aos resultados obtidos.

Para terminar, queremos salientar que, em formações anteriores, tínhamos realizado investigações quantitativas e que a experiência de realizar, desta vez, uma investigação qualitativa se revelou muito mais interessante e enriquecedora para nós.

Apêndice A: Grelha de observação

Observação nº:	Data:
Lugar:	Hora:
Participantes:	
Descrição do contexto, dos acontecimentos, da interação, da estrutura relacional, da comunicação verbal e não-verbal...	
Interpretação e significados a partir dos pressupostos teóricos	
Ressonâncias pessoais e implicações como investigadores	

Apêndice B: Guião da entrevista com a filha

Abertura: Está a participar numa investigação que estuda as estruturas relacionais numa família. Para isso, preciso de colocar algumas questões sobre a tua família. Os resultados desta investigação têm fins estritamente académicos e vão servir para os psicólogos melhorarem a sua compreensão acerca das famílias e aprofundarem o mundo relacional das mesmas. Se tiver alguma dúvida ou questão, pode colocá-la à vontade.

Perguntas:

1. Fala-me um pouco do que estás a fazer, de como é o teu dia-a-dia.
2. O que é para ti uma família?
3. Podes descrever como é a tua família?
4. Como achas que é a relação que tens com a tua família?
5. Porque te chamas assim? Quem te deu o teu nome?
6. Peço-te que penses na tua história, para imaginar algum momento familiar importante para ti. Há alguma recordação especial que gostasses de partilhar? Que pessoas importantes aparecem? Em que lugar acontece? Descreve o cenário.
7. Que acontecimentos importantes estão a viver como família neste momento?
8. Consideras que a tua família tem alguns problemas difíceis a ultrapassar? E tu?
9. Se pudesses fazer magia e voltar ao passado, que mudarias na tua história?
10. Há alguma regra de ouro na tua família? Algo que marca a forma como vocês se relacionam?
11. Se a tua família fosse um animal, que animal seria? Porquê?
12. Que gostavas de ser no futuro?
13. Como te imaginas em família daqui a dez anos?
14. Em que precisava de ser diferente a tua vida para te sentires realizada?
15. Que valores gostavas de viver em família?
16. Agradeço a tua participação e a tua disponibilidade por teres participado nesta entrevista, por ajudares a compreender melhor, com a tua história, as dinâmicas relacionais. Gostarias de acrescentar alguma coisa?

Apêndice C: Guião da entrevista com o casal

Abertura: Estão a participar numa investigação que estuda as estruturas relacionais numa família. Para isso, preciso de colocar algumas questões sobre a vossa família. Os resultados desta investigação têm fins estritamente académicos e vão servir para os psicólogos melhorarem a sua compreensão acerca das famílias e aprofundarem o mundo relacional das mesmas. Se tiver alguma dúvida ou questão, pode colocá-la à vontade.

Perguntas:

1. Falem-me um pouco do que estão a fazer, de como é o vosso dia-a-dia.
2. O que é para vocês uma família?
3. Podem descrever como é a vossa família?
4. Como acham que é a relação que vocês têm com os diferentes membros da família?
5. Porque chamaram os vossos filhos assim? Quem lhes colocou o vosso nome?
6. Peço-lhes que pensem na vossa história, para imaginar algum momento familiar importante para vocês. Há alguma recordação especial que gostassem de partilhar? Que pessoas importantes aparecem? Em que lugar acontece? Descrevam o cenário.
7. Que acontecimentos importantes estão a viver como família, neste momento?
8. Consideram que a vossa família tem alguns problemas difíceis a ultrapassar? E vocês?
9. Se pudessem fazer magia e voltar ao passado, que mudariam nas vossas histórias?
10. Há alguma regra de ouro na vossa família? Algo que marca a forma como vocês se relacionam?
11. Se a vossa família fosse um animal, que animal seria? Porquê?
12. Como imaginam a vossa família daqui a dez anos?
13. Em que precisavam de ser diferentes as vossas vidas para se sentirem realizados?
14. Que valores gostavam de viver e transmitir na família?
15. Em que momentos a vossa família precisou de apoio dos serviços sociais?
16. Como tem sido a relação com os serviços sociais nos últimos anos?
17. O que foi útil da ajuda recebida e que coisas não foram bem-sucedidas?
18. O que espera atualmente dos serviços sociais?
19. Agradeço a vossa participação e disponibilidade por terem participado nesta entrevista, por ajudarem a compreender melhor, com a vossa história, as dinâmicas relacionais. Gostariam de acrescentar alguma coisa?

Apêndice D: Guião da entrevista com a psicóloga

Abertura: Está a participar numa investigação que estuda as estruturas relacionais numa família. Para isso, preciso de colocar algumas questões sobre o seu trabalho com uma família. Os resultados desta investigação têm fins estritamente académicos e vão servir para os psicólogos melhorarem a sua compreensão acerca das famílias e aprofundarem o mundo relacional das mesmas. Se tiver alguma dúvida ou questão, pode colocá-la à vontade.

Perguntas:

1. Em que consiste o seu trabalho como técnica?
2. O que é que mais gosta do seu trabalho?
3. Porque lhe chamaram assim? Quem lhe colocou o seu nome?
4. O que é para si uma família?
5. Pode descrever como é a família da Marta?
6. Qual a sua opinião sobre a estrutura relacional da mesma?
7. Como acha que é a relação que ela tem com os diferentes membros da família?
8. Há algum momento familiar importante para a Marta que você conheça?
9. Há alguma regra de ouro nessa família? Algo que marca a forma como se relacionam?
10. Que acontecimentos importantes estão a viver como família neste momento?
11. Considera que essa família tem alguns problemas difíceis a ultrapassar?
12. Que expectativas acha que eles têm como família para o futuro?
13. Como imagina você essa família daqui a dez anos?
14. Em que momentos esta família precisou de apoio dos serviços sociais?
15. Como tem sido a relação com os serviços sociais nos últimos anos?
16. O que foi útil da ajuda recebida e que coisas não foram bem-sucedidas?
17. O que esperam atualmente dos serviços sociais?
18. Que tipo de ajuda é oferecido a esta família?
19. Agradeço a sua participação e a sua disponibilidade por ter participado nesta entrevista, por ajudar a compreender melhor, com a história desta família, as dinâmicas relacionais. Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Apêndice E: Guião da entrevista com o avô

Abertura: Está a participar numa investigação que estuda as estruturas relacionais numa família. Para isso, preciso de colocar algumas questões sobre a sua família. Os resultados desta investigação têm fins estritamente académicos e vão servir para os psicólogos melhorarem a sua compreensão acerca das famílias e aprofundarem o mundo relacional das mesmas. Se tiver alguma dúvida ou questão, pode colocá-la à vontade.

Perguntas:

1. Fale-me um pouco do que está a fazer, de como é o seu dia-a-dia.
2. O que é para si uma família?
3. Pode descrever como é a sua família?
4. Como acha que é a relação que tem com a sua família?
5. Porque lhe chamaram assim? Quem é que lhe deu o seu nome?
6. Peça-lhe que pense na sua história, para imaginar algum momento familiar importante para si. Há alguma recordação especial que gostasse de partilhar? Que pessoas importantes aparecem? Em que lugar acontece? Descreva o cenário.
7. Que acontecimentos importantes estão a viver como família neste momento?
8. Considera que a sua família tem alguns problemas difíceis a ultrapassar? E você?
9. Se pudesse fazer magia e voltar ao passado, que mudaria na sua história?
10. Há alguma regra de ouro na sua família? Algo que marca a forma como vocês se relacionam?
11. Se a sua família fosse um animal, que animal seria? Porquê?
12. Que gostava de fazer no futuro?
13. Como se imagina em família daqui a dez anos?
14. Em que precisava de ser diferente a sua vida para se sentir realizado?
15. Que valores gostava de viver como família?
16. Agradeço a sua participação e a sua disponibilidade por ter participado nesta entrevista, por ajudar a compreender melhor, com a sua história, as dinâmicas relacionais. Gostaria de acrescentar alguma coisa?


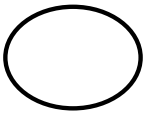


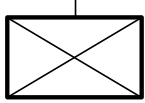

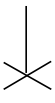


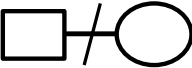
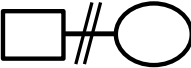
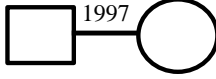
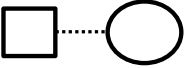
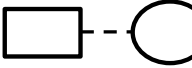
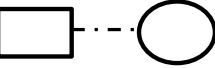
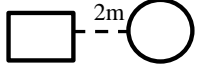
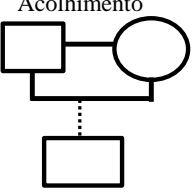
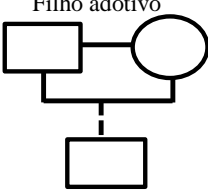
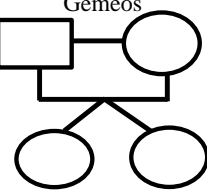
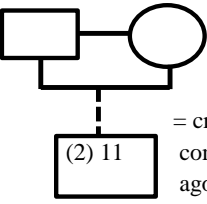
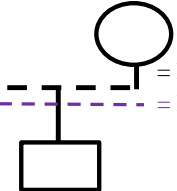
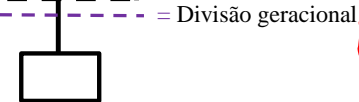
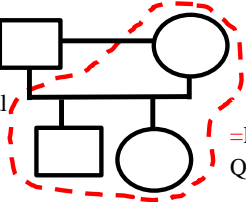
Apêndice F: Instruções para a realização do genograma

Instruções para a realização do Genograma

Criada por Moreno-Barrero, G. (2012)¹ Universidade Católica Portuguesa – Braga

O genograma é um desenho que representa, de maneira gráfica, um conjunto de pessoas da mesma família. Consiste em desenhar um tipo especial de árvore genealógica da própria família, com as diferentes gerações (não é preciso colocar todas as pessoas, mas sim as mais significativas), seguindo um conjunto de regras e símbolos estandardizados, que apresentamos a seguir.

Na sua aplicação deve-se usar lápis, borracha e cores, e assinalar a data da aplicação. Por último, o genograma lê-se de cima para baixo e da esquerda para a direita, segundo uma sequência cronológica da maior para a menor idade.

<p>Homem</p> 	<p>Mulher</p> 	<p>Gravidez</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ● = Quem fez o pedido ★ = Paciente designado <p>  = Idade da pessoa Pedro = Nome da pessoa 3m = Meses de gravidez </p>
<p>Morte</p> 	<p>Aborto espontâneo</p> 	<p>Aborto induzido</p> 	<ul style="list-style-type: none"> ④ = Mês do aborto '95 = Ano da morte <p>  = Idade quando morreu Ana = Nome da pessoa </p>
<p>Casamento</p> 	<p>Separação</p> 	<p>Divorcio</p> 	<p>  = Ano do Casamento, Separação ou Divorcio </p>
<p>Relação significativa</p> 	<p>Relação de namoro</p> 	<p>Casal sem matrimónio</p> 	<p>  = Tempo que dura a relação </p>
<p>Acolhimento</p> 	<p>Filho adotivo</p> 	<p>Gémeos</p> 	<p>  = criança adotada com 2 anos e que agora tem 11 anos </p>
<p>  = Mãe solteira  = Divisão geracional </p>	<p>  = Pessoas Que coabitam </p>	<p>Qualidade das relações familiares</p> <ul style="list-style-type: none"> — Relação de parentesco == Relação forte === Relação de dependência ~~~~ Relação conflituosa - - Distância 	

¹ Baseado em Cardinali, F. (2003). Il genograma: come rappresentare graficamente una storia di famiglia. In M. Andolfi & V. Cigoli (Eds.), *La famiglia d'origine: incontro in psicoterapia e nella formazione*. (pp. 99-124). Milão, Itália: FrancoAngeli.

Apêndice G: Grelha de análise do genograma

Criada por Moreno-Barrero, G. (2012) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Antes de iniciar a análise do genograma é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos³ deste instrumento e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher as diferentes partes.

Nome do avaliador	Data de realização
Participante	Data de análise

A presente grelha divide-se em cinco partes:

- 1. Análise global*
- 2. Análise do conteúdo gráfico*
- 3. Análise do conteúdo verbal*
- 4. Análise do nível emotivo/interativo*
- 5. Síntese dos resultados*

1. Análise global	
Começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Deve-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os vazios e a disposição dos símbolos no espaço. Posteriormente, deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho.	
Primeiras impressões	
Título do desenho	

³ Grelha criada a partir das seguintes referências bibliográficas:

- Andolfi, M. (2003). *El coloquio relacional*. (Trad. M.J. Albuérne, E. Ricci e A. Sánchez). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar. (obra original publicada em 2000)
- Andolfi, M. (2003). *Manuale di psicologia relazionale, la dimensione familiare*. Roma, Itália: Accademia di Psicoterapia della Famiglia.
- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo, la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. (reimp.). (Trad. B. Lonné). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar. (obra original publicada em 1974)
- Cigoli, V. (1989). Prefazione. In S. Montàgano & A. Pazzagli, *Il genogramma, teatro di alchimie familiari* (pp. 7-25). Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cardinali, F. (2003). Il genograma: come rappresentare graficamente una storia di famiglia. In M. Andolfi & V. Cigoli (Eds.), *La famiglia d'origine: incontro in psicoterapia e nella formazione*. (pp. 99-124). Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Greco, O. (2006). *Il lavoro clinico con le famiglie complesse, il test la doppia luna nella ricerca e nella terapia*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Malagoli Togliatti, M., & Rocchietta Toffani, L. (2010). *Famiglie multiproblematiche. Dall'analisi all'intervento su un sistema complesso* (2ª ed.). Roma, Itália: Carocci. (obra original publicada em 2002)
- Margola, D. (2008). *Tecniche psicologiche d'indagine clinica*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- McGoldrick, M., & Gerson, F.G. (1985). *Genograms in family assessment*. Londres, Inglaterra: Norton.
- Montàgano, S., & Pazzagli, A. (1989). *Il genogramma, teatro di alchimie familiari*. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Nascimento, L., Rocha, S., & Hayes, V. (2005). Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica. *Texto Contexto Enferm*, 14 (2), 280-286.
- Revilla, L., Fleitas, L., Prados, M., Ríos, A., Marcos, B., & Bailón, E. (1998). El genograma en la evaluación del ciclo vital familiar natural y de sus dislocaciones. *Atención Primaria*, 21 (4), 219-224.
- Wendt, N., & Crepaldi, M. A. (2007). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 302-310.

2. Análise do conteúdo gráfico

<p>A tipologia dos símbolos Que símbolos da tabela de instruções utiliza e com que frequência? Inventa algum tipo de símbolo?</p>						
<p>Posição das pessoas no espaço. Que uso faz do centro, das margens e dos diferentes quadrantes?</p>						
<p>Ordem em que foram desenhadas as pessoas Qual a sequência dos elementos desenhados?</p>	1		7		13	
	2		8		14	
	3		9		15	
	4		10		16	
	5		11		17	
	6		12		18	
<p>Tamanho Qual a dimensão dos símbolos utilizados e a homogeneidade ou heterogeneidade entre eles?</p>						
<p>Proximidade – Distância Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos da família?</p>						
<p>Ausências Não desenha de propósito algum elemento importante da família?</p>						
<p>Gerações Quantas gerações desenha? Quais?</p>						
<p>Saltos geracionais Que pessoas estão fora do seu nível geracional?</p>						
<p>Coabitação Que pessoas coabitam juntas?</p>						
<p>Eventos não normativos Quais das seguintes realidades estão presentes no desenho?</p>	Mãe solteira		Acolhimento		Abandono	
	Divórcio/separação		Adoção		Maus-tratos	
	Abortos		Emigração		Adições	
	Mortes prematuras		União de facto		Doença grave	
<p>Eventos significativos Quais? Quando aconteceram?</p>						
<p>Qualidade das relações Entre que pessoas existem relações fortes, de dependência, conflituosas ou de distanciamento?</p>	Relação forte	==				
	Relação muito forte	===				
	Relação conflituosa	~				
	Relação de distanciamento	- -				
<p>Triângulos Quais os triângulos relacionais mais significativos e a qualidade dos mesmos?</p>						

3. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea e pelo diálogo dirigido durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores gráficos.

Os nomes	<p>Transmissão geracional Existem os mesmos nomes em diferentes gerações?</p>	
	<p>Repetições substitutivas Colocam a uma criança o nome de alguém que morreu?</p>	
	<p>Tipos de nomes Usam nomes tradicionais, modernos, ideológicos...?</p>	
	<p>Decisão Que pessoa decidiu colocar determinado nome e o porquê?</p>	
As datas	<p>Idades Com que idades casaram, engravidaram, morreram...?</p>	
	<p>Duração Quanto durou cada relação?</p>	
As profissões	<p>Repetição Existe repetição de profissões nas diferentes gerações?</p>	
	<p>Novidade Pode intuir-se uma atitude reativa nas profissões novas?</p>	
Os ritos e mitos	<p>Cerimónias e encontros Quais? Como são?</p>	
	<p>Pequenos rituais Como são? Quem os faz?</p>	
	<p>Mitos familiares Existem regras de ouro?</p>	
	<p>Pessoas mitificadas Sobrevaloriza alguém?</p>	
Léxico familiar	<p>Expressões Existem expressões típicas da família? Que significados têm?</p>	
	<p>Vocabulário A família criou neologismos próprios? Com que significado? Que palavras repetem mais?</p>	
A casa	<p>Espaços familiares De que espaços significativos falam? Como são?</p>	
	<p>Lugares Quais são os lugares especiais?</p>	
	<p>Objetos Como é a relação com alguns objetos significativos?</p>	

4. Análise do ambiente interativo-emotivo

Analisar a interação que se produz durante a aplicação do instrumento. A análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste deve ser confrontada com os outros indicadores gráficos e verbais. Em particular, é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

5. Síntese dos resultados

Apêndice H: Instruções para a realização do instrumento *Dupla Lua*

A Dupla Lua

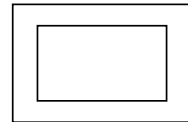
Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). *La doppia luna*. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e adaptado por Costa, S., Moreno, G. (2010) Universidade Católica Portuguesa.

1. Material:

- Folha A4 branca, com um rectângulo desenhado de 14cm x 22cm
- Marcadores
- Gravador ou maquina de filmar



Versão para adultos:

2. Instruções:

O administrador aponta para o rectângulo e diz: ***“Este rectângulo representa o seu mundo, aquilo que lhe é importante, as pessoas significativas para si. O espaço exterior ao rectângulo representa tudo aquilo que está fora desse mundo”.***

1. ***“Desenhe um símbolo que o represente a si mesmo (por exemplo, um círculo) e coloque-se onde quiser”. Escreva o seu nome por baixo desse símbolo.***

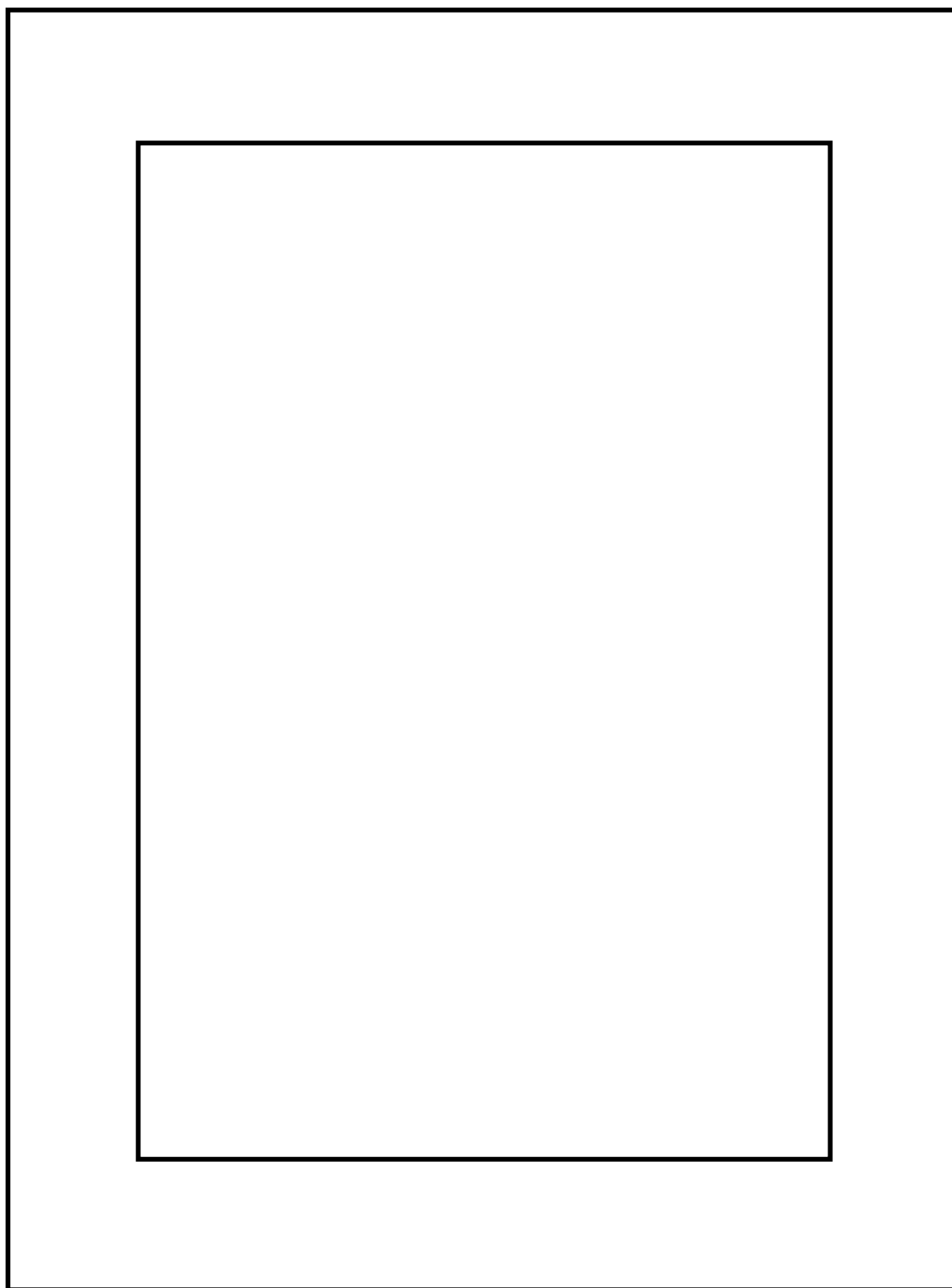
2. ***“Agora desenhe, sempre através de símbolos, as pessoas mais importantes para si e coloque-as onde considerar mais adequado. Essas pessoas podem estar neste momento perto ou distantes, mas se são importantes, pode colocá-las onde quiser.”***

3. ***“Agora envolva com uma linha as pessoas que, para si, fazem parte da mesma família (As pessoas da mesma família no mesmo círculo). Pode desenhar um ou vários círculos, como considere mais adequado.”***

4. No caso em que não foram assinalados os dois pólos do conflito de lealdade, por exemplo, o elemento que falta pode ser a família adoptiva ou a de origem do filho adoptado; a família de acolhimento ou a família natural do menor; o pai ou a mãe de uma família separada... Então o administrador diz: ***“Na sua opinião, onde se poderia colocar (Nome do elemento ausente)?”*** No caso de filhos de famílias monoparentais, de filhos adoptados, ou de filhos órfãos desde tenra idade, que podem não ter notícia ou não recordar nenhum elemento da sua história, a pergunta pode ser feita da seguinte forma: ***Há algo ou alguém de que se lembre, ou de quem tem ouvido falar, ou que imaginou do seu passado que gostaria de acrescentar ao desenho? Em situações mais problemáticas, pode ser mais adequado utilizar uma forma menos explícita: Para si, falta alguém neste desenho? Ou inverter a ordem das perguntas 4 e 5, sendo que a 5 é menos directa.***

5. ***“Se tivesse uma varinha mágica, o que mudaria neste desenho? Há alguma pessoa que gostaria de acrescentar? Há alguma pessoa que gostaria que estivesse numa outra posição? Quem? Aonde gostaria de colocá-la?”***

Apêndice I: Folha base do instrumento *Dupla Lua*



Apêndice J: Grelha de Análise do instrumento *Dupla Lua*

Grelha de Análise da *Dupla Lua*

Teste das fronteiras e das pertenças familiares

Greco, O. (1999). *La doppia luna*. Milano: Vita e Pensiero.

Traduzido e validado por Costa, S., Moreno, G. (2011) Universidade Católica Portuguesa – Braga

Nome do avaliador:

Caso:

Data de realização:

Data de análise:

Apresentação da grelha:

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Ter em atenção a tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho...
2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.
3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...
4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.
5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

Antes de iniciar a análise do teste é imprescindível estar por dentro dos fundamentos teóricos deste instrumento projetivo e recomenda-se uma primeira leitura geral da grelha de análise antes de começar a preencher os diferentes apartados.

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente, deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

Primeiras impressões	
Título do desenho	

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois de realizar uma avaliação global, convém observar e descrever com mais pormenor, cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente:

Indicadores						
A tipologia dos símbolos: a utilização de símbolos convencionais e não convencionais, símbolos abstratos, pictográficos...	Convencionais					
	Não convencionais					
A dimensão dos símbolos utilizados (a homogeneidade /heterogeneidade entre eles)	Homogeneidade					
	Heterogeneidade					
A disposição espacial dos símbolos utilizados na folha (por exemplo, o uso do retângulo, dos limites, do espaço externo ao retângulo)						
A disposição dos diferentes elementos no retângulo (uso do centro, uso dos limites, uso dos ângulos e uso dos quadrantes)						
A sequência dos elementos desenhados, a ordem pela qual cada elemento foi colocado	1		6		11	
	2		7		12	
	3		8		13	
	4		9		14	
	5		10		15	

Indicadores	
Qual/quais famílias são desenhadas espontaneamente? (biológica, adotiva, nuclear, reconstituída...) e quais os membros desenhados de cada família? Que outras pessoas não familiares ou objetos desenha espontaneamente?	
Quais são os elementos ausentes? Que pessoas importantes ou familiares não desenha espontaneamente?	
Qual é a posição da pessoa que faz o desenho, relativamente aos restantes elementos das famílias desenhadas? (próximo, distante, abaixo, acima...)	
Quais os membros da família que estão colocados dentro e quais os que estão fora do retângulo?	
A representação dos limites familiares: que famílias são envolvidas em círculos? Quais os elementos de cada uma das famílias?	
Que pessoas representa depois de serem dadas as instruções 4 e 5.	
Que pessoas não representa depois de ser dada a instrução número 4	
Onde foram colocados os elementos ausentes depois de se ter perguntado por eles?	
Quando se coloca a instrução nº 5 sobre o espaço do desejo, deve-se verificar: De que forma expressa o desejo? Afasta ou aproxima algum dos elementos presentes? Adiciona algum elemento novo que até então estava ausente? Elimina algum elemento do desenho?	
Outras observações relativas ao conteúdo gráfico	

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

A análise do conteúdo verbal pode ser efetuada segundo diversas categorias e com diferentes procedimentos, como, por exemplo, papel e lápis ou *software* de análise de texto.

Análise do conteúdo verbal

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução do teste devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência.

Em particular, é útil observar os aspetos emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

Análise do nível interativo-emotivo

4. Análise do nível reflexivo

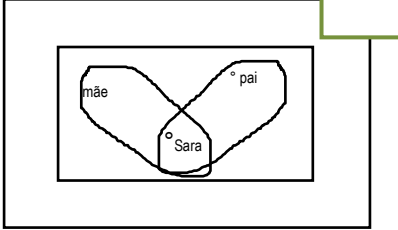
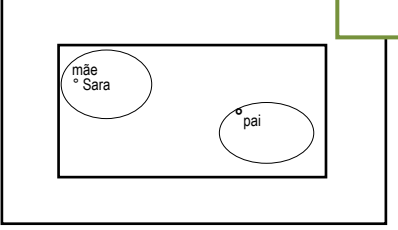
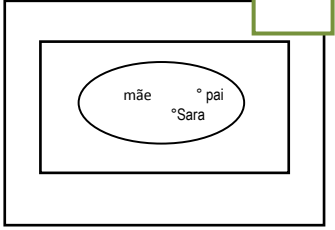
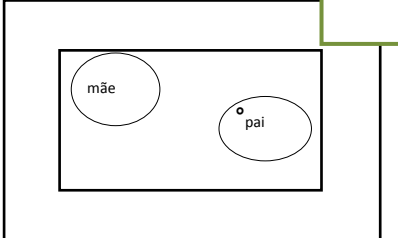
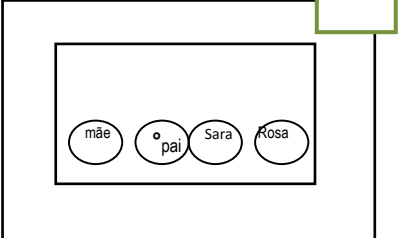
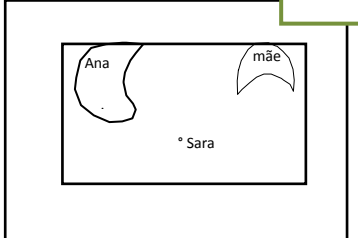
Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

Análise do nível reflexivo

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

5.1. A representação das fronteiras					
Fronteiras individuais: distância interpessoal	Separação/diferenciação	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Diferenciação	Dialética entre proximidade e distância		Presença no discurso de outras pessoas significativas	
				Distinção semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva positiva na relação entre si e os outros	
	Relação simbiótica	Símbolos colados ou colocados uns dentro dos outros		Sobreposição semântica e gramatical entre si e os outros	
				Qualidade afetiva ambivalente na relação entre si e os outros	
Tendência ao isolamento	Ausência de pessoas significativas	Isolamento do símbolo do sujeito em relação aos outros	Ausência no discurso de outras pessoas significativas		
			Qualidade afetiva negativa na relação entre si e os outros		
	Hierarquia de papéis	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
Fronteiras geracionais: distância entre as gerações (inter e intra)	Relação igualitária entre pais e filhos	Tamanho igual entre os símbolos de pais e filhos		Descrição de uma relação igualitária entre filhos e pais	
	Parentalização: inversão de papéis, quando o filho assume as funções parentais	Ausência de símbolos de um ou ambos os pais		Inversão da relação hierárquica de cuidados: os filhos procuram responder às necessidades dos seus progenitores	
		Símbolo do filho maior ou acima dos pais			
Símbolos dos pais dentro dos símbolos dos filhos					
Fronteiras familiares: Distância entre a pessoa e uma ou mais famílias	Pertença familiar	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Reconhecimento da pertença a um contexto familiar	Configuração das famílias de pertença		Expressa uma qualidade positiva na vivência das relações familiares	
	Desconhecimento da pertença a um contexto familiar	Não pertença a nenhuma família		Expressa uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão.	
Fronteiras intra-sistémicas: Distância entre a família nuclear e as estirpes	Estrutura triangular	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Balanço entre as duas estirpes,	Presença de símbolos das duas estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos com as duas estirpes	
	Exclusão de uma família, risco de emaranhamento	Presença de símbolos de uma só das estirpes		Referências e descrição de contactos efetivos só com uma das estirpes	
				Qualidade negativa na relação com a outra estirpe familiar	
Isolamento das duas estirpes	Ausência de símbolos das duas estirpes		Ausência ou qualidade negativa nas referências às duas estirpes		
Fronteiras inter-sistémicas: Distância entre família nuclear e família alargada, e entre família nuclear e sociedade.	Relação com o estranho	Indicadores gráficos	x	Indicadores verbais	x
	Capacidade de relação com elementos externos e presença de recursos sociais	Presença de símbolos da realidade extrafamiliar		Presença e qualidade prevalentemente positiva nas referências à realidade externa da família	
		Proximidade entre a pessoa e os elementos externos			
	Pobreza ou ausência de relação com elementos externos e pobreza de recursos sociais	Pobreza ou ausência de símbolos extrafamiliares		Ausência ou qualidade prevalentemente negativa nas referências à realidade externa da família	
Distância entre a pessoa e os elementos externos					

5.2. O conflito de pertença				
<p>O primeiro indício da elaboração positiva do elemento ausente é a presença explícita de ambos os polos do conflito de pertença, seja no horizonte gráfico do teste ou apenas na verbalização que a pessoa realiza.</p> <p>Pode-se pensar na presença de um <i>continuum</i> que vá desde o extremo funcional da modalidade gráfica integrativa com indicadores verbais congruentes, até ao extremo oposto, em que a pessoa mostra grande ansiedade e desconforto quando se faz algum tipo de referência verbal ao elemento ausente.</p>				
Presença dos polos do conflito	Análise verbal	A pessoa coloca espontaneamente em palavras os polos do conflito		
		A pessoa expressa abertamente a dificuldade de encontrar um lugar para cada um dos polos do conflito		
		A pessoa fala dos dois polos do conflito mas com algumas reticências		
	Análise gráfica	Modalidade gráfica integrativa		
		Conjunto intersecção	Duplicação da pessoa	Conjunto único
				
Modalidade gráfica não integrativa				
Posicionamento a favor de um deles		Uma família para cada pessoa	Isolamento do sujeito	
				
Ausência de um ou mais polos do conflito	Análise verbal	Um dos polos do conflito nunca é verbalizado		
		Os polos do conflito nunca são verbalizados		
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito		
	Análise gráfica	Um dos polos do conflito não é representado		
		Os polos do conflito não são representados		
		Utilização de elementos neutros substitutivos ou de afastamento do conflito		

6. Síntese dos resultados

Apêndice K: Pedido de colaboração para a instituição



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA FACULDADE FILOSOFIA



Mestrado em Psicologia da Família

Estimada Diretora _____

Venho por este meio solicitar a colaboração da instituição _____, num projeto de investigação qualitativa, sobre o tema das estruturas relacionais das famílias multiproblemáticas.

O meu nome é Guillermo Moreno Barrero, tenho 35 anos e estou a realizar o último ano do Mestrado de Psicologia da Família da Universidade Católica Portuguesa.

O objetivo da investigação é compreender de forma aprofundada as estruturas relacionais de uma família multiproblemática e também possibilitar à própria família uma reflexão e conhecimento de si própria e dos seus recursos.

Para realizar a investigação, precisamos de poder entrevistar vários membros de uma mesma família, que se possa caracterizar como multiproblemática, que esteja a viver vários eventos críticos não normativos em simultâneo e permanentes no tempo (divórcio, adoção, migração ou acolhimento de algum dos membros, mortes prematuras, família reconstituída...). Também seria necessário entrevistar os Técnicos da instituição que trabalham com esta família e as pessoas significativas para a família que vocês considerem oportuno.

Esta investigação envolve dois momentos distintos. Num primeiro momento, seriam realizadas três entrevistas individuais com cada um dos participantes e, num segundo momento, realizar-se-ia um encontro em grupo com vários membros da família.

Na primeira entrevista, serão colocadas algumas questões relativas à história familiar e ao relacionamento entre os membros; na segunda entrevista será aplicado o *Genograma*; e, a terceira entrevista consiste na realização de um desenho sobre a família chamado a *Dupla Lua* e o comentário do mesmo. No último encontro em grupo, serão colocadas uma série de questões para conhecer a estrutura relacional da família e seria aplicado novamente o Instrumento *Dupla Lua*, mas esta vez na sua modalidade conjunta.

Este trabalho é realizado com fins académicos, mas também com o interesse de poder ajudar a própria família a crescer e a conhecer-se melhor. Os resultados da investigação serão apenas utilizados na elaboração e divulgação científica, comprometendo-nos a manter em sigilo a identidade e confidencialidade dos dados.

Solicitamos, portanto, poder realizar, durante os meses de setembro a fevereiro, as entrevistas e encontros dentro da própria instituição.

Para qualquer esclarecimento sobre a investigação poderá contactar Guillermo Moreno (968 693 649). Reconhecidamente, agradeceríamos a sua disponibilidade e preciosa colaboração.

Atentamente,

Guillermo Moreno Barrero

Apêndice L: Consentimento informado para os participantes



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE FILOSOFIA
Mestrado em Psicologia



Estimado _____

No âmbito da Dissertação de Mestrado de Psicologia da Família, da Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, os alunos devem realizar uma investigação científica baseada no trabalho com famílias. Este projeto de investigação tem como principal objetivo perceber as estruturas relacionais entre os diferentes membros de uma família e os recursos da mesma.

Nesse sentido, vimos por este meio solicitar a sua colaboração para a realização de quatro encontros, três deles individuais e um em conjunto com outros membros da sua família. Cada encontro terá uma duração aproximada de uma hora. Solicitamos, ainda, a autorização para a gravação áudio das mesmas.

Este trabalho é realizado com fins estritamente académicos, sendo a sua participação totalmente voluntária e confidencial, tendo a oportunidade de desistir em qualquer momento. Os dados obtidos durante a entrevista apenas serão do conhecimento da supervisora e do entrevistador.

Reconhecidamente, agradecemos a sua disponibilidade e preciosa colaboração.

Eu

aceito as condições supracitadas.

Braga, 17 de outubro de 2011

Apêndice M: Questionário sociodemográfico

Questionário sociodemográfico da mãe

O presente questionário surge no âmbito da recolha de dados para o desenvolvimento de uma investigação sobre o tema dos recursos das Famílias, que se insere no Mestrado de Psicologia da Família. Este projeto de investigação tem como principal objetivo perceber as dinâmicas relacionais entre os diferentes membros da família.

A finalidade deste estudo é puramente científico, os resultados serão apenas utilizados na elaboração e divulgação científica, sendo assegurado o sigilo da identidade dos participantes e a confidencialidade dos dados.

1. Nome completo _____

2. Data de nascimento: _____

3. Lugar de nascimento _____

4. Situação Laboral: _____

5. Estado Civil _____

6. Número de Filhos e idades _____

7. Lugar onde mora atualmente _____

8. Pessoas que vivem no mesmo agregado familiar _____

9. Problemas de saúde _____

10. Apoios sociais _____

Apêndice N: Notas de campo

26/10/2011 – 1º Encontro com Marta

A entrevista com a Marta foi realizada depois do almoço e demorou 35 minutos. Estivemos sozinhos numa sala do Lar, que tinha uma mesa e várias cadeiras, estava bem iluminada e insonorizada. A Marta esteve bastante recetiva desde o primeiro momento e partilhou as suas experiências familiares de forma progressiva, tocando livremente temas sensíveis, como o abandono do pai biológico ou a perda de um irmão dado em adoção. Fomos adaptando e ampliando alguma das perguntas para ajudar a criar um diálogo fluido e uma relação empática. Sentimo-nos muito à vontade com ela e com o desejo de poder ajudá-la a ultrapassar algumas das dificuldades partilhadas. No fim da entrevista, ela quis fazer uma síntese livre das diferentes etapas da sua vida, quase como querendo explicar melhor tudo o que tínhamos já falado.

Neste primeiro encontro, senti que Marta já estava à espera do encontro comigo e expectante, ao mesmo tempo que estava bastante calma e à vontade. Notava-se que o resto das meninas da instituição sentiam a minha presença como uma novidade, como algo especial, como se eu pudesse trazer algo de bom para todas elas. Também senti que elas valorizavam muito o Colégio São Caetano e perguntavam pelos rapazes que conhecem.

A sala onde entramos para fazer a entrevista estava tranquila e tinha boa luz natural, apesar de ser muito grande, com várias mesas e as portas tinham vidros pelos quais toda a gente poderia espreitar. Acho que foi muito bom ter criado, desde o primeiro momento, uma relação de empatia, com perguntas iniciais informais sobre os estudos e os espaços da casa. Também ajudou a minha postura calma, acolhedora e com certo humor.

Já comprovei mais vezes que começar por pedir desculpas pela minha forma de falar e rir-me eu próprio disso facilita o primeiro contacto e baixa algumas barreiras, já que assim eu fico limitado e humano e rompo com uma assimetria excessiva. Lembro-me que, para Salvador Minuchin, este aspeto linguístico também acabou por ser uma ferramenta, mais do que um problema.

Senti que ela tinha vontade de falar, mas também que tinha muitas resistências, normais, para tocar temas controversos da sua vida. Mas, quando eu perguntava, ela não bloqueava e, no fim, senti que ter desabafado comigo foi positivo para ela, especialmente por ter falado das suas origens diversas e do seu irmão adotado. Quando ela falava, sentia que a experiência que eu tenho como trabalhador de outra instituição parecida, embora bastante diferente, fazia com que perguntasse coisas que, para mim, são normais, mas não para ela, como, por exemplo, sobre a ida a casa nos fins de semana.

9 /11/2011 - Genograma com a Marta

A Marta estava à minha espera. Senti que ficou contente com o primeiro encontro e esperava continuar comigo. O facto de realizar o genograma ajudou porque era uma tarefa concreta. Não foi bom explicar toda a folha com os símbolos, foi um bocado confuso, indicações a mais. Para outras vezes, começar só com os primeiros símbolos básicos.

Ela disse que não se lembra muito dos avós da parte do padrasto. Parece que houve alguma rejeição a esta estirpe do padrasto. Ela disse que conheceu os avós paternos, mas que era muito pequenina. *Nunca mais falei deles.* A Marta explicou muito rápido que tinha um irmão adotado e que nesse dia era o aniversário dele, que fazia um ano. Parece que é muito importante este irmão para ela e que não fez a separação psicológica. *“Ele hoje faz um ano”.* Parece que o tema da adoção não foi bem acompanhado. Ela considera o irmão adotado como o seu irmão. *“Ele pode estar adotado mas é na mesma o meu irmão.”.*

Ela não se colocou a si própria, tive que ser eu a dizer. Também teve dificuldade em desenhar o seu pai biológico. *“Mas eu não sei, nunca o conheci, É complicado, Eu sou da parte da mãe só.”* A primeira relação forte que reforça é a que tem com a mãe, depois com o padrasto, mas diz que não é tão forte. *“A minha mãe gostava do Júlio Marcelo e ficou de rastos por ter que dar o filho em adoção. Nunca me deixaram ver a Júlio Marcelo, eu pedi às doutoras mas nunca me levaram lá.”* Para o padrasto foi muito duro, não conseguiu falar. Não conhece a idade dos seus avós, mas sabe que a avó é mais velha. Colocou 45 anos para eles, o que dá a entender que não tem muitas referências familiares. Os avós são de Famalicão e trabalharam numa fábrica.

Marta não sabe onde nasceram a sua mãe ou o seu padrasto, mas reforça que sabe onde nasceram os seus irmãos. Não parece que tenham nenhuma amiga importante dentro da família. Marta acha que a relação que têm os seus pais não é muito forte.

A relação do filho Luís com o pai é forte, mas Marta reforça que, como o pai não vem muito, ele receia um bocado. A relação de Luís com a mãe é forte. *“A Sílvia sai muito a meu pai, é igualzinha.”*

A relação da mãe com a avó não é boa, há alguns problemas. Uma vez que se encontraram as duas no Lar, não se falaram. Já foram muito ligadas, mas agora não se falam, Marta não sabe o que aconteceu. A mãe não fala disso. Quando a Marta estava no segundo ano, a mãe contou-lhe que aquele a quem ela chamava de pai, não era o seu pai. Não voltaram a falar daquilo porque Marta sentiu que para a mãe foi muito difícil falar daquilo e não voltou a perguntar. Parece que nesta família quando há problemas ficam calados, não se pode falar.

A relação entre os próprios avós é muito conflituosa. A avó tem uma boa relação com os netos e com os tios, mas a Marta não conhece os irmãos dos seus avós, não sabe quem são. Marta conhece bem quem são os seus tios maternos. A tia com quem se dá melhor é a Joana. A Cátia aparece como elemento problemático, com o qual parece não haver hipótese de reconciliação.

Marta contou que o seu pai as deixou na rua quando ela tinha três meses. Marta disse que gostava de falar de novo com a sua mãe do tema, mas que é complicado. Marta gostava de saber do pai, mas ela imagina que, se um dia aparecesse lá no Lar, ela não conseguiria olhar para a cara dele. Mas disse que gostava de saber porque fez aquilo. Que não é tanto relacionar-se, mas saber. Parece claro que há perguntas que não estão resolvidas na Marta, que é um tema complicado de encarar, porque a mãe não quer, mas que seria necessário alguém mediar esse diálogo. *“A minha mãe não teve culpa do que aconteceu.”* Marta parece proteger a sua mãe, como uma substituição.

Marta contou que a avó Elena colocou a sua mãe contra o seu pai e ela desfez toda a família. Criou muita agressividade na família e Marta acha que isso levou a que o pai comesse a beber.

Os avós ainda são casados, não se divorciaram. Mas criaram novas relações. O avô tem estado a viver um tempo com a mãe, porque teve problemas com a sua nova companheira.

O pai cortou relações com os seus próprios pais por problemas com a eletricidade. A irmã do pai, Rosa, teve a mesma situação de ter os filhos numa instituição.

Marta lembra-se da mãe da sua avó, a sua bisavó. Ela já morreu e não a deixaram ir ao funeral. Lembra-se da cara dela. Lamenta muito não poder ter estado no funeral. *“Ela chamava-me mesmo filha.”* Sentiu pena porque ela considerava-a sua mãe. Ela lembra-se de um boneco, um coelho cor laranja, que a bisavó deu. Quando a bisavó lhe deu o boneco, ficou-lhe muito marcado. *“Foi bom para perceber as pessoas que gostam de mim e de quem eu gosto”.*

Marta contou uma história de quando era pequena: que adormeceu no café com o seu tio Fernando. Ela sente pena que o tio Fernando esteja em França. Parece mais uma ausência na sua vida. A Joana parece que é o elemento familiar que une todos os membros da família. Os problemas que a família tem fazem pensar em pessoas passivas, que não são capazes de lidar com os problemas, que têm cortes com o passado e, portanto, dificuldade em projetar o futuro. O genograma mostrou-se como um instrumento muito apropriado para trabalhar com este tipo de famílias. Tudo o que seja apoiado num suporte gráfico facilita mais que as simples entrevistas, especialmente nos primeiros momentos em que ainda não há muita confiança.

13 /12/2011 Entrevista com o casal

A entrevista com Luís Carlos e Cristina foi realizada na casa deles, na sala, numa mesa com três cadeiras, nós sentados no meio deles. O encontro demorou 40 minutos. Quando chegámos, sentimos uma certa rejeição e desconfiança, especialmente por parte de Luís Carlos.

Desde o primeiro momento, sentimos que as dificuldades cognitivas de ambos eram grandes e que teríamos que simplificar a entrevista e partir de temas mais práticos da vida quotidiana. Por isso, começámos a falar do trabalho e da vida na aldeia, para depois tocar algumas das perguntas que tínhamos no guião. Em muitos momentos sentíamos que as respostas que davam eram excessivamente curtas e evasivas, como se não quisessem falar realmente do que estavam a viver e sempre tentando mostrar uma imagem de normalidade. Não foi difícil chegar até a casa deles. Tive que retroceder um bocado, mas acabei por encontrar. No início, sentia-me um bocado nervoso e com vontade de deixar tudo e não ter que enfrentar a situação de entrar em casa deles e entrevistá-los. Qualquer coisa poderia

acontecer. Algumas pessoas da aldeia olhavam muito para mim, por ser alguém desconhecido daquela zona. Faz-nos sentir mal ter que entrar na vida dos outros.

Senti que o casal devia estar a descansar na cama. A casa é simples, mas está em boas condições. Na sala parece haver uma certa desarrumação. Ela veste um fato de treino, parecido com um pijama, e ele um casaco. A casa está fria. Tem uma cadela pequena chamada Laika que ladrrou muito quando sentiu a minha presença.

Sentámo-nos na mesa da sala, eu no centro e eles um de cada lado. Pedi licença para gravar e expliquei o meu trabalho. Senti, no início, que estavam bastante na defensiva e que não queriam abrir-se nas respostas, mas a coisa foi mudando pouco a pouco, penso que o meu humor e simplicidade ajudaram, assim como a minha fala espanhola, colocou-me na posição de quem também precisa de ajuda.

O Luís estava com uma perna para fora, como querendo fugir, como à espera de não ser apanhado e com o desejo de terminar o quanto antes. Ela tem um ligeiro atraso cognitivo e os dois falam de forma muito concreta, com um pensamento linear, que impede a realização de certas perguntas mais simbólicas ou reflexivas. Senti que a pergunta pelo nome ajudou a entrar na conversa porque é algo concreto mas que ajuda a unir-se com o passado e com a rede familiar. Parece que eles vivem um presentismo contínuo, como se tivessem cortado relações como todos e com o próprio tempo. Eles próprios reconhecem que a família é só o casal e os filhos, ainda que Cristina abre essa rede ao seu pai, com quem mantém uma boa relação.

Na entrada da casa têm um aparador, onde estavam duas fotos de Sílvia e Marta. Também na prateleira da sala tinha uma foto da beata Alexandrina.

Penso que o facto de estarem os dois juntos ajudou para perceber a relação entre eles, que parece fria e distante, mas também condicionou a participação mais ativa da Cristina. O Luís nota-se que a condiciona, mesmo nas respostas que ela dava partiam muito do que ele tinha dito antes.

Gostei de estar com eles, apesar de não estarem muito colaborantes no início e de sentir que estou a violar a privacidade de uma família. Continuo a pensar que estas famílias, muitas vezes, são violentadas por técnicos que se acham no direito de ultrapassar limites de intimidade do Lar. A ideia de que agora já não são os padrinhos os que colocam o nome, que agora são os pais, fez-me pensar na possível rutura ou corte emotivo que este casal faz com as suas estirpes e origens. A relação transgeracional parece estar truncada.

O Luís fez questão de remarcar que a Marta não é sua filha, mas também em dizer que ele já passou pelo mesmo com o seu pai, que o adotou. Ele puxou pelo tema que eu não tinha colocado. Por vários comentários que fez o Luís, senti que tinha passado uma infância difícil, com muitas coisas más que quer esquecer. Parece que houve um movimento de apagamento do passado, um querer esquecer. E talvez a bebida tenha sido uma forma de tentar ultrapassar uma vida frustrada.

20/12/2011 Genograma com o casal

Pedi à Cristina para desenhar e começou por fazer um boneco como fazem as crianças, mas depois passei a desenhar eu o genograma, enquanto perguntava aos dois pais, porque estava a ver que eles não iriam conseguir. Podia ter tentado uma primeira versão, feita por eles, como fiz com a Marta, mas a tarefa parecia excessivamente complexa.

Com este tipo de famílias há que mudar a forma de trabalhar, com recursos muito simples e explicar tudo muito bem. Esta vez foi melhor conseguir gravar sem imagem no ecrã do telemóvel, despistava menos, especialmente o Luís. Foi mais a Cristina a que falou no início. Cristina pensou que o seu pai tinha 44 anos, não faz sentido nenhum pensar que o pai tenha só onze anos mais do que ela. Ele também não tem consciência dos números, porque disse que o pai dele tem só seis anos mais do que ele. Realmente têm dificuldades cognitivas os dois.

Não sabe se o seu irmão Fernando tem filhos. A sua irmã Cátia tem uma filha, mas não está com ela, chama-se Idalina. Eles não falaram por própria iniciativa do filho que foi adotado. Cristina disse que não tinha relação com ninguém da família do pai biológico de Marta. Disse-o de forma quase como para fugir da pergunta. Os dois têm dificuldade em explicar os membros da sua família, falam deles quase como de desconhecidos, apesar de saberem se têm filhos ou não.

O Luís falou de um irmão, que morreu quando tinha 20 anos, que se chamava Júlio Marcelo, como o último filho deles. Aqui se pode ver um desejo de querer substituir a pessoa morta. Seria bom

explorar melhor esta relação. A irmã Cátia aparece como um elemento negativo dentro da família, igual à avó. Que significam estes elementos negativos?

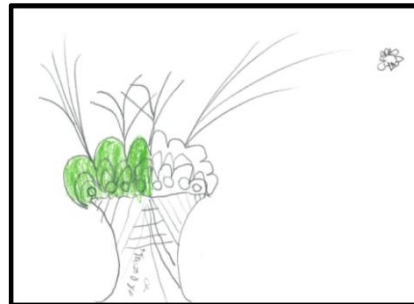
Perguntámos várias vezes se esses eram os quatro filhos e ela insistiu que sim, como querendo ocultar que tinha outro filho mais novo. Neste segundo encontro, a Cristina falou que tinha enviado uma carta ao tribunal para pedir que os filhos fossem no Natal. Os pais pensam que os filhos foram há quatro anos para o Colégio, quando foi há dois anos. Têm um problema com a consciência temporal.

Quando eu perguntei pelo filho que foi adotado, eles reconheceram-no, disseram o nome, mas não acrescentavam nada espontaneamente. O pai ativa-se quando falamos da política ou da situação económica, parece que os temas mais sensíveis, como a família, fazem com que bloqueie.

22/12/2011 Encontro com os quatro filhos, Marta, Luís, Sílvia e Ana.

Sceno-Test, Árvore e Dupla Lua

O Luís não queria vir comigo quando cheguei, porque já tinha sido avisado de que eu queria estar com todos. Ele começou a chorar, mas depois foi ter com a sua irmã e veio comigo e gostou de estar connosco. Achei muito interessantes as perguntas de Luís: “quem é você? Que é o que quer de nós?” Quando eu disse que precisava da sua ajuda e se queria ajudar-me, ele disse que sim e ficou todo contente. Pedi-lhes para gravar em vídeo a sessão e eles acharam bem. O registo de imagem tem umas características peculiares muito mais significativas. Permite ver a interação e a linguagem não-verbal. Ainda que a gravação não tenha ficado muito bem, porque foi com o telemóvel colocado numa ponta da mesa e, a meio da sessão, caiu para frente e deixou de captar imagens, ficando só o registo áudio.

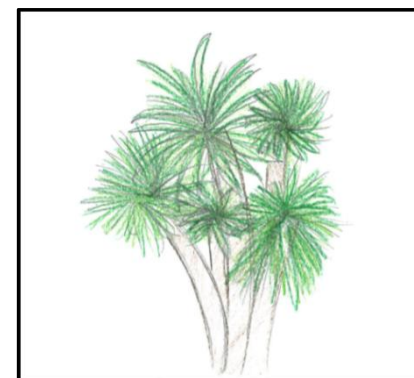


Surpreendeu-me a reação deles quando comentei que tinha estado com os pais. Eles ficaram atentos, mas em silêncio, sem perguntar nada. A irmã mais pequena demorou muito em vir ter connosco e pareceu-me muito calada e tímida. Realizei, primeiro, o desenho da árvore e, depois, o Sceno-Test, para que o Luís também ficasse entretido. Ele falava muito e estava irrequieto, mas quando as suas irmãs contavam alguma história familiar ou algo mais sensível ele calava-se e ficava atento para escutar. A forma de arrumar da Marta e a sua posição colocou-a como a mãe substitutiva, talvez.



Estive a pensar que talvez a forma de se relacionarem os 4 filhos parece quase uma família, em que Marta assume o papel de mãe, Sílvia o papel de pai, Luís o filho problemático, que requer as atenções e mantém assim o grupo unido, e Ana a filha passiva. Chamou-me a atenção o facto de, por duas vezes, o Luís me ter chamado *pai*. O Luís é muito ativo, até quase parece que está a querer manter o grupo unido com a sua atividade e necessidade de atenção. Desde que ele seja criança e as irmãs as mães, eles ficarão unidos.

Na realização do Sceno-test, a Sílvia assumiu um papel preponderante, quase como a líder natural do grupo. A Ana mal falou em todo o tempo que esteve connosco. Realmente, é muito parecida com a mãe, até fisicamente. Fiquei nervoso a pensar que talvez seria complicado trabalhar com os quatro ao mesmo tempo, mas, no fim, conseguimos, e acalmei o meu desejo de que tudo esteja no seu lugar e controlado. Penso que a *Dupla Lua* foi muito mal aplicada, já que estava o Luís presente a fazer barulho enquanto jogava com os bonecos e também porque estavam as duas juntas a fazer cada uma o seu desenho, mas conseguiam ver o trabalho uma da outra. Talvez por isso os desenhos são muito semelhantes e as respostas muito curtas e defensivas.



Foi curioso que a Marta se colocou a si própria bastante afastada do resto da família, como se fosse um elemento externo a ela. Também realizou o sistema de círculos para cada membro como se cada pessoa fosse uma família diferente. Ela não quis desenhar o pai biológico quando eu perguntei por ele. Um facto interessante é que ela não desenhou, de própria



vontade, o padrao nem nenhum dos avós, mas desenhou quatro amigos. Também não quis mudar nada com a varinha mágica. Não perguntei pelo irmão adotado e foi um erro, mas sentia que foi mal utilizado o Instrumento. Deveria voltar a tentar fazer noutro encontro e ver as diferenças.



É curioso que eles não falam do irmão que foi adotado e a Marta não quis mostrar à frente dos irmãos que tem um pai diferente. A Sílvia também utilizou o recurso aos círculos individuais. Ela desenhou os dois pais e os três irmãos, mas a Marta, mais longe, e os três e os pais, detrás de alguns amigos. Ela não desenhou o irmão adotado. Também não quis utilizar a varinha mágica.

10/01/2012 - Dupla Lua com o casal

Hoje apliquei com os pais a *Dupla Lua* e realizei perguntas a partir das fotos das filhas. Quando cheguei, eles estavam na porta à espera, não sei o que pode significar, talvez fosse acaso. Ela pareceu-me, como sempre, um bocado desleixada na sua roupa e cuidado pessoal. Ela parece uma menina pequena na forma de se relacionar, apesar de ser muito grande e um pouco obesa.

Chamou-me a atenção que eles não desenhassem o companheiro que estava mesmo lá. Parece que não é uma relação muito significativa para eles. Também parece que existe um corte emocional com a geração anterior e com o passado, no geral, mais explícito no Luís do que na Cristina. Parece que estou frente a pessoas com problemas cognitivos significativos. A casa estava fria e desarrumada, como das outras vezes e, quando perguntei pelas fotos, quase que não sabiam onde estavam. Eles contaram que os filhos foram no Natal, no dia 31 e 1, mas que saíam muito de casa. Também comentaram que os pequenos são muito traquinas e desorganizaram tudo. Por uma parte, parece que gostam dos filhos, mas, por outra, que não se sentem com capacidades para os ter com eles permanentemente. Dizem que a Sílvia ajudou bastante nas tarefas de casa. Penso que o Luís ou a Ana tiraram as fotos das irmãs da entrada da casa, porque podem ter sentido que eles eram discriminados.

Quando perguntei pelo nome dos filhos, eles comentaram que deram esses porque gostavam e não porque fosse algum nome da família. Chamou-me muito a atenção como renuncia ela mais ao filho Júlio que ele. Notei um certo sofrimento nele quando perguntei pelos pais. Penso que há um luto mal passado ou vazios que bloqueiam. Sinto que faço bem em fazer comentários simpáticos que os coloquem a rir e tornem o ambiente mais distendido. É curioso que eu fico sempre no meio deles, como se a relação tivesse que ser mediada. Ela espera sempre pela resposta ou reação do marido e, por isso, fico contente de que neste próximo fim de semana possa estar com ela sozinha.

A família tem-me acolhido bastante bem, ainda que os sinto sempre distantes, com pouca vontade ou capacidade para se abrirem mais e desabafar os problemas que eles têm. Parecem fugir dos problemas, não querendo assumir ou integrar as partes negativas e, se calhar, acabam por acalmar as angústias, ela com a comida e ele com a bebida.

Tenho a sensação de que não parece uma família, parece mais um apartamento de estudantes, sem grandes cuidados e pouco personalizado. Não há lar exterior, porque não há lar interior em cada um deles. Falta interioridade.

Pelo facto de estarem juntos os dois, não consegui perguntar pelo pai da Marta, pareceu-me muito intrusivo e sentia que já estava a ser complicado para eles falar de tanta coisa. Há algumas ausências que marcam esta família (filho adotado, pais biológicos desconhecidos, irmão morto, filhos na instituição, pais mortos...)

Eles desenharam todos os membros dentro de um mesmo círculo e sempre na parte alta da folha, mas dentro do retângulo. O Luís não quis desenhar os pais dele porque disse que já morreram. Nenhum dos dois quis utilizar a varinha mágica para nada. Fiquei surpreendido por não terem uma foto do Luís, só das meninas. E as fotos que estavam na entrada da casa, agora encontravam-se espalhadas pela prateleira da sala. Foi curioso o pouco interesse que tem para eles as fotografias. Mais uma vez, me parece que não sentem necessidade de fixar momentos do passado.

Foram contando como era cada um dos filhos. Eu perguntava por cada um e eles, com poucas palavras, diziam algo de cada um. A Marta é mais tranquila e fica calada. A Sílvia ajuda muito com as coisas da casa, mas também tem carácter e, às vezes, responde. A Ana é muito teimosa e traquina e só faz asneiras. O Luís é muito irrequieto e mexe em todas as coisas da casa.

11/1/2012 - Entrevista com a Psicóloga

A entrevista com a Doutora Florinda, Psicóloga e Diretora do Lar, foi realizada de manhã, durante 40 minutos, estando sentados a uma mesa do gabinete que os serviços têm na entrada da instituição.

Desde o primeiro momento, ela assumiu um papel muito preponderante na entrevista, falando muito e relatando todos os pormenores que conhecia da família com a qual estávamos a trabalhar. Porém, pareceu-nos que o conhecimento cingia-se mais aos fatos do que às experiências interiores ou aos significados que a própria família dá. Os dados que a Psicóloga nos ofereceu serviram para confirmar e contrastar a informação que, até o momento, tínhamos dos diferentes membros da família. Contudo, sentimos uma carga negativa e de desesperança na maioria dos seus comentários, talvez muito marcada pelos problemas quotidianos com os que tem que lidar na instituição.

Quando eu cheguei, a Doutora Florinda já estava à minha espera na sala. Era a primeira vez que eu a via lá. Quando sentiu a minha presença, começou a falar para mim e cumprimentou-se com dois beijos. Eu sentei-me na mesa, à frente dela, e comecei a explicar o que queria fazer. Recolhi alguns dados no questionário sociodemográfico e pedi autorização para gravar a voz. Ela aceitou realizar a entrevista e ser gravada em áudio.

Gostava de ter entrevistado também a antiga psicóloga da instituição e a psicóloga que está normalmente no gabinete do Lar, mas a doutora Florinda é a Diretora do Lar e tem acompanhado o caso desde que as crianças entraram no Colégio. O facto de ela ser invisual, no início, constrangeu-me um bocado e impossibilitou a realização atribuída do genograma e da *Dupla Lua*. Mas a entrevista foi bastante bem e apareceram muitos dados interessantes.

No início quis perguntar sobre a própria vida dela, mas senti que estava fora do esperado e poderia ser interpretado como um juízo. Também ela começou a falar rapidamente das características da família.

A presença no fundo da sala da outra técnica foi algo interessante. Senti que ela estava atenta à nossa conversa e, nalguns momentos pareceu-me que talvez teria gostado de intervir, falar e perguntar, mas não o fez. A Doutora Florinda parece uma pessoa calma, algo irónica, bem arranjada fisicamente, com carácter, bem-disposta, disponível, com boa memória e recursos pessoais para ultrapassar as dificuldades próprias da sua limitação visual.

Em todo o momento, a Doutora Florinda disponibilizou-me os recursos da instituição, facilitou o meu trabalho, deu-me o número de telefone da família, deixou-me ver os processos individuais das crianças... Questiono-me se isso tem a ver com o facto de eu ser religioso e formar parte da entidade patronal de outra instituição de Braga. Neste caso, como noutros, sinto que a minha condição religiosa abre-me portas ou fecha-me portas.

A impressão geral que tive foi que ela conhecia bastantes pormenores da vida deles, até alguns elementos de carácter e dificuldades dos meninos e dos pais, mas que havia uma falta de sintonia em relação às expectativas que a família tinha. Também senti uma certa distância e controlo. Remarcou várias vezes a diferença destas famílias com as nossas e deixou transparecer uma falta de esperança e expectativas para o futuro.

Fiquei chocado com o facto de as crianças não irem nunca a casa e só irem agora no Natal porque a mãe o pediu. Fiquei com a sensação que a instituição não investe neste tipo de situações. Neste tema tenho que ter cuidado porque me trai a minha própria experiência.

17 /01/2012 - Entrevista e genograma com o avô Filipe e a mãe Cristina

A entrevista com o avô materno e com a sua filha Cristina foi realizada na casa da Cristina e do Luís, na mesma sala e na mesma mesa onde decorreu a entrevista com o casal, mas, desta vez, o avô e a filha sentaram-se juntos e nós ao lado do avô. A entrevista semiestruturada demorou 30 minutos e, a seguir, realizámos o genograma.

O Luís esteve sempre fora a trabalhar, mas acompanhava a conversa porque a janela estava aberta e, num dado momento, fez um comentário sobre a falta de apoio dos serviços sociais. Nota-se que a relação entre a Cristina e o seu pai é bastante boa e de suporte.

Durante a entrevista o avô falou muito tempo da sua doença nas pernas e dos problemas que está a ter para conseguir uma pensão de invalidez. Também falou em vários momentos da relação positiva com os netos e do desejo que tem de voltar a tê-los perto. Quando cheguei, já estava o avô com o pai à porta de casa à minha espera. Parecia que o Luís estava a preparar uma cana de pesca e perguntei o que estava a fazer. Ele disse que ia a Viana para pescar peixe. Entrei para casa com o senhor Filipe, sendo que a Cristina já estava dentro. Sentámo-nos os três à mesa e o Luís ficou fora a trabalhar. O Senhor Filipe pareceu-me alguém com mais capacidades cognitivas que os pais e que está numa fase da vida em que começa a valorizar outras coisas. Parece que a visita dos netos no Natal mexeu muito com ele, quase começou a chorar quando falámos desse tema. Ele insistiu que os netos têm que voltar para casa.

O Filipe sentiu que a minha presença poderia ser uma ocasião para falar dos seus problemas de saúde e para transmitir aquilo que está a solicitar à Segurança Social. Eu acho que expliquei bem que eu não era da Segurança Social, que estava a fazer um trabalho da Universidade, mas, no fundo, ele identificou-me como alguém que os poderia ajudar. Talvez a filha falou neste sentido com ele. Eu sinto que a Cristina olha para mim cada vez com mais confiança e com o desejo de que eu possa ser uma resposta, uma ajuda. Parecido com aquilo que me aconteceu no acompanhamento no Colégio.

O Senhor Filipe falou muito dos problemas de saúde, até trouxe com ele vários envelopes médicos, com a explicação de tudo o que tinha. Também fiquei surpreendido quando perguntei pela idade dele e tirou o BI da carteira para me dar e eu copiar o que considerasse necessário. Ele fez-me sentir como um Assistente Social que passa pelas casas das pessoas tentando recolher informações.

Chama a atenção as dúvidas que eles têm nos nomes e, especialmente, em saber as idades dos filhos. Na realização do genograma posso destacar que foram os dois a falar e complementaram-se nas perguntas. Nele também senti uma certa rutura com alguns dos membros da família, uma projeção para baixo (descendentes) e um corte para cima (ascendentes). A filha de Cátia foi adotada pelos padrinhos que não são familiares, eram vizinhos. Surpreende que não sinta a perda desta neta. O Senhor Filipe conhece bem o nome dos seus irmãos, mas não sabe muito bem o número de sobrinhos que ele tem, nem as idades deles.

A mãe do senhor Filipe já tinha outros filhos de outra pessoa, mas não foram assumidos como filhos do pai, ele não arriscou em adotá-los. Só soube mais tarde que os dois irmãos que pensava que eram irmãos não eram. Descobriram por causa dos BI, quando faleceram os pais. O Senhor Filipe e a Cristina já não se lembram do nome dos sogros, que são os avós de Cristina. É estranho, porque a Marta chegou a viver com esta bisavó. O filho Fernando vem a Portugal algumas vezes por ano. O rapaz foi com 20 anos para França para fazer a sua vida, como ele próprio fez.

Quando perguntei sobre o filho que foi adotado, o avô não queria falar, só disse que não o chegou a conhecer. Cristina reconhece que os filhos ainda falam do filho adotado e que o Luís não sabe bem onde é que está. Às vezes, o Luís lembra-se do pequeno. A mãe disse que o tem encaixado na cabeça. Parece que Cristina assumiu a responsabilidade de dar o filho em adoção. Ela disse que não foi obrigatório, que ela assinou os documentos. Parece que ela assumiu a decisão sem consultar a família. Eles não sabem em que família está a criança. Eles reconhecem que o processo de adoção foi complicado. A mãe reconhece que a Marta ainda está muito chocada com a decisão de ter dado o seu irmão para adoção e de não poder vê-lo nunca mais.

O avô disse que gosta de todos os netos, que a Marta é a mais meiga, que o sabe levar. A Sílvia fala mais e tem a cabeça mais erguida, tem mais carácter. A natureza da Sílvia é outra. “A Ana vai ser como a mais velha, não sai da minha beira e o Luís igual”. Cristina reconhece que a Ana está sempre abraçada ao avô. O avô falou que antigamente não se dava importância às crianças, que os adultos estavam a comer e não davam nada às crianças (parece uma experiência pessoal dele). O avô pediu-me, no fim, para ver se eu poderia fazer algo para que as crianças voltem para casa.

Apêndice O: Análise de conteúdo das entrevistas

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Desagregação e corte emocional	<p>Parecer uma família unida - Nós agora até nos parecemos com uma família assim muito junta. Falamos de tudo, já não temos assim aqueles... antes começávamos todos aos berros e era isso</p> <p>Cada pessoa uma família. Não consegue definir a família em conjunto só os membros por separado - <i>Se a tua família fosse um animal, que animal seria?</i> A minha irmã, às vezes, parece um leão, por causa do cabelo.</p> <p>- <i>Podes descrever como é a tua família?</i> Sim, A minha mãe é mais ou menos como eu, mais ou menos parecida, um bocado diferente, tenho três irmãos, eu sou a mais velha.</p> <p>Desejo de unificação <i>Quando estais todos juntos, por exemplo, nessa festa de família, como te sentes?</i> Sinto-me feliz, em saber que está tudo junto sem estar mal, sem dores.</p> <p><i>Tu gostavas que a família estivesse sempre assim?</i> Sim, sempre junta, só que às vezes é um bocado complicado.</p> <p>- <i>Como será tudo daqui a dez anos? Tenta imaginar como poderia ser?</i> Não deveria ser diferente, deve estar..., sei calhar vai ser mais junto, mais... uma família mais junta, não assim muito separada, se calhar. Não sei, he,he.</p> <p>Corte com a família alargada Tenho os meus tios, o meu avô, a minha avó, já fomos muitos mais.</p> <p>A vida como soma de etapas desconexas De pequenina morei assim com os meus tios, já morei com o meu tio num café, já estive com a mãe da minha avó que é a minha bisavó. Já vivi com os meus avós, Depois é que fui mesmo para a minha família, estive um tempo e depois é que vim para um colégio</p>	<p>Corte com a avó materna Mãe: não ligo mais à minha mãe. É mais ao meu pai. Tenho mais ligação com o meu pai</p> <p>Corte com a mulher - autogeração O nome de Carlos também é do padrinho? Não, não, é do pai. Fui eu que escolhi mesmo, nem ela mandou, fui eu que disse.</p> <p>Corte com a família de origem Pai: Para mim, a família agora é a mulher e os filhos, porque já não tenho pai nem mãe, tenho irmãos sim, mas cada qual... estão casados e cada qual leva a sua vida. Não me tenho nada que meter. Visito-os, de longe a longe, de resto, mais nada.</p> <p>- <i>Cristina era o nome de alguém da Família?</i> Mãe: Não, não, não. <i>Você é a única pessoa da família com o nome de Cristina?</i> A única, é</p> <p>Pai: sei que o meu pai é vivo mas não faço caso dele. Não me interessa se ele é rico, se ele é pobre, não me interessa, estás a ver?</p>	<p>Estilo relacional distante São uma família um pouco distante, tanto de nós como dos filhos, são capazes de estar um mês, dois, sem vir cá. Quando vêm, a mãe é que vem mais. Não se preocupa muito em perguntar como é que estiveram os filhos, se está tudo bem, se estudam, se não estudam. Não faz qualquer pergunta.</p> <p>Pronto, nota-se que não há ali qualquer tipo de preocupação. Não é?</p> <p>Fraca relação de casal Entre o casal o que domina é ele, não é? Mas pronto, falam que ele sabe que ela se prostitui e não sei quê, mas pronto, enquanto ela trouxer dinheiro, não está para se chatear muito.</p> <p>Corte com o filho dado em adoção Ela ia à instituição para amamentar e depois, eu acho que ela própria contribuiu por isso, ela começou a... quer dizer, não, deixou de aparecer, estava aqui, três semanas sem ir, claro isso tudo fez com que houvesse uma medida do Juiz, houve uma desistência dela, não houve insistência. Não é?</p> <p>Distância entre irmãos Cada um tem a sua autonomia, tem a sua vida. Claro que são irmãos, e nota-se que há carinho e que há proteção mas não diria que seja uma dependência. Não.</p> <p>Distância com os avós É muito distante a relação dos miúdos com os avós. De agosto a dezembro o avô veio três vezes e a avó veio uma.</p> <p>Corte entre diversos familiares Eu acho que há corte entre a mãe e os pais. Por dar a entender, se vêm no mesmo dia, vem primeiro a avó, depois vem a mãe com o avô, depois vêm os padrinhos.</p> <p>Distanciamento dos filhos O pai vem muito poucas vezes. De agosto a dezembro veio uma vez.</p>	<p>Corte com os seus irmãos A minha família está toda para baixo, em Famalicão, em Joane. Agora aqui é só os meus filhos.</p> <p>Os padrinhos levam uma das netas Os seus filhos não têm filhos? Só é Dona Cristina? Tenho estes e a uma, mas não está. Os padrinhos é que tomaram conta. Ela não soube tomar conta da criança. E os padrinhos foram, ao hospital, levantá-la. Ficaram. Os padrinhos é que ficaram responsáveis da menina.</p> <p>Corte com a família de origem <i>Lembra-se de algum momento da sua família, algum momento, que tenha sido uma lembrança de um momento bonito, de um momento importante que gostou?</i> Ah não, não ligava assim muito. Não ligava muito a eles. Não ligava muito. <i>Saiu muito novo de casa?</i> Desde os dezanove, despachei-me logo. Fui para tropa e despachei-me logo. A minha mãe, a minha mãe estava só, não é? E tinha só... ela era muito... daquelas pessoas antigas, não fazia as coisas como devia de ser e eu vi o ambiente e quis...tive...</p> <p>Corte com a mulher Tive umas coisas com a mulher, mas isso não interessa. A mulher ela levou outro caminho, pronto. <i>Há muito que não está com a mulher?</i> Ai, já vai uns anos valentes, que ela está e eu... ela lá se mete na vida dela. Ninguém quer malandrices, não é? São coisas que não... não interessa</p>

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Ausências	<p>Não fala do pai nem do padrasto: <i>Podes descrever como é a tua família?</i> Sim, A minha mãe é mais ou menos como eu, mais o menos, parecida, um bocado diferente, tenho três irmãos, eu sou a mais velha.</p> <p>Ausência do irmão adotado Só temos um rapaz, tínhamos dois, só que um foi adotado porque era bebé, estava na (gir) foi adotado</p> <p>Ausência do pai <i>Nunca o chegaste a conhecer o teu pai?</i> Não, nunca.</p>	<p>Ausência da avó materna Mãe: não ligo mais à minha mãe. É mais ao meu pai. Tenho mais ligação com o meu pai</p> <p>Ausência do pai biológico do padrasto Pai: sei que o meu pai é vivo, mas não faço caso dele. Não me interessa se ele é rico, se ele é pobre, não me interessa, estás a ver?</p> <p>Ausência da família do padrasto Pai: já não tenho pai nem mãe, tenho irmãos sim, mas cada qual... estão casados e cada qual leva a sua vida. Não me tenho nada que meter. Visito-os de longe a longe, de resto mais nada.</p>	<p>Ausência do irmão dado em adoção Estes miúdos, estes quatro, só conheceram quando viram a mãe grávida, não é? E depois conheceram-no por fotografias apenas, porque o tribunal nunca autorizou os filhos a visitarem, a verem o irmão. Eu, pessoalmente, acho que foi errado, porque eles tinham todo o direito de conhecer. Porque o próprio pequenito e tudo, o Luís. Pronto, uma altura levámo-los a casa para eles verem a casa deles e a primeira coisa que o Luís fez quando entrou em casa foi procurar o bebé (...) Mal sabem que houve ali alguém, mas que eles não conhecem. E acho que é um bocado macabro, não é? Porque a mãe chegou a trazer fotografias no telemóvel e é o Júlio, é o Júlio, mas o Júlio no fundo, nunca o viram e fica sempre esta perspetiva (...) Ele foi adotado por um casal e acho que está, pelas indicações está muito bem. Eles não fazem ideia onde é que ele está, claro.</p>	<p>Ausência do neto dado em adoção <i>Tem aí três netas e um neto.</i> E ainda tinha mais... mais um bocado.</p>
Parentificação	<p>Marta cuidadora dos irmãos - Temos um rapaz (...) chama-se Luís, pequenino. - Sim, eu vi sempre os meus irmãos a crescer. Mesmo quando estive com os meus avós, os meus tios, eu ia sempre ter com a minha mãe quando alguma assim acontecia</p>	<p>Marta cuidadora dos irmãos Mãe: A Marta não se quer separar dos irmãos. Está mesmo apaixonada pelos irmãos, nem o Luís nem há nada. O pequenino, queria o pequenino, pronto. Gosta mesmo do rapaz. Marta não pode separar-se dos irmãos <i>Vocês gostavam que voltassem os quatro assim de vez? Ou escalonado</i> Mãe: Não não, tudo numa vez. Senão, minha filha (Marta) não consegue.</p>	<p>Marta cuidadora dos irmãos a Marta acabou por ser ela a cuidar dos irmãos mais novos nas necessidades básicas Maternidade substitutiva da Marta Inicialmente, quando a Marta entrou, quando vieram os quatro, havia muita proteção da Marta em relação ao Luís e à Ana. Como se ela fosse a mãe. Agora, sim, desde há um tempo, foram-se afastando. Acho que a Marta começou a ver que eles estão cuidados, não precisa de ajudar e foi-se afastando.</p>	

Temas		Problemáticas			
		(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Temporalidade	Passado	<p>Não conhece as suas origens: Dizem que nasci em Famalicão, mas não tenho a certeza. - <i>Nunca chegaste a conhecer o teu pai?</i> Não, nunca.</p> <p>Recordação significativa: Aniversário dela <i>Lembras-te de algum momento familiar que para ti seja importante?</i> Foi o dia dos meus anos, porque o meu pai, o meu padrasto não estava assim muito bêbedo nem muito e... O meu avô estava, a minha mãe, estavam os meus irmãos e a minha tia, não tenho a certeza. Eu gostei muito desse dia, porque estávamos assim em família, falámos do que se tinha passado na escola e isso. Foi muito bom e das prendas também gostei, he, he.</p> <p>Lembrança detalhada das prendas <i>Que te deram, lembras-te de alguma prenda?</i> Deram-me uma camisola, umas calças, deram-me sete euros e meio, deram-me um DVD, deram-me assim muitas coisas</p> <p>Recordação significativa: A irmã Sílvia Quando a minha irmã Sílvia nasceu, eu fui lá ver, eu lembro-me como a minha irmã começou a andar, ela subiu umas escadas. Tinha assim que subir umas escadas, e lá em cima tinha uma cama, ela subiu aquelas escadas e foi uma confusão à procura dela. Foram à estrada, foram assim à beira de uns animais, naquela altura era uma quinta, fomos aos vizinhos perguntar e, no final, ela estava lá em cima. Foi quando nós descobrimos que ela já sabia andar.</p> <p>Falta de objetos do passado familiar Tens alguma foto da tua família ou tua? Eu tenho mas é o meu irmão que tem a foto e não sei onde é que ele guarda isso.</p> <p>Lembrar os desejos do passado Dantes gostava que o meu padrasto mudasse, queria que ele deixasse... Podia beber, mas não tanto como ele bebia.</p>	<p>Recordação significativa: Aniversário da Marta <i>Podiam pensar alguma recordação especial?</i> (0.2) Sim, talvez numa festa de anos. <i>A festa de anos, a sua?</i> Não, a da menina. <i>Da Marta?</i> Sim.</p>	<p>Experiência de corte com os quatro filhos Aquela entrevista de integração, onde vem a família, vieram com o pai, os quatro com o pai e nos pareceu um senhor adequado. Chorou, pronto, aquela de na hora da separação. Vinha aqui um bocadinho incomodado, o pequenino trazia piolhos, parecia assim um senhor até preocupado.</p> <p>Falta de visitas a casa em dois anos As crianças foram a casa agora a primeira vez no Natal, no ano novo, mas nunca, já desde 2010, 2009 nunca tinham ido a casa. Só foram uma vez, fomos fazer uma visita e levámo-los, para ver o quarto deles, a casa, as referências deles.</p> <p>Imitação dos comportamentos do pai É engraçado que eles imitam, por exemplo, se alguém estivesse a chatear, ele pegava no cinto, que ele tinha um cintito para pôr nas calças, e vinha bater. Ele dizia, o pai também fazia assim. Desculpa lá, mas não é o teu pai. Numa altura apanhou uma das irmãs deitada e magoou-a com o cinto. Agora já não faz há muito tempo, mas no início ele fazia.</p> <p>Objetos que ligam ao passado A mãe deu umas calças à Ana e ela só quer vestir aquelas calças. A equipa educativa já disse estas também são da mãe, ponto. Porque, senão, é um circo. Acho que todos eles estão mesmo ligados com a mãe. O Luís trouxe um cobertor, quando era bebé. Depois o cobertor estava todo sujo e foi para lavar, não sei se ele está na cama.</p> <p>Retirada de um filho Ora bem, ele foi logo retirado à nascença e o feedback era muito mau, mas os pais tiveram que aceitar, um bocado talvez pressionados, mas foi um bebé que nunca esteve em casa. Ela teve a criança. Ela escondeu, tentou esconder a gravidez mas foi descoberta e, na hora do parto, ele foi imediatamente retirado.</p>	<p>Dificuldade em recordar datas <i>Quando nasceu?</i> Cristina: O bilhete de Identidade tem? Luís: Quantos anos tem? Também não sabe (passam 10 segundos enquanto encontra o BI) é por aí 50, é do 54.</p> <p>Escolha do nome <i>Porque se chama Filipe? Sabe quem colocou esse nome e porque tem esse nome?</i> Os meus primos tinham esse nome. E assim, como era da família, deram-me um nome igual. <i>E quem foi que decidiu? Foram os seus pais? Ou o padrinho?</i> Foram os pais. Todos da mesma família, foram os nomes a dar. Agora está na escolha dos pais. Naqueles tempos era a família.</p> <p>Saída da casa dos pais <i>Saiu muito novo de casa?</i> Desde os dezanove, despachei-me logo. Fui para a tropa e despachei-me logo. A minha mãe, a minha mãe estava só, não é? E tinha só... ela era muito... daquelas pessoas antigas, não fazia as coisas como devia de ser e eu vi o ambiente e quis... tive...</p> <p>Falta de recordações positivas <i>Depois que você fez a sua vida na tropa e depois que casou, bom, fez a sua vida. Lembra-se de algum momento de que gostou?</i> Não, não. <i>Quando nasceram os filhos, se calhar?</i> Ah, eu não. Os meus filhos vieram mais tarde, a vida era outra não é?</p>

Temas		Problemáticas			
		(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	Entrevista 2 (E2) – 13/12/11 Com o casal 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Temporalidade	Presente	<p>Vivência da separação Estou aqui no Colégio há dois anos, com meus irmãos. <i>Ides a casa da tua família, às vezes?</i> Não, são eles que vêm cá.</p> <p>Valorizar os elementos positivos <i>Que momento estais a passar agora como família?</i> Este momento está a ser assim muito diferente do que era antes, está melhor. (...) nós agora até, nos parecemos até uma família assim muito junta. Falamos de tudo, já não temos assim aqueles... Dantes começávamos todos aos berros e era isso</p>	<p>Importância do trabalho <i>Num dia normal, o que é que fazem?</i> Pai: Trabalhar</p> <p>Corte com as tradições <i>Normalmente são os padrinhos os que colocam o nome.</i> Antigamente era, agora, agora são os pais. Agora é mais os pais que escolhem o nome. Mas antigamente eram os padrinhos os que escolhiam o nome e agora não.</p> <p>Relevância dos bens materiais Se viessem os filhos era bom. Muito bom para mim e não gastava viagens para lá.</p>	<p>Visita à casa familiar O viveram com uma certa ansiedade, mas gostaram, não há dúvida, eu acho que é importante. Foi bom. Eu pensei que a partir daí iam os fins de semana ter vontade, não é? Mas não.</p> <p>Habituar-se a estarem sozinhos Os dois vivem bem sozinhos. Ele disse: eu quero que os meus filhos venham para cá, mas também não move uma palha para os filhos irem para casa e eu acredito que eles já estejam habituados a estarem sozinhos, a viverem sozinhos, não é? Quatro filhos de uma vez é uma bagunçada.</p>	<p>Nova relação com outra mulher <i>Mora você sozinho ou mora com mais pessoas?</i> Eu estou para já...Tenho cá as minhas coisas. Estou com uma amiga. Para ver se dá ou se não dá.</p> <p>Tem pedido ajuda à filha Meti os papéis para a reforma. Obrigaram-se a entregar a casa onde estava. O que tinha falhou-me. Não tinha dinheiro e tive que pedir à minha filha para vir cá guardar as minhas coisas. E assim é. Estou agora à espera.</p> <p>Uma espera passiva Já estou há quase dez anos esperando. Há dez anos que meti os papéis e estou sem ganho nenhum.</p>
	Futuro	<p>Falta de expectativas <i>Queria-te perguntar pelo teu futuro, que gostavas de ser?</i> Eu nunca... eu quando era pequenina gostava de ser médica, mas depois não sei, mudei de ideias, não tenho assim planos para o futuro, não tenho assim nada.</p> <p>Falta de projetos <i>Como gostavas que fosse o teu futuro, como te imaginas num futuro?</i> Não sei (0.4) imagino eu própria, não sei.</p> <p>Pouca confiança nas mudanças <i>E com 24 anos tu? Como te vês?</i> He, he, mais alta! He, He. Na forma de ser, vou ser sempre a mesma, não é? Diferente assim só no visual, assim na altura e isso, sem ser diferente, só nisso.</p> <p>Desejo de ir para casa nos fins de semana <i>Achas tu que precisavas de alguma coisa diferente para sentir-te mais realizada?</i> Era ir os fins de semana a casa</p> <p>Desejo de ser mãe Assim, tomar conta dos filhos, he, he. <i>Tomar conta de filhos, dos teus filhos?</i> Sim. <i>Hhh. Imaginas-te como mãe?</i> Sim. <i>Gostavas de ser mãe?</i> (disse sim com a cabeça) <i>E gostavas de ter quantos filhos?</i> Não sei, he, he, dois, três, mais ou menos.</p>	<p>Falta de expectativas <i>Como imaginariam a família daqui a dez anos? Como gostavam que fosse?</i> Mãe: Depende, depende do que for, depende do que acontecer. Pai: Ainda não se sabe o que vai vir. Pedimos um dia de cada vez. <i>Daqui a dez anos fica muito longe, he, he.</i> Pai: É, ainda fica muito longe. Ainda corre muita água no rio.</p> <p>Desejo de que voltem os filhos <i>Que expectativas têm como família? Que desejariam? Que gostariam de viver num futuro como família?</i> Pai: Que se passasse esta fase. Pronto. E que eles viessem para casa. Mãe: que viessem para casa. É mais fácil.</p> <p>Desejo de que os filhos passem uns dias com eles em casa <i>Eles agora no Natal vêm cá?</i> Pai: Não. Mãe: Ah, se eles viessem era bom! He, he.</p>	<p>Expectativas para esta família Eu acho que estes pais, claro que eles dizem que os filhos. Ai, eu faço tudo para os meus filhos irem para casa, mas duvido. Eu acho que a perspectiva destas crianças é, ao longo que vão atingindo a idade, é a autonomia. Não estou a ver. A Marta já tem catorze anos, eles nem a casa vão, só foram agora no ano novo. Não me parece que haja ali... Eu acho que esta família nunca vai melhorar as condições para os filhos.</p> <p>O que acha que pensam os filhos Os filhos, acho que só os pequeninos é que acreditam que possam ir para casa, porque veem outros a irem embora para casa. As mais velhas, eu acho que não têm muitas expectativas.</p> <p>Problemas no futuro por causa do irmão adotado Nós temos uma jovem aqui, com 26 anos, que, quando foi retirada de casa, a mãe estava grávida, aos doze anos, não, aos oito anos. E ainda hoje fala do que a sua mãe fez, de que gostava de ter conhecido o irmão. E eu acho que estes vão ser na mesma. Vão ficar sempre com esta expectativa, como é que era o meu irmão?</p>	<p>Passar o tempo, sem projetos Venho aqui e entretenho-me um bocado. É o passatempo. Para mim é o passatempo. Também não posso fazer nada.</p> <p>Desejo de os netos voltarem Mãe: Eles também estão mortos para vir para casa. Avô: Não há nada como eles estarem perto dos pais.</p> <p>Falta de expectativas – visão egoísta <i>A nível de expectativas na sua vida. Você agora como vê o futuro?</i> O meu futuro agora é este. Entreter-me um bocado com os netos. Tenho que pensar no dia de amanhã. Passa o tempo. Não gosto de andar a passear assim só, aborreço-me. Eu assim. Se estivessem aqui os netos e se eles não tivessem escola, ia com eles.</p>

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Conflito de Pertença	<p>Ela é diferente dos irmãos Eu não conheço o meu pai, tenho um padrasto, mas os meus, eles faziam, são mesmo os meus irmãos (...) Esses irmãos que tenho são daquele pai, do meu padrasto.</p> <p>Indefinição pai-padrasto (lapso) Porque o meu pai, o meu padrasto...</p> <p>Seis residências em 14 anos Em pequenina morei assim com os meus tios, já morei com o meu tio num café, já estive com a mãe da minha avó, que é a minha bisavó. Já vivi com os meus avós. Depois, é que fui mesmo para a minha família, estive um tempo e depois é que vim para um colégio.</p>	<p>A irmã Joana é de fora Mãe: São quase todos os padrinhos os irmãos dela. Menos a minha irmã Joana, a Joana é que é de fora.</p>		
Fronteiras	<p>Centrada na família nuclear <i>Havia algum amigo ou alguma amiga na festa de aniversário?</i> Não, era só mesmo em família.</p>	<p>Centrados na família nuclear <i>O que é para vocês uma família?</i> Pai: Para mim a família agora é a mulher e os filhos, porque já não tenho pai nem mãe. Por isso, a minha família é a minha mulher e os meus filhos. Mãe: Os filhos e o marido. Quem interessa mais é o meu pai também, não ligo muito à minha mãe. É mais a meu pai.</p>	<p>Apoio na família alargada – Tia Joana <i>Só agora é que manifestaram esse desejo de que fossem para casa os filhos?</i> Sim, só foi agora. Eu acho que foi isto. Uma irmã dela fez o pedido para o Natal, demonstrou essa vontade e fez o pedido para o Natal com a tia, irmã da mãe.</p>	<p>Centrado só nos descendentes <i>Que família tem agora mais próxima consigo?</i> É os meus filhos.</p>
Regras de ouro da família	<p>Ausência de regras, só quando há problemas, deixam de falar Nós não somos assim muito de regras. Às vezes, em família, há sempre aquelas confusões de... dos meus pais... ou dos meus irmãos ou assim qualquer coisa. Ehhh, deixam assim um tempo de falar, mas de regras assim não.</p>		<p>Regra do silêncio O Luís Carlos deve ser tipo assim, olha tu só podes dizer isto, não é? E a Cristina fica muito por ali, pronto. Não é? Quem conduz é o Luís Carlos. Ele é que é o macho.</p> <p>Falta de regras na família Tem uma das bases mas falta o resto. O carinho, a supervisão, muita coisa, a imposição de regras e essas coisas todas...</p>	<p>Não falar dos problemas relacionais Tive umas coisas com a mulher mas isso não interessa</p>
Diferenciação	<p>Falta de diferenciação com a irmã Muita gente dizia que eu era a irmã gémea da Sílvia, quando era pequeninha, eu tinha por aí seis e ela tinha quatro ou três, éramos irmãs gémeas. He, he. Numa altura nós levámos as meias e saias iguais, só que as camisolas eram de cores diferentes. Disseram que nós éramos irmãs gémeas, tínhamos o corte igual e tudo.</p>	<p>Falta de diferenciação de papéis nos pais <i>Às vezes o pai é aquele que tem que castigar. É aquele que tem que levar a parte pior. He, he. E a mãe é sempre mais meiga. Não sei se é assim com vocês.</i> Pai: Não, não, não. Mãe: A relação é igual.</p>		

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Problemas. Eventos críticos não normativos	<p>Deficiência de Ana Ana foi uma das que teve mais problemas, ela tem tipo um atraso. Ela tem sete anos, só que parece uma miúda de cinco ou seis, porque nasceu... ela ficou mesmo doente quando era pequenina, não consegue perceber bem. E... Ela ainda agora fala assim um bocado mal, como se fosse... Até o meu irmão já consegue ultrapassá-la, por vezes.</p> <p>Relação conflituosa com o padrasto <i>Como achas que é a relação que tu tens com eles?</i> Não muito boa, já tive muita, um tempo, há dois anos atrás, foi antes de ir para o Colégio, tinha uma situação mesmo muito má com o meu padrasto, todos os dias que nos víamos, dávamo-nos sempre mal.</p> <p>Consciência da problemática familiar <i>Gostavas de voltar mesmo de vez para a tua família?</i> Sim, às vezes é um bocado difícil voltar de vez, mas sim alguns fins de semana.</p> <p>Abandono do pai - O meu pai deixou a minha mãe e a mim sozinhas (...) eu era muito pequenina, tinha p'ái um mês, nem isso - Eu quando nasci, tipo, eu estava um tempo com o meu pai, só que o meu pai, numa altura, pelo que me contou fechou num cemi...casa... acho que tinha um vidro, a minha mãe partiu e levamos assim, depois acho que a partir daí nunca mais vi o meu padrasto, o meu pai.</p> <p>Adições: Até deixou de beber, o problema dele era de beber. Por causa da bebida, chegava a casa e havia aquelas confusões. Agora deixou de beber e está muito melhor, muito diferente.</p> <p>Maus-tratos Depois, a minha mãe juntou-se ao meu padrasto. Ele começou a tratar bem de mim, e só depois bebeu e começou a ser muito agressivo.</p>	<p>Abandono do pai E a mim aconteceu-me igual. Porque a minha mãe era solteira, quando o meu pai casou com a minha mãe. A minha mãe já me tinha a mim. A mim e a outra irmã. E é... e é... só tinha aquela. As crianças, as crianças não têm culpa de vir ao mundo (0.2)</p>	<p>Deficiência da Ana Ana é uma criança muito difícil. Tem um ligeiro atraso de desenvolvimento, não é? Está ao abrigo do ensino especial, com adaptações curriculares.</p> <p>Suspeitas de prostituição Havia suspeitas de prostituição em relação a ela. Penso que se mantêm, mas não progride.</p> <p>Alcoolismo e agressividade do pai O Luís Carlos é normal. Pronto, era alcoólico, já não bebe. E penso que fica fora de si quando bebe. É tudo a pancada, é só falar com ele e resolve tudo à chapada.</p> <p>Maus-tratos do padrasto à Marta Sim sim, a Marta é filha do outro pai e, então, é a que mais sofreu com o Luís Carlos. O Luís Carlos, quando estava com um copito a mais, virava-se à Marta. Mas ela foi muito maltratada, a Marta. Muito maltratada. Até o Luís Carlos teve uma condenação. Pelos maus-tratos à Marta. Não sei muito bem os pormenores, mas ele teve, não sei se chegou a ficar preso algum tempo, mas ele teve uma condenação de maus-tratos à Marta</p> <p>Retirada do filho para ser adotado Eles tiveram um bebé há pouco tempo, há um ano e tal, dois anos. E esse bebé foi logo imediatamente retirado, não é? No parto, e foi logo para o apoio à criança, ao fim de um ano e pouco foi para adoção. E eles perderam-lhe o rasto. E nota-se que, a partir do momento em que o menino foi para adoção, eles também desinvestiram aqui. Não é? Então é que eles vêm poucas vezes. Devem achar que, como foi um os outros, também devem ir, não é?</p>	<p>Doença crónica do Avô <i>E a nível de saúde você encontra-se bem?</i> A saúde é as pernas, o meu mal é as pernas. Já tive várias operações. Agora de uma passou para outra. O andar é como o de uma criança. Tenho uma dor aqui nas pernas que tenho que parar. Assim, a dor abrande e torno a andar mais outro tanto. Agora andava de noite, mais ou menos daqui aonde está aquele posto. Atacou-me a dor e cá para o lado, fui para o hospital e foi descoberto que tinha uma veia aqui incorreta.</p> <p>Divórcio da mulher</p> <p>Desemprego da filha e do genro Está no desemprego, mas eles fome, eles nunca tiveram.</p> <p>Sofrimento das crianças Avô: As crianças estão agora a padecer. Mãe: Eles próprios dizem que estão ali mesmo na cadeia.</p>

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Valores	<p>Valor do respeito <i>Que valores gostavas que se vivessem na família que queres criar?</i> Gostaria de ensinar o respeito pelas pessoas, com... trataria de forma diferente daquela que me trataram a mim, tentava dar amor a eles, assim uma coisa...</p> <p>Transgressão positiva <i>Que valores gostavas que se vivessem na família que queres criar?</i> Gostaria de ensinar o respeito pelas pessoas, com... trataria de forma diferente daquela que me trataram a mim, tentava dar amor a eles, assim uma coisa...</p>	<p>Valor da educação Pai: O meu padrasto deu-me uma educação, deu-me educação, deu-me tudo. Por isso, ele é o meu pai.</p> <p>Valor da família <i>Que valores querem viver como família ou vivem como família? Percebem a pergunta?</i> Pai: Sim, é a família... <i>Não sei se há alguma coisa que digam, na vossa família, é muito importante...</i> Mãe: Pois. O importante é a família</p>	<p>Valor da adoção Eu acho que eles interpretaram o facto aquele foi para adoção, por isso, estes também acabou, não temos hipótese. Mas feliz do pequenino, digo-lhe já, ainda bem, porque senão ia crescer numa instituição. Nesse aspeto, acho que foi uma medida correta, não é? Estamos a falar de um bebé, fez dois anos no outro dia, mas... - Eu acho que o Luís deveria ter ido para adoção. Acho que era muito melhor do que estar numa instituição. Agora, cada vez está maior, cada vez é mais complicado, não é?</p>	
Triangulação	<p>Marta – Cristina – Irmãos - Sim, eu vi sempre os meus irmãos a crescer. Mesmo tendo sempre os meus avós, os meus tios, eu ia sempre ter com a minha mãe, quando alguma assim acontecia</p>	<p>Filipe – Cristina – Marta Mãe: Quem interessa mais é o meu pai Mãe: Ai a Marta. He, he, a Marta. Ela é muito meiga, muito caladinha. Marta – Irmãos Mãe: A Marta não se quer separar dos irmãos. Está mesmo apaixonada pelos irmãos</p>	<p>Irmãos: Luís Carlos- Marta e Sílvia Até que numa altura se colocou a hipótese de o próprio Luís ir para a adoção e revelou-se às irmãs, às mais velhas e elas começaram a chorar.</p>	<p>Avô – Filhos – Netos <i>Da família, quem tem agora mais próximo consigo? É os meus filhos.</i></p>
Dimensão ética	<p>Reconhecimento Agora estamos a dar-nos muito bem. Até... Ele agora até me trata como se fosse mesmo uma filha dele, como se não tivesse acontecido nada, fixe!</p>	<p>Reconhecimento da filha Pai: A Marta não é a minha filha, mas é como se fosse. Porque ela veio para minha mão com um ano de idade. Reconhecimento do padrasto do Luís Pai: O pai que casou com a minha mãe não era meu pai, era padrasto, mas tratou-me como filho. Deu-me uma educação, deu-me tudo. Por isso ele é o meu pai.</p>	<p>Reconhecimento mútuo: pai - filha Eu acho que ela adota o Luís Carlos um bocadinho como pai. E o Luís Carlos adota-a como filha, se não estiver embriagado.</p>	<p>Avô (Filipe) – Mãe (Cristina) - Neta (Marta) <i>Eles gostariam de ver o avô, não?</i> Não, eu... a mais velha é... é o meu encosto, a Marta. Gosto deles todos, não é? Mas, a ver se...se eles vêm para cá o mais próximo possível.</p>
Pessoas importantes	<p>A avó materna <i>Porque é que te chamas Marta?</i> Marta, foi a minha avó que me meteu esse nome. O tio Fernando A minha avó gostava que me chamasse Idalina, mas nem o meu tio nem a minha mãe gostavam muito de Idalina e o meu tio deu-me o nome de Susana</p>	<p>O Avô materno <i>As pessoas mais próximas</i> Mãe: Quem interessa mais é o meu pai também, não ligo mais à minha mãe. É mais ao meu pai. Tenho mais ligação com o meu pai, é (...) É mais calmo pronto, e percebe das coisas e tudo. Gosto mais dele</p>	<p>A tia Joana para toda a família A não ser uma tia materna, a irmã da mãe, mais nova, que brinca com eles, que interage. Nota-se que os miúdos têm boa relação com ela. A mãe para os filhos A mãe tinha dado umas calças à Ana e ela só quer vestir aquelas calças. A equipa educativa já disse estas também são da mãe, ponto. Porque, senão, é um circo. Acho que todos eles estão mesmo ligados à mãe.</p>	

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Defesa dos vínculos familiares	<p>Justifica os pais: Às vezes, não dá muito jeito para o fim de semana virem cá, têm muito trabalho, e sempre que tinham um tempinho, assim um bocadinho, assim umas três horas, vinham cá ver-me.</p> <p>Reconhecimento da sua casa <i>Onde é que estavas? Era na minha casa.</i></p> <p>Negação dos problemas familiares para poder voltar a casa <i>Consideras que a tua família tem algum problema para ultrapassar? Acho que não. Achas que está tudo bem? Eu acho que sim. Estão todos bem na tua família? Sim.</i></p> <p>Desejo de voltar para casa <i>E a nível pessoal. Há alguma coisa que gostavas que fosse melhor? Eu gostava de estar em casa. Porque do colégio para casa é uma coisa assim muito diferente, vivemos com mais gente... e é diferente de uma casa. Normalmente, em casa tens assim um... Uma casa é pequena, somente quatro da família e, de repente, encontras assim... vens duma casa e aqui encontras várias gente.</i></p> <p>Desejo de ir para casa nos fins de semana <i>Achas que tu precisavas de alguma coisa diferente para te sentires mais realizada?</i> Era ir os fins de semana a casa.</p> <p>União entre irmãos <i>Já vejo que gostas dos teus irmãos, não é?</i> Muito!</p>	<p>Transmissão geracional de nomes <i>O rapaz tem o nome do pai.</i> Mãe: É. <i>Porque é que se chama Luís?</i> <i>Quem lhe colocou esse nome?</i> Pai: O meu padrinho é Luís.</p> <p>Negação dos problemas familiares <i>Há algum problema que sintam que tem de ultrapassar?</i> Mãe: Não para já. Pai: Nestes momentos não. Mãe: Nestes momentos já não. Pai: Neste momento está tudo sobre rodas</p>	<p>Interesse por cumprir as exigências da instituição dos filhos Fizemos até hoje um programa, "Ser Família". Onde eles vinham todas as terças de manhã, e trabalhávamos a comunicação, autoestima, estilos parentais. Os pais participaram, vieram cá a todas as sessões.</p> <p>Esforço por manter a casa cuidada Nas visitas domiciliárias, a casa estava sempre... dentro do que são as nossas famílias, estava muito bem. Muito arrumada, nota-se que ela tem alguma preocupação com a organização. Nota-se que o frigorífico tem sempre alguma coisinha. Há ali algum cuidado da senhora</p> <p>Pedido para trazer os filhos no Natal Outra surpresa foi que no Natal, a mãe, não é? Isto é um bocado um contrassenso, mas a mãe, no Natal, foi pedir ao Tribunal para eles irem passar a passagem de ano com os pais e foram ouvidos, porque também não fazem mal aos miúdos, não é?</p> <p>Pedido para a Páscoa E agora disse que vai pedir para a Páscoa. Pelo menos, revela algum interesse. Pronto. Pouquinho mais correu.</p> <p>Colaboração em tarefas Por um lado, vieram no domingo e ela até veio cá ontem para levantar os cartões de cidadão dos pequenitos. Segundo disse a Doutora Susana estava contente, pronto, mostrou-se muito satisfeita pelos filhos lá terem ido a casa. O que lhes é solicitado, fazem, por exemplo, ela veio fazer o cartão do cidadão com os filhos.</p> <p>Raiva pela intromissão dos Serviços Ele só não bateu nas mulheres, porque ainda não chegou o dia. Não gosta delas, porque elas mentiram, e porque elas só foram lá ver e porque não tem nada que ver a casa. Deve-se sentir invadido. Deve-se sentir magoado por alguma coisa, teve a ver com a adoção do menino.</p>	<p>Carinho pelos netos <i>Como é a relação que você tem com os netos? É é. É isso que (0.2) (quase chora) custa-me um bocado, não é? Que eles lá e isso... Deveriam estar aqui. A passagem de ano fizeram com vocês? Eu pensei que eles vinham de vez. E gostou de estar com eles? (Ele fica emocionado)</i></p> <p>Proteger os netos Eu vinha aqui e nunca os vi a eles a passarem fome. E eles por cima iam a minha casa, lá em baixo, ao apartamento e outras vezes para cima.</p> <p>Esforço por cumprir com as crianças O sábado vou dar uma volta com eles. Vou para o Continente, vou dar uma volta com eles, se não estão sempre ali presos. Ali metidos, não dá. Para a Páscoa, também queria, que a Marta faz anos. Ou para a Páscoa ou para as férias. Eu vou pedir as duas coisas. Também pedi o Ano Novo ou o Natal, também pedi as duas coisas, ou uma ou outra.</p>

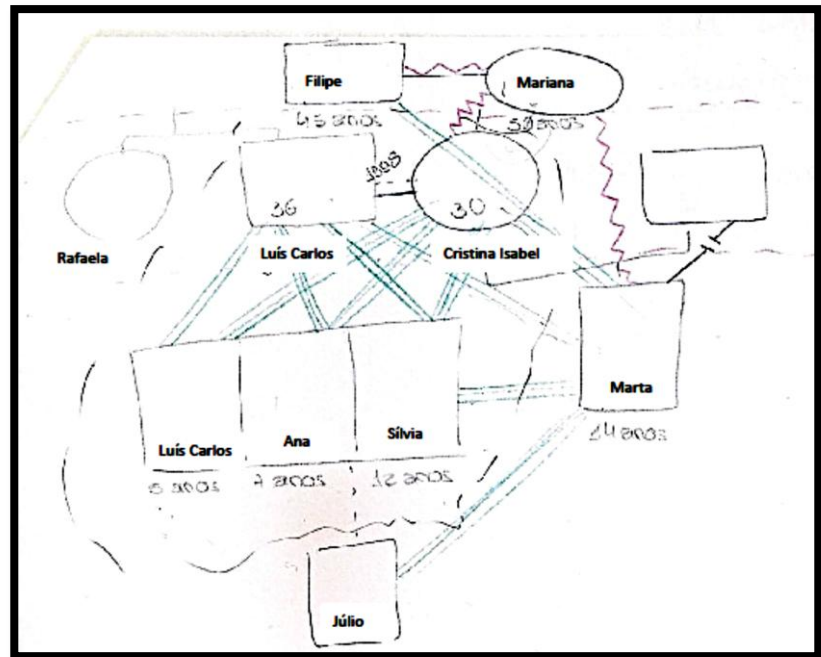
Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Pensamento limitado	<p>Visão reduzida da família Uma família é a pessoa que nos teve desde pequenino, que nos dá aquela comida, roupa, que nos dá o carinho aquele, também aquelas palmadas quando nós precisamos.</p> <p>Falta de ideias <i>Alguma coisa mais que pensas que é uma família?</i> Não me ocorre nada.</p> <p>Dificuldade em sonhar e imaginar <i>Se pudesses fazer magia, que mudarias do teu passado?</i> Eu não mudaria nada porque não posso, he, he.</p> <p>Dificuldade em simbolizar <i>Se a tua família fosse um animal, que animal seria?</i> Ai não sei, he, he. <i>. Tenta imaginar. Acho que tu és criativa. Não sei...</i></p> <p>Dificuldade em recordar datas <i>Há quanto tempo foi essa festa de anos?</i> Isso já não faço a mínima. <i>Quantos anos fazias?</i> Acho que era mais ou menos entre onze, doze...</p>	<p>Dificuldade em definir as relações <i>Como acham que é a relação que têm com os filhos?</i> Mãe: Eles gostam de nós. E nós gostamos deles, não é?</p> <p>Ver a relação só como presença física <i>Como se relacionam vocês com os filhos?</i> Pai: Ela vai e eu não vou. Ou, às vezes, vou eu e ela não vai.</p> <p>Dificuldade em sonhar e imaginar <i>Como imaginariam a família daqui a dez anos? Como gostavam que fosse?</i> Mãe: Depende, depende do que for, depende do que acontecer. Pai: Ainda não se sabe o que vai vir. Pedimos um dia de cada vez. <i>Daqui a dez anos fica muito longe</i>, he, he. Pai: É, ainda fica muito longe. Ainda corre muita água no rio.</p>	<p>Limitações dos pais Luís Carlos, o pai, ao longo das sessões foi-se mostrando cada vez mais à vontade. Nota-se que é uma pessoa com um estilo educativo autoritário, tudo à chapada, não é? A Cristina, sempre muito passiva, pronto, foi criando algum relacionamento com eles, nota-se que eles confiam em nós. Sempre que precisam de alguma coisa, solicitam-nos.</p> <p>Possível deficiência cognitiva da mãe Uma vez o Luís fez um desenho para a mãe, para o aniversário e disse: mãe, eu fiz um desenho e ela disse: Está bem, deixa ali, depois eu levo. Não levou. Eu acho que é o atraso dela, não dá para mais.</p> <p>Falta de memória da Marta A Marta nota-se que é uma jovem muito passiva. Dizem-lhe agora uma coisa, depois de cinco minutos já não se lembra, é mãe. É muito parada.</p>	
Medos	<p>Medo das agulhas E porque gostavas de ser médica? Porque, na altura, gostava de ir aos... gostava de ver assim aquelas batas brancas, eu gostava, mas depois comecei a ter medo, porque numa altura fui tirar sangue e fiquei com medo da agulha. A primeira vez não me importei, mas a segunda vez fiquei mais assustada, porque senti mais. Então, a partir daí comecei a ter medo e comecei a não gostar dos médicos</p>		<p>Medo de trabalhar o tema da adoção Nós, aqui no Lar, nunca trabalhamos isso, porque eu não sei como se vai pegar num assunto desses e até que ponto se deve pegar, porque, quanto mais mexermos nele, é pior, não é. Porque enquanto ele não foi para adoção, nós tentamos que eles o vissem. Não consigo. Agora, como é que nós vamos trabalhar? De vez em quando, o Luís pergunta: Onde é que está o meu irmão? O meu irmão está em casa, não está? E a gente não sabe muito bem o que há de dizer. E propriamente a palavra adoção não foi explicada muito bem, não é?</p>	

Temas	Problemáticas			
	(EM) Entrevista com a filha Marta 26/10/11 - 34'	(EC) Entrevista com o casal 13/12/11 - 30'	(EP) Entrevista com a Psicóloga 11/01/12 - 40'	(EF) Entrevista com o avô Filipe 17/01/12 - 47'
Relação com os serviços sociais	<p>O Tribunal substitui os pais <i>Porque não vais frequentemente de fim de semana a casa da família? Normalmente é o tribunal que manda assim uma carta para dizer que nós podemos ir para casa e ainda não mandou, e nós ainda temos que ficar cá.</i></p>	<p>Posição passiva em relação aos Serviços <i>Sabem se há alguma previsão para os filhos voltarem para casa? Pai: Ainda não sabemos. Mãe: Não sabemos. Estamos à espera.</i></p> <p>Negação da relação com os Serviços <i>Já tiveram algum tipo de relação com os serviços sociais? Pai: Não. Houve algum problema? Mãe: Não, não, não.</i></p>	<p>Desistência dos Serviços Pronto, a CPCJ disse que, antes de serem integrados, fizeram algum trabalho com eles, mas nunca nos disseram o quê. A Segurança Social já não investe nesta família, porque acha que eles, pronto, vão ser sempre assim.</p> <p>Proibição de ver o irmão E acho que foi uma insensibilidade do Tribunal e dos organismos públicos, não terem deixado estas crianças verem o irmão.</p> <p>Lactação institucionalizada A mãe e o bebé, no fundo, como estava na instituição, ia-lhe dar de mamar, e, depois, começou a visitá-lo, mas estava lá dez minutos e vinha embora, nunca houve assim grande proximidade.</p> <p>Falta de recursos Pronto, não estamos a supervisionar as visitas porque só estamos duas. É complicado e não temos tanto tempo.</p> <p>Relação conflituosa com os Serviços Na Segurança Social, as pessoas estão tão cansadas. Luís Carlos já nem os deixa entrar em casa. Aquilo é cada guerra a cada vez que vão lá. Porque elas mentiram, e ele sabe quando e como. Elas resolveram mentir, então acabou, não? Pronto, então, não abrem a porta, não respondem, não colaboram, tratam mal. O tribunal chama e ele não vai, quer lá saber, porque não está para aturar um juiz.</p> <p>As famílias passam para segundo lugar As famílias voltaram para um segundo plano novamente. É um trabalho muito difícil o das famílias. Não dá para tudo, não conseguimos. Aqui é miúdos. É preciso muita atenção, É difícil. As famílias vão ficando. Fazemos o que podemos, sobretudo pelas crianças, os pais vão ficando, claro. Depois, já não fizemos trabalho nenhum com eles.</p>	<p>Pedido de reforma e casa aos Serviços Sem o dinheiro da reforma, não posso fazer nada, não tenho ganhos nenhuns e é isso. A ver se me arranjam uma casa para eu estar, ou uma coisa ou outra.</p> <p>Chateado por terem retirado os netos Aconteceu isso, mas é um bocado chato. Para mim foi um bocado chato. Retirá-los sem falarem com a família. A lei, eu acho que não admite tirar as crianças sem falar com a família. Porque a família, não estavam abandonados.</p> <p>Os serviços sociais são injustos É perceber. Eu vejo aí casos, aí... se fosse eu a contar, então ia tudo a oito. À beira daqui havia um caso que foi a esposa, aqui perto as crianças todas sujas e caralho e... andam aí ao frio e... andam. A esses ninguém os vê. Arranjam uma pessoa e o peixe caiu na rede. Isto não é bem assim.</p> <p>Falta de apoios <i>Nestes últimos anos teve algum tipo de apoio do Serviço Social? Luís: Não (responde rápido desde longe) Cristina: Não. Avô: Não. Mãe: Bom, já tive, sim senhora, quando os meus filhos estiveram cá. Estive a receber o rendimento mínimo, mas cortaram-me.</i></p>

Apêndice P: Análise do genograma da Marta (GM)

Marta começou por desenhar a sua mãe e o seu padrasto, para passar logo a desenhar os seus irmãos. Ela referiu espontaneamente que tinha outro irmão que foi adotado por outra família e desenhou-o por baixo deles todos. Como não se tinha desenhado a si própria foi-lhe pedido para o fazer, do mesmo modo que pedimos para que desenhasse os avós maternos, uma tia e o seu pai biológico.

Marta usou símbolos convencionais, mas utilizou, para as suas irmãs, retângulos, em vez de círculos e colocou os três irmãos que moram também na instituição, num



bloco unido e separado dela, talvez por eles serem filhos de outro pai diferente. Cabe salientar como algo significativo, o facto de a Marta não se desenhar a si própria e que, quando foi pedido para o fazer, ela se colocou distante do resto das pessoas. Do mesmo modo, surpreende que, quando é pedido para meter no mesmo círculo as pessoas que moram juntas, a Marta não se incluiu a si própria no agrupamento da família nuclear. Poder-se-ia falar de um certo sentido de solidão e conflito de pertença familiar, Marta aparece isolada no espaço e no tempo, distante dos seus irmãos e desligada das gerações anteriores.

A sobreposição dos irmãos e a colocação numa geração inferior do irmão mais novo, pode fazer-nos pensar numa possível parentalização da Marta, quer dizer, que ela assuma o papel de cuidadora dos seus irmãos, quase como se fosse uma substituta da mãe. Marta desenhou poucas pessoas, o seu mundo relacional familiar é muito reduzido, sem visão transgeracional nem de família alargada.

Marta não tem praticamente informação sobre o seu pai biológico, não sabe o nome, não sabe a idade, é um desconhecido para ela. Do mesmo modo, quase não tem informação da família paterna, não sabe o nome dos seus avós paternos.

No que se refere à qualidade das relações entre todos os membros, o que queremos, primeiramente, salientar é que Marta define que a relação com o seu próprio pai é de distanciamento e, por isso, coloca uma linha cortada entre ambos. Depois, fala das relações fortes com o padrasto e com o avô materno e muito fortes ou de dependência com a mãe e com os quatro irmãos. A relação entre os pais e os filhos também aparece como sendo forte ou muito forte. Pelo contrário, parece que a avó materna mantém uma relação conflituosa com o marido, a filha e a neta e aparece, assim, no desenho como o elemento negativo do sistema. Surpreende que a Marta não tenha uma ligação mais forte com a sua mãe, já que o companheiro dela não é o seu pai, mas no desenho ela coloca uma relação mais forte da mãe com os outros filhos do que com ela.

Aparecem, de forma problemática, as duas linhas paternas, com a ausência do pai biológico e com desconhecimento da estirpe do padrasto. Também se denota que a experiência da adoção do irmão mais novo não tem sido bem integrada e que será, no futuro, outra ausência por resolver, outro abandono e separação mediado pelos serviços sociais. Ela coloca a relação com este irmão como forte, mesmo não tendo vivido nunca com ele. Isto pode fazer-nos pensar na presença psicológica devastadora de algumas figuras ausentes. A relação tão forte que Marta assinala com o irmão dado em adoção e o isolamento em relação ao resto da família podem fazer pensar numa identificação com ele,

porque ambos se sentem excluídos, como se ele representasse o sentimento de exclusão e ela encontrasse aqui um aliado.

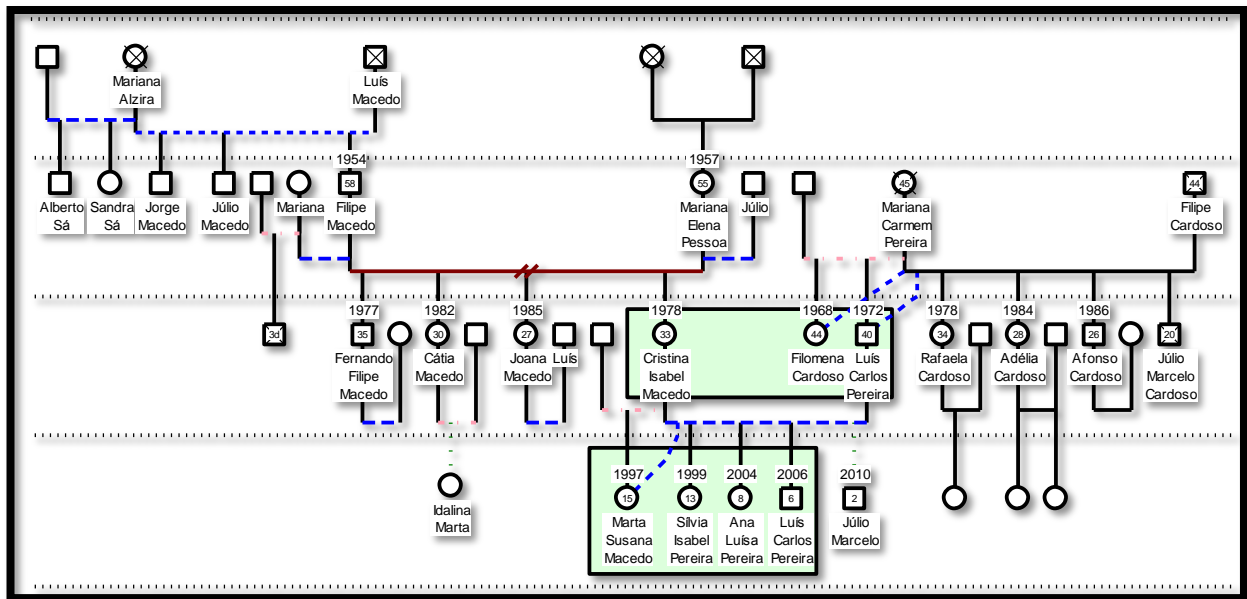
Podemos falar de vários triângulos relacionais significativos nesta família: por um lado, a relação biológica entre o pai, a mãe e os três filhos, da qual fica excluída a Marta; por outro, a relação negativa feminina da avó Mariana com a sua filha e com a neta. Por último, a relação entre os cinco irmãos que se unem, numa tentativa de sobrevivência perante o abandono da geração anterior.

Aparece a avó materna, quase como uma bruxa má, que estende as suas teias e que encerra em si própria a maldade da família. Também cabe salientar os cortes de relação e de comunicação entre as diferentes gerações familiares, com muitos segredos e tabus que não se podem contar. A imagem da família parece muito frágil e, por isso, não se podem falar de temas sensíveis que podem fazer ruir o pequeno sistema.

Apêndice Q: Análise do genograma geral (GG)

Como a família apresentava dificuldades cognitivas significativas e rejeição ao desenhar, fomos nós que realizámos o genograma de forma dirigida, com perguntas sucessivas sobre os diferentes membros da família e a qualidade das relações entre eles.

Se partimos da mãe, Cristina Isabel Macedo, de 33 anos, podemos observar que ela teve uma aventura com um homem, na adolescência, da qual nasceu a Marta Susana, que agora tem 15 anos. Depois de ser abandonada e de viver com os seus pais, ela começou a viver com outro homem,



chamado Luís Carlos, com quem nunca casou, mas com quem mora até à data. Com ele teve outros quatro filhos: a Sílvia Isabel, de 13 anos; a Ana Luísa, de 8 anos; o Luís Carlos, de 6 anos; e o Júlio Marcelo, de 2 anos. Este último nunca chegou a viver com eles porque foi retirado mesmo no momento do parto e só a mãe manteve contacto com ele durante os primeiros meses, em que ia a uma instituição onde ele estava para o amamentar.

Quando Cristina era adolescente, os pais dela separaram-se e os dois criaram novas relações, mas não tiveram mais filhos. Cristina tem um irmão mais velho chamado Fernando, de 35 anos, que está em França emigrado e outras duas irmãs mais novas do que ela, Cátia de 30 anos, que também teve uma filha, mas que terminou por ser acolhida por uns tios e uma outra irmã, que se chama Joana, tem 27 anos e namora com um jovem chamado Luís, que é considerado pelos filhos como fazendo já parte da família.

Quando realizámos a entrevista com o avô Filipe e a sua filha Cristina, ele começou a chorar quando falámos dos netos e da visita que fizeram no Natal, mas cabe salientar que não quis falar do neto dado em adoção e que falou com certa distância emocional da neta Idalina, que foi entregue aos padrinhos, que são uns vizinhos da filha Cátia.

O avô materno falou da sua família de origem, dos seus pais e dos seus irmãos, com quem mantém pouca relação. Ele sente-se atualmente mais próximo da filha Cristina e deseja poder estar mais perto dos seus netos. O filho dele, Fernando, emigrou para França quando tinha 20 anos e parece que isto o deixou triste. Contudo, ele próprio já fizera o mesmo enquanto novo, indo para tropa com o intuito de *fugir* dum ambiente familiar insuportável. Nota-se uma ligação forte entre Cristina e o seu pai, como se fossem parceiros e os filhos dela fossem os filhos de ambos. Não aparece muito integrado e reconhecido o Luís Carlos e, menos ainda, o pai da Marta. O avô Filipe e Cristina já não se lembram do nome dos sogros dela, o que parece estranho, já que a Marta chegou a viver com essa bisavó.

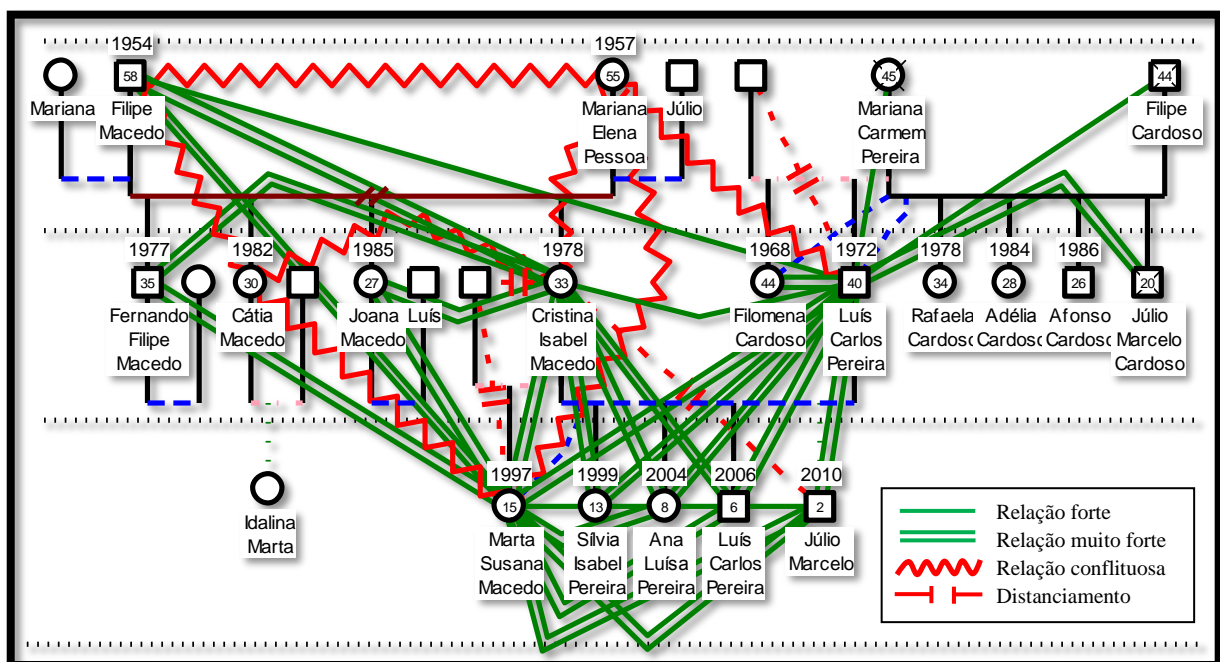
O Luís Carlos também falou da sua família de origem, mas sempre com um sentimento de rejeição e distância, como se não quisesse falar deles. O pai dele abandonou-os e foi, depois, aceite como filho pelo novo parceiro da mãe. Ele tem três irmãs e um irmão. Tinha outro irmão chamado

Júlio Marcelo, que faleceu há poucos anos e cujo nome foi dado ao filho mais novo de Luís Carlos, que acabou por ser retirado para adoção.

Intitulámos este genograma da família Macedo Pereira de *sozinhos na multidão*, já que apresenta muitas pessoas, que, na realidade, vivem muito desconexas umas das outras. O casal narra acontecimentos conflituosos que terminaram por provocar um corte relacional entre diferentes pessoas da família, sendo que hoje o casal vive bastante isolado, mantendo relação só com os filhos, o avô materno e dois irmãos de Cristina.

Aparece também a ausência clara do pai biológico da Marta que não foi mencionado por ninguém. De facto, quando num momento em que ficámos sozinhos com Cristina, lhe perguntámos por ele, esta disse que não mantém relação com ele nem com ninguém da família dele, e notou-se que ficou incomodada com a pergunta. O tema das ausências ou das pessoas das quais não se pode falar acrescenta a ideia de ser uma família que está a viver diversos cortes emocionais (Bowen, 1974/1998), que a fazem viver isolada física e emocionalmente.

Se olharmos para a qualidade das relações dos familiares mais próximos, podemos constatar que existem algumas relações conflituosas e de distanciamento, mas que, maioritariamente, expressam uma visão positiva dos relacionamentos familiares.



A Cristina e o Luís Carlos têm uma relação muito forte com os filhos mas menos forte entre eles, como casal. No entanto, a Cristina parece ter feito um corte emocional com o filho dado em adoção, parece negar quase a sua existência, talvez como mecanismo de defesa para lidar com a perda dele. Também podemos observar outras relações de distanciamento entre Marta e o seu pai biológico ou entre Luís Carlos e o seu pai biológico.

Aparecem duas pessoas como focos de relações conflituosas: a tia Cátia e a avó Mariana, que mantêm relações problemáticas com o avô Filipe, com a filha Cristina e com a neta Marta. Estas duas figuras femininas são rejeitadas, como se nelas estivesse concentrado o mal da família, sendo projetadas nelas todas as insatisfações e frustrações.

Poder-se-ia falar de alguns triângulos familiares significativos, a partir do desenho do genograma, como podemos ver na figura 3.4. Por um lado, aparece o triângulo de suporte, formado pelo avô Filipe, a mãe Cristina e a filha Marta, como se entre eles se estivesse a dar uma relação tri-geracional de afeto e de reconhecimento e, ao mesmo tempo, os três unem-se para rejeitar a avó Mariana e a tia Cátia. Outro dos triângulos poderia ser formado pelos irmãos Marta, Sílvia e Luís Carlos, como os três elementos mais fortes da última geração, que tem que procurar sobreviver no meio de abandonos e rejeições.

Também pode intuir-se uma aliança entre a Marta e o seu padrasto Luís Carlos para manter a memória do filho Júlio dado em adoção e do tio com o mesmo nome, que morreu quando tinha 20

anos. O padrasto da Marta viveu uma experiência semelhante a ela, já que o pai biológico dele desapareceu e o novo parceiro da sua mãe o assumiu como filho, pelo menos moralmente. Ele quis fazer o mesmo com a Marta. Pode-se apreciar aqui uma transmissão positiva de legitimação familiar, um elemento de esperança, ainda que não seja fácil, já que, durante muito tempo, Luís agrediu a Marta e projetou nela, talvez, as suas próprias frustrações.

Podemos afirmar que esta família vive uma situação complexa (Greco, 2006), isto é, que se acumulam eventos críticos não normativos dentro da vida familiar, como são, o divórcio dos avós Filipe e Mariana, a gravidez na adolescência da Cristina, o abandono do pai da Marta, a morte prematura do tio Júlio e dos avós paternos, o acolhimento institucional de quatro filhos, a entrega para adoção do filho mais pequeno, a doença crónica do avô Filipe e a emigração do tio Fernando.

Quanto aos nomes familiares, cabe destacar que os homens têm nomes mais tradicionais que parecem ligar-se mais ao passado familiar e as mulheres nomes mais modernos e, portanto desconexos dentro da história familiar. Ainda que os nomes de todos os membros da família tenham sido trocados para salvaguardar a sua confidencialidade, mantivemos estas repetições para poder observar as diferentes transmissões geracionais. Há nomes que se repetem dentro do sistema, como, por exemplo, o filho Luís Carlos tem o mesmo nome que o seu pai, o segundo nome da mãe é o mesmo que o segundo da filha Sílvia Isabel, o nome do filho dado em adoção é o mesmo que o do irmão do pai que morreu quando era jovem e o avô materno Filipe chamou ao seu primeiro filho Fernando Filipe.

Olhando para as diferentes idades das pessoas no genograma, o que primeiro saltou à vista foi a falta de conhecimento que as pessoas tinham das idades dos outros, especialmente quando pertenciam a gerações diferentes e também a dificuldade para calcular a diferença entre uns e outros. Por exemplo, a Marta dizia que o seu avô materno tinha 45 anos e a sua mãe 30, o que implicaria que ele tivesse sido pai com menos de 15 anos e que a sua mãe tivesse engravidado com menos de 16. Do mesmo modo, a Marta pensa que a sua tia Joana tem 19 anos, só mais 5 do que ela, quando na realidade tem 27.

No caso da Cristina, ainda surpreende mais quando ela afirma que tem atualmente 33 anos e que a sua mãe tem 43 e o seu pai 44, sem se dar conta que isso implicaria que eles tivessem 9 e 10 anos, respetivamente, quando nasceu o seu irmão mais velho Fernando. Na realidade, os seus pais Filipe e Mariana têm 58 e 55 anos, respetivamente. Chama a atenção que a idade que a Marta dá aos seus pais, 30 e 36, corresponde à idade que tinham quando ela entrou na instituição, há mais de dois anos. É como se o tempo tivesse parado para eles desde esse momento. Surpreende que o Luís Carlos diga que os seus pais faleceram quando tinham 44 e 45 anos, mas não tivemos acesso a outros dados alternativos para comprovar a veracidade desta informação. Também surpreende que os pais pensem que os filhos já estão há 4 anos na instituição, quando ainda não passaram 3 anos. Uma situação estranha deu-se quando perguntámos ao avô a sua idade. Ele tirou o bilhete de identidade da carteira e disse para nós retirarmos daí as informações que pretendêssemos.

Olhando para as idades reais, podemos constatar que Cristina engravidou da primeira filha com 17 anos, pelo que viveu uma gravidez adolescente, com as consequências que isso acarreta para ela e para o resto da família.

Em toda a família quase que não há casamentos, existindo apenas uniões de facto ou aventuras sentimentais, normalmente acompanhadas de nascimentos de filhos. O pai cortou relações com toda a sua família de origem, tanto com os pais, que já faleceram, como com os irmãos, que moram longe e com os quais não se relaciona. As crianças desta família parecem estar privadas de uma relação natural com as suas origens, já que a única prima por parte materna também foi retirada à tia. Parece que uma má integração do passado, não permite a vivência de um futuro nesta família.

Apêndice R: Análise da *Dupla Lua* da Marta (DLM)

O instrumento *Dupla Lua* foi aplicado com a Marta no dia 22 de dezembro de 2011, de forma paralela com a sua irmã Sílvia. Cada uma realizou o seu desenho, mas tiveram a possibilidade de olhar uma para outra. Podemos observar o desenho da Marta na figura 3.5.

O título que demos ao desenho foi *o quadrado afastado*, já que o isolamento do quadrado com o qual se representa a própria Marta é o elemento mais saliente para os três investigadores. Também evidenciamos, nas primeiras impressões, que o desenho parece um conjunto de ilhas, que não se aprecia uma família ou grupo, mas antes um aglomerado de círculos desconexos, já que, em vez de envolver vários membros no mesmo círculo, quando colocada a instrução três, o que faz é envolver cada pessoa em separado. Com esta modalidade gráfica não integrativa, o que demonstra é que existe um conflito de pertença e uma falta de relações significativas que assegurem a construção da própria identidade. Apesar disto, não coloca ninguém nem nos limites, nem fora do retângulo, o que nos poderá levar a concluir que todas as pessoas que desenhou formam parte do seu mundo relacional.

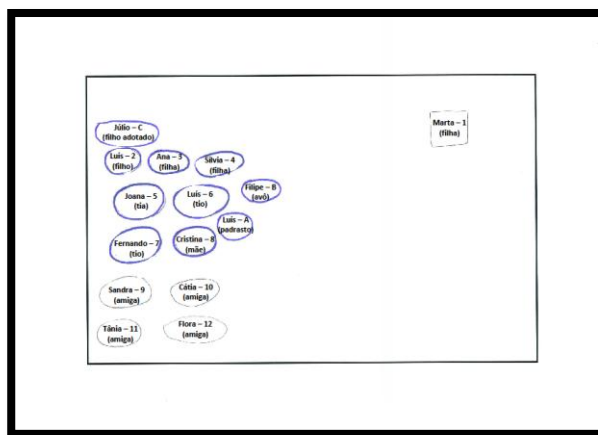
Depois de desenhar-se a si própria, a Marta desenhou, em segundo lugar, o seu irmão mais pequeno, Luís Carlos; depois, as outras irmãs, Ana e Sílvia. Em quinto e sexto lugares, colocou a sua tia Joana e o namorado dela, a quem chama tio; depois, o Fernando, que é o irmão da mãe; e, só em oitavo lugar é que desenhou a própria mãe. As últimas quatro pessoas que desenhou espontaneamente foram umas amigas que vivem com ela na instituição.

Só depois de ser colocada a pergunta quatro, sobre os elementos ausentes, é que desenhou o padrasto, o avô materno e o irmão que foi dado para adoção. Quando a questionámos relativamente ao pai biológico, ela não quis desenhá-lo, ficando incomodada com a pergunta. Colocou o padrasto e o avô junto da mãe e o irmão dado em adoção perto dos outros irmãos, por cima deles e de tamanho maior.

É importante salientar que Marta não desenha espontaneamente nenhuma das duas estirpes paternas, tanto a biológica como a do padrasto, e que pode estar a viver um conflito interior por não poder integrar as suas origens diversas. Quando colocada a instrução cinco sobre o espaço do desejo, a Marta disse que não queria fazer nada com a varinha mágica. Parece que não acredita na mudança e que existe uma ausência de sonhos. Aparece, aqui, uma dificuldade de projetar-se no futuro, de criar expectativas que orientem e motivem o presente.

Na análise das diferentes fronteiras sistémicas, verifica-se nas fronteiras individuais, uma tendência ao **isolamento**, já que coloca o próprio símbolo separado dos outros, não o envolve quando é colocada a pergunta três; e há quase uma ausência de pessoas significativas no seu discurso. Quanto às fronteiras geracionais, poder-se-ia falar de uma possível **parentalização**, ou inversão de papéis, em que a Marta assume o papel de cuidadora ou mãe substitutiva dos seus irmãos. Esta ideia fundamenta-se na posição elevada do seu símbolo, na primazia dos símbolos dos irmãos, na posição secundária da mãe e no esquecimento do pai.

No que se refere às fronteiras familiares, podemos dizer que a Marta não se reconhece na pertença a nenhum contexto familiar, vivendo como se não pertencesse a nenhuma família, já que não se enquadra no desenho dentro de nenhuma família e coloca as restantes pessoas como se cada membro formasse uma família separada. Isto complementa-se com a presença de membros de uma só das estirpes ou ascendências, excluindo toda a linhagem paterna, apresentando-se um problema na construção das fronteiras inter-sistémicas entre a família nuclear e as diferentes origens ou estirpes familiares. Pode-se concluir que a Marta vive um **conflito de pertença**, já que não consegue enquadrar-se em nenhuma família e manifesta uma clara tendência ao isolamento. Apresenta uma fraca vinculação com a mãe, que desenha em oitavo lugar, e uma maior proximidade com a tia materna mais nova e com o namorado dela, a quem chama tio.

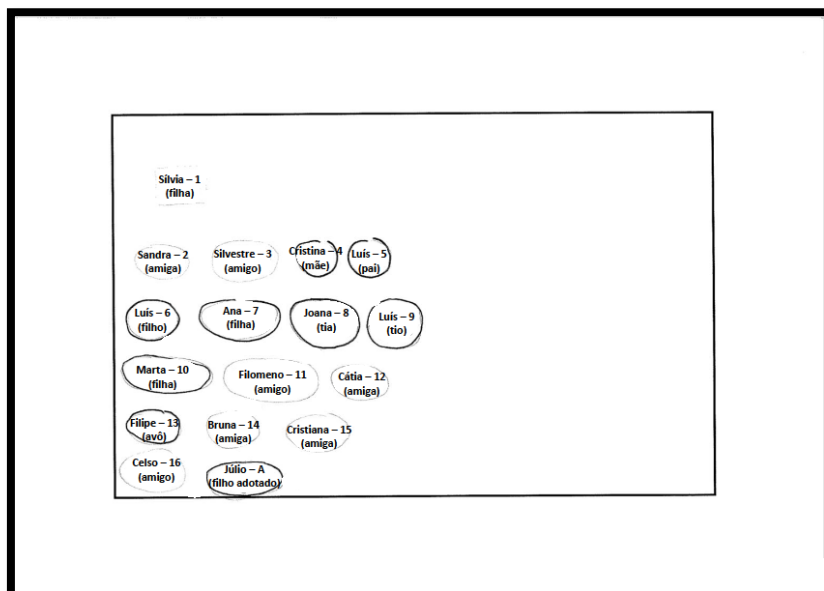


Apêndice S: Análise da *Dupla Lua* da Sílvia (DLS)

O instrumento *Dupla Lua* foi aplicado com a Sílvia no dia 22 de dezembro de 2011, de forma paralela com a sua irmã Marta. Cada uma realizou o seu desenho, mas tiveram a possibilidade de olhar uma para outra. Podemos observar o desenho da Sílvia na figura 3.6.

A Sílvia realiza um desenho muito homogêneo, com 17 círculos e um quadrado, todos colocados na parte esquerda da folha. O título dado ao desenho foi *cacho de uvas*, já que a Sílvia parece o pedúnculo do cacho e as restantes pessoas as uvas, todas próximas, mas separadas umas de outras.

O que mais chama a atenção no desenho da Sílvia é a mistura entre amigos e familiares. Depois de desenhar-se a si própria, desenhando dois amigos da escola. Depois, colocou os seus pais e, em sexto e sétimo lugares, os seus irmãos Luís e Ana. A seguir, colocou a tia Joana e o namorado dela e, em décimo lugar, a sua irmã Marta. Depois, voltou a colocar dois amigos e, em décimo terceiro lugar, o avô materno. Terminou, colocando outros três amigos da escola e da instituição onde mora.



Só depois de ser colocada a instrução cinco é que desenhou o irmão que foi dado em adoção. Desenhou-o na parte inferior da folha, a seguir ao resto das pessoas e do mesmo tamanho que elas, sendo que remarca o contorno, querendo salientar que também é familiar, e não amigo.

No caso da Sílvia, coloca todos os membros da família nuclear e alguns da família materna, mas não coloca ninguém da família paterna, nem o pai biológico da Marta. Também chama a atenção o facto de não colocar a sua avó materna, tal como a Marta, nem os seus padrinhos, que frequentemente a visitam na instituição.

Quando é colocada a instrução três, Sílvia não se envolve a si própria e rodeia cada membro por separado, podendo-se, assim, falar de uma modalidade gráfica não integrativa, em que cada pessoa corresponde a uma família, em que não há sentido de unidade e coesão. Volta a aparecer na Sílvia, tal como na Marta, esta metáfora das ilhas que partilham um mesmo espaço na folha mas que não mantêm conexões entre elas.

Quando colocada a instrução cinco sobre o espaço do desejo, a Sílvia também disse que não queria fazer nada com a varinha mágica. No caso da Sílvia e da Marta, este bloqueio para projetar-se no futuro e as poucas referências ao passado, fazem pensar numa dificuldade na dimensão temporal da vida. É como se a pessoa estivesse a viver um presente permanente, sem uma narrativa que ajude a construir a sua própria identidade.

Relativamente às fronteiras sistémicas, poder-se-ia dizer quase o mesmo que foi dito no desenho da Marta, mas neste caso apresentando uma grau menor de isolamento e uma presença maior de amigos, que remete para uma reposta substitutiva à falta de pertença familiar.

Parece estranho que coloque a sua irmã Marta em décimo lugar, sendo a pessoa com quem partilha o quarto todos os dias e a irmã mais próxima em idade. Podemos falar de uma assimetria na relação entre estas duas irmãs.

Apêndice T: Análise da *Dupla Lua* da Cristina (DLC)

O instrumento *Dupla Lua* foi aplicado com a Cristina no dia 10 de janeiro de 2012, de forma paralela com o seu companheiro Luís. Cada um realizou o seu desenho, mas tiveram a possibilidade de olhar um para o outro.

O que podemos dizer em primeiro lugar é que a Cristina realizou um desenho muito simples, com poucos símbolos, 3 círculos e 4 quadrados, todos na parte superior da folha. Demos o título de *enchido* ao desenho, já que parece um conjunto de coisas diferentes, inseridas dentro de uma tripa, mas com pouca ligação e sentido entre elas.

Depois de desenhar-se a si própria, começou por representar o pai dela e, depois, a filha mais velha, a Marta. Em quarto lugar, desenhou o irmão dela, o Fernando, que há bastantes anos emigrou para França. Só depois, em quinto, sexto e sétimo lugares, é que desenhou os outros filhos: Ana, Luís e Sílvia. Como podemos ver na figura 3.7., surpreende que coloque a Sílvia no mesmo símbolo que a Marta, como se fossem a mesma pessoa.

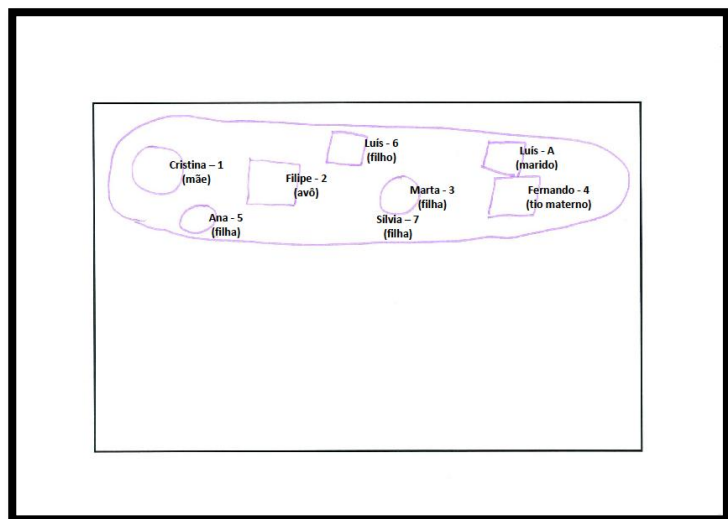
Chamou a atenção o facto de se ter esquecido de representar o marido, o companheiro com quem vive as 24 horas do dia e que estava presente durante a aplicação do instrumento. Só depois de colocar a instrução três e perguntar por ele, é que decidiu desenhá-lo, mas bastante afastado dela. Quando perguntámos por outras figuras ausentes, como a sua própria mãe ou o filho dado em adoção, ela disse que não queria representar essas pessoas em lado nenhum. Também não representa nenhum amigo ou pessoas fora do núcleo familiar mais próximo. Não chegámos a perguntar pelo pai da Marta, porque sentimos que era um tema muito sensível.

O facto de desenhar como primeira pessoa o pai dela e esquecer o companheiro pode reforçar a ideia de que ela ainda não fez a diferenciação necessária para criar uma nova família, diferente da de origem. Também é significativa a rejeição manifestada para representar certos membros da família, especialmente o pai da Marta, que é uma figura negada, uma personagem tabu. Parece que Cristina tem vivido uma série de cortes emocionais sucessivos ao longo da vida que a deixam numa posição fragilizada.

Não quer fazer nada com a instrução número cinco sobre o espaço do desejo, não quer mudar nada, nem acrescentar ninguém. Surpreende que não diga que quer que os filhos voltem para casa. Tal como acontece com as filhas, nota-se um problema na relação com o futuro, na capacidade de projetar e de elaborar expectativas.

Na análise das diferentes fronteiras sistémicas, verifica-se que, nas fronteiras individuais, existe uma tendência para o isolamento, já que há quase uma ausência de pessoas significativas no desenho e no seu discurso. Quanto às fronteiras geracionais, poder-se-ia falar de uma relação igualitária entre pais e filhos, com falta de diferenciação geracional com os próprios filhos.

No que se refere às fronteiras familiares, podemos dizer que Cristina se sente pertencente a um contexto familiar, o da família de origem, por isso só representa membros de uma das estirpes ou ascendências, excluindo toda a linhagem do companheiro. Apresenta um problema na construção das fronteiras inter-sistémicas entre a família nuclear e as diferentes origens ou estirpes familiares.



Apêndice U: Análise da *Dupla Lua* do Luís Carlos (DLL)

O Luís Carlos realizou um desenho muito simples, com poucos símbolos, só 6 círculos na parte superior esquerda da folha. A este desenho demos o título de *mini-família*, já que parece uma família muito pequena, com poucos elementos e muitas ausências, sendo que, na realidade, a família dele tem muitas mais pessoas. Depois de se desenhar a si próprio, colocou a sua enteada Marta e, a seguir, os outros três filhos: Ana, Sílvia e Luís, nesta ordem. Não quis, espontaneamente, representar mais ninguém. Colocou as cinco pessoas dentro do retângulo e envolveu-as no mesmo círculo, quando colocada a instrução três.

Só depois de ser colocada a pergunta quatro, sobre os elementos ausentes, é que desenhou a sua mulher e o filho que lhes foi retirado para ser dado em adoção. Quando perguntámos pelos seus pais, não quis desenhá-los e disse que não valia a pena, porque já faleceram. Colocou a mulher distante dele e o filho dado em adoção no mesmo círculo que a enteada Marta. Não desenhou o pai biológico da sua enteada, nem ninguém da sua família de origem. Parece que realizou um corte emotivo com as suas próprias raízes familiares, os seus pais, avós e irmãos. Também parece não integrar a estirpe familiar da mulher, os seus sogros e cunhados. É significativo que se esqueça de representar a sua própria mulher, a companheira com quem vive 24 horas por dia. Poder-se-ia dizer que existe uma limitação na construção da relação do casal e que o Luís está a viver uma certa experiência de solidão.

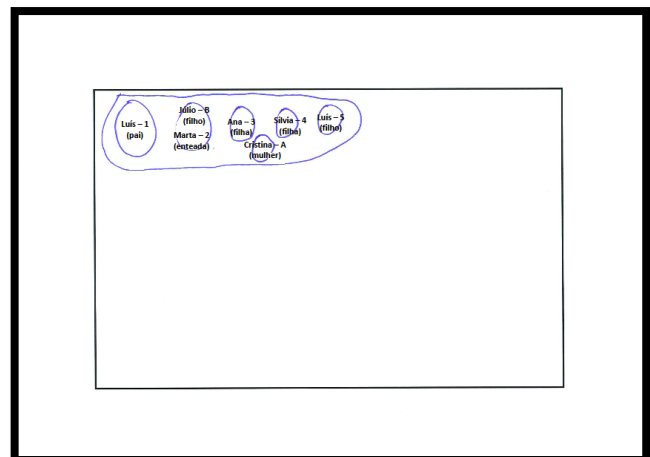
Na instrução número cinco, sobre o espaço do desejo, não quis mudar nada, nem acrescentar ninguém. Surpreendeu que não manifestasse o desejo de que os filhos voltassem para casa. Como no caso das filhas e da mulher, nota-se um problema na relação com o futuro, na capacidade de projetar e de elaborar expectativas. Parece que se encontra amarrado ao presente, numa vivência passiva da realidade, que avança sem controlo nem sentido. Podemos examinar estes pormenores na figura 3.8.

Também surpreendeu que desenhasse primeiro a sua enteada e, só depois, os próprios filhos biológicos, talvez por ser a filha mais velha, que assume um papel parental substitutivo da mãe, ou por identificação com a sua história de vida, semelhante à do próprio Luís, que também foi abandonado pelo seu pai biológico e reconhecido pelo seu padrasto.

O facto de a mulher não querer desenhar o filho dado em adoção e ele o desenhar muito próximo de si e no mesmo símbolo que a Marta evidencia uma assimetria na relação com este último filho. A importância que este filho tem para ele fica também marcado pelo facto de lhe ter dado o mesmo nome que o seu irmão, Júlio Marcelo, que morreu quando tinha 20 anos. Parece que a carga simbólica e afetiva que tem para ele essa perda ainda é muito forte.

A análise das diferentes fronteiras sistémicas evidencia uma clara tendência ao isolamento no que se refere às fronteiras individuais, já que existe uma ausência de pessoas significativas no desenho e no discurso, assim como uma qualidade negativa na relação com os outros. No que se refere às fronteiras geracionais, podemos falar, como no caso da mulher, de uma relação igualitária entre pais e filhos, sem existir uma clara diferenciação de gerações dentro da família. Parece que estão todos no mesmo plano. Como não coloca ninguém da sua própria família de origem, parece não se sentir pertencente a nenhum contexto familiar, a não ser o dos filhos. Expressa também uma qualidade negativa na vivência das relações familiares e um sentido de solidão. Ao mesmo tempo, no que se refere às fronteiras intra-sistémicas, manifesta um isolamento das duas estirpes, uma falta de conexão com outros sistemas familiares de referência.

Não representa nenhum amigo ou pessoas fora do núcleo familiar mais próximo. Isto faz pensar em problemas nas fronteiras inter-sistémicas com o resto da sociedade. No fundo, é representativo de uma família isolada no espaço e no tempo, fechada nela própria e distante do mundo.



REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto Editores.
- Andolfi, M. (1989). *Por trás da máscara familiar*. (Trad. M. C. Goulart). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas. (obra original publicada em 1983)
- Andolfi, M. (1991). *Terapia familiar, un enfoque interaccional*. Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar.
- Andolfi, M. (2002). *I pionieri della terapia familiare*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Andolfi, M. (2003). *El coloquio relacional*. (Trad. M.J. Albuérne, E. Ricci e A. Sánchez). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar. (obra original publicada em 2000)
- Andolfi, M. (2003). *Manuale di psicologia relazionale, la dimensione familiare*. Roma, Itália: Accademia di Psicoterapia della Famiglia.
- Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tiempo y mito en la psicoterapia familiar*. (Trad. F. Lida). Buenos Aires, Argentina: Paidós. (obra original publicada em 1987)
- Andolfi, M., Cigoli, V. (2003). *La famiglia d'origine*. Milão, Itália: Franco Angeli
- Aponte, H. (1976). Underorganization in the poor family. En P. Guerin (ed.) *Family Therapy: Theory and Practice*, (pp. 432–448). New York: Gardner Press.
- Arcidiacono, C., & Ferrari Bravo, G. (2009). *Legami resistenti, la clinica familiare nel contesto istituzionale*. Milano: Franco Angeli.
- Ausloos, G. (2003). *A competência das famílias*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Azevedo, M. (2009). *Teses, Relatórios e trabalhos escolares, sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Portuguesa.
- Barker, P. (2000). *Fundamentos da terapia familiar*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Bertrando, P., & Toffanetti, D. (2004). *Historia de la terapia familiar*. (Trad. F. Gálvez). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar (obra original publicada em 2000)
- Bianchi, E., & Vernò, F. (1995). *Le famiglie multiproblematiche non hanno solo problemi*. Padova, Itália: Emanuela Zancan.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. (Trad. M.J. Alvarez, S. Santos e T. Baptista). Porto, Portugal: Porto Editora. (obra original publicada em 1991)
- Boszormenyi Nagy, I., & Spark, G. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in inter-generational family therapy*. Nova Iorque, USA: Harpers & Row.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. (Vol. 1). Nova Iorque, USA: Basic Books.

- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo, la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. (reimp.). (Trad. B. Lonané). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar. (obra original publicada em 1974)
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas. (obra original publicada em 1979)
- Campanini, A., & Luppi, F. (1996). *Servicio social y modelo sistémico*. (2ª reimpr.). (Trad. B. Anastasi). Barcelona, Espanha: Paidós (obra original publicada em 1988)
- Cancrini, L., De Gregorio, F., & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti & J. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática: La experiencia de Ciutat Vella* (pp. 45-82). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar.
- Cardinali, F. (2003). Il genograma: come rappresentare graficamente una storia di famiglia. In M. Andolfi & V. Cigoli (Eds.), *La famiglia d'origine: incontro in psicoterapia e nella formazione*. (pp. 99-124). Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cigoli, V. (1992). *Il corpo familiare*. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cigoli, V. (1989). Prefazione. In S. Montàgano & A. Pazzagli, *Il genogramma, teatro di alchimie familiari* (pp. 7-25). Milão, Itália: FancoAngeli.
- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza, clinica dei corpi familiari*. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cigoli, V. & Tamanza, G. (2009). *L'Intervista clinica generazionale*. Milano, Itália: Raffaello Cortina.
- Colapinto, J. (1995). Dilution of family process in social services. Implications for treatment of neglectful families. *Family Process*, 34 (2), 59-74.
- Coletti, M., & Linares, J.L. (1997). *La intervención sistémica en los Servicios Sociales ante la Familia Multiproblemática*. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Cuevas Jiménez, A. (2002). Consideraciones en torno a la investigación cualitativa en Psicología. *Revista Cubana de Psicología*, 19 (2), 47-56.
- Escartín Caparrós, M. J. (2004). Familias multiproblemáticas y servicios sociales. *Boletín informativo Trabajo Social*, 6, (2).
- Fernandes, E., & Almeida, L. (2001). *Métodos e técnicas de avaliação*. Braga, Portugal: Universidade do Minho.
- Flick, U. (2002). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa, Portugal: Monitor.
- Freud, S. (1989). *Metapsicologia: lutto e melanconia*. Torino, Itália: Bollati Boringhieri. (obra original publicada em 1915)

- Fulmer, R. (1989). Lower-income and Professional families: a comparison of structure and life cycle process. En B. Carter, M. Mc Goldrick (eds.) *The changing family life cycle: a Framework for family therapy* (pp. 545-584). Boston: Allyn and Bacon.
- Garrido, M., Casares, R., Grimaldi, V., & Domínguez, A. (2009). Terapia familiar y servicios sociales comunitários. *Apuntes de Psicología*, 27 (2-3), 377-394.
- Gastañaga, J.L., Ruano, M.J., & Vicente, C. (1995). La intervención con familias multiproblemáticas. *Revista de Estudios Sociales y Sociología Aplicada*, 98, 171-179.
- Gómez, E. (2007). Familias multiproblemáticas y en riesgo social: características e intervención. *Psykhé*, 16 (2), 43-54.
- Gómez, E., & Haz, A.M. (2008). Intervención familiar preventiva en programas colaboradores del SENAME: la perspectiva profesional. *Psykhé*, 17, 53-63.
- Gómez, E., & Valencia, E. (2010). Una escala de evaluación familiar eco-sistémica para programas sociales: confiabilidad y validez de la NCFAS en población de alto riesgo psicosocial. *Psykhé*, 19 (1), 89-103.
- González, V. (2000). Los servicios multiproblemáticos y la familia multiasistida. *Redes*, 8, 73-86.
- Greco, O. (1999). *La doppia luna, test dei confini delle appartenenze familiari*. Milão, Itália: Vita e Pensiero.
- Greco, O. (2006). *Il lavoro clinico con le famiglie complesse, il test la doppia luna nella ricerca e nella terapia*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Greco, O. & Comelli, I. (2008). La doppia luna. In D. Margola (Ed.), *Tecniche psicologiche d'indagine clinica*. (pp.149-197). Milão, Itália: Franco Angeli.
- Greco, O. & Iafrate, R. (2001). *Figli al confine, una ricerca multimetodologica sull'afidamento familiare*. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Green, A. (1993). *Il lavoro del negativo*. Roma, Itália: Borla.
- Guerra, I. (2010). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo, sentidos e formas de uso*. (reimp.). Cascais, Portugal: Princípa.
- Gurman, A., & Kniskern, D. (1995). *Manuale di Terapia della famiglia*. (Trad. S. Rivolta). Torino, Itália: Bollati Boringhieri. (obra original publicada em 1991)
- Harnett, P., & Dawe, S. (2008). Influencing multiple systems: the implications of the social determinants model of the health for psychological interventions targeting multi-problem families. *Clinical Psychologist*, 12 (3), 77-78.
- Johnson, B., & Christensen, L. (2008). *Education research, quantitative, qualitative, and mixed approaches*. (3ª ed.). Londres, Inglaterra: Sage.

- Johnson, P., & Waldo, M. (1998). Integrating Minuchin's boundary continuum and Bowen's differentiation scale: a curvilinear representation. *Contemporary Family Therapy*, 20, 403-413.
- Jones, E. (2004). *Terapia dos sistemas familiares*. Lisboa, Portugal: Climepsi.
- Kagan, R., & Schlosberg, S. (1989). *Families in Perpetual Crisis*. New York: Norton.
- Kvale, S. (2011). *Las entrevistas en investigación cualitativa*. (Trad. T. Amo e C. Blanco). Madrid, Espanha: Morata. (obra original publicada em 2008)
- Lanz, M., & Rosnati, R. (2002). *Metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão, Italia: LED.
- Larsen, A., & Olson, D.H. (1990). Capturing the complexity of family systems, integrating family theory, family scores and family analysis. In T.W. Draper & A.C. Marcos (eds.), *Family variables, conceptualization, measurement and use, new perspectives on family*. (pp. 19-47). Califórnia, USA: Sage.
- Lewin, K. (1951). *Field theory in social science*. Nova Iorque, USA: Karper & Row.
- Linares, J. (1996). *Identidad y narrativa, la terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Linares, J. (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. En M. Coletti & J. Linares (Ed.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática la experiencia de Ciutat Vella* (pp. 23-44). Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar.
- Linares, J. & Cebeiro, M. (2005). *Ser y hacer en terapia sistémica*. Barcelona, Espanha: Paidós Terapia Familiar.
- Madsen, W. (1999). *Teraphy with multi-stressed families*. London: Guilford.
- Malagoli Togliatti, M., & Rocchietta Toffani, L. (2010). *Famiglie multiproblematiche. Dall'analisi all'intervento su un sistema complesso* (2ª ed.). Roma, Itália: Carocci. (obra original publicada em 2002)
- Manzi, C., & Ranieri, S. (2001). *Appunti di metodologia della ricerca sulla famiglia*. Milão, Italia: Pubblicazioni dell'I.S.U. Università Cattolica.
- Margola, D. (2008). *Tecniche psicologiche d'indagine clinica*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Masuello, A. (1998). El test del árbol. *Grafoanalizando*. Retirado Mar, 15, 2011 de: <http://publishing.yudu.com/Freedom/Ao2mv/TestdelArbol/resources/6.htm>
- Matos, A., & Sousa, L. (2004). How multiproblem families try to find support in social services. *Journal of Social work practice*, 18 (1), 65-80.
- Maturana, H. & Varela, F. (1980). *Autopoiesis and cognition*. Boston, USA: Reidel.

- Mazer, M. (1972). Characteristic of multiproblem house hold, a study in psychosocial epidemiology. *American Journal of Orthopsychiatry*, 42.
- McDonal, B. & Walker, R. (1975). Case estudy and the social philosophy of educational research. *Cambridge Journal of Education*, 5 (1), 2-12.
- McGoldrick, M., & Gerson, F.G. (1985). *Genograms in family assessment*. Londres, Inglaterra: Norton.
- Melo, A. (2011) *As forças dos profissionais e da família multidesafiada na proteção da criança um modelo de avaliação e intervenção familiar integrada para os Cafap* (Tese de doutoramento). Universidade de Coimbra, Portugal.
- Merriam, S. B. (1988). *Case study research in education, a qualitative approach*. San Francisco, USA: Jossey-Bass.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2009). *Pobreza, institución, familia*. (2ª ed.). (Trad. A. Negrotto). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (obra original publicada em 1998)
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1983). *Técnicas de terapia familiar*. Barcelona: Paidós.
- Minuchin, S., Lee, W., & Simon, G. (1998). *El arte de la terapia familiar*. Barcelona, Espanha: Paidós.
- Minuchin, S., & Montalvo, B. (1966). An approach for diagnosis of the low socioeconomic family. *Psychiatric Researh Report*, 20.
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B., Rosman, B., & Schumer, F. (1967). *Families of the slums: an exploration of their structure and treatment*. Nueva York: Basic Books.
- Montàgano, S., & Pazzagli, A. (1989). *Il genogramma, teatro di alchimie familiari*. Milão, Itália: FancoAngeli.
- Moore, A., Stambrook, M., & Peters, L. C. (1993). Centripetal and centrifugal family life cycle factors in long-term outcome following traumatic brain injury. *Brain Injury*, 4, 379-389.
- Mostwin, D. (1980). *Life space approach to the study and treatment of a family*. Washington, USA: Catholic University Press.
- Nascimento, L., Rocha, S., & Hayes, V. (2005). Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica. *Texto Contexto Enferm*, 14 (2), 280-286.

- Navarro, M. (2002). *La intervención psicosocial con familias multiproblemáticas: La perspectiva ecológica*. Tese de doutoramento, Universidade de Valencia, Espanha.
- Neves, Z. (2007). A (nossa) intervenção com famílias multiproblemáticas. (Monografia de Licenciatura em Psicologia). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Terapia familiar.
- Olson, D. H. (1993). Il modello circunflesso dei sistemi coniugale e familiare. I F. Walsh (eds.), *Ciclo vitale e dinamiche familiari*. (pp. 143-182). Milão, Itália: Franco Angeli.
- Pérez, D., & Palacios, C. (2006). Recursos en familias llamadas multiproblemáticas. *Horizonte de enfermería*, 17 (2), 63-71.
- Powell, M., & Monahan, J. (1969). Reaching the Reject through multifamily group therapy. *International Journal of Groups Psychotherapy*, 19, 1-18.
- Relvas, A. P. (2002). A terapia familiar em Portugal, o regresso ao futuro. *Psychologica*, 31, 13-24.
- Revilla, L., Fleitas, L., Prados, M., Ríos, A., Marcos, B., & Bailón, E. (1998). El genograma en la evaluación del ciclo vital familiar natural y de sus dislocaciones. *Atención Primaria*, 21 (4), 219-224.
- Rodríguez, A. (2006). *Concepto de familia multiproblemática*. [On-line]. Available: <http://www.psicoadictiva.com/arti>. (21 Oct. 2010)
- Rodríguez, M. (1998). La familia multiproblemática y el modelo sistémico. *Sistémica*, 4-5, 159-185.
- Sampaio, D. (1985). *Terapia familiar*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Sandler, J. (1980). *La ricerca in psicoanalisi*. Turim, Itália: Bollati Boringhieri. (obra original publicada em 1962).
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2000). *Il familiare*. Milão, Itália: Raffaello Cortina Editore.
- Scabini, E., & Iafrate R. (2003). *Psicologia dei legami familiari*, Bolonha, Itália: Il Mulino.
- Simons, H. (2011). *El estudio de caso, teoría y práctica*. (Trad. R. Filella). Madrid, Espanha: Morata. (obra original publicada em 2009)
- Sluzki, C. (1996). *La red social: Frontera de la práctica sistémica*. Barcelona, Espanha: Gedisa.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Sousa, L. & Eusebio, C. (2005). When multi-problem poor individuals values meet practitioners values! *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 353-367.
- Sousa, L., Hespanha, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007) *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Lisboa, Portugal: Climepsi.

- Sousa, L., Ribeiro, C., & Pires, S. (2004). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências e recursos. *Horizontes Sociais*, 4, 11-19.
- Sousa, L., Ribeiro, C., & Rodrigues, S. (2006). Intervention with multi-problem poor clients: Towards a strengths-focused perspective. *Journal of Social Work Practice*, 20 (2), 189-204.
- Sousa, L., & Rodrigues, S. (2009). Linking formal and informal support in multiproblem low-income families: the role of the family manager. *Journal of Community Psychology*, 37 (5), 649-662.
- Stake, R. E. (2005). Qualitative case studies. In N. Denzin & Y. Lincoln (eds). *The Sage Handbook of qualitative research* (3ªed.) (pp.443-466). Califórnia, USA: Sage.
- Stake, R. E. (2010). Investigación con estudio de casos. (5ª ed., reimp.). (Trad. R. Filella). Madrid, Espanha: Morata. (obra original publicada em 1995)
- Suárez, N., Muñoz, M., Gómez, E., & Santelices, M. P. (2009). Terapia de intervención guiada: una nueva modalidad de intervención com familias multiproblemáticas y en riesgo social. *Terapia psicológica*, 27 (2), 203-213.
- Summer, J., & Mc Mann, O. (1997). Critical thinking: a method to guide staff in serving familias with multiple changes. *Topics in Early Childhood Special Education*, 17 (1), 1171-1214.
- Thierney, L. (1976). *Excluded families*. New York: Columbia University Press.
- Villacieros, I. (2010, Março). *Tipologías familiares de Cancrini contrastadas en un programa de prevención indicada de adolescentes consumidores y sus familias*. Comunicação apresentada no 11º Congresso Virtual de Psiquiatria. www.interpsiquis.com.
- Viveros, S. (ed.). (2010). *Manual de publicaciones de la American Psychological Association*, (Trad. M. Guerra). (6ª ed.). México: Manual Moderno.
- Voiland, A. (1962). *Family casework diagnosis*. New York: Columbia University Press.
- Von Staabs, G. (1991). *The Sceno Test manual, a practical technique for understanding unconscious problems and personality structure*. Gotinga, Alemanha: Hogrefe & Huber. (obra original publicada em 1964)
- Walsh, F. (2004). *Resiliencia familiar, estrategias para su fortalecimiento*. Buenos Aires, Argentina: Amorrortu.
- Weizman, J. (1985). Engaging the severely dysfunctional family in treatment, basic considerations. *Family Process*, 24, 473-485.
- Wendt, N., & Crepaldi, M. A. (2007). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21 (2), 302-310.

- White, M., & Epston, D. (1993). *Métodos narrativos para fines terapéuticos*. (Trad. O. Castillo). Barcelona, Espanha: Paidós. (obra original publicada em 1980)
- Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. Londres, Inglaterra: Tavistock.
- Yin, R. K. (2009). *Case study research, design and methods*. (4^a ed.). Califórnia, USA: Sage. (obra original publicada em 1994)